



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – FFCH
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS – CEAO
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR EM ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS

PAULA ODILON DOS SANTOS

**SER QUILOMBOLA NO SERTÃO:
TIJUAÇU, LUTAS E RESISTÊNCIAS NO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Salvador
2013

PAULA ODILON DOS SANTOS

**SER QUILOMBOLA NO SERTÃO:
TIJUAÇU, LUTAS E RESISTÊNCIAS NO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos do Centro de Estudos Afro-Orientais - CEAO - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FFCH - Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Étnicos e Africanos.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Cristina da Silva Barreto

Salvador

2013

Ficha Catalográfica

Santos, Paula Odilon dos.

Ser Quilombola no Sertão: Tijuaçu, lutas e resistências no processo de construção identitária / Paula Odilon dos Santos. – Salvador, 2013.

208 f.: il.

Orientadora Profa. Dra. Paula Cristina Barreto.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia.

1. Quilombos – Bahia - História. 2. Identidade social - Bahia. 3. Negros – Condições Sociais - Bahia. I. Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Afro-Orientais. II. Título.

CDD – 981.142

CDU – 94 (813.8)

PAULA ODILON DOS SANTOS

**SER QUILOMBOLA NO SERTÃO:
TIJUAÇU, LUTAS E RESISTÊNCIAS NO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Dissertação apresentada como pré-requisito à obtenção do grau de Mestre no Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. Paula Cristina da Silva Barreto

Universidade Federal da Bahia

(Orientadora)

Profa. Dra. Maria Rosário Gonçalves de Carvalho

Universidade Federal da Bahia (Professora Convidada)

Profº Drº Valdélcio Silva

Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Professor Convidado)

RESUMO

Desde o ato de criação do Artigo nº 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT – da Constituição Federal de 1988, operacionalizou-se no país um burilamento em relação à existência das diversas comunidades negras rurais. Em 1995, quando este decreto entra realmente em vigor, observa-se por parte do Movimento Negro, da Academia, dos setores jurídicos e, principalmente por parte dos próprios atores sociais que residem nessas comunidades, uma movimentação pela busca da compreensão e implementação desse artigo, que veio a alterar significativamente a maneira como esses sujeitos, até então dispersos e silenciados nos diversos cantos e recantos deste país no que se refere a sua negritude, formas de organização política, social e cultural, passaram a ser divisados e tratados perante o Estado-nação, tornando-se então atores sociais ressurgidos e detentores de direitos políticos específicos. Esta pesquisa focaliza como se deu este acontecimento na comunidade quilombola de Tijuáçu, objetivando demonstrar como acontece o processo de construção identitária destes agentes, sua conversão simbólica de atores sociais negros que, até o final da década de 1990, conheciam apenas o racismo e a discriminação por parte do entorno social que os envolve, tendo como principal justificativa para este comportamento o fato de a comunidade ser referida como sendo “as terras dos Pretos do Lagarto”, para atores sociais remanescentes de quilombo, procurando focalizar e demonstrar ao leitor (a) como se deu a apropriação deste princípio no interior deste grupo étnico, como ele se processa no momento presente, bem como demonstrar suas lutas e resistências empreendidas secularmente para ser e permanecer negro em um contexto social que refuta sua existência e organização como grupo étnico diferenciado: o sertão da Bahia. Trata-se de uma pesquisa de natureza etnográfica que utilizou como principais instrumentos para a coleta de dados: a observação-participante - caracterizada pela convivência da pesquisadora junto ao grupamento aqui descrito - conversas informais mantidas ao longo do desenvolvimento deste estudo e entrevistas semiestruturadas, cujos roteiros encontram-se anexados a esta pesquisa. Estas entrevistas foram interpretadas com base na Análise do Discurso dos informantes e os resultados encontram-se descritos ao longo dos capítulos que compõem este estudo.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola, Tijuáçu, Identidade, Sertão e Negritude.

ABSTRACT

Since the act of creation by article 68 of the Temporary Constitutional Provisions Act-ADCT - Federal Constitution of 1988, operationalized in the country a burilamento about the existence of many rural black communities. In 1995, when this Decree enters into force really is observed by the Black Movement, the Academy, and legal sectors mainly by social actors themselves who reside in these communities, a move by the search for understanding and implementing long article, since that the existence of the same came to significantly alter the way these guys hitherto silenced and scattered in various nooks and crannies of this country with regard to their blackness, forms of political, social and cultural, and started to be treated before envisioned the nation-state, then becoming social actors resurgent and holders of specific political rights. This research focuses on how this event occurred in the community of maroon Tijuaçu, aiming to demonstrate how does the process of identity construction of these agents, their conversion symbolic of social actors that blacks until the late 1990s, only knew racism and discrimination by the social environment that surrounds them, the main justification for this behavior the fact that the community be referred to as "the land of the Black Lizard" for social actors remaining Quilombo, trying to focus the reader and demonstrate (a) how was the appropriation of this principle within this ethnic group, as he is processed at present and demonstrate their struggles and resistances taken centuries to be black and remain in a social context that refutes their existence and organization as an ethnic group distinct: the interior of Bahia . This is an ethnographic research that used as main instruments for data collection: a participant observation - characterized by the coexistence of the researcher with the reverse stock split described here - informal conversations held throughout the development of this study and semi-structured interviews, which scripts are attached to this research. These interviews were interpreted based on informants' Discourse Analysis and results are described in the chapters that make up this study.

Key words: maroon community, Tijuaçu, identity, interior and blackness.

A Luz que me guia...

AGRADECIMENTOS

Aprendi a me relacionar com a vida desde criança mediante o que vejo e o que sinto. Desse modo, no momento de estender agradecimentos na conclusão de um estudo eivado de importância singular em minha caminhada, do ponto de vista acadêmico e pessoal, procedo mediante as percepções e construções que trago em meu ser, agradecendo imensamente:

A Deus, Princípio Sagrado que movimentava a dinâmica da vida, equilibra o universo e fornece harmonia aos corações.

Aos Pilares Sustentadores da minha fé: Jesus de Nazaré, meu Pai, meu irmão e meu grande amigo em todas as minhas andanças; A minha Mãe Iemanjá, por ser mãe e oferecer seu colo fazendo areia suficiente para me proteger das pedras desta vida; a Nossa Senhora, por se mostrar para mim em diversos momentos, trazendo a força necessária para continuar existindo e procurando a felicidade.

À Santa Bárbara, por estar presente e me fazer saber disso em mais de um momento.

À cabocla Jurema das Matas, por me ajudar a perceber que a simplicidade e a lucidez são as melhores formas de conduzir a existência.

Necessito também agradecer a todos (as) aqueles seres amados (as) e que estão sempre ao meu lado me acarinhando, me suportando e me impulsionando à marcha:

A minha mãe Olindina, por me inspirar a vida com seu exemplo de luta e integridade, tornando-se a primeira referência para não me incomodar em romper os padrões esperados pelo contexto que me cerca, por me dizer que sou forte e me fazer acreditar nisso todas as vezes que eu preciso.

Ao irmão querido Washington (Ninho) que, embora mais novo, consegue ser mais sábio e mais gracioso que eu, auxiliando-me a perceber a vida por ângulos que ainda não vislumbro.

A minha avozinha Laurentina (in memoriam), por constituir um modelo de que a leitura é importante para emancipar o indivíduo. Dona Loló, uma das poucas mulheres que lia e escrevia em sua comunidade, me deixou este legado.

À Therre (in memoriam) por ter alegrado tanto a minha vida, enquanto estivemos juntos e por continuar visitando meus sonhos, quando durmo, levando algum tipo de tristeza na alma.

Ao meu padrinho Papaina (in memoriam), pelos cuidados e por todo o carinho a mim dispensado.

A Valmir dos Santos, guerreiro e amigo muito querido, alguém que me faz acreditar na integridade do ser humano.

A Ilca dos Santos, amiga querida a quem tenho dado muito trabalho ultimamente.

A Detinha, Dinha, Nira, Elba, Suzana, Junior e Vanildo que, muito mais que sujeitos de pesquisa, se fazem meus amigos.

A todos os atores sociais da Nação dos Pretos do Lagarto, pela acolhida.

Ao querido amigo Deto Venâncio por acreditar em mim e na minha capacidade de trabalhar desde a primeira vez em que me viu.

A Amélia Maria, amiga muito querida.

Aos meus alunos da rede pública municipal que me ensinam, desde 1996, o significado de ser professora.

Aos alunos acadêmicos dos cursos de Pedagogia e Letras que mais de uma vez tiveram que ouvir sobre a minha pesquisa e ajudam a construir na minha profissão o conceito de professor-pesquisador, viés por onde, de fato, deveria poder caminhar toda a nossa categoria.

A professora Vilma Batista por me fazer acreditar que gosto de escrever.

A Fani Quitéria que se tornou uma referência pra mim durante a graduação.

Aos professores que conheci no CEAO e que contribuíram direta e indiretamente para a produção deste estudo, podendo-se mencionar aqui:

A professora Paula Barreto, por suas orientações, sem se enfadar com a tabaroice que me é própria e da qual necessito para penetrar em lugares nos quais nunca estive, mas que meus pés desejam pisar.

A professora Ângela Figueredo, pela acolhida, atenção e por me falar uma frase que representou um divisor de águas para mim durante o percurso desta pesquisa “não existe certo ou errado, existe o que você quer fazer”, os meus ouvidos continuaram escutando esta frase por muito tempo.

A professora Maria do Rosário Carvalho pelos prestimosos esclarecimentos e pela sua generosidade.

Ao professor Marcelo Cunha, por suas aulas e pelo cuidado em perceber e não ferir o ser humano que frequenta suas turmas na condição de discente.

A Lindinalva Barbosa, por sua gentileza e explicações todas as vezes em que necessitei dirigir-me à secretaria do Pós-afro.

A Suzane Pinho, que se tornou o meu anjo da guarda, me ouvindo, orientando e encorajando sempre.

A Nila Rodrigues por seus incentivos constantes.

Aos colegas de curso: Cristiane Batista, Nívea e Chatô, sempre preocupados com o meu bem estar e dispostos a me auxiliar no que fosse preciso.

Enfim, eu não poderia deixar de agradecer às “Mãos” que sinto atrás de mim, desde o primeiro dia que adentrei o Centro de Estudos Afro-orientais - CEAO - impulsionado minhas costas. Às vezes chega a ser tão real que volto para trás, porém não vejo ninguém. Apenas sinto. Eu não sei quem você é, por isso eu te chamo de Jesus de Nazaré.

A todos (as), muito obrigada!

Aos esfarrapados do mundo
e aos que neles se descobrem e, assim
descobrimo-nos, com eles
sofrem, mas sobretudo,
com eles lutam.

(FREIRE, 1968, p. 23)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAQTA – Associação Agropastoril Quilombola de Tijuacu e Adjacências.

ADCT – Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais.

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento.

FCP – Fundação Cultural Palmares.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INCRA – Instituto Nacional de Reforma Agrária.

INTERBA – Instituto de Terras da Bahia.

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário.

MPF – Ministério Público Federal.

RTID – Relatório Técnico de Identificação e Delimitação.

SBR - Superintendência Regional da Bahia.

UFBA – Universidade Federal da Bahia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1	
APRESENTANDO TIJUAÇU	23
1.1 As catorze comunidades que compõe o Perímetro Quilombola de Tijuacu	36
1.1.2 A Comunidade de Alto Bonito	37
1.1.3 A Comunidade de Quebra Facão	39
1.1.4 A Comunidade de Água Branca	40
1.1.5 A Comunidade de Olaria	41
1.1.6 A Comunidade de Laginha	42
1.1.7 A Comunidade de Capim/Canafista	44
1.1.8 A Comunidade de Barreira	44
1.1.9 A Comunidade de Macaco I	46
1.1.10 A Comunidade de Macaco II	47
1.1.11 A Comunidade de Conceição	48
1.1.12 A Comunidade de Queimada Grande	49
1.1.13 A Comunidade de Patos	50
1.1.14 A Comunidade de Anacleto	51
1.1.15 A Comunidade de Lagoa do Coxo	52
1.2 A Expropriação das Terras Quilombolas	53
CAPÍTULO 2	
UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA ENCRAVADA NO SERTÃO	62
2.1 Ser Quilombola no Sertão	63
2.2 Conversando sobre as origens: de Lagarto à Tijuacu	70
2.3 Consciência Quilombola?	76
2.4 Orgulho Quilombola e Reafirmação do Sentimento de Pertença Étnica	86
2.5 “Tijuacu Minha Filha, Agora é Outro ”...	94

CAPÍTULO 3

DIALOGANDO COM AS INSTITUIÇÕES EXISTENTES EM TIJUAÇU	101
3.1 Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências – AAQTA: estímulo e reivindicação à causa quilombola	104
3.2 O que mudou na Comunidade a partir do trabalho desenvolvido pela AAQTA?	119
3.3 A Capacidade Articuladora da AAQTA para reorientar a História de um Povo...	126
3.4 O Trabalho das Lideranças Comunitárias	134
3.5 Inovações Ocasionadas a partir do Trabalho das Lideranças Comunitárias	144
3.6 O Currículo Invisível produzido pelos Quilombolas encontra espaço nas Escolas da Comunidade?	148

CAPÍTULO 4

O BATUCAR DAS LATAS E A FORÇA QUE VEM DA FÉ: CONVERSAS COM A IDENTIDADE DE UM POVO...	164
4.1 Samba de Lata: um Filho nascido na seca de 1932	166
4.2 “Transformação de uma necessidade em Cultura”...	172
4.3 Samba de Lata: canal de comunicação com a Sociedade Bonfinense?	183
4.4 Valei-me Meu São Benedito!	189
4.5 Milagres de São Benedito em Tijuáçu...	199

CONSIDERAÇÕES FINAIS	203
REFERÊNCIAS	208
ANEXOS	214
APÊNDICES	245

INTRODUÇÃO

Falo de milhões de homens
em quem deliberadamente inculcaram o medo,
o complexo de inferioridade, o tremor,
a prostração, o desespero, o servilismo.
(Aimé Césaire, discurso a respeito do colonialismo)

Subsidiadas pela existência do artigo nº 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT - da Constituição Federal de 1988, que garante: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos”, as comunidades quilombolas reaparecem em todas as partes do país e seus atores sociais, até então invisibilizados, marginalizados e adormecidos passam a reivindicar os direitos concernentes a sua nova situação de sujeitos políticos, sendo que estes direitos convergem principalmente para a busca, retomada e a legitimação de suas terras.

As terras quilombolas, também conhecidas sob a designação de “terras de preto”, “terras de santo” ou ainda “terras de parente”, são atualmente assim denominadas devido a sua ocupação de ordem ancestral, seja por meio da atividade de ocupação direta, uma vez que seu povoamento acontece desde os antigos quilombos que nos remetem ao período escravocrata do Brasil Colônia, ou através de atos de doação realizados pelos ex-senhores aos seus antigos escravos e, ainda, por meio da aquisição monetária por parte dos libertos que, através do exercício de seu trabalho, podiam comprar, como se diz no sertão, habitualmente até os dias contemporâneos, “um pedaço de terra”.

As diferentes maneiras articuladas secularmente, de modo a permitir a possibilidade de se possuir “um chão de terra”¹, vão ao encontro do desejo nutrido e expresso pelas diversas etnias africanas escravizadas no Brasil de reorganizar suas vidas, não apenas mediante a realidade que foram compelidos a deixar para trás em seu continente de origem, visto que foram constrangidos a levar consigo apenas as memórias, os questionamentos em relação a sua atual condição e a “nova” vida que os esperava, bem como a determinação velada de reaver a sua capacidade de existir como cidadão (ã) livre e pleno (a), no uso de suas habilidades físicas, cognitivas e afetivas e isto desde o passado histórico até os nossos dias

¹ Expressão típica da linguagem sertaneja para se referir à compra de uma pequena propriedade rural.

perpassa, entre outros fatores, pela aquisição e ou reaquisição da posse da terra, eleita como o espaço escolhido para reestruturar suas vivências.

A Terra, para os homens que em torno dela desenvolvem toda a sua existência, representa, além do valor material que a constitui e lhe é atribuído, em função de sua extensão e qualidade do solo a ser cultivado, um grande bem, eivado de valor simbólico, que é visto como o instrumento norteador do seu trabalho e garantidor de sua vivência que se estrutura, por sua vez, em caráter econômico e social; isto por que é através da terra que o indivíduo que nela reside, constrói suas relações de parentesco, compadrio e vizinhança, estabelecendo dessa forma, o seu lugar no mundo e com o mundo. Por vezes, a terra é percebida como um membro, uma continuidade do próprio corpo daqueles que a cultivam diariamente, sendo comum, quando solicitado a um lavrador que mostre suas ferramentas de trabalho, ao invés de apresentar a enxada, a foice e o ancil, geralmente o agricultor erga suas mãos e as exponha, visto que elas, por conta dos calos quase sempre visíveis e da tessitura mais grossa, atestam, por si só, a sua condição de homem do campo que, associada a sua pele sempre queimada, devido à exposição constante ao sol e sem muita proteção, bem como o cheiro de mato que impregna todo o seu corpo, inclusive os cabelos, constituem elementos capazes de distinguir o lavrador e denotar a posição que ocupa na sociedade, fazendo dele um homem da terra, A terra cultivada funciona, então, como o mecanismo que, além de amparar sua situação econômica, traduz por um misto de vontade e missão aderida, sua posição sociocultural. Razão pela qual, para os povos quilombolas oriundos das comunidades rurais sertanejas, a terra não é apenas percebida como um mecanismo arregimentador de sua sobrevivência e sim como o parâmetro capaz de nortear e conferir significado a toda sua existência, dignificando-a.

Segundo as ideias de Almeida (2005, p. 01):

A Constituição de 1988 contemplou o direito à diferença e enunciou o reconhecimento dos direitos étnicos. Além disso, no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT - uma nova modalidade de apropriação formal de terras foi destinada a grupos sociais como os quilombolas, com base no direito à propriedade definitiva e não por meio da tutela, como acontece com os povos indígenas.

Esse fato possibilitou aos indivíduos das diversas comunidades negras rurais, que sempre foram discriminados em função da cor de sua epiderme e das formas de organização de seus modos de vida, migrarem do anonimato político, social e cultural ao qual foram

relegados e vitimizados sem maiores possibilidades de defesa e ou proteção por parte do Estado-nação, a despertarem desta situação de subalternidade e aderirem a um processo pautado em lutas e militâncias em busca do seu reconhecimento étnico, cultural e fundiário. Tornando-se, desse modo, sujeitos de direitos e atores sociais políticos e politizados, capazes de reverterem a seu favor os mesmos fatores que antes foram utilizados para inferiorizá-los e destituí-los de sua cidadania: a sua condição epidérmica negra e afrodescendente, aliada a sua origem rural-sertaneja que passa, então, a ser percebida também como quilombola.

De acordo com o pensamento de Arrutí (2003), este “novo” sujeito social é criado em um contexto de lutas que mantém a lei como o mecanismo condutor de suas mobilizações, tendo em vista que há ainda uma conversão simbólica quanto ao conceito de quilombo que passa a ser reapropriado, metamorfoseado, adquirindo, portanto, conotações de base política que mantêm a terra como sua principal bandeira de luta.

Faz-se necessário porém, chamar a atenção para o fato de que a expressão “novo sujeito” aqui utilizada, não faz referência à construção de uma identidade forjada e que foi criada com o propósito definido de se aderir a uma nova categoria social, usufruindo por intermédio dessa adesão alguns benefícios. Ao contrário, o que, de fato, aconteceu e continua a acontecer, em muitas partes do país, ocupadas pela presença de ordem física e cultural dos africanos (as) escravizados (as), é o estímulo de uma tomada de consciência por parte de seus descendentes, quanto a sua real condição de grupo étnico diferenciado e que foi, em função de sua diferença manifesta, estigmatizado, discriminado, oprimido e disperso em diversas partes do Globo, originando o que Gilroy (2001), denomina de a grande diáspora negra. Oferecendo, portanto, possibilidades de transformar, estimulados pela informação e conhecimento específico de sua real posição, que antes se encontrava adormecida, mediante uma realidade que a constrangia e sufocava, uma situação de opressão em uma trajetória que passa a ser caracterizada pela busca por sua legitimação e reconhecimento de direitos enquanto grupo étnico e cultural.

Para a Fundação Cultural Palmares - FCP, as comunidades quilombolas constituem sítios historicamente ocupados por indivíduos negros que possuam resíduos arqueológicos de sua presença, em especial as áreas ocupadas ainda nos dias atuais por seus descendentes, mantendo conteúdos etnográficos e de ordem cultural. Esta informação, mesmo quando não compreendida em termos científicos, sempre foi sentida e experienciada pelos atores sociais das comunidades negras rurais, através da negligência e tratamento desrespeitoso dispensado as suas maneiras próprias de organizar a vida no âmbito do grupo e se relacionar com o seu

entorno e, no momento presente, passa a ser reapropriada, refletida e utilizada de modo a assegurar o reconhecimento de seus direitos e legitimidade política e social.

O processo, o rito de passagem que envolve a conversão de uma comunidade negra rural para a construção simbólica do significado de adotar o título de comunidade quilombola, não é caracterizado apenas como uma situação de transformação categórica no que se refere à aquisição de *status quo*. Ao invés disto, este é um processo muito mais amplo e marcado pela transformação de mentalidades, estímulo à conscientização em relação a fatores e valores antes reprimidos no interior do próprio grupo, no que se refere a sua negritude, considerada do ponto de vista epidérmico e cultural e ainda diz respeito ao entendimento e intervenção consciente, crítica e criadora, propondo cotidianamente o desmistificar de fatores que os conduziram, enquanto sujeitos, a uma situação histórica de opressão e que necessita ser evidenciada, entendida, questionada, para, a partir daí, ser transformada de modo a devolver, a ressarcir (se é que isto de fato é possível?) a um grupo étnico-cultural, a humanidade que lhe foi negada.

Esse processo, para ser eficaz em seus propósitos, precisa acontecer de forma cotidiana, visto que consiste em atribuir significado à existência de atores sociais, antes marginalizados e destituídos de sua cidadania, devido ao fato de, historicamente, terem sido percebidos e retratados como primitivos, incivilizados e portadores de caracteres físicos, cognitivos e culturais, capazes de desqualificá-los e rebaixá-los de sua condição humana, retirando-lhes a altivez e inculcando-lhes a subserviência, constituindo inclusive estes fatores ao lado de outros, como justificadores para a escravidão que foi apresentada ao mundo como sendo uma missão civilizadora arduamente empreendida pelos povos do ocidente.

Esse tipo de pensamento disseminado a respeito da degenerescência do sujeito social negro ainda encontra terreno propício em muitos lugares onde a falta de informação associada à impunidade permanecem como mecanismos mantenedores da invisibilização e dominação do ponto de vista econômico, político, social e cultural de indivíduos negros e afrodescendentes, em especial e para fins deste estudo, menciono aqui - o sertão baiano - que não se trata de uma região homogênea e que cujas particularidades culturais testificam a diversidade étnica que a constitui.

O reaparecimento das comunidades quilombolas nos diversos sertões vem contribuir para desmistificar a falácia da não existência do negro (a), durante o povoamento desta parte do país bem como questionar a concentração única dos escravos nas regiões litorâneas.

É neste cenário que apresento Tijuaçu, comunidade quilombola cuja ocupação ancestral, atestada por seu laudo de reconhecimento lavrado pelo antropólogo Osvaldo Martins de Oliveira, a serviço da Fundação Cultural Palmares - FCP - e afirmada precipuamente por seus moradores, data de 1800, confirmando a presença significativa do ator social negro no sertão durante e após o advento da escravidão.

A preferência pela referida comunidade se traduz devido à condição de vizinhança estreitada e aos laços de amizade estabelecidos no âmbito deste grupo étnico-cultural, junto ao qual “aquilombe-me” desde 1999, com o propósito definido de compreender seu universo simbólico-cultural e auxiliar seu processo de militância política, talvez para definir o ritmo deste pandeiro que, como menciona Carlos Drummond de Andrade, “bate no meu peito, mas ninguém percebe”, talvez para encontrar respostas às indagações formuladas pelo meu espírito extremamente curioso, silencioso e, por vezes, interventor, talvez para contribuir com a quebra do construto da não existência do negro nas regiões sertanejas - fato que sempre me incomodou profundamente - talvez para continuar cumprindo o que chamo de “uma das minhas missões de vida”. A reunião de todos estes desejos e a fé que possuo no Sagrado me fez pedir para adentrar em “terras alheias”, com o objetivo de alargar minhas parcas compreensões a respeito dos Estudos Étnicos e Africanos, já que estes conhecimentos são constantemente negados àqueles (as) estudiosos (as) que residem nos diversos interiores e sertões deste Estado-nação. Aceitando, assim, o desafio de fazer a ponte semanal entre litoral e sertão para cumprir os créditos teóricos deste Mestrado, trabalhando e estudando, mas, acima de tudo, me emancipando e resguardando o desejo de auxiliar no processo de emancipação de tantos outros (as) que trazem nos seus pés e cabelos a poeira do sertão e a disposição de espaná-la, para fazê-la assentar de maneira diferente, contribuindo para dar novos cursos às diversas trajetórias empreendidas pelos sujeitos que enfrentam nessa parte do país, as dificuldades de romperem com os ecos do silêncio substituindo-os pelos ecos de suas vozes.

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem metodológica etnográfica, realizada com os seguintes sujeitos: membros da direção da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuaçu e Adjacências - AAQTA - ; sete lideranças comunitárias e cinco participantes do Samba de Lata, principal atividade cultural produzida na comunidade. Informo ao leitor (a) que não foi feita a opção pelos indivíduos de maior idade do grupo como sujeitos desta pesquisa, não com o intuito de invisibilizá-los bem como as suas contribuições, e sim, devido à convivência estabelecida na comunidade, o que possibilitou a esta

pesquisadora uma intimidade anterior com as histórias narradas por esses anciãos que, em uma comunidade quilombola, representam os guardiões incontestáveis das histórias de luta e resistências do grupo. Entretanto, tenho o cuidado de esclarecer que foram mantidas conversas de natureza informal com outras personalidades residentes nessa comunidade quilombola e que também possuem seus nomes e contribuições descritos nesta pesquisa.

A preferência explicitada pelos sujeitos da pesquisa se justifica também pelo fato de que o objetivo primordial deste estudo é perceber como é construída a identidade na comunidade quilombola de Tijuacu, treze anos após a sua certificação junto à Fundação Cultural Palmares - FCP - e porque os agentes acima citados atuam na qualidade de estimuladores da formação crítica e conscientização dos quilombolas, uma vez que adotam na comunidade uma postura de militância e, portanto, são mediadores diretos da construção identitária destes sujeitos ressemantizados.

Acredito fazer-se pertinente mencionar que nunca me afastei do campo de pesquisa por fatores acima já descritos e, principalmente, pelo engajamento na militância política junto a esses atores ressurgidos. Todavia, por uma questão de organização, elegi um período específico para a coleta de dados, no que se refere às entrevistas estruturadas que foram realizadas no intervalo de 05 de abril de 2012 a 30 de abril de 2012. Estes contatos foram estabelecidos com facilidade devido ao conhecimento e interação existentes e mantidos entre os moradores da comunidade.

As entrevistas tiveram a duração média de uma hora - a mais longa foi desenvolvida em duas horas e quarenta minutos. Foram todas realizadas em etapa única, isto é, não foi preciso utilizar mais de um encontro para realizar, completamente, a entrevista com um mesmo sujeito.

Todas as entrevistas foram registradas através de um gravador digital, com a permissão prévia dos sujeitos da pesquisa e transcritas, na íntegra, com o objetivo de melhor operacionalizar a análise dos discursos proferidos.

Além das entrevistas, foi desenvolvido um diário de campo, onde foram anotadas todas as impressões sobre o ambiente e o recurso da observação participante que, conforme já relatei, aconteceu durante toda a produção deste estudo, uma vez que nunca houve o afastamento da pesquisadora, no que diz respeito ao campo de pesquisa, bem como aos informantes. Foram realizadas, no total, dezessete entrevistas, considerando que o tempo estipulado pela Academia para realização deste estudo poderia não permitir ultrapassar o

número de sujeitos ouvidos e continuar sendo fidedigna às transcrições e interpretações de suas perspectivas.

Esta pesquisa possui como interesse primordial a Vila-centro de Tijuáçu, em relação à qual foi direcionada a seguinte questão: “como acontece o processo de construção da identidade nesta comunidade quilombola, treze anos após a sua certificação junto à Fundação Cultural Palmares”?

No intuito de responder a questão acima focalizada, utilizei alguns elementos considerados importantes para compreender a configuração do grupo, organização de seu *modus vivendi* e, portanto, a produção de sua identidade. Estes elementos aparecem distribuídos nos quatro capítulos que compõem este estudo.

O capítulo um, apresenta a descrição etnográfica da Vila-centro de Tijuáçu, enfocando seus caracteres políticos, econômicos, sociais e culturais, imprescindíveis à compreensão do universo físico e simbólico dos sujeitos pesquisados. Apresenta também uma descrição sucinta das catorze comunidades que compõem o referido território quilombola, considerando as relações mantidas entre elas e seu grau de importância na construção identitária do grupo. Apresenta ainda neste capítulo o processo de expropriação das terras dos sujeitos quilombolas da localidade estudada neste trabalho.

O capítulo dois apresenta uma análise de Tijuáçu, como uma comunidade quilombola encravada no sertão baiano, objetivando contribuir para a desmistificação da suposta ausência dos indivíduos negros (as) e afrodescendentes nessa região do país, focalizando também o processo de passagem de uma comunidade negra rural para uma comunidade remanescente de quilombo e as transformações ocorridas entre seus moradores, em caráter individual e coletivo.

O capítulo três se propõe a focar as principais instituições sociais existentes na comunidade pesquisada: a Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências - AAQTA – e a Escola. Procurando perceber como a primeira, em consonância com o trabalho desenvolvido pelas Lideranças Comunitárias, é capaz de atuar como articuladora e mediadora do universo simbólico dos atores sociais da comunidade, no que diz respeito ao alargamento de sua compreensão crítica em relação a sua condição de grupo tradicional, bem como direcionando, de maneira progressista, a militância política destes quilombolas sertanejos, ao passo que a segunda instituição, no caso a Escola, atua como vetora do currículo invisível produzido cotidianamente por este grupo étnico.

O capítulo quatro se constitui como proposta de dialogar com dois elementos bastante significativos na vivência destes agentes quilombolas: a encenação do Samba de Lata, apontado como a principal atividade cultural produzida por estes atores sociais e a festa realizada em homenagem a São Benedito, tido como padroeiro da comunidade. Estes dois elementos serão percebidos aqui como sinais diacríticos do grupo e canal de comunicação com a sociedade envolvente.

As Considerações Finais, divisada por esta pesquisadora como um dos momentos mais difíceis deste estudo, devido à existência de três fatores: o dinamismo do qual se reveste o campo de pesquisa, o respeito nutrido por esse campo e a amizade existente entre os sujeitos pesquisados, o que me levou a registrar que as linhas dedicadas a esta parte do texto, na tentativa de descrever esses fatores e traduzi-los não suplanta, em momento algum, suas vivências e resistências; ao contrário, apenas procura sintetizar diante das exigências postas pela Academia os principais resultados obtidos durante a produção deste trabalho.

CAPÍTULO 1

APRESENTANDO TIJUAÇU

Aruê Tatá!
Aruê Tatá! (bis)
Menino da calça verde, me diga quem costurô,
Aruê Tatá! Aruê Tatá! (bis)
Eu quero escrever meu nome no retalho que sobrou...
Aruê Tatá! Aruê Tatá! (bis)
Samba nêgo,
Branco não venha cá.
Se vier pau vai levar!
(Versos cantados pelas sambadeiras durante as apresentações do
Samba de Lata)

“Choveu no Lagarto”? “No Lagarto choveu”? Estas perguntas aparentemente inocentes, escondem o conteúdo preconceituoso e a atitude discriminatória que as resguarda. Durante muito tempo e ainda no momento atual, porém, agora em menor escala, os motoristas que trafegam pela rodovia Lomanto Júnior (BR 407)² e que são moradores de cidades da região - Senhor do Bonfim, Filadélfia, Pindobaçu, Ponto Novo, Jaguarari, entre outras - realizavam estes questionamentos ao passarem por Tijuacu e encontrar algum morador (a) que estivesse às margens da rodovia e entrada da comunidade comercializando seus produtos, como: milho, melancia, ouricuri e acarajé. O sentido real das perguntas é o seguinte: se choveu no Lagarto por que os negros não ficaram brancos? O não dito contido nessa pergunta evidencia como os moradores de Tijuacu sempre foram percebidos na região de forma diferenciada e esta diferença estava associada, em um primeiro momento, à cor de sua epiderme e, de forma secundária, às suas atividades culturais, especialmente a realização do Samba de Lata, cujo valor simbólico está totalmente relacionado à história desse grupo étnico e as dificuldades da seca, constantemente enfrentadas no sertão.

Antes de serem considerados, na região, como quilombolas, sobretudo na cidade de Senhor do Bonfim, da qual Tijuacu se constitui distrito, esta localidade sempre foi apontada como uma comunidade de negros - as terras dos “pretos do Lagarto”, como eram e ainda são

² A BR 407, também chamada de Rodovia Federal Lomanto Júnior, possui esta denominação em função do fato de ter sido construída na década de 1960, ainda no período de gestão do então governador do estado, Lomanto Júnior. A construção desta rodovia desencadeia impactos positivos e negativos para a comunidade quilombola de Tijuacu, principalmente no setor econômico, visto que favoreceu a instalação de comerciantes na Vila-centro e facilitou o acesso à cidade de Senhor do Bonfim.

assim denominados. Porém, antes do seu reconhecimento como comunidade tradicional junto à Fundação Cultural Palmares a expressão “pretos do Lagarto” adquiria uma conotação pejorativa para aqueles que a pronunciavam e possuía um caráter de diminuição para quem a recebia, no caso os indivíduos negros e afrodescendentes de Tijuáçu. Isto porque significava ser inferiorizado por aquilo que o qualifica ao lado das capacidades cognoscitivas³, como criatura humana - o corpo físico/ o corpo físico negro - se constitui em uma atitude que mantém a capacidade de gerar sérios prejuízos de ordem psicológica, social e cultural, capazes de estigmatizar um grupo étnico, atribuindo-lhe na sociedade onde se encontra situado uma distinção minoritária que decresce sua autoestima e dificulta a sua valorização como agente fazedor e contribuidor da história, visto que lhe infunde a marginalização, o medo e um servilismo que, como argumenta Fanon (2008), é também histórico, considerando que a cor da epiderme negra dos povos da África, sua organização societária e produção cultural, incompreendidas pelos povos do ocidente funcionaram como um dos mecanismos justificadores e mantenedores da indústria da escravidão.

Os resquícios destas formas de pensamento ainda são enfrentadas de maneira ancestral por sujeitos negros e afrodescendentes em todas as partes do Globo, caracterizadas pela presença da grande diáspora negra que, como argumenta Gilroy (2001), se estruturou ao longo do Atlântico e isto, inclusive no interior das diversas comunidades quilombolas que se espalham pelo país e começam a despertar do ethos do silêncio e da invisibilidade, tendo em vista que seus moradores permanecem herdeiros de pressupostos ideológicos que se propõem a vitimá-los, não mais à escravidão e sim a alienação, não os reconhecendo como indivíduos que devem ser respeitados em sua humanidade e lhes proporcionado um mínimo de condições para o exercício de sua cidadania.

Dessa forma, fica posto aqui neste estudo que a negritude⁴ percebida na cor da pele, na organização dos modos de vida, na realização e recriação de suas expressões culturais, representou, desde o princípio de sua existência, o fator distintivo na classificação dos sujeitos de Tijuáçu, na sociedade bonfinense e na região onde se encontram inseridos de forma geral, bem como autorizou a forma de tratamento que sempre lhes foi dispensada, não

³ Termo utilizado por Jean Piaget (1988), em sua Epistemologia Genética do Desenvolvimento para designar as habilidades de cunho intelectual.

⁴ De acordo com intelectuais, como Munanga (1988) e Bernd (1988), a Negritude enquanto movimento se constitui em uma reação de legítima defesa ou racismo anticultural, funcionando como uma resposta negra a uma agressão histórica branca de mesmo teor. A Negritude permite ao sujeito negro intelectualizado ou não, perceber que uma possível solução para sanar sua situação de opressão, reside na retomada de si próprio, na negação do embranquecimento e na aceitação de sua herança sociocultural que deixa de ser concebida como sendo inferior.

vindo a emergir no momento presente em que a localidade figura no cenário regional e nacional como comunidade remanescente de quilombo.

A comunidade quilombola de Tijuacu encontra-se situada, em sua maior parte, nas dependências demográficas do município baiano de Senhor do Bonfim, do qual dista 23 km, além de possuir parte de suas terras entre os municípios de Filadélfia e Antônio Gonçalves, todos localizados na região norte do estado da Bahia. Foi certificada junto à Fundação Cultural Palmares em 28 de fevereiro de 2000.

O perímetro quilombola de Tijuacu é composto por catorze comunidades que se mantém interligadas, podendo-se citar aqui: Alto Bonito (localidade onde comunidade se originou), Quebra Facão, Água Branca, Olaria, Lajinha, Capim/Canafista, Barreira, Macaco I, Macaco II, Conceição, Queimada Grande, Patos, Anacleto e Lagoa do Coxo, localidade também denominada pelos habitantes de Recoxo. Esta última localidade, apesar de se encontrar inserida no demarcado território quilombola, é atualmente ocupada por famílias que não se definem como atores sociais remanescentes de quilombo, pois se autopercebem como indivíduos brancos. Alguns alegam, inclusive, que a presença dos moradores de Tijuacu em suas redondezas é capaz de adoecer-lhes, pois contaminam a sua água. Preferem, então, ficar distantes, não desejando partilhar dos mesmos valores culturais do grupo.

O comportamento adotado pelos moradores da comunidade de Recoxo pode ser facilmente entendido e dispensa julgamentos precipitados por parte daqueles menos esclarecidos e ou portadores de más intenções, sempre dispostos a desqualificar o critério de auto-atribuição necessário ao reconhecimento de uma comunidade quilombola. E, para isso, basta que se leve em consideração os mecanismos ideológicos, difundidos e praticados, que historicamente foram capazes de conduzir o homem negro a repelir sua cor e aderir ao embranquecimento cultural. Tijuacu também não permaneceu isenta de sofrer tais formas de discriminação. Cabe, então, a ressalva de que não é fácil desejar ser e permanecer negro (a), em um contexto onde, para muitos, o próprio vocábulo ainda detém uma conotação agressiva, pouco respeitosa e indigna de qualquer tipo de reverência. Faz-se importante relatar que a atitude de tentar fugir de sua cor e de suas origens, exercida por parte de muitos atores sociais negros ao longo da história, em muitos casos aconteceu como uma estratégia de sobrevivência e que este fato deve ser melhor observado, sobretudo nas diversas localidades do interior do Brasil, em especial no sertão da Bahia, onde a falta de informação associada à impunidade sempre subjugou indivíduos negros aos menos apreciados estilos de vida e ocupações.

Cabe esclarecer que todas as comunidades aqui mencionadas encontram-se agregadas à Vila-centro de Tijuáçu, mantendo relações comerciais, articulações políticas e interação social e cultural. Entretanto, neste trabalho, de forma específica, restrinjo-me ao estudo da Vila de Tijuáçu, sua história, os modos de vida expressos por seus habitantes e suas atividades culturais, mencionando as demais comunidades apenas para demonstrar as interações que mantêm junto à Vila e o intercâmbio constante que existe entre elas. Adoto esta atitude, considerando que apenas este trabalho não é suficiente para descrever etnograficamente todas as catorze comunidades que formam o perímetro quilombola de Tijuáçu de forma cuidadosa e com o devido respeito a todas as suas particularidades.

Tijuáçu figura como uma das mais populosas comunidades quilombolas do estado da Bahia, constituída por cinco mil habitantes⁵, sendo 3.500 (três mil e quinhentos) residindo na Vila-centro e 1.500 (mil e quinhentos) distribuídos pelas comunidades que compõem o referido distrito; possuindo cerca de 1.500 famílias cadastradas na Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências – AAQTA – fundada em 02 de Abril de 2000, e que tem lutado pela aquisição dos direitos dessa comunidade.

O trabalho desenvolvido pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências tem sido importante por subsidiar a militância de outras comunidades quilombolas, a exemplo das comunidades de Cariacá, Bananeira dos Pretos, Laje dos Negros e Nova Represa, todas situadas no entorno de Tijuáçu.

O pioneirismo de Tijuáçu na luta pelos seus direitos, como sujeitos políticos e ressurgidos, é capaz de lhe conferir uma posição de respeito, contribuindo para torná-la um ponto de referência para qualquer tipo de necessidades, esclarecimento de dúvidas e suporte a atitudes que venham a ser tomadas pela comunidade. Tal fato outorga credibilidade, confirma sua dignidade e autonomia na região, visto que tem conseguido caminhar, mesmo sem o apoio político devido por parte do município de Senhor do Bonfim, condição que é evidenciada pelos próprios tijuáçuenses.

Tijuáçu possui lideranças em cada uma de suas catorze localidades, contando também na Vila-centro com representantes e lideranças para atuarem em cada rua que compõe a sede do distrito, podendo ser considerada como uma das mais organizadas comunidades tradicionais do interior baiano.

A comunidade tem sido capaz de ultrapassar a barreira, não só da distância demográfica que a separa de Brasília e da capital do estado, como também de driblar a

⁵ Estes dados foram fornecidos pela Secretaria de Infraestrutura do município de Senhor do Bonfim.

estrutura excludente e desigual que projeta e assegura para as localidades do interior, não apenas a ausência de conhecimentos científicos capazes de discutir o problema que o ocidente desenvolveu para os povos negros e os fatores que transformam o negro em um problema, sem o cuidado de esclarecer que o problema do negro foi um problema criado, habilmente construído para a sua etnia e que não pode mais ser mantido, já que isto fere os princípios multiculturalistas do século XXI. Tem sido capaz também de conviver com a inexistência de boa vontade para resolver essa situação que acontece principalmente no interior do estado, onde os indivíduos negros e afrodescendentes, impedidos de participar de discussões que os conduzam ao desenvolvimento da conscientização e atuação eficazes, acabam desprestigiando sua etnia e quando podem se desvencilham dela.

Vale ressaltar a capacidade desbravadora dos sujeitos quilombolas de Tijuáçu, que não se entregaram ao conformismo tampouco ao descaso a que durante muito tempo estiveram expostos, e enfatizar que sua luta tem servido de estímulo e parâmetro para todas as demais comunidades negras rurais que se estruturam ao seu redor e desejam aceitar-se, reconhecer-se e legitimar-se cotidianamente como povos remanescentes de quilombo.

É importante salientar que a palavra remanescente é usada neste estudo, não como sinônimo de resquício e sim como referência a localidades que têm sua origem histórica atrelada comprovadamente à ocupação dos antigos quilombos que se proliferaram em grande escala pelo país, desde a época do Brasil Colônia e isto, inclusive, no sertão baiano.

O acesso à comunidade quilombola de Tijuáçu é facilitado pelo fato de que ela se projeta às margens da Rodovia Lomanto Júnior, crescendo para o alto, através de uma ladeira que conduz o visitante e ou pesquisadores que se propõem a conhecer as formas de organização secularmente adotadas e reconstruídas pela nação dos Pretos do Lagarto.

A Vila-centro de Tijuáçu é composta por ruas cuja maioria se encontra sem nenhum tipo de pavimentação, iluminação e rede de esgoto, comprovando a negligência do poder político local para com o distrito. São calçadas apenas as duas praças – onde se encontra localizada a igreja Católica, também chamada pelos quilombolas de Igreja Matriz e a praça onde acontece a feira livre –, algumas ruas consideradas como as principais, por constituírem as primeiras a serem habitadas e por estarem situadas na parte da Vila que a comunidade denomina de as “ruas de baixo”.

As casas apresentam diferenças entre si, denunciando as possibilidades econômicas de seus moradores e também considerando a sua localização geográfica. Nas chamadas “ruas de

baixo”, as antigas construções de adobe⁶ já deram lugar a residências mais modernas, constituídas à base de bloco e cimento. Quando essa modificação não se verifica em toda a estrutura física do imóvel, pelo menos a frente da casa mostra que a fachada antiga, foi derrubada, tendo sido substituída por outra feita com tijolos. Este comportamento pode ser associado ao pensamento expresso pela maioria dos moradores do sertão de que as residências de adobe não são construções bonitas nem resistentes. Muitas casas já ostentam piso de cerâmica e algumas apresentam forro no teto, inclusive forro do tipo PVC, considerado uma novidade entre os sertanejos. Nas “ruas de baixo” também podem ser divisadas habitações gradeadas na frente, pois seus moradores fazem questão de trabalhar a cada dia pela melhoria da qualidade de vida.

Nas “ruas do alto”, geralmente as residências adotam aspectos mais antigos- a maioria conserva as antigas estruturas de adobe -apresentam um acabamento razoável na frente das casas e são pintadas de forma caiada. O piso é feito de cimento queimado, variando nas cores branca, vermelha e ou azul.

Todas as residências da Vila-centro de Tijuaçu possuem banheiro, independente de estarem localizadas nas “ruas de baixo ou do alto”. Nas “ruas de baixo” quase sempre os quintais são divididos por muros ao passo que nas “ruas do alto” estas divisões, em alguns casos, acontece por cerca de arame e, em outros, o quintal é comum às famílias.

Quase todas as casas de Tijuaçu apresentam em sua divisão interna os seguintes cômodos: sala, cozinha, quartos e banheiro. Nem todos os cômodos das casas chegam a possuir portas, sendo divididos por cortinas. Nas “ruas do alto” pode ser verificada a existência do fogão à lenha na maioria das residências dos moradores. Podem existir variações neste estilo aqui descrito, subsidiado pelas condições econômicas dos quilombolas e pela possibilidade de irem “arrumando”, como se diz habitualmente no sertão, suas casas de morada.

Estas ruas focalizadas como sendo as “ruas do alto” e as “ruas de baixo”, são assim chamadas pelos quilombolas em função da proximidade que estabelecem em relação a BR 407. As “ruas de baixo” são as que se localizam mais próximas à rodovia e as “ruas do alto” as mais distantes. Faço este esclarecimento aqui para que não haja confusão e associação das expressões somente em referência à situação econômica dos moradores.

⁶ Mediante informação do Dicionário Aurélio (1986), se constitui um pequeno bloco semelhante ao tijolo preparado com argila crua, secada ao sol, e que também é feito misturado com palha, para se tornar mais resistente; tijolo cru.

Há também na Vila-centro de Tijuacu residências cujas construções são muito bem estruturadas, apresentando-se como “solta dos dois lados”, muradas e contendo espaço para garagens. Essas casas são de propriedade de moradores não quilombolas ou que assim não se identificam e que são, na maioria, comerciantes e descendentes dos antigos fazendeiros que invadiram as terras da comunidade. Registra-se ainda a presença de quatro casas que se agrupam uma após a outra e que chamam a atenção devido ao fato de conservarem um aspecto que lembra o estilo colonial.

No que diz respeito à infraestrutura na Vila-centro de Tijuacu, podem ser encontradas algumas instituições que têm o propósito de servir à comunidade e que foram conseguidas mediante as reivindicações dos quilombolas, a saber: uma unidade do Crass, chamada de Crass Quilombola; um posto policial que, no momento presente (2013), encontra-se sem funcionamento, favorecendo a insegurança dos moradores; uma unidade de saúde da família; uma agência dos correios; um Empreendimento Comunitário de Confeccões, conseguido através das reivindicações feitas pela Associação Quilombola; um espaço alugado, mais precisamente uma casa onde funciona uma escola que promove a Educação Infantil para as crianças da comunidade; duas escolas - uma responsável pelo Ensino Fundamental I e a outra denominada Escola Municipal de Tijuacu, na qual funciona o Ensino Fundamental II, o Ensino Médio e o projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos.

No âmbito de opções de lazer, que deveria ser propiciado pelo poder público aos descendentes da nação dos “Pretos do Lagarto”, a única quadra de esportes existente na comunidade, encontra-se comprometida em seu funcionamento, uma vez que a maioria das telas de proteção estão quebradas, as traves não possuem redes e estão soltas, colocando em risco principalmente a segurança das crianças e adolescentes.

São também encontrados em Tijuacu estabelecimentos comerciais diversos, entre os quais: quatro mercados de pequeno porte, três padarias que produzem pão manual, três lanchonetes - sendo que uma também funciona como sendo restaurante – uma pizzaria, uma marcenaria, dois salões de beleza, uma metalúrgica, uma borracharia, diversos bares e algumas mercearias, estas, por sua vez, figuram como estabelecimentos comerciais muito comuns nas pequenas comunidades sertanejas, pois se propõem a vender bebidas, fumos de corda, cigarros, gêneros alimentícios e, por vezes, abrigam mesas de sinuca que garantem o divertimento da população. É importante ressaltar que a razão social de alguns desses estabelecimentos aqui citados, faz referência à temática afrodescendente, que é bastante difundida na comunidade, a exemplo de: Pizzaria Lagarto, Acarajé de Tijuacu, e Afrulanches.

Este fato é interpretado de maneira positiva nesta pesquisa, visto que a conscientização dos habitantes no que se refere a sua ancestralidade africana tem crescido cada vez mais, de modo que os valores étnico-culturais antes sufocados, agora aparecem em todas as situações da vida cotidiana, inclusive no comércio local. Fato que é significativo, tendo em vista que as maneiras como são organizadas a vida em sociedade expressam o sentimento de comunhão e ou dissensão de um grupo, bem como revela a presença da autoestima ou de uma postura de inadequação em relação a sua cultura.

São também encontradas na Vila algumas igrejas evangélicas, como: Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Assembleia de Deus/Ministério Canela de Fogo e Adventista do Sétimo Dia. De acordo com os informantes desta pesquisa, os praticantes dessas religiões não se envolvem com as práticas culturais locais e alguns chegam a rotular o Samba de Lata como uma manifestação demoníaca.

Existe um terreiro de Candomblé situado na comunidade de Quebra Facão, que não é frequentado, de forma assumida, por todas as pessoas que o procuram, estejam elas entre os moradores da Vila-centro, que não se percebem como quilombola, ou entre os indivíduos que residem na sociedade bonfinense, bem como em outras cidades da região. Isto acontece devido ao fato de que há em muitas localidades do interior da Bahia um preconceito velado contra as religiões de matrizes africanas, que são percebidas de forma negativa, sendo suas manifestações e ou atividades pouco compreendidas e envolvidas em um universo que mistura o medo do desconhecido ao desprezo por aquilo que não é entendido. Muitas pessoas procuram este tipo de instituição religiosa apenas em momentos esporádicos, por exemplo: quando buscam a cura para alguma enfermidade física, ajuda de ordem afetiva ou financeira. Nessas ocasiões as pessoas tomam cuidado para que tudo seja realizado de maneira muito discreta, para que a sua presença nesses lugares não seja percebida, nem comentada na comunidade.

Fazendo parte ainda da dimensão religiosa da comunidade, encontra-se uma igreja Católica (que está sendo reformada desde o final de 2011) e que tem São Benedito como o padroeiro. O louvor dedicado ao santo transforma-se em uma festa que, além da finalidade religiosa, mantém como característica a abertura de espaço para a discussão dos anseios e dificuldades enfrentadas pela população. Nos meses que antecedem o evento a programação de ordem religiosa é também a ocasião para apresentações de atividades culturais praticadas pelos quilombolas.

Além da devoção a São Benedito, a quem os quilombolas atribuem a realização de muitos milagres relacionados a curas de enfermidades, aumento da produção agrícola e proteção da localidade, em muitos momentos difíceis, principalmente nos períodos de estiagem, quando a qualidade de vida humana, animal e vegetal sempre diminui; a comunidade também festeja e presta homenagens ao Senhor Bom Jesus da Lapa. Estas festividades acontecem anualmente, no mês de agosto, quando ônibus lotados de fiéis saem para visitar o Santuário da Lapa, localizado na região oeste da Bahia, a 850 km da capital do estado. Existe ainda em Tijuaçu, o culto dedicado a Santa Luzia e a São José, sendo este último, um santo muito reverenciado entre os moradores do sertão baiano.

No sertão da Bahia, quando a chuva não vem e o período de seca se prolonga de modo a arrasar as plantações e a esperança do coração do homem sertanejo, é muito comum o hábito de furtar da igreja Matriz a imagem de São José. O desejo que existe por trás deste comportamento que parece inusitado àqueles menos adaptados à realidade da vida no sertão é a crença de que, agindo desta maneira, São José se compadecerá da comunidade e lhe enviará a tão esperada chuva. Entre os moradores de Tijuaçu este hábito foi muito comum, principalmente até o final da década de 1990, visto que a construção da barragem do rio Itapicuru-açu, do município baiano de Ponto Novo, por volta do ano 2000, veio abastecer a localidade e melhorar significativamente os problemas enfrentados para adquirir água no distrito. Com a volta da chuva e o final das dificuldades geradas durante a sua ausência, São José é conduzido à igreja, em procissão, ao som dos cânticos de benditos.

Tradicionalmente na Sexta-feira Santa, os devotos de Tijuaçu se dirigem, em atitude de fé e peregrinação, ao Morro do Lagarto, localizado na comunidade de Alto Bonito. Na concepção dos penitentes, através deste costume é possível se redimir dos pecados cometidos ao longo do ano e purificar o corpo e a alma. Esta atividade é iniciada geralmente por volta das quatro horas da manhã, quando o grupo de jovens católicos dá o sinal que prenuncia o ritual – as badaladas no sino da igreja – convidando toda a comunidade para participar do trajeto que continuará até o final da tarde, culminando na procissão da Sagrada Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em 1994, entretanto, segundo os relatos dos informantes que contribuíram para esta pesquisa, devido à ação de cupins, a base que dá sustentação ao Cruzeiro se rompeu ocasionando a queda da cruz e este fato, de acordo com os tijuaçuenses desencadeou a morte de muitas pessoas. Essa crença está associada à ideia disseminada e firmada no imaginário simbólico popular, não apenas das comunidades quilombolas, mas das comunidades rurais

sertanejas, de forma geral, de que o tombar de um cruzeiro precipita a morte dos moradores da localidade onde ocorre este fenômeno.

A tristeza ocasionada pela perda de parentes e amigos queridos serviu para reavivar nesse ano (1994), o sentimento de solidariedade e coesão que existe entre os habitantes de Tijuacu, uma vez que todos se uniram para reconstruir a Sagrada Cruz, agora com uma base sólida de ferro e cimento. Nesse período cada morador (a) que subia o morro levava consigo um ou mais blocos, de acordo com a condição física de cada um, possibilitando o reerguimento do cruzeiro e, ao mesmo tempo a crença no desaparecimento da ameaça de mais mortes entre os quilombolas.

As diversas religiões existentes na comunidade constituem, sob a óptica desta pesquisadora, elementos importantes a serem observados na vivência diária dos seus membros, visto que oferecem diretrizes, através das quais seus adeptos orientam suas existências em caráter individual e coletivo, repercutindo também na construção identitária do grupo, pois, como salienta Silva (2010), nas comunidades tradicionais a religião atua como um fenômeno social capaz de influenciar a vida de todos os habitantes, uma vez que a fé, a memória e os valores professados permanecem presentes, fazendo parte da vida coletiva de todos.

Ainda pode ser descrito, como parte integrante da infraestrutura de Tijuacu, a reforma de um antigo quiosque situado à entrada da comunidade e que está sendo chamado pelos quilombolas de “Shopping a céu aberto” ou “Shopping Rodovia”, visto que a reforma contempla também a construção de uma praça que mantém como objetivo apresentar o artesanato local e a venda de iguarias produzidas na comunidade, como é o caso do acarajé (famoso na região com a denominação de acarajé de Tijuacu), e o beiju e o milho.

Para melhor promover a produção, reconstrução e divulgação de sua cultura estimulando a conscientização entre seus membros, sobretudo as atuais e futuras gerações, a respeito das lutas e direitos na qualidade de comunidade tradicional, bem como preservar a memória deste grupo cultural, a Associação Agropastoril Quilombola de Tijuacu e Adjacências - AAQTA - se ocupa atualmente do projeto de fundação de uma Rádio Comunitária.

No que se refere às principais atividades econômicas desenvolvidas na Vila, observa-se a agricultura de subsistência, onde se destacam: feijão, milho, mamona, mandioca e melancia. Por vezes, alguns destes produtos costumam ser comercializados na feira livre da cidade de

Senhor do Bonfim, principalmente a melancia e o milho, este último é também vendido na cidade de Ponto Novo pelas mulheres de Tijuacu.

Os produtos cultivados em Tijuacu atualmente são muito bem aceitos na feira livre de Senhor do Bonfim, entretanto, no passado, houve represália por parte das autoridades políticas bonfinenses com os quilombolas que saíam da comunidade para negociar seus produtos, procurando, assim, aumentar sua fonte de renda, acontecendo até mesmo casos de prisão no intuito de intimidá-los e desencorajá-los a continuar como vendedores na feira. Apesar das movimentações dos atores sociais de Tijuacu em busca de garantir seu sustento econômico, na maioria dos casos, as atividades agrícolas desenvolvidas na comunidade, voltam-se para o consumo interno das próprias famílias.

Outra fonte de renda obtidas pela comunidade é a atividade extrativa do ouricuri⁷, cujo fruto, além de ser vendido na região, é utilizado, juntamente com a palha, como alimento para o gado, especialmente durante as secas. A palha do ouricuri é também aproveitada na produção de algumas peças do artesanato local, como: esteiras, chapéus e vassouras. Acontece também na comunidade, como fator gerador de renda, o emprego de alguns moradores na Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim e que exercem suas atividades em Tijuacu, na qualidade de servidores contratados e ou concursados, atuando em funções como: professores, merendeiras, zeladores, porteiros de escola e varredores de rua.

Outra atividade praticada na comunidade e comum em quase todo o sertão da Bahia é a pecuária de corte e leiteira ainda que em pequena proporção, devido ao fato de que os quilombolas não possuem terras suficientes para a criação de gado.

Existe na Vila uma pequena feira livre composta por barracas de roupas, utensílios domésticos - sobretudo vasilhas plásticas e alguns objetos de decoração: arranjos de flores, porta-retratos e louças para estante - colocadas por feirantes da região e ainda barracas de comidas, montadas pelos próprios moradores. A origem desta feira, segundo relato de moradores mais velhos da comunidade, acontece desde os “tempos antigos”, também chamados de “tempos do trancoso”, criada pelos “Pretos do Lagarto” como eles mesmos se referem. Esclarecendo aqui que no momento presente, a palavra negro ou preto, quando se refere à epiderme humana, é pronunciada pelos moradores de Tijuacu eivada de orgulho e determinação, conscientes de sua situação de povos quilombolas que utilizam o desrespeito ao

⁷ De acordo com o dicionário Aurélio (1986), a palavra Ouricuri, provém da língua tupi e significa URUKUM; planta da família das palmeiras (cocos/coronata) de drupas comestíveis cuja medula fornece fécula e cuja semente fornece óleo alimentar. Na linguagem popular do sertão nordestino é mais conhecida sob a denominação de licuri e utilizada na alimentação humana e animal.

qual estiveram expostos, sem nenhum tipo de defesa, até o final da década de 1990, como pressuposto para edificar uma realidade na qual se projetam exigindo reconhecimento e condição de existência digna. É importante evidenciar que estes fatores apenas soam de maneira estranha para mentes pouco acostumadas a perceber que o princípio de igualdade deve ser partilhado por todos os povos. Como deve perceber também que uma cultura nunca deve ser enaltecida em detrimento de outra por que este fato é incompatível com a dignidade que deve nortear a vida em uma sociedade que se almeja civilizada. Deve perceber ainda que a civilização deve ser construída cotidianamente, jamais imposta, sobretudo a partir dos critérios da barbárie, como ocorreu no passado com os povos negros da África, quando o continente europeu se utilizou da atitude bárbara da qual se reveste o ato de escravizar um homem por outro homem, tendo como justificativa lhe conduzir a civilidade. E esta ideia, ainda que desprovida dos padrões científicos e acadêmicos, está muito bem difundida entre os “Pretos do Lagarto”, como atualmente também gostam de ser identificados, já que esta expressão deixou o terreno da marginalização para ocupar o espaço da valorização.

Atualmente a feira da Vila-centro conta com um número variável de barraqueiros, no máximo, vinte comerciantes. A segunda-feira é um dia da semana movimentado em Tijuçu, muitas pessoas ainda utilizam este momento para se encontrar e conversar, à sombra de dois pés de Barrigudas, árvores que possuem na comunidade uma importância singular, por serem as únicas existentes desde a chegada da ancestral fundadora do grupo.

O abastecimento de água encanada chegou a todas as residências da Vila-centro, há aproximadamente dez anos, sendo esta mais uma luta protagonizada pela comunidade. Até por volta de 1998-1999, nos períodos de estiagem, os moradores das “ruas do alto” passavam o dia com dois baldes de água; ao passo que os moradores das “ruas de baixo” recebiam até quatro baldes, em função da atitude adotada pelos motoristas dos carros-pipas que sempre paravam os veículos no mesmo lugar, se negando a se dirigir as ruas “do alto”, favorecendo, assim, uma situação que gerava a desigualdade entre os quilombolas. Além do serviço de água encanada, a comunidade da Vila conta também com o serviço de luz elétrica em todas as residências.

Existe em Tijuçu um descontentamento verbalizado, sobretudo por parte da Associação e lideranças comunitárias, em relação aos serviços oferecidos pela educação escolar do município de Senhor do Bonfim, que não corresponde aos anseios e valores professados por este grupo étnico que atribuem um valor muito significativo à educação de seus membros. Por conta disso, se mobilizaram para iniciar uma turma de Ensino Superior,

sendo escolhido o curso de Pedagogia, oferecido pelo Instituto de Ensino Superior e Formação Acadêmica – IESFA. Para esse curso uma exigência é que os professores que sejam oriundos da comunidade e capazes de adequar seu trabalho pedagógico com o propósito de valorizar a cultura negra local.

Outro aspecto importante a ser observado na história de Tijuáçu está relacionado à prática de suas atividades culturais, uma vez que estas correspondem a espaços onde acontece a construção permanente da identidade, pois estão presentes na comunidade desde os seus ancestrais até as atuais gerações, ocorrendo como forma de reverência, resgate e manutenção da autoestima dos quilombolas.

Na comunidade remanescente de quilombo de Tijuáçu, o exercício das manifestações culturais sempre esteve presente nos momentos de alegria e nos momentos de dor, principalmente durante as secas. Além do valor simbólico, estas manifestações possuem um caráter organizador capaz de promover a coesão dentro do grupo social.

Apesar da opressão histórica imposta aos sujeitos de Tijuáçu, como descendentes de escravos, e as dificuldades econômicas, políticas e sociais enfrentadas por este grupo, antes de seu reconhecimento e certificação como comunidade quilombola junto à Fundação Cultural Palmares – FCP, o descaso e a discriminação aos quais estiveram e ainda se encontram expostos na região, principalmente em Senhor do Bonfim, sendo, inclusive, objeto de preconceito, a cultura de Tijuáçu se fortaleceu, não permaneceu estática, vinculando-se apenas ao passado e ao sofrimento. Ao contrário, é recriada cotidianamente pelos quilombolas, podendo-se citar, além dos modos de vida de seus habitantes, algumas atividades que, no momento presente, acontecem principalmente em ocasiões festivas, mas cuja história remonta a situações de dor, sendo as principais: o Samba de Lata, a Roda do Arco-Íris, a Quadrilha Parentesco e a Latinha da Mamãe, esta última atua como uma ressemantização do Samba de Lata, visto que seus brincantes começam a ter a preocupação de deixá-lo como legado às novas gerações.

Até aqui, me propus a fazer uma descrição geral dos principais aspectos que podem ser observados na comunidade quilombola de Tijuáçu e que possuem relevância para os seus membros, por fazerem parte de sua trajetória e luta histórica. Alguns destes aspectos serão retomados e melhor definidos neste trabalho, por serem considerados importantes na organização do modo de vida dos habitantes, bem como na afirmação e produção identitária do grupo, pois, como argumenta Pollak (apud ARRUTÍ, 2006), não se trata de lidar com os fatos sociais como coisas, mas sim de analisar a forma como os fatos sociais se transformam

em coisas e isto, principalmente, observando-se o processo, o ritual de passagem de uma comunidade negra rural para uma comunidade quilombola. Considerando que esta mudança não se dá apenas em termos de *status quo*, mas, sobretudo, no que se refere à transformação de construtos e princípios cristalizados, promovendo a mudança de uma postura de sujeição histórica, sem direito à contestação para o exercício diário e consciente da cidadania, substituindo o servilismo pela prática da altivez demonstrada por intermédio de atitudes, capacidade criadora e condutora, podendo subsidiar em caráter positivo e de forma cotidiana os destinos e os ritmos de vida de seus membros, reinventando novas práticas com possibilidades de alterar progressivamente suas formas de organização política, econômica, social e cultural.

Procedo, a seguir, a uma descrição sucinta das catorze comunidades que compõem o demarcado território quilombola de Tijuáçu, esclarecendo que, como já foi registrado anteriormente, o foco desta pesquisa centraliza-se na Vila-centro e na produção identitária de seus agentes. Considero, porém, uma lacuna grave não oferecer ao leitor (a) informações que lhe permitam melhor perceber as relações mantidas entre a Vila-centro de Tijuáçu e as outras comunidades que se estruturam em seu entorno, visto que cotidianamente são estabelecidas interações de ordem política, econômica e cultural e estas interações incidem diretamente na construção da identidade destes atores sociais ressurgidos.

1.1 AS CATORZE COMUNIDADES QUE COMPÕEM O TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE TIJUAÇU

A Vila-centro de Tijuáçu constitui-se na única comunidade de seu território quilombola à qual é possível ter acesso imediato, visto que se encontra localizada as margens da Rodovia Lomanto Júnior - BR 407, referida pelos moradores mais velhos como a “rodagem”. Para se chegar até as outras comunidades necessário se torna adentrar em estradas vicinais, algumas separadas da Vila por mais de nove quilômetros de distância.

Apresento algumas informações relacionadas à origem, povoamento e organização do *modus vivendi* destas catorze comunidades. Fazendo-se relevante mencionar aqui que todas as comunidades que compõem o perímetro quilombola de Tijuáçu pertenceram aos descendentes diretos da senhora Mariinha Rodrigues, divisada por estes sujeitos ressurgidos como a fundadora deste quilombo contemporâneo, fato que será focalizado no decorrer deste estudo.

1.1.2 A COMUNIDADE DE ALTO BONITO

A comunidade do Alto, como é geralmente identificada por seus moradores, fica a dois quilômetros e meio da Vila-centro de Tijuáçu. É possível chegar a pé até lá e, durante o trajeto, não fica difícil compreender por que os quilombolas que aí residem referem-se a sua comunidade como sendo o Ato Bonito.

Esta comunidade é também mais antiga que a própria Vila-centro de Tijuáçu, conforme o relato de memórias orais, tanto na Vila quanto no Alto, que afirmam ter sido no morro do Lagarto, que fica nas terras do Alto Bonito, o primeiro lugar que a senhora Mariinha Rodrigues escolheu para ficar. Somente mais tarde e por fatores que serão explicados neste estudo, a ancestral deste grupo étnico fixa residência em Tijuáçu.

Os moradores desta comunidade se percebem como uma nação e, por vezes, também se identificam como uma aldeia, a Aldeia dos Pretos do Alto. Estes quilombolas costumam dividir sua comunidade entre as terras do pé do morro (estas são as que ficam mais próximas do morro do Lagarto) e as terras do Alto, local por onde se espalham as trinta e nove famílias que aí residem.

A poucos metros da Vila de Tijuáçu, em direção ao Alto Bonito, pode ser identificada uma árvore antiga, denominada quixabeira, vegetal muito frequente nas localidades sertanejas. Na Sexta-feira Santa esta árvore assume uma particularidade importante por funcionar como local de encontro da fé e devoção que os quilombolas dedicam a Jesus Cristo e a São Benedito, reverenciado pelos tijuáçuenses como seu padroeiro principal. Os penitentes mais jovens e ou aqueles que podem realizar esta atividade, sobem o morro do Lagarto levando a Cruz e o andor com São Benedito e as pessoas de mais idade, ou que no momento não se encontram com disposições físicas para empreender a caminhada até o morro, costumam ficar reunidas embaixo da quixabeira para encontrar a procissão que desce do morro, se encaminha por um vereda de terra até a rua da Banda Só⁸ passa pelo cemitério, faz outros contornos que sempre se relacionam com a intenção que os penitentes possuem em cada ano e param na igreja Matriz, local sagrado e de muito respeito para os sujeitos da nação dos Pretos do Lagarto.

A comunidade de Alto Bonito é também uma das maiores e mais populosas comunidades do território quilombola de Tijuáçu. As casas encontram-se dispersas, chegando a formar duas pequenas ruas que não possuem pavimentação. São construções atualmente à

⁸ A rua tem esse nome porque apresenta apenas uma entrada e uma saída.

base de blocos e cimento- todas possuem banheiro interno, calçadas na frente, também chamadas de passeios, algumas são gradeadas, demonstrando o bom gosto de seus moradores que, aos poucos, conseguiram abandonar as antigas residências feitas à base de adobe e substituir por outras tidas como mais modernas e seguras. Poucas residências em Alto Bonito apresentam quintais divididos por muros, sendo a grande maioria abertas no fundo ou divididas com cercas de arame.

No que se refere à infraestrutura, a comunidade conta com um campo de futebol construído pelos próprios moradores, uma cisterna construída pela igreja Católica, uma escola municipal, que funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno com classes multisseriadas e que ainda mantém o projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos. De acordo com os moradores, os estudantes que cursam o Ensino Fundamental II se deslocam para estudar na Vila-centro de Tijuáçu. A fábrica de doces, uma conquista da Associação Quilombola, onde são produzidos bolos, bolachas e outras guloseimas à base de aipim, se tornou ao lado da agricultura, a principal fonte de renda dos moradores, também aparece como um marco da infraestrutura local.

A comunidade de Alto Bonito também dispõe dos serviços de luz elétrica e água encanada, o que veio melhorar significativamente a vida diária de seus moradores. Pode ser divisada também na comunidade, a construção de uma igreja Católica que está sendo erigida pelos quilombolas em homenagem a Santo Antônio - até o presente momento as novenas e terços em louvor ao Santo ainda são realizados nas casas das famílias.

As famílias que residem no local encontram-se agrupadas em dois núcleos familiares: os Rodrigues e os Santana. Os primeiros se afirmam como descendentes diretos da senhora Mariinha Rodrigues, de seu filho, Astácio Rodrigues, e do senhor Alfredo Rodrigues da Silva que também é lembrado pelos quilombolas como sendo um dos primeiros moradores da comunidade.

A família Santana, de acordo com a visão expressa pelos informantes desta pesquisa, não possui seus descendentes nascidos no Alto - migraram da comunidade de Macaco, outra comunidade pertencente ao perímetro quilombola de Tijuáçu. O primeiro membro da família Santana a vir residir na comunidade de Alto Bonito é mencionado pelas memórias locais como sendo o senhor Idelfonso Santana, filho do senhor Maurício Santana.

Quase todos os moradores de Alto Bonito são negros - os indivíduos não negros que habitam a comunidade estão entre aqueles que constituíram matrimônio com as moças e rapazes do lugar.

Nessa localidade os quilombolas que aí residem se afirmam como herdeiros de toda a tradição da senhora Mariinha Rodrigues, sendo seus feitos muito divulgados pelas memórias dos atores sociais de maior idade que narram diversos episódios envolvendo a vida de sua matriarca. O fato mais comentado no lugar se relaciona ao vestido de casamento da senhora Mariinha Rodrigues. De acordo com os informantes que contribuíram para esta pesquisa, a peça possuía onze varas de tecido, coisa que ninguém tinha visto na região.

A comunidade de Alto Bonito possui a especificidade de apresentar uma maneira de falar que difere seus moradores dos outros quilombolas do território, sobretudo aqueles que se encontram entre as pessoas de mais idade, sendo possível perceber em suas formas de expressão oral a característica do que seus habitantes mais velhos chamam de “gemido”, sendo muito comum dizer e ouvir falar que os quilombolas do Alto Bonito “é um povo que geme”.

1.1.3 A COMUNIDADE DE QUEBRA FACÃO

A comunidade de Quebra Facão, mediante os relatos oferecidos a este estudo por seus moradores, constituiu a segunda localidade a ser povoada no perímetro quilombola de Tijaçu. Localizada do outro lado da Rodovia Lomanto Júnior, fica a dois quilômetros da Vila-centro.

O nome da comunidade faz referência à grande quantidade de árvores existentes no local e chamada por estes quilombolas sertanejos de “árvores quebra facão”, em função da resistência que apresentam, permitindo que sejam usadas até hoje como lenha para as padarias e para as fogueiras ainda realizadas por seus moradores.

Antes de chegar à comunidade de Quebra Facão, passa-se por uma localidade que os quilombolas denominam de Muquila, composta por quatro casas onde vivem quatro famílias.

Segundo os informantes desta pesquisa, um dos primeiros habitantes a fixar moradia nessa localidade e constituir família no local foi o senhor Rosendo José dos Santos, que se casou com a senhora Filipa dos Santos. Eles tiveram sete filhos: Deoclécio dos Santos, Almerinda Vitalina dos Santos, Idalina dos Santos, Cantídio dos Santos, Maria dos Santos, Mariinha dos Santos e Agripina dos Santos.

A senhora Agripina dos Santos é a moradora de mais idade residente na comunidade. Sua lucidez, apesar dos noventa anos, lhe permite narrar a história do lugar, sendo sempre

assistida nessas narrativas por seus filhos, genros, noras, netos, bisnetos e tataranetos que desejam ouvir e aprender as mesmas histórias, cômicos de que mais tarde competirá a eles o ato de contar a história de seu lugar de origem. A senhora Agripina se orgulha em mencionar que todas as famílias que existem atualmente em Quebra Facão nasceram dela e que todos eles são a sua própria família - fato que é confirmado por aqueles que respeitosa e a ouvem. Além dos filhos que gerou em seu próprio ventre, dona Agripina ainda adotou e criou a senhora Valdete Matilde do Nascimento, apontada por seus parentes como a sucessora de sua mãe, segundo as narrativas do grupo.

A comunidade de Quebra Facão se constitui em um pequeno povoado composto por trinta e seis famílias. As casas se estruturam próximas umas as outras visto que todos os moradores estão ligados por laços de parentesco. Boa parte das casas apresentam uma estrutura física construída à base de blocos e cimento, apenas a minoria das residências conserva uma estrutura à base de adobe. Quase todas as residências da comunidade de Quebra Facão apresentam na frente um alpendre onde os moradores conservam bancos feitos da madeira das árvores que dão nome ao lugar.

É parte integrante da infraestrutura dessa comunidade uma escola - que funciona durante o dia oferecendo o Ensino Fundamental I, na modalidade de classe multisseriada e a noite recebendo os moradores jovens e adultos da localidade, que são alunos do Projeto EJA – Educação de Jovens e Adultos, duas cisternas, uma casa de farinha e uma igreja católica que tem como padroeiro o Senhor Bom Jesus da Lapa, reverenciado pelos fiéis, no dia seis de agosto, através de missa, procissão e leilões que costumam animar a festa religiosa.

A principal atividade econômica da comunidade provém da agricultura, praticada em caráter de subsistência, e da venda de feixes de lenha para as padarias locais e regionais.

1.1.4 A COMUNIDADE DE ÁGUA BRANCA

A comunidade de Água Branca foi formada a partir das migrações realizadas pelos moradores da comunidade de Quebra Facão. De acordo com o relato evidenciado pelos sujeitos quilombolas que atuaram como informantes desta pesquisa, o primeiro morador da localidade de Água Branca foi o senhor Cantídio dos Santos, que se mudou juntamente com a

sua família para essas terras, que ofereciam uma abundância de caça e abrigava um lajedo⁹ existente até os dias atuais e que, quando se encontra cheio, é muito procurada para o consumo humano, devido à qualidade da água, bem como nos momentos de estiagem atravessados pela comunidade, quando a água existente no Lajedo da Água Branca é utilizada para saciar a sede dos animais.

Em Água Branca, apenas a senhora Ana dos Santos e sua família são moradores fixos da localidade. Os demais moradores mudaram-se para a Vila-centro de Tijuáçu, mantendo apenas suas roças nesta localidade, uma vez que mantêm como principal atividade econômica a agricultura.

A comunidade de Água Branca possui o serviço de luz elétrica desde o ano de 1992, os serviços de água encanada a partir do ano de 2008 - ambos chegaram à comunidade como mais uma conquista da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências – AAQTA.

1.1.5 A COMUNIDADE DE OLARIA

A comunidade de Olaria encontra-se apenas a um quilômetro de distância da Vila-centro de Tijuáçu, com a qual mantém uma interação cotidiana em função da proximidade geográfica e da procura pelos serviços de saúde e educação escolar, que são oferecidos em Tijuáçu.

A comunidade de Olaria é uma das menores comunidades e deste território quilombola, apresentando apenas oito residências que abrigam dezessete famílias, todas pertencentes ao núcleo dos Rodrigues.

De acordo com os relatos de memórias coletados nesta pesquisa, os moradores mais antigos da comunidade, de quem os quilombolas se recordam trata-se do casal Bernardo Rodrigues da Silva e Olaída Rodrigues da Silva. Chegaram, posteriormente, os senhores: Aceno Rodrigues da Silva e Geraldo Rodrigues da Silva para fixar residência no local. Todos os moradores da comunidade assinam o sobrenome Rodrigues da Silva - são todos parentes e formam uma única família.

⁹ . Forma como os sertanejos denominam os tanques de pedra cuja formação é natural, dispensando o trabalho das mãos humanas. Fotos desse tipo de tanque nos anexos desta pesquisa.

A comunidade de Olaria, que possui este nome em função da existência de um tanque que costumava represar um barro muito utilizado para a fabricação de potes e tijolos de adobe, apresenta uma estrutura física constituída apenas pelas casas de seus moradores - a maioria dessas residências ainda é construída à base de adobe, alguns quintais são murados, outros são de uso comum, facultando o trânsito dos moradores que se percebem como uma única família. A localidade também possui os serviços de luz elétrica, água encanada. Todas as residências possuem banheiro- em algumas, este cômodo se localiza fora das casas, geralmente, no quintal.

Os quilombolas que habitam esta comunidade vivem economicamente da prática da agricultura e da fabricação de vassouras de palha e esteiras, envolvendo todo o dia na produção desta segunda atividade.

Quando acontece a migração de alguma família da localidade, de acordo com os informantes ouvidos por este estudo, isto se dá principalmente em função de casamentos estabelecidos com outros quilombolas da Vila-centro de Tijuacu ou da comunidade de Alto Bonito.

No que diz respeito à religiosidade, toda a população da comunidade de Olaria se declara católica e devota de São Benedito - assistem às missas na igreja católica da Vila-centro de Tijuacu e realizando novenas e terços nas casas dos moradores.

1.1.6 A COMUNIDADE DE LAJINHA

Trata-se também de uma das localidades mais próximas à Vila-centro de Tijuacu, separando-se desta apenas por um quilômetro e meio de distância. A comunidade de Lajinha, de acordo com os informantes desta pesquisa, já foi dividida em duas: Lajinha de Cima e Lajinha de Baixo, Porém, em função da migração dos seus moradores para a Vila-centro de Tijuacu, no momento presente, são encontradas nesta localidade apenas sete famílias que aí mantêm residência fixa.

É frequente a migração dos moradores das outras comunidades para a Vila-centro de Tijuacu, principalmente motivada em função da busca por melhores condições de vida, no que se refere ao acesso à educação e saúde, visto que, mesmo ao mudarem e estabelecerem moradia fixa em Tijuacu, continuam cotidianamente trabalhando nos roçados que mantêm nas suas comunidades de origem.

A maioria das casas da comunidade de Lajinha conserva uma estrutura antiga formada à base de adobe - apenas uma casa apresenta uma estrutura de taipa. Nenhuma das residências desta localidade possui banheiro, embora disponham do serviço de água encanada e luz elétrica desde 2002, configurando-se como mais uma conquista dos moradores através da AAQTA. É possível também divisar em uma das casas da comunidade uma espécie de bar que funciona na própria residência do morador e mantém uma mesa de sinuca, que constitui uma diversão para os quilombolas durante a noite e nos finais de semana.

Os primeiros moradores da comunidade de Lajinha foram Joaquim e Nanora, casal que que desbravou estas terras quando ainda eram mata fechada.

O nome da localidade advém da existência de um açude e um enorme lajedo aos quais os quilombolas recorrem em busca de água até os dias atuais, porém, atualmente, não mais para o consumo humano e sim, apenas para o consumo dos animais.

O açude e o lajedo da localidade funcionaram durante muito tempo como ponto de encontro das lavadeiras deste território quilombola. Em tempos passados, foi vigiado e chegou a ser fechado pelo senhor João Pedro - um morador da comunidade - que exigia cuidado no uso da água e respeito pela natureza.

Todos os moradores da comunidade se definem como católicos - motivo por que, durante muito tempo, foi mantida a tradição do reisado, que foi se extinguindo com a morte de seus organizadores. Como não existe igreja em Lajinha, os fiéis assistem às missas na Vila-centro de Tijuçu e também cultuam como padroeiro São Benedito.

As crianças, adolescentes e adultos que desejam estudar se deslocam para Tijuçu através do transporte mantido pela prefeitura, pois não há escola na comunidade e a única professora do lugar, a senhora Ozenir Rodrigues Bispo, com o intuito de ministrar suas aulas também necessita deslocar-se para a Vila, onde sua sala de aula é mantida no Centro Cultural, construído pelos próprios quilombolas, sem o incentivo do Município de Senhor do Bonfim.

Durante nossas conversas informais, a professora Ozenir Rodrigues Bispo relatou que as carteiras utilizadas por seus alunos foram providenciadas pela Associação Quilombola, devido ao fato de que a Secretaria Municipal de Educação de Senhor do Bonfim recusou-se a ajudá-la, abstendo-se, até mesmo, de ceder o quadro-verde que funcionaria como lousa.

No que diz respeito à renda econômica, todos os moradores da comunidade de Lajinha adotam como atividade a agricultura - até mesmo a professora Ozenir que exerce suas atividades docentes apenas no período noturno. É interessante relatar que, nas localidades sertanejas, muitos professores adotam também esta atitude de associarem ao exercício do

magistério outras atividades econômicas, sobretudo a atividade agrícola, atuarem como vendedores (as) em feiras ou ainda possuírem um comércio na própria comunidade.

1.1.7 A COMUNIDADE DE CAPIM/CANAFISTA

Esta comunidade foi formada a partir da migração de famílias da comunidade de Lajinha. De acordo com os relatos orais coletados para esta pesquisa, o primeiro morador do lugar foi o senhor Pedro Botelho dos Santos.

Nas conversas informais mantidas com os descendentes deste ancestral fundador, eles afirmam que o senhor Pedro foi escravo e trazia nas mãos as marcas de correntes e nas costas marcas de pirata. É lembrado como um homem destemido e muito respeitado por seus companheiros, tendo realizado, inclusive a façanha de viajar a pé para o sul da Bahia quantas vezes se fizessem necessárias e por motivos de ordem diversa.

No momento atual esta comunidade abriga apenas terras de cultivo agrícola, uma vez que seus antigos moradores não são mais fixos no local, devido ao fato de terem migrado para a Vila-centro de Tijuacu em busca de melhorias na qualidade de vida. Dessa forma, frequentemente os antigos moradores desta localidade realizam o trajeto entre a Vila-centro e seus roçados.

1.1.8 A COMUNIDADE DE BARREIRA

A comunidade de Barreira dista quatro quilômetros da Vila-centro de Tijuacu encontrando-se já nas dependências demográficas do município de Filadélfia. O nome da localidade faz referência ao nome da fazenda Barreira que, segundo os informantes que colaboraram com este estudo, recebeu esta denominação em função da quantidade de barro existente no local.

Os quilombolas desta comunidade relataram sobre as dificuldades que enfrentaram, no que se refere às imposições a eles direcionadas pelo fazendeiro que possui a maior parte das terras da comunidade, o senhor Antônio Jambeira, herdeiro do senhor João Jambeira, cujas façanhas negativas serão posteriormente apresentadas neste estudo.

Segundo as narrativas expressas pelos informantes, o senhor Antônio Jambeira ordenou aos seus trabalhadores que erigissem cercas de madeira nos quintais das casas dos moradores da comunidade de Barreira para que não adentrassem nas dependências de sua fazenda, cerceando a locomoção, até mesmo, das crianças. Este comportamento por parte do fazendeiro aconteceu recentemente (fevereiro de 2013), sem nenhum motivo aparente e isto, mesmo tendo em vista que, na comunidade de Barreira, os quilombolas possuem apenas de um a dois metros de quintal.

Mesmo com sua liberdade de locomoção nas terras da comunidade limitada em função das medidas adotadas pelo atual fazendeiro, os quilombolas continuam adentrando na propriedade e desenvolvendo suas atividades extrativistas, a exemplo da coleta de ouricuri, umbu, palha e, até mesmo, água, quando este líquido se torna mais escasso em outras fontes.

As casas da comunidade de Barreira se estruturam ao redor de um campo de futebol construído pelos moradores e funcionando como sua principal atividade de lazer. Quase todas as construções são feitas à base de adobe, existindo poucas casas construídas de bloco.

Pode ser divisado como parte integrante da infraestrutura desta comunidade que abriga trinta e cinco famílias, os seguintes elementos: um orelhão, uma cisterna construída pela igreja Católica, uma instituição construída pela prefeitura Municipal de Filadélfia onde, no ano de 2012, funcionou o Projeto Pet, que envolve crianças e adolescentes da comunidade e uma igreja Católica. Não existem escolas, razão pela qual os alunos costumam se deslocar para desenvolver seus estudos no povoado de Aguadas e ou na cidade de Filadélfia.

Todos os moradores desta localidade se declaram católicos, tendo como padroeira Nossa Senhora Aparecida. A imagem da santa é encontrada em todas as casas da comunidade em altares que seus moradores erigem nas salas, atitude tão a gosto da decoração dos sertanejos. Os quilombolas reverenciam sua padroeira no dia doze de outubro, por meio de missa e procissão, da qual costumam participar outros devotos que residem no perímetro quilombola de Tijuaçu.

Os primeiros moradores da comunidade lembrados pelos quilombolas que ali residem foram: Augusto Rodrigues e sua esposa, Leopoldina Rodrigues. Todos os moradores da comunidade de Barreira assinam têm o sobrenome Rodrigues.

No momento atual, o cemitério desta comunidade que no passado, foi alvo da violência do antigo fazendeiro João Jambeira, encontra-se murado mediante os esforços empreendidos pela líder comunitária, Helena Conceição Rodrigues, que conseguiu interceder para este fim junto à Prefeitura Municipal de Filadélfia.

Segundo os moradores da comunidade, não é fácil conseguir qualquer benefício junto à Prefeitura Municipal de Filadélfia, porque os representantes municipais sempre alegam que “se a comunidade é quilombola, busquem as coisas através de sua associação”.

Os quilombolas possuem como fonte de renda apenas a produção de vassouras e esteiras, visto que, mesmo em caráter de subsistência, estão impedidos de praticar atividades agrícolas, já que não possuem mais que dois metros de quintal para plantar, colher, não podendo nem mesmo criar galinhas ou porcos, hábito comum no sertão e muito utilizado como fonte de renda de muitas pessoas.

A comunidade de Barreira possui serviços de luz elétrica e água encanada, o que veio a melhorar a qualidade de vida de seus moradores. Entretanto, a maioria dos homens casados desta comunidade, por conta das condições de sobrevivência, precisam deixar suas famílias e buscar trabalho nas cidades de Barreiras, Juazeiro e Luís Eduardo Magalhães. Devido às atividades que realizam nessas cidades, muitos regressam as suas casas com problemas de saúde.

1.1.9 A COMUNIDADE DE MACACO I

A comunidade de Macaco I fica localizada nos limites da cidade de Pindobaçu, distante oito quilômetros da Vila-centro de Tijuaçu. Durante muito tempo, de acordo com o relato oferecido pelos quilombolas, a comunidade foi chamada pelo nome de Santana, ainda sendo referida desta forma pelos habitantes de maior idade.

A comunidade recebeu o nome de Santana devido ao seu primeiro morador, o senhor Joaquim Vicente Santana que, juntamente com sua esposa, a senhora Pedrina Lima Santana, deram início ao povoamento da localidade, na qual tiveram o cuidado de construir a única igreja Católica existente até os dias atuais, erigida em homenagem à padroeira da comunidade, a Senhora Santana, muito reverenciada por seus fiéis.

A comunidade de Macaco I é uma das mais populosas no demarcado território quilombola de Tijuaçu, formando, inclusive, um pequeno povoado constituído por setenta famílias, quase todos considerados parentes e tendo o mesmo sobrenome: Santana.

A maioria das casas da comunidade foi construída à base de blocos e cimento, existindo ainda algumas construções antigas de adobe. As residências são amplas e algumas possuem alpendres na frente, outras são gradeadas e todas possuem calçadas- algumas, bastante altas.

Em todas as residências são encontradas cisternas utilizadas para armazenar água, um jeito de a comunidade se prevenir no tempo de estiagem.

Compondo a infraestrutura desta comunidade, existe uma igreja católica, evidenciando a religião praticada por todos os seus moradores e uma escola municipal, que funciona nos turnos matutino e vespertino, oferecendo Educação Infantil e Ensino Fundamental I em regime de classes multisseriadas. É importante mencionar que as educadoras que ministram aulas na Escola Municipal de Macaco são moradoras desta localidade.

As crianças e jovens da comunidade que desejem completar seus estudos necessitam deslocar-se para o distrito de Caldeirão do Mulato, pertencente ao município de Pindobaçu. A comunidade de Macaco I possui um tipo de solo de coloração vermelha, diferente do solo das demais comunidades. É também a única do território quilombola de Tijuaçu de onde não é possível avistar o morro do Lagarto.

Os informantes desta pesquisa ressaltaram que a comunidade mantém tradição do reisado e dos bumbeiros¹⁰. Todos os moradores se dedicam à atividade agrícola e alguns possuem uma pequena criação de gado. Os homens mais jovens costumam se deslocar para os grandes centros urbanos do país, principalmente para a cidade de São Paulo, em busca de empregos que lhes permitam ganhar o suficiente para retornar à comunidade e realizar melhoramentos em suas residências.

1.1.10 A COMUNIDADE DE MACACO II

A comunidade de Macaco II, que já se chamou no passado Catuaba de Anório, é formada por quilombolas que migraram da comunidade de Macaco I.

Para os quilombolas que colaboraram com este estudo, o casal Roberto Sérgio Santana e Genésia Generanda de Jesus foram os primeiros moradores da localidade. Os habitantes da comunidade que são, na maioria, parentes e compadres encontram-se distribuídos em trinta e cinco famílias, compondo os núcleos familiares Santana e Silva.

A maioria das casas em torno da Igreja de São Pedro, a única da localidade. São residências espaçosas constituídas em adobe; algumas, mais modernas, erigidas à base de

¹⁰ Trata-se de religiosos católicos que tocando os instrumentos de pífano e pandeiro anualmente saem de uma das residências da comunidade levando o andor com a imagem da Senhora Santana para a igreja católica local, onde, após a chegada da procissão, acontecem a missa e alguns batizados.

bloco e gradeadas na frente. Em boa parte das casas não existe banheiro - algumas palhoças nos quintais são utilizadas pelos moradores como sanitário. Os quintais, na maioria, são comuns às famílias que aí residem, sendo uns poucos divididos por cercas de arame.

No que diz respeito à religiosidade, os quilombolas da comunidade de Macaco II encontram-se divididos entre católicos que congregam na Igreja de São Pedro e evangélicos assembleanos, que congregam na Igreja da Comunidade de Conceição. É importante ressaltar que existe uma proximidade entre estas comunidades, o que facilita o deslocamento dos religiosos, podendo ser avistadas da comunidade de Macaco II as residências de propriedade dos moradores da Conceição.

Como não há escolas em Macaco II as pessoas em idade escolar deslocam-se até o povoado de Aguadas, pertencente ao município de Filadélfia, com o propósito de desenvolverem seus estudos, pois a comunidade encontra-se localizada nos domínios territoriais deste município.

É uma particularidade desta comunidade o hábito de seus moradores constituírem girais para lavarem e secarem suas louças. Assim como se verifica nas demais comunidades pertencentes ao perímetro quilombola de Tijuacu, a comunidade de Macaco II também dispõe do serviço de água encanada e luz elétrica e todos os quilombolas que aí residem são agricultores.

1.1.11 A COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO

Na comunidade de Conceição, que dista sete quilômetros da Vila-centro de Tijuacu, existe a formação de um pequeno povoado que concentra as cinquenta e cinco famílias que aí residem.

O nome da comunidade encontra-se associado à existência da fazenda Conceição, propriedade de um político da cidade de Antônio Gonçalves. Segundo os quilombolas que colaboram com este estudo, os primeiros moradores da comunidade foram os senhores Anório Rodrigues e José Inácio Barbosa, vindo este segundo da cidade de Itiúba.

Agrupadas em forma de círculo, a maioria das casas são construídas de adobe e outras construções mais recentes são feitas à base de bloco e cimento. Em boa parte dessas casas existem cisternas construídas pela iniciativa dos próprios quilombolas e nenhuma possui banheiro interno.

A comunidade dispõe de uma escola que funciona em regime de classe multisseriada, atendendo aos alunos nos turnos matutino e vespertino. Os estudantes que cursam o Ensino Fundamental II, dirigem-se à Vila-centro de Tijuacu onde realizam seus estudos. A igreja evangélica Assembleia de Deus, que recebe, além dos quilombolas da Conceição, os fiéis da comunidade de Macaco II, também compõe a infraestrutura local. Os atores sociais católicos costumam se deslocar para assistirem as missas na igreja católica de São Pedro da comunidade de Macaco II e adotam como padroeiro o Senhor Bom Jesus da Lapa.

A comunidade de Conceição possui os serviços de água encanada e luz elétrica. Todos os quilombolas que aí residem vivem da agricultura - algumas mulheres costumam trabalhar também como diaristas na cidade de Senhor do Bonfim.

1.1.12 A COMUNIDADE DE QUEIMADA GRANDE

A comunidade de Queimada Grande encontra-se situada nos domínios demográficos do município de Senhor do Bonfim, distando apenas três quilômetros da Vila-centro de Tijuacu.

No momento atual a comunidade abriga, de maneira permanente, apenas quatro famílias, visto que as demais migraram para a Vila-centro em busca de melhorias na qualidade de vida, preferindo residir na Vila e trabalhar nos seus roçados na comunidade.

Os primeiros moradores da comunidade de quem os quilombolas afirmam se recordar são Vicenta Damasceno e João Emídio Damasceno. O nome da comunidade, segundo os informantes desta pesquisa, se relaciona a um evento trágico ocorrido no passado de seus ancestrais, isto é, um incêndio que até hoje não se sabe como se originou. Segundo as narrativas coletadas, o fogo se alastrou rapidamente, sem que fossem tomadas as providências necessárias para contê-lo, devido à situação de abandono social em que viviam os moradores desta comunidade, o que acabou ocasionando uma queimada grande.

De acordo com os quilombolas, nesse período, apenas três pessoas conseguiram permanecer na comunidade, o casal João e Vicenta Damasceno e a senhora Karolinda Damasceno.

Atualmente, na comunidade, podem ser encontradas construções simples, feitas de adobe, onde vivem os moradores, como também alguns ranchos de taipa já abandonados pelos demais quilombolas que agora residem na Vila-centro, mantendo na localidade apenas seus roçados.

Os quilombolas informaram que, no passado, já houve a presença de uma igreja Católica no local, tendo como padroeiro o senhor São João, muito reverenciado pelos habitantes do lugar, que se declaram todos católicos. As memórias ouvidas relatam que a festa religiosa de São João era celebrada com missa, zabumba e leilão da qual participavam outros quilombolas do perímetro de Tijuacu. É também enfatizado por estes quilombolas sertanejos que, em momentos passados, a comunidade manteve a tradição do Samba de Roda, que foi se perdendo com a morte dos seus organizadores.

Não existe a presença de escolas na comunidade de Queimada Grande, que obriga o deslocamento para Vila-centro de Tijuacu de todos os que desejam estudar.

1.1.13 A COMUNIDADE DE PATOS

As primeiras casas que dão acesso à comunidade de Patos, também chamada, no passado, de Várzea dos Patos, podem ser avistadas às margens da BR 407, de onde é preciso adentrar por uma estrada vicinal por cerca de cinco quilômetros para se chegar até o povoado onde residem dezesseis famílias.

A comunidade de Patos recebeu este nome devido ao fato de, mesmo em dias atuais, poder ser encontrada uma grande quantidade de patos selvagens, principalmente ao amanhecer e entardecer, nadando nas pequenas aguadas que se espalham pelo local. Segundo os moradores mais velhos, em tempos de estiagem estes animais foram muito utilizados para saciar a fome dos quilombolas.

As casas encontram-se agrupadas de maneira desordenada, algumas apresentando construções mais antigas e conservando as velhas estruturas de adobe, ao passo que outras são residências mais recentes e, portanto, construídas a base de bloco e cimento. A exemplo do que acontece nas outras comunidades, a comunidade de Patos também conta com serviços de água encanada e luz elétrica. Todos os moradores vivem da agricultura de subsistência e, como não há escolas na comunidade, é comum os estudantes se deslocarem para a cidade de Filadélfia, onde realizam seus estudos, já que a comunidade se encontra nos limites que demograficamente pertencem a esta cidade.

Segundo as informações trazidas pelos atores sociais que contribuíram para este estudo, o primeiro morador da comunidade foi o senhor José Patrício, muito conhecido e procurado pelos moradores do perímetro quilombola de Tijuacu que, em diversos momentos, recorreram

ao José Patrício, solicitando seus benzimentos e orações para os males diversos, pois ele também é descrito pelos quilombolas como tendo sido curador e guia espiritual desta comunidade.

1.1.14 A COMUNIDADE DE ANACLETO

Da Rodovia Lomanto Júnior é possível avistar as terras da comunidade de Anacleto. Para chegar lá, entretanto, necessário se torna deixar a BR e adentrar cerca de um quilômetro por uma estrada vicinal.

Ao contrário do que se verifica nas outras comunidades, em Anacleto a epiderme de seus moradores é clara, mas todos se percebem como negros e se afirmam como quilombolas, inclusive, enfrentam problemas com seus vizinhos da comunidade da Lagoa do Coxo, em função de sua militância política na questão quilombola.

De acordo com os quilombolas ouvidos, a comunidade possui este nome por causa do nome próprio do seu fundador. O segundo morador da comunidade é lembrado como sendo o senhor João Manuel dos Santos. Ao todo, vinte e oito famílias residem em Anacleto.

As residências que aí se localizam, algumas são construções antigas feitas de adobe e não possuindo piso; outras são mais atuais, constituídas a base de bloco e todas possuem banheiro.

A comunidade não possui escolas, razão pela qual os estudantes se deslocam para realizar seus estudos na comunidade de Lagoa do Coxo, na Vila-centro de Tijuacu, ou na cidade de Senhor do Bonfim.

Em relação á religiosidade, os quilombolas da comunidade de Anacleto são católicos e evangélicos assembleanos. Os católicos costumam assistir às missas na comunidade de Lagoa do Coxo ao passo que os evangélicos congregam na igreja local.

Segundo os relatos de memórias coletados, no passado a comunidade adotou como atividade cultural a tradição do reisado, que não é muito encenada no momento presente.

Em Anacleto também estão disponibilizados os serviços de água encanada e luz elétrica e, no que se refere às atividades econômicas, muitos homens da comunidade se deslocam para atuar nas frentes de serviço oferecidas em cidades como Juazeiro e Luís Eduardo Magalhães, uma vez que todos (as) são agricultores.

1.1.15 A COMUNIDADE DE LAGOA DO COXO

A comunidade de Lagoa do Coxo, também conhecida como Recoxo, constituiu, no passado, local de extrativismo para os atores sociais pertencentes ao tronco velho da nação dos Pretos do Lagarto.

Segundo as informações prestadas pelos informantes desta pesquisa, geralmente eram retirados dessas terras produtos, como: ouricuri, palha, umbu, sendo também um espaço muito procurado pelos moradores de Tijuaçu, como local propício para a caça e, principalmente, foram terras para onde acorriam os quilombolas em busca de água para consumo humano e ou animal, devido à presença do rio do Coxo.

Os relatos orais dos quilombolas trazem a informação de que inclusive, existiu, durante muito tempo na comunidade de Recoxo, uma cacimba cavada pelos “homens negros do Lagarto”.

A expressão “homens negros do Lagarto” é utilizada neste texto porque a comunidade de Recoxo, embora esteja localizada nas terras que pertencem ao perímetro quilombola de Tijuaçu, não é percebida pelos seus moradores como sendo uma comunidade quilombola. A razão desta situação reside no fato de que atualmente nesta comunidade seus moradores são descendentes de três núcleos familiares: Murici, Gama e Evangelista, sobrenomes bastante conhecidos na região de Senhor do Bonfim como pertencentes a famílias de elevado poder aquisitivo e prestígio social, sobretudo em função de serem grandes detentoras de terras e outros imóveis.

Os atuais moradores do Recoxo se definem como povos não quilombolas, afirmam que são brancos, alegam que, em sua maioria, possuem olhos azuis e cabelos ditos lisos e também não gostam de ser confundidos com caboclos. Fazem questão de deixar claro que são agricultores e trabalhadores comuns, não se envolvem com questões de terra, não concordam com a militância quilombola e, no momento presente, não mantêm boas relações com os moradores da comunidade de Anacleto, uma vez que estes se definem como sujeitos quilombolas.

As famílias que residem na comunidade de Recoxo afirmam que não gostam de estreitar relações com as pessoas de Tijuaçu, embora já tenham sido convidadas em diversas ocasiões para participar de reuniões na sede da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuaçu e Adjacências - AAQTA -. Recusam-se a receber visitas dos moradores de Tijuaçu quando o motivo da visita encontra-se associado à causa quilombola, existindo francamente explicitada

uma hostilidade entre as famílias residentes nesta comunidade e as demais que habitam o território quilombola.

No ano de 2012, duas pessoas desta comunidade procuraram a direção da AAQTA, com o propósito de melhor entender a causa defendida por esta instituição, entretanto não houve progresso ou adesão à luta dos quilombolas. As famílias residentes nesta comunidade desprezam até mesmo o recebimento das cestas básicas, benefício partilhado por toda a população que habita o perímetro quilombola de Tijuacu.

As casas existentes nesta localidade formam um pequeno povoado cuja infraestrutura apresenta uma escola municipal que funciona em regime de classe multisseriada, e uma igreja católica. A comunidade também conta com os serviços de água encanada e luz elétrica. É de fácil acesso, podendo, inclusive, ser divisada da BR 407.

Após esta breve descrição das comunidades que compõem o perímetro quilombola de Tijuacu, vale ressaltar como ocorreu o processo de expropriação das terras pertencentes aos quilombolas herdeiros dos princípios e valores da nação dos Pretos do Lagarto, de modo que fiquem conhecidos os atos de violência física e simbólica que estes sujeitos ressemantizados enfrentaram no passado e como esses atos influenciaram diretamente na atual configuração deste grupo étnico.

1.2 A EXPROPRIAÇÃO DAS TERRAS QUILOMBOLAS...

Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra?
Essa ideia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los?
Cada pedaço desta terra é sagrado para o meu povo.
(ALVES, 2009, p. 79)

A terra adquire uma conotação sagrada para os homens que diariamente “lidam” com ela e daí retiram seu sustento. Quando a terra produz tudo ao seu redor se modifica: os campos se alegram, os animais garantem o alimento e o homem reafirma a força individual e coletiva de sua existência, seja no aspecto afetivo (por que a atividade de lidar com a terra implica um exercício de amor) seja no aspecto econômico. Uma boa colheita é sinônimo de uma vida melhor mediatizada pela venda da produção. E, para se ter uma boa colheita, é preciso pedir a Deus, rezar para os santos e agradecer a terra, reverenciá-la, respeitá-la e, assim,

obter como resposta os favores dos seus frutos que, além de infundir o respeito, a dignidade e a autoestima ao homem que a cultiva, é capaz de assegurar a sobrevivência, ou melhor, a sua vivência - os sertanejos sempre esclarecem que na roça se vive, ao passo que na cidade se sobrevive.

Nas comunidades quilombolas rurais, as histórias de vida de seus habitantes, suas expectativas, tudo perpassa pela terra. De acordo com os quilombolas, principalmente os indivíduos mais velhos, que alicerçam o grupo pela veia da memória, oferecendo-lhe uma perspectiva histórica de seu lugar na sociedade, para nascer e ter uma vida decente, um homem necessita de terra na qual vai plantar e colher; para morrer e ter um enterro digno um homem precisa de sete palmos de terra para guardar o seu corpo e preservar a sua alma, por que a alma de um homem da terra sempre fica por ali ajudando seus parentes. Um exemplo ilustrativo deste princípio é o hábito existente de se conservar nos altares erigidos em homenagens aos santos protetores, a imagem de entes queridos que já faleceram.

É muito comum, nas comunidades negras rurais e entre os sertanejos que os parentes sejam enterrados próximo a casa de morada, debaixo de alguma árvore da qual o indivíduo gostava. O cemitério também é chamado de solo sagrado e lá apenas são recebidos aqueles que durante sua trajetória terrena respeitaram e valorizaram a vida. Os suicidas, geralmente, não são levados para a igreja - seus corpos são enterrados do lado de fora do cemitério; os filhos maus, a terra também recusa-se a recolhê-los e eles transformam-se no que as pessoas de mais idade denominam de corpo seco¹¹, se a terra é importante para celebrar a vida, seu auxílio também é necessário para solidarizar-se com a morte. Para os anciãos que contam e recontam suas histórias vividas ou escutadas e retransmitidas através das gerações, essas crenças se reafirmam a cada dia, tornando-os sinônimo de respeito por parte dos mais jovens que, posteriormente, galgarão sua posição hierárquica como narradores da memória ancestral do grupo.

Durante a realização desta pesquisa, em conversa com o senhor Valmir dos Santos, que no momento presente atua como coordenador geral das comunidades quilombolas da região, já exerceu diversos mandatos na função de presidente da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuacu e Adjacências - AAQTA - ocupando atualmente o cargo de vice-presidente e que, ao lado da senhora Ilca dos Santos, figura como uma das pessoas mais importantes na

¹¹ Trata-se de um fenômeno que por vezes acontece nas localidades negras rurais e sertanejas de forma geral. O corpo do indivíduo seca e não é consumido pelas entranhas da terra. Tornando-se lenda e sendo objeto constante de advertência dos pais quando os filhos lhes fazem alguma desobediência e ou malcriação. As pessoas acreditam de fato e temem este tipo de situação que dizem acometer os filhos que procedem de uma maneira maléfica em relação aos seus familiares.

comunidade quilombola de Tijuáçu, no que se refere à trajetória empreendida pelo ato de seu reconhecimento e certificação junto à Fundação Cultural Palmares, a busca pelos direitos e aquisição de benefícios que, desde o ano 2000, chegam à comunidade, tanto para a Vila quanto para as localidades do interior. Dialogando sobre o significado de ser quilombola, Valmir afirmou que “a identidade quilombola em Tijuáçu perpassa pela terra”. Aqui a sabedoria do homem comum vai ao encontro do conhecimento científico, respaldando o que é defendido pela pesquisadora Glória Moura (2007), quando ela enfatiza que, nas comunidades negras rurais, a afirmação da identidade perpassa pelo valor da terra e pela especificidade de suas expressões culturais. Fato que é totalmente compreensível porque contar a história deste quilombo contemporâneo significa declarar também sobre o desejo nutrido pelos habitantes do “tronco velho do Lagarto” em possuir e preservar o seu “pedaço de terra”. Esta preocupação já se fazia presente na atitude da matriarca fundadora da comunidade, a senhora Mariinha Rodrigues, quando loteou entre os seus dez filhos, a extensão das terras que compreendem as catorze comunidades que constituem o perímetro quilombola de Tijuáçu e ainda a Vila-centro. Gesto proveniente de uma mulher dotada de espírito guerreiro e capacidade de projetar o futuro de modo a assegurar comodidade a sua descendência.

As terras dos moradores do Lagarto não foram compradas, não foram doadas - foram povoadas secularmente por seus ancestrais, o que lhes garante o seu pertencimento, pois junto com a atitude de lavrar a terra, construíram sua história com o devido respeito às leis da natureza e ao trabalho realizado pelos seus antepassados, visto que sempre souberam que o respeito pela terra que os abrigava e pelos ancestrais constituem o segredo da sua resistência, uma vez que pelos recursos que ela, a terra, oferecia, ali ficaram, ali se instalaram, ali produziram e também procriaram, em uma história de luta e resistência que dura até os nossos dias.

A comunidade de Tijuáçu se encontra perante o Incra, na chamada fase de contestação, no que diz respeito à legalização fundiária das terras povoadas pelos seus antepassados e usurpadas pelos fazendeiros que as invadiram.

É importante enfatizar neste estudo que as terras dos quilombolas tijuáçuenses não viraram terras de preto, terras de santo ou terras de parente, após a promulgação do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT, conforme demonstram prazer em mencionar os indivíduos pouco esclarecidos, em relação ao ressurgimento das comunidades quilombolas, a exemplo dos fazendeiros, comerciantes do lugar que se afirmam como brancos e ainda alguns políticos bonfinenses que não simpatizam com a causa

quilombola, que tem impulsionado diariamente a vivência deste grupo étnico. Ao contrário, as terras de Tijuaçu sempre foram identificadas na região em que se encontram localizadas como “as terras dos Pretos do Lagarto”. Mesmo antes de poder se estabelecer como comunidade quilombola perante o Estado-nação e o entorno regional que a circunda, Tijuaçu sempre foi conhecida e divisada como sendo uma comunidade negra rural, tornando-se, portanto, na microrregião do município de Senhor do Bonfim, objeto de preconceito, descaso e pouca aceitação.

A segunda localidade a ser povoada em Tijuaçu conforme já foi mencionado nesta pesquisa, foi à comunidade de Quebra-Facão. As terras da comunidade de Quebra-Facão e da comunidade de Água Branca constituíram as primeiras a serem invadidas pela Fazenda Fojo e o primeiro fazendeiro a se apossar das terras da comunidade, segundo é narrado pelos quilombolas, foi o coronel Antônio Félix, por volta de 1910, cercando essas áreas e formando as dependências do que atualmente representa a Fazenda Fojo. Em sua atitude de invasão foi seguido pelo fazendeiro, também chamado de Coronel Zeca Jatobá, que, em 1927, invadiu as terras pertencentes à senhora Anísia Rodrigues e ao senhor Idelfonso Maurício Santana. Segundo relatam os colaboradores desta pesquisa, nesse conflito, o coronel levou preso muitos homens de Tijuaçu, que não se intimidaram e revidaram a sua atitude de invasão e apropriação das terras da comunidade.

Mediante as falas proferidas pelos moradores mais velhos deste quilombo contemporâneo, a exemplo de dona Anísia Rodrigues (bisneta da senhora Mariinha Rodrigues) e que atua como guardiã oficial da história do grupo, devido ao fato de ser a pessoa mais idosa residente em Tijuaçu. O Coronel Zeca Jatobá, que descende de uma família renomada e detentora de grande prestígio social em Senhor do Bonfim, ordenou aos seus trabalhadores, a quem os quilombolas se referem como sendo “capangas”, que derrubassem as casas, as cercas das roças e soltassem o seu gado ali dentro.

As terras ocupadas pela atual fazenda Fojo, no passado, funcionaram também como local de extrativismo para os habitantes do tronco velho do Lagarto. Os quilombolas ouvidos por esta pesquisa narram que o fazendeiro Antônio Félix e sua esposa Adelina Xisto Martins, muito citada na comunidade como Adelina Félix e tida como muito mais perversa que o coronel, apenas facilitavam a entrada dos atores sociais negros em suas terras para apanhar

água, lenha, ouricuri e ariri¹² a partir de um sistema de trocas por dia de serviço ou pedaços de terras que os quilombolas ainda possuíam e deviam ceder para o casal.

As terras reivindicadas no momento presente pelos habitantes de Tijuaçu são as que compõem as dependências das fazendas Fojo, Picada, Mastruz, Lagoa do Coxo e Tamanduá. Por volta de 1960, segundo é afirmado pelas memórias locais, com a implantação da BR 407 - Rodovia Lomanto Júnior - um número maior de fazendas se estabeleceu na região deste perímetro quilombola em função da valorização das terras do Lagarto e do aumento de seu valor no mercado.

A ocupação das terras de Tijuaçu se configura como um dos capítulos mais importantes de sua história, cujos impactos são sentidos pelo grupo até os nossos dias. Por isso, é importante se esclarecer que a perda e venda das terras por parte dos quilombolas, foi um fato que não aconteceu pela vontade própria destes. Ao contrário, foram constrangidos a proceder desta forma, a abdicar das terras de seus pais e avós, visto que foram direcionados, encurralados e obrigados a desfazer-se delas, ficando sem saída por não terem recebido qualquer tipo de apoio de ordem moral, social e econômica, precisando, portanto, se valer do único bem que possuíam para continuar existindo.

Embora o primeiro fazendeiro a se instalar na região o tenha feito por volta de 1910, foi no período de 1920 e 1930 que os membros da comunidade que puderam ficar em seu território, assistiram em grande proporção a invasão e usurpação de suas terras. O fato que subsidiou este acontecimento, assim como muitos outros fatos tristes enfrentados pelos sertanejos, como a mortalidade infantil, o esfacelamento de famílias, a mortandade de animais, o esvaziamento dos rios e córregos e o prejuízo total de sua produção que, na maioria das comunidades quilombolas é voltada apenas para a subsistência, é sempre apontado como - o fenômeno da seca. Embora assim ainda seja descrito, é sabido de todos que essa manifestação espontânea da natureza pode muito bem ser tratada com atitudes eficazes que permitam a convivência no sertão com o período de estiagem, como a construção de barragens dos rios perenes. Entretanto adotar este tipo de comportamento significa, para muitos políticos, abrir mão da possibilidade de continuar se perpetuando em seus respectivos cargos públicos, bem como aos seus sucessores que consolidam suas existências e posições de poder mediante a dor alheia. Dessa forma, em muitas localidades do semiárido, a seca

¹² De acordo com o dicionário Aurélio (1986), o vocábulo Ariri, procede da língua tupi Ari'ri; planta da família das palmeiras (*Diplothemium Campestre*) de fruto dupráceo amarelo, cuja parte carnosa tem propriedades febrífugas e de folhas forrageiras empregadas no fabrico de vassouras e trabalhos trançados. Material muito utilizado nas localidades sertanejas também como alimentação humana e para o gado.

permanece como um fenômeno insolúvel, ou resolvido de forma paliativa, de modo a gerar no agricultor sertanejo, desprovido de recursos econômicos, uma atitude de subserviência.

Em Tijuáçu, o ano de 1932 é lembrado por muitos moradores mais velhos com lágrimas nos olhos, por se caracterizar como um período em que não caiu uma gota de água no chão. É muito comum no sertão nordestino se passarem dias, semanas, até mesmo, meses sem chover. As plantações e as criações bovinas e caprinas acabaram se acostumando a tal realidade, entretanto quando a chuva tarda, ocorre uma espécie de seleção natural onde somente os mais fortes persistem e esta máxima estende-se aos homens, mulheres, crianças e animais por que dos vegetais pouco resta. Os rios cortam, chegando mesmo a rachar e, por vezes, as cacimbas¹³ abertas pelos sertanejos se recusam a jorrar água. Quando isso acontece, o povo do sertão entende que não pode ficar; é preciso partir em busca de melhores condições de vida. Sempre nutrindo, porém, a esperança de voltar e, para que isto ocorra, basta que tomem conhecimento de que voltou a chover no sertão. Foi isso o que aconteceu em Tijuáçu, em 1932, ano que se tornou um divisor de águas na história da comunidade, pois foi nesse ano que os quilombolas perderam a maior parte de suas terras para os fazendeiros que se aproveitaram do momento para, em parte, comprá-las e, em parte, usurpá-las.

No intuito de continuar garantindo a sua sobrevivência, muitas famílias quilombolas migraram para o sul da Bahia, em busca de cidades, como: Ilhéus, Itabuna, Ubaitaba, Burearema, das quais se escutava serem localidades onde as pessoas eram boas, gostavam de ajudar os retirantes e tinham muitas frentes de serviço.

Para poderem realizar as viagens, os quilombolas deixavam suas terras como garantia nas mãos dos fazendeiros brancos que já haviam se instalado na comunidade e desejavam aumentar a extensão de suas propriedades, firmando, assim, uma espécie de contrato denominado nas localidades rurais de arrendamento¹⁴ e que são frequentes até os nossos dias. É importante salientar o fato de que, ao invés do dinheiro pelo aluguel de suas propriedades que seriam exploradas, as famílias de Tijuáçu recebiam dos fazendeiros alguns víveres, a exemplo de farinha e rapadura que seriam consumidos durante o trajeto até as novas paragens.

¹³ Trata-se de um tipo de poço cavado até um lençol de água, escavação que se dá em baixadas úmidas ou no leito de um rio no qual a água se acumule ou ainda em um poço.

No sertão nordestino, é muito comum cavar cacimbas em leitos de rios, até mesmo quando estes leitos estão cortados; algumas famílias desprovidas de condições para custear suas contas de água, também costumam cavar cacimbas nos quintais de suas residências.

¹⁴ Configura-se mediante informação fornecida pelo dicionário Aurélio (1986), como um aluguel ou contrato pelo qual alguém cede a outrem, por certo tempo e preço, o uso e gozo de coisas não fungíveis. Nas comunidades rurais este comportamento é muito comum em relação ao uso da terra.

Neste contexto específico é necessário esclarecer também que a maior parte das terras que compõem o perímetro quilombola de Tijuçu foram trocadas por alimentos, roupas e, até mesmo, por água. Os quilombolas raramente recebiam dinheiro pelo arrendamento de suas terras e, quando recebiam, este não era equivalente à dimensão da propriedade que iria ser utilizada pelos fazendeiros. Um exemplo muito difundido entre os moradores da comunidade se refere ao que aconteceu com o senhor Aetrude Rodrigues, que já é falecido. Sua desventura é narrada por seus próprios filhos e netos. Eles contam que em 1932, Aetrude foi levado a trocar sua área de terra por uma “banda de bode”, sendo esse acordo oral realizado com o senhor Genário (ex-vaqueiro) do já citado fazendeiro Zeca Jatobá e que, segundo os quilombolas, havia enriquecido tomando as terras pertencentes aos negros do Lagarto, figurando agora na condição de proprietário. Mediante os trâmites do acordo, Genário utilizaria as terras de Aetrude como pasto para o seu gado e quando este retornasse do sul da Bahia, devolveria a “banda de bode” e resgataria suas terras. Tal acordo que foi descumprido, pois, quando Aetrude e sua família regressaram à Tijuçu após o final da seca, encontraram sua área de cultivo agrícola cercada, tomada pelas pastagens de gado de Genário e registradas em cartório.

O que desejo compartilhar junto ao leitor (a) é principalmente a situação de indignidade vivenciada por estes sujeitos ressurgidos, devido à forma como se deu o processo de expropriação de suas terras, considerando que além de se encontrar totalmente abandonados por parte do poder político local que não lhes prestou nenhum tipo de assistência diante das dificuldades enfrentadas, estes quilombolas sertanejos ainda foram ludibriados em sua boa fé, visto que foram compelidos a aceitar e cumprir acordos que violavam até mesmo a sua integridade humana e feriam qualquer princípio de cidadania.

É importante mencionar nesta pesquisa que os quilombolas que conseguiram resistir e preferiram ficar em suas propriedades, logo tiveram também que negociar boa parte de suas terras com os novos “vizinhos”, que mantiveram o cuidado de colocar vaqueiros brancos para administrar suas “novas fazendas” de modo que não houvesse qualquer tipo de solidariedade entre estes vaqueiros e os moradores de Tijuçu.

Os quilombolas que ficaram, em pouco tempo, começaram a ser oprimidos em seu território, ficando impedidos de apanhar água nas poucas fontes permanentes que resistiam à estiagem, sobretudo nas comunidades de Laginha e Lagoa do Coxo ou Recoxo como é comumente conhecida, uma vez que os vaqueiros não permitiam, afrontando, até mesmo, mulheres grávidas e crianças; fazendo com que estes quilombolas sertanejos fossem ficando

cada vez mais sem possibilidades de se manter na posse de suas terras, obrigando-se a trocá-las ou arrendá-las. Sempre utilizo a expressão “trocar” por compreender que uma transação comercial se pauta na aquisição de um objeto por meio de dinheiro que, de certa forma, vem a beneficiar aquele que vendeu. Porém, no caso dos habitantes da comunidade quilombola de Tijuacu, suas terras foram perdidas para os fazendeiros em troca de alimentos, roupas e água tanto no caso dos que desejaram partir deixando suas propriedades arrendadas quanto para aqueles que prefeririam ficar e resistir.

Os sujeitos quilombolas que partiram, quando retornaram a Tijuacu, não puderam reaver suas terras, que haviam sido registradas no cartório pelos fazendeiros e os que permaneceram em sua área de cultivo enfrentaram a mesma situação vexatória.

Outro episódio também muito lembrado na comunidade se refere à atitude adotada pelo coronel João Jambeira, que invadiu as terras dos moradores da comunidade de Barreira. De acordo com as narrativas dos quilombolas, o referido coronel não permitia que os sujeitos de Tijuacu passassem por dentro de suas terras para chegar aos seus pequenos roçados e, quando os convidava para trabalhar em sua fazenda, também não costumava lhes pagar o valor justo pelo trabalho realizado. Além desse tipo de comportamento desrespeitoso, o coronel tinha por hábito soltar seu gado à noite por dentro do povoado e ameaçar destruir as casas habitadas pelos quilombolas. Os informantes desta pesquisa afirmam que, apesar de espalhar o terror, Jambeira nunca cumpriu suas ameaças em relação às pessoas e suas casas. Permitiu, porém, que seu gado destruísse o cemitério existente na comunidade, pisoteando os túmulos de seus ancestrais e causando-lhes a dor da afronta.

Vilipendiados em seu direito e agredidos em sua dignidade, a população dos Pretos do Lagarto precisou se resignar e retornar as terras que antes eram suas, na condição de agregados, sendo que a moeda que pagava o dia de serviço em Tijuacu era quase sempre um prato de comida para cada membro da família.

As terras ocupadas pelos indivíduos “chegantes” (assim são chamados os fazendeiros em Tijuacu), foram utilizadas de forma diferente da que utilizavam os habitantes das raízes antigas do Lagarto que, até os dias atuais, da terra tiram o seu sustento, de forma respeitosa às leis da natureza, enxergando a terra como uma “mãe generosa” e percebendo a chuva como o sangue que verte e dá sustentabilidade ao solo, propiciando as colheitas.

É importante esclarecer ao leitor (a) que na roça se faz mutirão para limpar o terreno e também se ajuda o vizinho a colher. Nessas ocasiões, de modo geral, as mulheres cozinham e os homens se fartam de comida e bebida, realizando com mais alegria o trabalho. Este

comportamento é perpetuado em Tijuáçu, através das relações de parentesco e compadrio que unem estes agentes, razão pela qual, quando se faz referência as terras tradicionais, o que deve ser levado em consideração não é apenas o tempo de ocupação e sim as formas de ocupação e uso comum, uma vez que acontecem de forma diferenciada, envolvidas em uma dimensão de reverência às leis da natureza e ao Sagrado.

No momento presente, segundo as informações fornecidas pelo Relatório Técnico de Identificação e Delimitação da Comunidade Quilombola de Tijuáçu - RTID - as terras reivindicadas por estes atores sociais quilombolas são constituídas por catorze propriedades privadas quilombolas, vinte e quatro propriedades privadas não quilombolas e vinte e três posses, compreendendo uma área de 8. 472. 214 hectares, cuja maioria se encontra localizada no município de Senhor do Bonfim, compondo o distrito de Tijuáçu.

De acordo com os colaboradores desta pesquisa, em algumas comunidades rurais das outras localidades que compõem o território quilombola de Tijuáçu, os moradores possuem pequenas quantidades de terra que chegam, ao máximo, a uma tarefa, utilizada para plantar, colher e garantir o seu sustento diário. O pior exemplo, conforme já foi evidenciado por este estudo, se verifica na comunidade de Barreira, onde todas as casas se agregam ao redor de um campo de futebol, construído pelos moradores, tendo apenas o quintal de suas residências para exercer atividades agrícolas de plantar e colher.

Essa é a razão por que estes sujeitos quilombolas sertanejos buscam reaparecer em meio à opressão enfrentada por seus ancestrais e a invisibilidade cultural que lhes foi imposta, tendo na reivindicação pela posse da terra uma das bandeiras de luta de sua identidade. Considerando que a terra funciona como o seu sustento, o nutriente que vai mantê-los vivos e reacender, a cada dia, sua esperança de construir uma existência cidadã, desvinculando-se de qualquer ideia de marginalidade que ainda deseje pairar sobre sua condição étnica, pois a terra, na perspectiva evidenciada por estes agentes, representa condições de trabalho, capazes de subsidiar o sustento de suas famílias e lhes assegurar um espaço no contexto social que integram.

CAPÍTULO 2

UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA ENCRAVADA NO SERTÃO

Neste capítulo apresento Tijuacu também como sendo uma comunidade sertaneja, tendo em vista que, em função de sua localização geográfica e toda a sua trajetória histórica, em especial no que se refere aos problemas que os seus atores sociais sempre enfrentaram em relação à escassez de água - fato que se constitui no principal elemento que contribuiu para a desapropriação das terras dos quilombolas no passado - não é possível abdicar de fazer alusão ao fato de que, além de ser uma comunidade quilombola, Tijuacu é uma comunidade quilombola que se projeta carregando consigo a vertente sertaneja. Esta, por sua vez, encontra-se impregnada, tanto nos modos de vida de seus habitantes, o que se evidencia em aspectos, como: atividades econômicas desenvolvidas, formas de organização social, modo de expressar a sua religiosidade, linguagem utilizada pelos quilombolas, em especial o sotaque cantado tão presente no sertão, formas de vestir observadas nos chapéus, jaleques e perneiras de couro, trajadas principalmente pelos habitantes mais velhos, as sandálias de sola e couro cru; e que também se verifica nas perspectivas futuras que estes atores sociais ressemantizados expressam.

Nas seções subsequentes proponho-me a esclarecer a respeito da chegada da ancestral fundadora deste grupo cultural e a influência de suas atitudes até os contemporâneos dias, a história que descortina a origem do nome da comunidade e a importância da família para os moradores de Tijuacu.

Apresento também as narrativas destes atores sociais quilombolas, descrevendo como aconteceu entre os eles a descoberta de que, além de residirem em uma comunidade negra rural, figuravam como descendentes dos antigos escravos que habitaram a região. Explicito as mudanças ocasionadas, de forma individual e coletiva, após o reconhecimento da comunidade como quilombola, procurando perceber como essas mudanças contribuíram para o desenvolvimento da autoestima e afirmação do sentimento étnico de pertença, uma vez que, amparados sob a perspectiva legal, estes sujeitos encontraram apoio para expressarem toda a sua negritude, antes sufocada e silenciada.

2.1 SER QUILOMBOLA NO SERTÃO

Os pesquisadores dos Estudos Étnicos e Africanos, a partir do reaparecimento de diversas comunidades quilombolas rurais, começam a contribuir com a desconstrução do estereótipo da não existência ou da pouca influência do negro (a) no sertão, estimulando a abdicação do princípio de que somente as regiões litorâneas receberam escravos (as) africanos (as) que contribuíram para a sua formação econômica, social e cultural.

A existência de terreiros de Candomblé, denominados na linguagem sertaneja de “casas de curador”, é fato comum no sertão, principalmente nas comunidades quilombolas rurais, onde, é também muito comum a realização de manifestações culturais, como a capoeira, o bumba-boi, o terno de reis e uma modalidade particular de samba específico de cada localidade, denunciando a presença e a contribuição africana nestes espaços, o que pode ser mais facilmente notado através da perspectiva religiosa e da dimensão cultural, até por que os praticantes destas atividades são, em sua maioria, negros (as) e afrodescendentes.

Na roça, ninguém sai para o “mato” sem oferecer fumo ou cachaça para a caipora¹⁵ que, quase sempre, encanta e perturba os sertanejos que dizem não se importar com ela. Este comportamento evidencia também a existência da miscigenação entre povos negros e indígenas, que marcou o povoamento dos sertões, fato que também pode ser observado nas imagens dos encantados e caboclos que habitam as diversas casas de culto africano, encontradas nas localidades rurais sertanejas.

Não existe uma localidade rural onde não se escute um batuque, não se cante uma chula¹⁶ e não se entoe um bendito, o que torna clara a heterogeneidade do povo sertanejo e as comunidades quilombolas rurais constituem a prova viva deste fato, reafirmando nestes espaços a ocupação e permanência dos povos africanos.

Na perspectiva do pesquisador Clóvis Moura (1972, p. 215):

Os estudiosos do problema do negro em nosso país estabeleceram um estereótipo que vem sendo constantemente repetido sem que se faça uma análise crítica do seu conteúdo: o da pouca ou nenhuma influência cultural e étnica do negro nas áreas convencionalmente chamadas “de sertão” do Leste, Nordeste e Norte do Brasil. Excluindo-se o caso de Minas Gerais, onde essa influência foi visível a olho nu e não exigiu pesquisas que demandassem esforços continuados e profundos, a maioria dos estudiosos que se ocupa do

¹⁵ De acordo com o dicionário Aurélio (1986), do tupi Kaa' porá, morador do mato. Espírito que costuma habitar as matas pouco povoadas e encantar seus invasores.

¹⁶ Espécie de repente, praticado em localidades rurais, composto a partir de versos rimados ou não, muito utilizado entre os sertanejos para homenagear os visitantes.

assunto tão importante para a compreensão de nossa formação histórica, cultural e etnográfica, tem passado por cima de um problema que precisa ser reexaminado criticamente a partir de sua base, pois esses estudiosos continuam confinando a influência das culturas africanas e da raça negra ao *debrum litorâneo*.

A reflexão sobre o fragmento em destaque se impõe como razão para que se constitua também propósito deste estudo rediscutir esta realidade. Sem a pretensão de afirmar que a existência numérica e influência cultural africana se fez sentir no sertão baiano com a mesma intensidade como aconteceu no litoral, entretanto, com a finalidade de desmistificar o construto da não ocupação africana nas regiões interioranas do estado, bem como da sua não contribuição social e cultural para a formação dessas regiões. Favorecendo também o despertar de reflexões neste sentido, considerando que os atores sociais negros e afrodescendentes sertanejos, quase nunca encontram espaço para se afirmar como categoria étnica e, por vezes, até desconhecem esse fator. Apenas sentem o desprezo que lhes é direcionado, não possuindo condições para defender-se dele e colocar-se de maneira ativa no contexto que integram, não tendo a oportunidade de encontrar razões para afirmar sua dignidade também a partir de sua etnia. Esta situação é, em parte, modificada através do ressurgimento das comunidades quilombolas que constituem o elemento comprovador, ainda que por muito tempo silenciado, da presença africana no interior do estado.

De acordo com o laudo antropológico de reconhecimento da comunidade quilombola de Tijuacu, o seu povoamento se inicia por volta de 1800, através da chegada da senhora Mariinha Rodrigues. Nessa época muitos escravos (as) advindos de diversas partes do continente africano ainda desembarcavam no Brasil e procuraram diferentes localidades do interior principalmente regiões desconhecidas e, em muitos casos, até então desabitadas com o objetivo de se manterem protegidos após suas fugas. É possível, por essa razão, reforçar a ideia de que diversas partes do interior da Bahia também tiveram nos escravos africanos seus fundadores ancestrais. Fato que é pouco explorado e ao qual não é atribuído a devida importância, a julgar pela escassez de estudos sobre a temática.

Ainda de acordo com a concepção defendida por Moura (1972, p. 217):

O negro está presente no folclore da região do São Francisco. Isso por que ele foi introduzido como escravo em algumas fazendas ou entrou nas matas, nas caatingas e nos morros como fugitivo, como quilombola. Quando o legendário monge que fundou o santuário do Bom Jesus da Lapa chegou ao local onde ele hoje se encontra, divisou em Itaberaba currais de vastas proporções que eram ainda cuidados por alguns portugueses e escravos da África. Ainda na região do Bom Jesus da Lapa - informa o mesmo autor -

existiam distantes da gruta uns quinhentos metros, umas quantas choças de índios e a uma légua uns currais de gado do Conde da Ponte, aos cuidados de portugueses e africanos.

Daí por que chamo a atenção do leitor (a) nesta pesquisa para o fato de que Tijuáçu que se constitui em uma comunidade majoritariamente negra, fato este que pode ser percebido tanto na Vila-centro como no interior das catorze comunidades que compõe o seu perímetro quilombola, pois os sujeitos não negros que ali residem chegaram depois: alguns atraídos pela possibilidade de comercializar e adquirir lucros financeiros, isto por volta de 1960 e não dando nenhum tipo de retorno à comunidade, não se misturando com os habitantes do lugar, inclusive se esquivando da possibilidade de constituir matrimônio; outros como já foi narrado neste estudo, figuram como descendentes diretos dos antigos fazendeiros que desde 1910, 1920 e principalmente 1932, invadiram a região; esta comunidade quilombola encravada no sertão baiano, se constitui também em referência para se repensar a invisibilidade atribuída ao negro sertanejo bem como questionar a quem interessa mantê-la e disseminá-la.

As relações entre negros (as) e não negros (as) no âmbito da comunidade nunca foram amistosas, os moradores mais antigos relatam que, muitas vezes, foram impedidos de participar de festas privadas realizadas na localidade. A maioria dessas festas costumava ser organizada pelos sujeitos não negros em espaços muito comuns na zona rural, a exemplo de prédios escolares ou em algum tipo de boate improvisada que convencionalmente funciona nas comunidades rurais sertanejas e quilombolas como uma espécie de clube, podendo, inclusive, haver o cerceamento da entrada de algumas pessoas que, por motivos diversos, não são bem-vindas.

De acordo com os quilombolas que colaboraram com esta pesquisa, quando chegavam à porta do evento objetivando entrar e fazer parte de algumas festas, ouviam dos organizadores não negros (as) e de muitos dos seus convidados a seguinte expressão: “Nêgo do peção, não dança aqui não”. Humilhados e deixados do lado de fora, os habitantes de Tijuáçu se reuniam para boicotar a “festa dos brancos”, através de comportamentos engraçados e muito adotados nas localidades rurais sertanejas, isto é, os quilombolas se juntavam atirando pedras e fezes no espaço onde acontecia a festa, atitude que realizavam escondidos (as) e de modo a não serem delatados (as), pois, certamente, lhes acarretaria punição junto às autoridades policiais que sempre tiveram predileção por tomar o partido dos moradores não negros do lugar. Comportamentos desse tipo não simbolizam fatos que permanecem no passado, uma vez que, no momento atual, o separatismo envolvendo negros (as) e não negros (as) em Tijuáçu ainda é muito acentuado, ou seja, muitos não se falam, não estabelecem matrimônio, não mantêm

relações de compadrio, nem mesmo de vizinhança entre si. Faz-se necessário registrar que um dos informantes ouvidos neste estudo, no momento da entrevista sentiu-se visivelmente incomodado com a presença de uma moradora não negra que se encontrava próxima ao local, sendo preciso que mudássemos de lugar para que pudesse ser continuada a atividade.

No período em que a comunidade quilombola de Tijuaçu começou a ser beneficiada pelo recebimento das cestas básicas provenientes da Companhia Nacional de Abastecimentos - CONAB - fato que acontece até os dias de hoje, muitos comerciantes que se definem como brancos se empenharam em atrapalhar o andamento do projeto, chegando mesmo a efetuar denúncias infundadas, nas quais acusavam os quilombolas de estarem comercializando os produtos recebidos do governo federal. Somente deixaram de praticar tais atitudes quando realmente perceberam que não teriam sucesso, visto que nunca conseguiam provar o que alegavam.

Se o relacionamento estabelecido entre negros (as) e não negros (as) em Tijuaçu nunca foi positivo, na região em que os quilombolas se encontram inseridos à situação também nunca foi favorável, em especial, na cidade de Senhor do Bonfim com a qual estabelecem relações diretas, porque a cidade demograficamente, ocupa posição de distrito e ainda por que Senhor do Bonfim figura como a cidade pólo da região que agrega em torno de si todas as demais. Os quilombolas relatam discriminações sofridas em estabelecimentos comerciais, hospital, clínicas médicas e, até mesmo, no tratamento de ordem pessoal. Esse tipo de atitude somente começou a se modificar quando se espalhou na região a informação de que a comunidade negra rural de Tijuaçu, agora se encontra amparada juridicamente como comunidade quilombola, precisando, portanto, ser respeitada. Outro fator que concorre para novas mudanças no relacionamento com as pessoas da comunidade é o conhecimento geral de que a prática do racismo poderia ser punida, inclusive por meio de prisão.

Desse modo, muitos moradores de Senhor do Bonfim começaram a evidenciar uma transformação positiva em relação aos habitantes de Tijuaçu, fazendo-se importante mencionar aqui que o Samba de Lata que representa a principal atividade cultural praticada pelos quilombolas, passou a receber convites para realizar apresentações no São João bonfinense, conhecido como uma das mais famosas festas juninas do interior baiano. Desde então, o Samba de Lata se apresenta no palco principal, figurando também como atração descrita na programação oficial da festa. Os motoristas da região passaram a não mais agredir verbalmente os moradores, ao transitarem com seus automóveis às margens da comunidade. Deixaram de fazer piadinhas maldosas e pejorativas que relacionavam a cor dos quilombolas

à falta de limpeza, como se a pele escura fosse consequência de sujeira por falta de banho, já que ali não chovia regularmente e, por isso, os moradores não se banhavam,- “choveu no Lagarto?” Essa era uma das provocações feitas aos moradores do lugar.

Diante disso, não é possível continuar a argumentar sobre a não existência do negro (a) no sertão, sendo preciso justamente proceder de modo contrário, propiciando que a visibilidade física da presença do negro (a) seja construída de forma positiva também no plano simbólico, deixando de ser massacrada de forma velada e, portanto, sem o direito devido à defesa, para ser edificada como categoria étnica alteritária, que não é maior em grau de importância, tampouco menor e que deve ser considerada promovendo a igualdade a partir da diferença.

A negritude do sertão necessita ser visibilizada, discutida, reivindicada e produzida, o que começa a acontecer devido ao ressurgimento das comunidades quilombolas, mas que ainda se constitui em um processo lento que, para ser efetivado, exige compreensão e conscientização entre a heterogeneidade dos atores sociais, de modo a contribuir também para que o negro (a) sertanejo (a) se despoje do sentimento de “negro feio” frente ao negro (a) que habita o litoral e, para que isto, de fato, ocorra, as diferenças necessitam ser explicitadas, entendidas e negociadas.

No sertão do semiárido onde me situo, a diferença epidérmica que envolve negros (as), afrodescendentes e aqueles que se definem como brancos (as), constitui-se ainda em referência utilizada para explicar a separação existente entre eles e assegurar a inferiorização dos primeiros em relação aos segundos. Esta atitude, ao invés de permanecer suspensa, velada, não esclarecida e se perpetuando através das gerações, deve ser evidenciada e problematizada, não com o intuito de negar a diferença existente, considerando que isto significa ausência de consciência crítica, alienação e estagnação. Não se trata de negar o que, de fato, existe e, sim, de mostrar, tornar claro, uma vez que é essa diferença que confere originalidade e deve ser capaz de subsidiar a geração do respeito em que deve se pautar a existência de cada cidadão que compõe o Estado-nação. Considerando que este pensamento não adota conotação de utopia, visto que esta é a maneira correta de se vivenciar no âmbito de uma sociedade, menciono isto aqui por que se convencionou rotular o que é correto e deve ser praticado, de encantamento, utopia, sonho, e este princípio necessita ser desconstruído para que outro, que tenha como parâmetro a prática de atitudes corretas, seja executado.

A desvalorização e a alienação do sujeito negro, na perspectiva de Munanga (1988), se estende, sob a ótica do branco, a tudo que circunda seu universo - desde seu continente de

origem, seus países, suas instituições, seu corpo, de forma particular, sua mente, considerada primitiva, a língua, que é vista como desprovida de padrões cultos, entendida como retrógrada e vulgar, a música povoada de batuques que apenas estimulam os instintos e desconhece a erudição.

O continente africano é apontado como demasiadamente quente, de clima viciado e mal cheiroso, com geografia disforme, possibilitando, portanto, a pobreza e a eterna dependência (MUNANGA, 1988, p. 21). Mesmo que isto não seja vinculado de forma tão minuciosa e específica, as consequências deste tipo de pensamento sempre foram enfrentadas pelos atores sociais negros e afrodescendentes no sertão, já que foram historicamente conduzidos a absorver essa mensagem, integrando uma posição de subalternidade delegada pelos indivíduos não negros e aceitas, quase passivamente, por aqueles que não possuíam informações suficientes para defender-se de atitudes preconceituosas e racistas. Vale ressaltar que a presença de Tijuacu na condição de comunidade remanescente de quilombo, torna-se importante para estimular as discussões dessas ideias nunca expressas claramente, mas sempre sentidas por parte daqueles que por elas são vitimizados, e que começa a se desencadear uma mudança de atitudes frente a tais comportamentos.

Ser quilombola no sertão representa, em parte, receber os preconceitos historicamente construídos, arraigados e disseminados em relação a sua categoria étnica e grupo cultural para transformá-los em objeto de discussões, provocando uma ruptura consciente de ações que necessitam deixar a cobertura propiciada pelo véu do silêncio que as encobre, facultando que essas possam ser combatidas e modificadas à luz do crivo da razão, tão defendido pelos povos do ocidente e tão pouco utilizados pelos eles sobretudo quando do advento da escravidão, a exemplo do pensamento afirmado pelo filósofo Hegel, quando enfatizava que os povos da África não possuíam cultura, tampouco civilização, mas apenas um buraco vazio na escuridão. Se, talvez por isso, a Europa tenha desejado atuar como pioneira no preenchimento do que seus pensadores acreditavam ser um “buraco vazio”, no âmbito das comunidades quilombolas sertanejas, também são muitos os estereótipos desprovidos de sentido lógico que necessitam ser revistos e desconstruídos de modo que possa ser constituída a sua dignidade.

Desta forma, ser quilombola, no sertão, também significa encontrar espaço para uma existência cidadã como ator social que foi relegado a viver, no caso específico de Tijuacu, até o final da década de 1990, à margem da sociedade, não compreendendo direito o porquê desse tipo de situação, mas apenas sentindo a rudeza de sua marginalização e atribuindo tudo isso a sua negritude, expressa através de sua epiderme visivelmente negra, sem encontrar um

mecanismo para historicizar-se e desvincular-se de uma situação de opressão para, então, existenciar no seu contexto e que, no momento atual, se encontram imbuídos e revestidos, juridicamente, de condições específicas para reivindicar direitos que lhes pertencem, bem como o dever de colocar-se como sujeitos que, decididamente, não aceitam mais serem reduzidos à condição de objetos na realidade social em que se encontram inseridos. Indivíduos que procuram ressignificar a desinformação que os consumiu no passado recente (final de 1990) e os reduziu como atores sociais, que eram apenas conduzidos a aceitar passivamente as imposições políticas e culturais advindas do município de Senhor do Bonfim e as discriminações sociais exercidas em toda a microrregião em que se encontram localizados, para transformar esta situação em um novo capítulo da sua história que, mesmo de forma tardia, precisa agora ser descortinado, compreendido, assimilado e executado em seu favor. Isso significa converter toda a negação pessoal e coletiva a que foi compelido a desenvolver, enclausurando-os nesta posição de inferiorização e subalternidade, para transmutá-la em aceitação de si próprio e construção de seu lugar no mundo, que, além de quilombola, pode ocupar qualquer categorização desde que esta se encontre revestida do respeito que deve amparar a vivência de um indivíduo em sociedade.

Significa ainda aceitar sua negritude, reafirmá-la e até exacerbá-la como forma de retirá-la totalmente de seu anonimato simbólico, tornando-a motivo de reverência por parte da própria comunidade e dignificação por parte do entorno social, possibilitando modificar o curso da história, demonstrando que o sertão baiano é uma região que também pode ser pensada, discutida e reconhecida como uma, entre tantos outros lugares, que abrigou e mantém, em grande escala, a presença e influência dos povos negros, pois, como defende Arrutí (2006, p.172):

As regiões interiores, os sertões, para os quais não são encontrados com a mesma facilidade registros da existência de grupos fugidos ou forros, móveis ou não, eram as regiões que melhores condições ofereciam para a instalação de grupos sociais marginalizados e para sua perpetuação em unidades territoriais dotadas de alguma estabilidade. Quando estes grupos afastavam-se da zona canavieira ou geravam outras formas de subsistência, diferentes dos assaltos às estradas e engenhos, eles saíam do raio de atenção das autoridades e eram modificadas suas formas de classificação.

Talvez, como sugere Arrutí (2006), não passando mais a ser vistos como sujeitos negros, adotando outra designação e tornando-se sertanejo, agricultor, camponês, entre tantas outras nomenclaturas atribuídas, mas, agora, subsidiados pela tomada de consciência da

existência do Artigo nº 68 do ADCT e do Decreto nº 4. 887/2003, responsáveis pela regulamentação do processo da autoatribuição, como categoria jurídica, bem como para nortear a caminhada de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação de suas terras, cuja ocupação é de ordem secular, facultam-lhes ressurgir de espaços onde sempre estiveram e, a partir dos quais, no contexto atual, reaparecem, detentores da possibilidade de reivindicar o direito de expressar sua negritude, obter o título de posse de suas terras de uso ancestral e a capacidade de narrar, a partir de seu próprio ponto de vista, sua história que vem a figurar como um mecanismo capaz de garantir sua legitimidade, como categoria específica, podendo, assim, fazer uso devido dos aparatos culturais e jurídicos que subsidiam seu processo de transformação de sujeitos negros sertanejos em povos quilombolas, isto é, a execução de seu ritual de passagem capaz de preparar velhos atores para o exercício de novos papéis.

2.2 CONVERSANDO SOBRE AS ORIGENS: DE LAGARTO À TIJUAÇU

Na simbologia oral de Tijuacu, seus habitantes atribuem a origem do lugar à negra e escrava fugida: a senhora Mariinha Rodrigues, que teria se evadido da cidade do Salvador e fundado a Vila-centro.

Fugindo da opressão do cativo, a senhora Mariinha Rodrigues, acompanhada por duas mulheres negras, que os quilombolas desconhecem os nomes – alguns afirmam que eram suas irmãs, outros, que eram suas primas - atravessou a chamada “estrada dos indígenas”, também conhecida sob a designação de Estrada Velha e chegou até o Alto Bonito, permanecendo aí o tempo necessário para sentir-se segura.

Atraída pela água cristalina de um tanque que, no passado, possibilitava aos moradores visualizar um homem que se colocasse em pé, de forma ereta, e que existe na localidade até os dias contemporâneos, a senhora Mariinha Rodrigues desce até Tijuacu, onde se instala, organiza sua vida e funda a Vila. Em suas narrativas, os informantes declaram que Tijuacu começou no Alto Bonito e que esta comunidade é mais antiga que a Vila (centro). Lá todos os moradores são descendentes diretos desta ancestral fundadora, de seu filho Astácio Rodrigues e sua neta Belizarda Rodrigues, que contraiu matrimônio com Maurício de Santana. De acordo com os quilombolas, as duas mulheres negras que vieram com Mariinha Rodrigues

não permaneceram em Tijuáçu – uma se retirou para a comunidade quilombola de Laje dos Negros, situada no município baiano de Campo Formoso e a outra foi para Bananeira dos Pretos, comunidade remanescente de quilombo da região. É importante salientar, que a Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências - AAQTA - presta, quando solicitada, assistência a estas duas comunidades e serviu também de orientadora durante o processo de certificação dessas, perpetuando os laços primários de ligação que uniam suas fundadoras.

Em Tijuáçu permaneceu apenas a senhora Mariinha Rodrigues, matriarca fundadora da comunidade, a quem os quilombolas se referem com respeito e estima. Mariinha Rodrigues é reverenciada pelo povo tijuáçuense, como sinônimo de uma mulher guerreira, detentora de uma personalidade forte e destemida, capaz de se rebelar contra os martírios e subjugações impostos pela escravidão africana, a ponto de fugir e lutar por sua liberdade, tornando-se a dona das terras do Lagarto. Ao chegar a Tijuáçu, Mariinha abandona a condição de cativa e se propõe a recomeçar sua história de vida e dar início à história de uma comunidade quilombola, cujos habitantes até os nossos dias permanecem em atitude de luta pela liberdade, não mais a liberdade que retira da servidão conhecida no contexto do Brasil Colônia, mas a luta pela liberdade do exercício dos seus direitos de povos tradicionais que permaneceram silenciados durante séculos e que agora não abdicam do direito de erguer a sua voz ou, como defende Paulo Freire (1970), dizer a sua palavra crítica e criadora, capaz de dar sentido a sua existência individual e coletiva.

No Brasil as comunidades tradicionais encontram-se amparadas pelo que rege o Artigo nº 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT - presente no texto da Constituição Federal de 1988, pelo Decreto nº 4. 887 de 20 de novembro de 2003 e, mais recentemente, pelo Decreto Federal nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, que outorga a política nacional de desenvolvimento sustentável para os povos e comunidades tradicionais, conceituando-os da seguinte forma:

Povos e Comunidades Tradicionais são entendidos como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (SILVA, 2010, p. 05)

Essa tradição consiste no pilar que sempre conferiu a estes povos sustentação e norteou diretrizes para a sua existência, amparando-os diante de suas necessidades individuais e

coletivas, servindo de consolidação para a história e memória de um grupo cultural. A memória, em especial, uma vez que esta funciona como um arquivo de significados dos fatos, capazes de construir e ressignificar os feitos que diferenciam e dão importância a um grupo, tornando-o singular e autêntico no âmbito da pós-modernidade.

A memória oral preservada em Tijuáçu figura como fonte de sabedoria, base em que se fundamentam os habitantes mais velhos para manter o hábito e o cuidado de relatar a história aos mais jovens, de modo que a história não se perca, tornando-se um “segredo”, como foi descrito pelos próprios quilombolas, mas que não deve mais ser apenas guardado, protegido e sim, desvendado e disseminado, como forma de atravessar e amparar gerações futuras. Assim, é muito difundida entre os moradores a ideia da origem do lugar, da existência de sua matriarca e dos atos por ela praticados.

A oralidade assume um aspecto importante a ser considerado nas comunidades negras rurais, necessitando ser preservada e estimulada para que suas histórias se tornem cada vez mais conhecidas e expandidas, visto que é pela vertente oral que se legitima a história do grupo.

A memória em comunidades denominadas remanescentes de quilombo, por vezes, necessita ser resgatada, visto que se constitui em fator que sempre esteve lá, presente na vida e na história de seus moradores e que, até mesmo por uma estratégia de sobrevivência ou vontade de esquecer algo que suscita muito sofrimento, precisou ser sepultada. Dessa forma, nas comunidades quilombolas, tanto o ato de lembrar, de narrar ou o silêncio manifesto, devem ser interpretados como fontes significativas da história do grupo que precisam ser analisadas.

Nas comunidades remanescentes dos antigos quilombos, quando a escrita falha em sua atividade de documentação, a oralidade aparece complementando-a e, em algumas perspectivas, corrigindo-a, visto que são os moradores os depositários das histórias que os vivificam e lhes oportunizam estabelecerem-se no contexto social, permitindo-lhes o respeito e a credibilidade.

É proveniente também das fontes orais a explicação a respeito do nome da comunidade. O substantivo Tijuáçu significa “lagarto grande” - termo oriundo do vocabulário Tupinambá e que faz referência a um tipo de teiú, também chamado de tjú - um grande réptil, comum nas áreas secas do nordeste brasileiro. Segundo os atores sociais ouvidos neste estudo, existia uma grande quantidade de “lagartos grandes” na localidade – eram, inclusive, muito utilizados na

alimentação humana, principalmente nos momentos de estiagem - daí por que Tijuaçu é também conhecido com Lagarto.

Na década de 1990, os moradores desse distrito passam a adotar o nome de Tijuaçu para se referir à comunidade, tendo, para isso, o incentivo de autoridades políticas locais, principalmente do já falecido e ex-prefeito da cidade de Senhor do Bonfim, o senhor Cândido Augusto e, a partir de 2000, o trabalho realizado pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuaçu e Adjacências - AAQTA - também se tornou intenso neste sentido, procurando, assim, estimular a conscientização e o resgate da autoestima desses quilombolas sertanejos. Entretanto, ainda é muito comum por parte dos tijuaçuenses designarem sua comunidade de Lagarto, sendo interessante evidenciar que, durante o desenvolvimento desta pesquisa, no ato da entrevista com a liderança comunitária Terleide Fagundes Santos Rodrigues, ela descreveu a comunidade de Tijuaçu como “um grande lagarto grande” que foi se modificando, em meio a todos os problemas enfrentados, sobretudo aqueles referentes às secas, de modo a alcançar o patamar em que se encontra na atualidade.

Mediante informação presente no laudo antropológico de reconhecimento e certificação da comunidade, produzido pelo antropólogo Osvaldo Martins de Oliveira a serviço da Fundação Cultural Palmares – FCP - e também considerando as informações prestadas pelos sujeitos ouvidos nesta pesquisa, a senhora Mariinha Rodrigues foi uma negra de origem nagô e os indivíduos quilombolas desta comunidade, se definem como descendentes dos nagôs.

Segundo as informações desses quilombolas sertanejos, a senhora Mariinha Rodrigues contraiu matrimônio com um negro fugido vindo da comunidade quilombola de Cariacá e oriundo da família dos congos. Não existe certeza em relação ao seu nome, todos afirmam que ele era proveniente da comunidade de Cariacá. O casal teve dez filhos - os homens foram todos casados com moças do Cariacá e algumas moças indígenas da etnia cariri, ao passo que as mulheres também tiveram seus maridos escolhidos entre os rapazes da região.

De acordo com os princípios que emergem da memória coletiva deste grupo étnico, a cada um de seus filhos a senhora Mariinha Rodrigues entregou um “pedaço de terra” e são estas terras que, no momento presente, compõem o perímetro quilombola de Tijuaçu. É importante perceber que a atitude de preservação das terras da comunidade já se fez presente no entendimento de sua fundadora, bem como a importância atribuída a este recurso para a perpetuação do grupo, uma vez que, em uma comunidade rural sertaneja, e, principalmente, em uma comunidade negra rural, sertaneja e quilombola, é a terra e o trabalho nela produzido que assegura e dá sentido a existência do grupo, sendo isso uma autêntica herança de seu pólo

fundador – o quilombo – considerando que a atividade da agricultura foi responsável pela sobrevivência direta e ou indireta de todos os quilombos que se espalharam pelo território nacional, conforme esclarecem Reis e Gomes (1996).

É possível perceber o valor do matriarcado em Tijuáçu, uma vez que nunca se faz referência ao esposo da fundadora da comunidade, exceto quando se é perguntado a respeito. Todas as realizações e conquistas são atribuídas às atitudes de Mariinha Rodrigues e este aspecto é reconstruído no presente, pois se observa a força da liderança feminina presente nas ruas da comunidade, no exercício da presidência da Associação e em atividades econômicas como vendedoras e agricultoras.

Muitas vezes, nos relatos orais sobre a história da comunidade, são feitas referências ao caminho dos indígenas. De acordo com o laudo antropológico de reconhecimento da comunidade, os índios da etnia Pataxó já ocuparam a região e, em conversas orais junto aos quilombolas, esses recordam da existência dos índios pertencentes à etnia Cariri, também chamados de Caririzeiros, afirmando que alguns desses índios chegaram a contrair matrimônio com descendentes de Mariinha Rodrigues. Os quilombolas caracterizam estes indígenas como muito bravos, razão pela qual viviam no mato e se alimentavam apenas à base de caça e pesca.

Embora os indígenas nunca tenham habitado fixamente em Tijuáçu, preferindo a localidade de Missão do Sahí, que é também distrito do município de Senhor do Bonfim, foram mantidas relações de interação. Convém ressaltar que este é um fato comum nas comunidades quilombolas, visto que a população dos diversos quilombos que se edificaram no Brasil Colônia, na perspectiva de Reis e Gomes (1996), foi constituída por escravos, ex-escravos, crioulos, caboclos, indígenas e brancos desprovidos de fortuna e destituídos de qualquer posição social. Ainda no que se refere ao intercâmbio mantido entre negros e índios no interior dessas comunidades, Bartolomé (2006), argumenta que este se constitui também em um fato corriqueiro entre os povos que foram colonizados nas Américas e que tiveram sua humanidade rebaixada, procurando, portanto, cumplicidade dentro da situação opressora a que foram relegados, passando a existir um certo nível de solidariedade entre estes atores sociais.

Em Tijuáçu, apesar de seus habitantes sempre terem exercido trocas de ordem econômica, sociais e culturais com as outras comunidades quilombolas situadas em seu entorno e distritos que compõem a região geográfica onde a comunidade se situa, os moradores, a maioria negros e afrodescendentes, se declaram coletivamente como quilombolas, descendentes de Mariinha Rodrigues, não fazendo muita alusão a uniões

matrimoniais com povos indígenas, alegando que os “negros velhos”, em sua maioria, sempre se casaram entre si ou com as pessoas da comunidade quilombola de Cariacá e Bananeira dos Pretos, originando a “nação dos pretos do Lagarto” e as famílias existentes em Tijuacu, representam a comprovação dessa máxima.

A noção de família, como unidade coesa e estruturadora, é bastante definida entre os moradores da comunidade, uma vez que estes se consideram como uma só família da qual a localidade se originou e isto devido ao fato de ser comum os parentes se casarem entre si até os dias atuais. Esta prática de valorização familiar encontrada entre os habitantes de Tijuacu, é resultante de um comportamento comum desenvolvido durante o período escravocrata, onde a constituição de laços de família, de acordo com Funes (1996), era capaz de suavizar os infortúnios vivenciados durante o cativeiro, não apenas considerando a importância da lógica afetiva, como também a negociação da autoridade que sempre existiu entre os membros de uma unidade familiar e que esta negociação lhes propiciava um certo grau de dignidade e estímulo para a vida diária.

É possível identificar cinco núcleos familiares, em torno dos quais se agregam os atores sociais quilombolas de Tijuacu, podendo-se mencionar: os Rodrigues (descendentes diretos da senhora Mariinha Rodrigues), os Santana, os Damascenos, os Fagundes e os Santos. Sendo importante também salientar que o costume de se casar em família é comum até os dias atuais entre os moradores das localidades sertanejas, onde os primos de primeiro, segundo e terceiro graus, através do matrimônio, desposam uns aos outros e perpetuam os laços familiares bem como os seus sobrenomes, conferindo consideração e respeito as suas famílias devido à extensão do número de habitantes que as compõe.

De acordo com Munanga (2004), o sistema de parentesco corresponde à pedra angular em torno do qual se estrutura a história de vida do africano, desde seu continente de origem e que também pôde ser observado durante a escravidão e formação dos quilombos. Esta realidade também é constatada na maneira como se agregam os núcleos familiares presentes e formadores das diversas comunidades quilombolas espalhadas pelo país.

No âmbito da comunidade quilombola de Tijuacu, a família, além de sustentáculo afetivo e econômico, representa o repositório da memória coletiva do grupo, podendo este fato ser observado no respeito dedicado aos indivíduos mais velhos que atuam como detentores da história e guardiões da cultura, que é apreendida e reconstruída pelas novas gerações.

2.3 CONSCIÊNCIA QUILOMBOLA?

Os povos considerados nativos ou tradicionais sempre existiram e produziram a narrativa de suas histórias em caráter individual e também coletivo - um aspecto subsidiando a atitude do outro, pois a coletividade sempre influenciou a existência individual de cada elemento, da mesma forma que a individualidade manifesta por cada ator social tem contribuído para a continuidade e transformação das sociedades, sobretudo dos grupos culturais tidos como minoritários.

A narrativa da memória do Estado-nação é que, não sendo democrática em sua atividade, procurou invisibilizar a presença e historicização de sujeitos considerados como pouco necessários para compor a História Oficial do país, podendo-se encaixar aqui nesta definição, os povos quilombolas que reaparecem de forma ressemantizada no quadro nacional.

Os indivíduos de Tijuacu sempre se perceberam e foram percebidos na região como um grupo diferenciado. E a diferença apontada se relaciona até os nossos dias com a cor de sua pele, seus cabelos atualmente trançados, seus modos de viver e seus valores culturais – sua negritude – que lhes imprimiu, no passado, uma marca degenerativa e que, no momento presente, lhes atribui e assegura um valor diferenciado.

A este respeito Carneiro da Cunha (1986, p. 101) afirma:

(...) o uso de símbolos e de signos dados para promover significações novas ou não-oficiais, seja pela ambiguidade dos primeiros ou pelo rearranjo dos últimos. Pois o significado de um signo não é intrínseco, mas função do discurso em que se encontra inserido e de sua estrutura. A construção da identidade étnica extrai assim, da chamada tradição, elementos culturais que, sob a aparência de serem idênticos a si mesmos, ocultam o fato essencial de que, fora do todo em que foram criados, seu sentido se alterou. Em outras palavras, a etnicidade faz da tradição ideologia, ao fazer passar o outro pelo mesmo; e faz da tradição um mito na medida em que os elementos culturais que se tornaram “outros”, pelo rearranjo e simplificação a que foram submetidos, precisamente para se tornarem diacríticos, se encontram, por isso mesmo, sobrecarregados de sentido.

A primeira iniciativa que despertou nos habitantes de Tijuacu a possibilidade de adicionar a nomenclatura de comunidade negra que sempre mantiveram na região, o título de comunidade quilombola, como direito constituído, foi a participação de duas moradoras do distrito no I Encontro Nacional das Comunidades Negras Rurais Remanescentes de Quilombo, este encontro aconteceu na cidade do Salvador, em 1994.

O convite chegou à comunidade através do trabalho desenvolvido pela Igreja Católica que enviou duas representantes, as senhoras Ilca dos Santos, que mantém na comunidade uma postura de militância e sua prima, Leninha dos Santos.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, a senhora Ilca dos Santos relatou que esse foi um momento importante e difícil na comunidade, pois os homens não desejaram atender ao convite recebido, cabendo às mulheres, que, na época, não conheciam a capital do estado, a disponibilidade de se fazer presente ao evento. Ilca relembra que passou o dia quase todo na rodoviária ao lado de sua prima, esperando que alguém viesse buscá-las, o que somente aconteceu no final da tarde; sendo a presença delas recebida com certa estranheza por parte dos anfitriões do evento que acabaram por lhes perguntar “se naquela comunidade não existia homens para representá-la?” Fato que as deixou inicialmente constrangidas, porém toda a conversação travada naquele espaço serviu de base para despertá-las à realidade de que sempre residiram em uma comunidade de origem tradicional.

A partir daí começou o processo de esclarecimento, de descoberta de que, além de comunidade negra rural, Tijuacu seria uma comunidade quilombola, passando a se reconhecer desta forma e a iniciar a trajetória para sua certificação na Fundação Cultural Palmares – FCP. Após este momento inicial, os membros da comunidade realizaram contatos junto aos técnicos do Instituto de Terras da Bahia - INTERBA - e da Fundação Cultural Palmares, uma vez que estes órgãos, nesse período, estavam firmando convênio entre si, destinado ao reconhecimento e titulação das terras de comunidades negras rurais do estado.

Segundo foi informado pelos quilombolas que atuaram como colaboradores desta pesquisa, estes técnicos desenvolveram reuniões na comunidade com o objetivo de lhes trazer esclarecimentos em relação a sua condição de sujeitos políticos e como deveriam agir para acionar a aplicação do Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT - sendo também melhor explicado e mencionado ao grupo, como exemplo ilustrativo, o caso da comunidade quilombola de Rio das Rãs, localizada no município baiano de Bom Jesus da Lapa, cidade bastante conhecida entre os tijuacuenses como local de devoção, peregrinação e afirmação de sua fé junto ao Senhor Bom Jesus da Lapa.

A caminhada em busca da gruta de pedra e luz, como é definido o santuário da Lapa entre os sertanejos, se constitui em um comportamento bastante antigo entre os povos negros escravizados no Brasil, principalmente aqueles que habitaram os sertões, pois como é citado por Moura (1972), por ocasião da assinatura da Lei Áurea, muitos ex-escravos procuraram o Santuário do Bom Jesus da Lapa, vindos de todo o sertão para lhe render culto, dando vivas e

agradecimentos, reunindo-se ali imensas multidões de negros para festejar o benefício da alforria. Permaneceram oito dias ali, cantando benditos religiosos, rezando, dançando e tocando maracaxás, tambores, pandeiros e cabaças com milhos. Ainda de acordo com a perspectiva do pesquisador Clóvis Moura (1972), os negros do sertão conheciam o Bom Jesus pelo nome de Lenibé-Furáme. Além de visitar a cidade de Bom Jesus da Lapa, em atitude de Romaria, o que é realizado principalmente por parte dos moradores da comunidade de Quebra Facão, em 1994, mesmo ano em que participaram do I Encontro de Comunidades Negras Rurais, alguns membros da comunidade de Tijuaçu foram convidados a conhecer a comunidade quilombola de Rio das Rãs, onde puderam trocar experiências e informações que vieram a ser significativas na atitude de militância que começaria a se formar entre os atores sociais que constituem a “nação dos Pretos do Lagarto”.

É importante perceber o processo de transição, o rito de passagem que envolve a mudança de uma comunidade negra rural para a aquisição do título de comunidade quilombola, considerando que se trata de migrar de uma situação de subalternidade e desrespeito para um estado de conscientização, associada à construção de um novo caminho para a vivência de todos os indivíduos envolvidos e que compartilham das mesmas expectativas. Uma vez que se reconhecer como quilombola significa antes, como menciona Arruti (2006), “se descobrir”, se aceitar, se perceber em harmonia consigo e com o cosmo, assumindo sua ontogênese, admitindo o valor de sua etnia e a importância de dialogar com ela, se despojando de uma série de conceitos negativos que lhe foram inferidos e aceitos sem possibilidade de defesa e ou reflexão.

Na comunidade quilombola de Tijuaçu, este processo se definiu de uma maneira mais sólida, a partir do trabalho de estímulo à conscientização deste grupo étnico em relação a sua condição de povos tradicionais, fato que foi iniciado por parte da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuaçu e Adjacências – AAQTA – e que será mais bem explicado no capítulo três deste estudo, visto que foi a atitude desbravadora empreendida pela mesa diretora da AAQTA que se fez responsável por modificar a maneira, a partir da qual estes indivíduos ressemantizados de Tijuaçu se percebem e, posteriormente, a forma como passaram a ser percebidos por parte do entorno social que os envolve.

Faz-se necessário também argumentar que representa, depois de ultrapassar o primeiro momento caracterizado pelo romantismo e deslumbramento da constatação de sua condição de negro (a) e afrodescendente, passar para uma posição mais elucidativa que consiste na atitude de adotar uma postura crítica mediante a condução de sua existência, que agora se dará

marcada pela busca da conscientização e não mais pela alienação e o princípio de inferiorização.

Durante a trajetória empreendida rumo ao processo de certificação, a comunidade de Tijuacu passou, então, a receber as visitas de representantes do Movimento Negro, que começaram a organizar reuniões com o objetivo de informar e estimular nos indivíduos quilombolas a tomada de consciência de sua posição de sujeitos políticos e de direitos, contribuindo, assim, para retirá-los de seu anonimato cultural.

Estabelecidos os primeiros contatos que os direcionou a uma compreensão inicial de sua situação de grupo étnico, os quilombolas reuniram-se em assembleia na escola Municipal de Tijuacu e firmaram as bases de sua mobilização. No dia 10 de Agosto de 1998, construíram um documento no qual registraram seus principais anseios e necessidades, reivindicando o seguinte: o abastecimento de água encanada para a Vila e demais localidades - como sendo uma necessidade primordial; iluminação pública para as ruas que ainda não possuíam este recurso, bem como para as comunidades; uma ambulância; desenvolvimento de um projeto habitacional de casas populares; reativação do posto telefônico. Foi solicitado também a instalação de uma fábrica de roupas e outra de sandálias que serviria como geração de renda na comunidade; uma farmácia comunitária; uma cooperativa; a construção de uma escola de segundo grau e de uma quadra de esportes; a restauração e conservação dos cemitérios da Vila e das comunidades de Barreira e Quebra- Facão; atendimento médico e odontológico, uma vez que, na época, só existia na comunidade atendimento médico e de forma muito precária - o médico aparecia apenas uma vez por semana -. Foi ainda solicitado incentivo financeiro para expandir suas produções culturais.

É importante registrar aqui que, quinze anos após a realização desse acontecimento, a maioria daquelas reivindicações permanecem frustradas, visto que o sistema de iluminação em Tijuacu permanece arcaico, a ambulância nunca chegou à comunidade, as casas populares ainda constituem um sonho para os moradores da Vila-centro, a necessidade do posto telefônico nunca foi atendida, sendo atualmente substituído pelo uso dos aparelhos celulares e telefones fixos que existem em algumas residências; no que se refere à farmácia popular, este projeto ainda constitui um desejo antigo nutrido pelos moradores da comunidade que continuam a atravessar dificuldades, quando surpreendidos por alguma enfermidade no meio da noite, pois em Tijuacu não existem farmácias e o PSF da comunidade apresenta uma estrutura bastante rudimentar, inclusive em relação à presença de medicamentos.

Entre 1998 e 1999, estabelece-se um período muito significativo e de expectativa na comunidade: a chegada de dois antropólogos com o objetivo de coletar dados mais específicos sobre Tijuáçu. Esses pesquisadores interromperam o trabalho de campo bruscamente, foram embora, sem dar nenhuma satisfação à comunidade.

No dia 10 de novembro de 1999, a comunidade recebeu, por parte do Campus IV da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - que fica localizado na cidade de Jacobina, o convite para participar de uma Mesa Redonda, sendo representada nesse evento pelas senhoras Ilca dos Santos e Valdelice da Silva.

E, por fim, em janeiro de 2000, é realizado o trabalho etnográfico do antropólogo Osvaldo Martins de Oliveira, que culminou no laudo de reconhecimento de Tijuáçu como comunidade quilombola. O próximo passo por parte destes sujeitos ressurgidos foi a composição da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências - AAQTA - uma vez que a outra associação existente restringia seu trabalho às questões de terras, voltando seu interesse apenas aos agricultores.

Os moradores de Tijuáçu afirmam que se reconhecem como quilombolas, declarando isto em todas as entrevistas realizadas durante este estudo, buscando compreender, de maneira simbólica, aquilo que sempre conheceram em forma de vivência cotidiana e resistência histórica: o que é ser quilombola, pois o compreender deste princípio se relaciona diretamente com o processo diário de produção de sua identidade.

Quando questionados por esta pesquisa sobre como ficaram sabendo que Tijuáçu, é uma comunidade remanescente de quilombo, os informantes fizeram afirmações como essas:

Devido a esse grande desejo de conhecer a história do povo negro por que é também a minha história. Aí eu resolvi pesquisar e foi aí que agente conseguiu descobrir muitas coisas, descobrir a história da comunidade e aí a gente foi se aperfeiçoar com os nossos professores, os mais velhos da comunidade, aí estes mais rapaz, pra gente foi uma bênção por que aí a gente conseguiu fazer um resgate ao ponto da gente hoje já ter contribuído com muitas pesquisas. Conhecendo a história a gente também ficou conhecendo a Constituição Federal e na Constituição Federal tem muitos artigos para o reconhecimento e para regularização fundiária, principalmente a regularização fundiária é muito importante. E por ser uma comunidade fundada por descendentes de africanos, a fundadora tinha sido escrava, por receber escravos que fugiram de muitas senzalas, a gente viu realmente que era uma comunidade quilombola. (Entrevista com Valmir dos Santos, 33 anos, em 28/04/12)

A fala do entrevistado desmente alguns discursos articulados que enfatizam que as comunidades quilombolas que, no momento atual, acionam o Artigo nº 68 ADCT/

Constituição Federal de 1988, o fazem desprovidas de qualquer consciência histórica e luta anterior a este período. Acreditar neste tipo de construto significa conservar a mesma consciência ingênua daqueles que teorizaram a respeito da escravidão, sem explicitar a postura do escravo como um sujeito ativo no processo de lutas que caracterizaram o período escravista, tendo em vista que defender que os atores sociais quilombolas que reaparecem, no momento presente, desconhecem sua situação de descendente de escravos, é perpetuar o mito do escravo passivo que como esclarece Moura (1986), nunca existiu, a não ser no imaginário das elites dirigentes que precisavam construí-lo de modo a amparar a existência do mito do “bom senhor”¹⁷ e, posteriormente, do “homem cordial”.

No depoimento do informante transparece outro elemento importante que deve aqui ser mencionado, uma vez que se trata do fato de perceber a consciência de que a sua história pessoal se relaciona com a história coletiva vivenciada por seus ancestrais, encontrando, a partir deste critério, um novo significado para sua existência pessoal e também no âmbito do grupo.

Desse modo, descobrir, tornar claro que Tijuaçu é uma comunidade remanescente de quilombo representou a possibilidade de abandonar a condição de subalternidade, até então, experimentada e migrar para outra, capaz de dignificar sua existência como sujeito político e de direito, acionando políticas públicas que se voltam para sua condição de povos tradicionais. Representa também a possibilidade de reencontro com o outro como categoria étnica e política que, até então, se desconhecia com profundidade que existia, bem como constituiu o princípio da construção da identidade quilombola.

Outro depoimento significativo em que é possível perceber as concepções destes atores sociais é expressa pela senhora Euzenira dos Santos Costa, liderança comunitária e participante do Samba de Lata:

Depois dos estudos, depois que o Valmir passou pra Brasília, aí nós se afirmemos como quilombola, por que nós somos quilombolas mesmo. Por que Mariinha Rodrigues quando apareceu aqui, ela veio de uma senzala e aí a gente tinha essas histórias, mas não tinha essa verdade e aí quando o Valmir foi estudar, o Ivomar, a Ilca caminhou muito, aí nós somos quilombolas. (Entrevista com Euzenira dos Santos Costa, 43 anos, em 11/04/12)

A informante aponta para a importância dos estudos realizados na comunidade, responsáveis por contribuírem para despertá-los a respeito de sua posição de grupo cultural. Esclarecendo que sempre souberam das histórias que os legitimam como sujeitos sociais

¹⁷ Sobre estes conceitos ver Clóvis Moura em sua obra *Os quilombos e a rebelião negra*, editora Brasiliense.

remanescentes de quilombo, mas que, apesar disso, não possuíam condições de comprová-las, sendo relevante, para isso, a presença dos pesquisadores, tendo o cuidado de mencionar em sua fala o senhor Ivomar Gitâneo, que foi o primeiro pesquisador a se aproximar da comunidade no intuito de procurar resgatar suas memórias, tornando Tijuacu, pela primeira vez, objeto de estudo de uma monografia acadêmica e da realização de um vídeo sobre a comunidade, que foi apresentado no Campus VII da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - localizado no município de Senhor do Bonfim.

Muitos pesquisadores sucederam Ivomar na tarefa, de modo a contribuir para o incentivo à conscientização por parte dos sujeitos quilombolas de Tijuacu que, muitas vezes, enfatizam a importância dos antropólogos para que eles compreendessem mais a sua situação de grupo étnico-cultural, pois, como salienta Glória Moura (1996), os quilombolas que, até o final de 2003, ainda costumavam estranhar a visita de um pesquisador em suas comunidades, achando curioso que alguém distante do grupo desejasse estudar seus hábitos rotineiros e formas de organização social, atualmente recebem esses profissionais com uma maior receptividade e um nível de exigência aguçado, no que diz respeito às suas pesquisas e aos depoimentos publicados, visto que reconhecem a importância destes estudos para a reconstituição, atualização e divulgação de suas histórias de origem e resistência cultural, vindo a contribuir também para solidificar suas lutas.

Outro depoimento que deve aqui ser destacado é o da líder comunitária Terleide Fagundes Santos Rodrigues, sobrinha da senhora Ilca dos Santos e prima do senhor Valmir dos Santos, ambos considerados pelos tijuacenses como líderes oficiais do grupo.

Aconteceu assim, já vem do tempo que eu tenho visto o trabalho de minha tia Ilca e de Valmir dos Santos que foi o primeiro presidente da Associação Quilombola e aí eu entrei neste mesmo barco, conhecendo um pouco da história de Mariinha Rodrigues que é a fundadora daqui, aí eu procurei a Valmir que foi ele que se interessou como tudo aqui começou, que aqui era um quilombo, ali em Alto Bonito, então a gente se interessou mais que a gente aqui somos sofridos, antigamente aqui negro era muito, muito mesmo marginalizado que aqui sofria de tudo discriminação, a gente vestiu a camisa. (Entrevista com Terleide Fagundes Santos Rodrigues, 38 anos em 19/04/12)

O trecho destacado do depoimento de Terleide evidencia a capacidade deste grupo étnico-cultural em procurar compreender sua história, fundamentando-a nas memórias locais bem como na história coletiva do povo negro e na sua luta durante e depois do período escravocrata, até porque compreender mais esses fatos representa também encontrar explicações para toda a situação opressora enfrentada pelos quilombolas e os estimula a

perceber que necessário se torna desenvolver uma atitude de militância constante no intuito de adquirir melhorias que venham a beneficiar a vivência diária na comunidade. Necessitando, para isso, investir no desvendar do passado pessoal e coletivo, tendo a nítida ideia de que, como defende Abdias Nascimento, não é possível deixar uma ofensa racial sem resposta e que esta resposta necessita ser construída e pronunciada com serenidade, de modo a ser aceita, valorizada e compreendida por outrem, visto que, como argumenta Paulo Freire, a apropriação do conhecimento é capaz de libertar a consciência opressora e a consciência oprimida.

Reconstituir seu passado de descendentes de escravos, comprovado pela condição de sua ancestral fundadora, permite a esses agentes buscarem melhores condições de vida no momento presente, como esclarece a senhora Terleide “vestindo a camisa”, motivados por um sentimento de coletividade que tem se fortalecido, através da realização de reuniões periódicas na sede da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências – AAQTA, bem como da prática de suas atividades culturais.

A comunidade quilombola de Tijuáçu tem procurado resgatar suas origens, valorizar-se, compreender seu passado histórico e se afirmar, a cada dia, como atores sociais que buscam conhecer seus direitos para torná-los realidade. Os mais velhos, por meio da oralidade, transmitem seus saberes aos mais jovens e estes, por terem mais acesso ao conhecimento intelectual construído em âmbito escolar, acadêmico e através de outras fontes de informação como: palestras, encontros de grupo, cursos de formação de lideranças, internet e leituras específicas, uma vez que, como já foi afirmado neste estudo, a escola, como instituição, não satisfaz as expectativas da comunidade. Cabe aos adultos, aos jovens e, até mesmo, às crianças buscar ampliar no seu contexto, conceitos que versem a respeito da existência dos antigos quilombos, o que significa ter vindo de um quilombo, o que representa, verdadeiramente, ser um ator social quilombola, visto que estes constituem fatos presentes em seu cotidiano e referendam suas histórias de vida de maneira individual e em escala coletiva.

Para melhor estudar a comunidade quilombola de Tijuáçu, manifestei a necessidade de revisitar algumas considerações sobre os quilombos, visto que, sem a existência deles não haveria as comunidades quilombolas que reaparecem no momento presente.

O quilombo não pode ser pensado apenas de forma arqueológica ou como refúgio de negros fugidos, é preciso que nos libertemos dessa definição, considerando que os diversos quilombos que se espalharam pelo país constituíram unidades produtivas e territórios abertos aos indivíduos excluídos da sociedade colonial. Oferecendo uma forma alteritária de

organização política, econômica, social e cultural que não aconteceu em caráter homogêneo e sim respeitando a diversidade de suas populações e territórios, um exemplo evidente disso, são as diferenças que ao lado das semelhanças, podem ser observadas, no interior das comunidades quilombolas que ressurgem no cenário nacional.

Muito mais que um mecanismo de resistência à escravidão, o quilombo funcionou como fábrica recriadora de organização social e cultural por meio da ressignificação de tradições e valores de povos que ali concentrados, reinventaram seus modos de viver, oferecendo uma forma de sociedade que contestou os ditames do regime escravista, propondo uma renegociação do poder e estabelecendo lutas constantes pela recuperação da cidadania.

A etimologia do vocábulo “quilombo” advém do idioma africano quimbundo que, segundo Reis e Gomes (1996, p. 16), é derivado de Kilombo, referindo-se à sociedade iniciática de jovens guerreiros mbundu, adotada pelos invasores jaga ou imbangala, estes formados por gentes de grupos étnicos desenraizados de suas comunidades.

O uso do termo quilombo vem sendo reapropriado desde 1740, quando o rei de Portugal, em resposta dada ao Conselho Ultramarino, classificou quilombo como sendo toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, sem que haja ranchos levantados nem se achem pilões neles, Moura (apud MUNANGA, 2005, p. 62). Nota-se nesta definição a preocupação em delimitar um número mínimo de escravos para que um pequeno ajuntamento possa ser identificado como um quilombo. Essa preocupação é aqui interpretada de modo a coibir outras povoações numerosas, a exemplo do quilombo de Palmares, do Ambrósio e do quilombo do Oitizeiro que, protegidos por suas localizações geográficas e formação de estruturas de ordem política e social, conseguiram amedrontar a sociedade escravista da época, tendo o primeiro adquirido status de estado.

Os abalos colocados à economia e à sociedade colonial não eram relacionados apenas às fugas dos escravos, podendo-se citar também: pequenos furtos e rapto de mulheres, realizados por indivíduos quilombolas; movimentações comerciais articuladas com taberneiros que, em muitos momentos, figuraram como “coiteiros” de escravos, isto é, dando abrigo aos negros que se evadiam das senzalas de seus senhores, o que permite perceber que os quilombos nunca representaram unidades demográficas isoladas, sendo necessário desmistificar o discurso dominante que concebe o quilombo de maneira “frigorificada”, como adverte Almeida (1999), pois é muito imprecisa a informação que se veiculou de que para se constituir um quilombo, faz-se necessário a fuga, passar de cinco em números de habitantes,

ter um isolamento geográfico, verificar se há ranchos e pilões no interior dos mesmos (ALMEIDA, 1999, p. 47-48).

Registro aqui o conceito elaborado pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 1994, sobre terras remanescentes de quilombo que acredito melhor se relacionar com esta pesquisa:

Quilombo tem novos significados na literatura especializada, também para grupos, indivíduos e organizações. Ainda que tenha conteúdo histórico, vem sendo ressemantizado para designar a situação presente dos segmentos negros em regiões e contextos do Brasil. Quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de população estritamente homogênea. Nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados. Sobretudo consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e na reprodução de modos de vida característicos e na consolidação de território próprio. A identidade desses grupos não se define por tamanho nem número de membros, mas por experiência vivida e versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade como grupo. Constituem grupos étnicos conceituados pela Antropologia como tipo organizacional que confere pertencimento por normas e meios de afiliação ou exclusão. (O'DWYER, 1995, p. 1)

Em Tijuçu, os debates sobre a importância histórica e cultural dos quilombos tornam-se presentes entre os habitantes, subsidiados pelo trabalho desenvolvido pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuçu e Adjacências - AAQTA - que proporciona à comunidade reflexões neste sentido, de modo a expandir o universo simbólico e discursivo, sobretudo no ato das reuniões, quando todos são convidados a colaborar com a exposição de suas concepções. Dessa forma, os atores sociais quilombolas tijuçuenses passaram não apenas a viver em seu contexto social, ao contrário, eles também o refletem, interagem, modificam-no e são modificados por ele, em uma relação dialética. Até por que os diversos quilombos que figuram como sendo o núcleo original das respectivas comunidades quilombolas que se expandem no momento presente, funcionaram como uma espécie de contraordem ao sistema escravista, questionando-o, alterando-o em sua natureza e atuando como palco de encontro de povos e culturas diversas que interagiram e se modificaram entre si.

Conscientes de sua posição de grupo étnico, os atores sociais de Tijuçu, a partir do momento em que se descobrem como quilombolas, já que a palavra chave “assumir”, neste caso, significa “descobrir” -, Arruti (2006) redirecionam sua trajetória, passando a percorrer novos caminhos condizentes com a sua condição de comunidade remanescente de quilombo

que se auto-afirmam e se reconhecem como tal, procurando resgatar a sua memória ancestral que durante muito tempo necessitou permanecer adormecida, preocupando-se com a continuidade do grupo e construindo sua identidade a partir de suas vivências, semelhanças e diferenças produzidas no cotidiano.

E estas diferenças se relacionam com a percepção do outro existente dentro do próprio grupo. Esta expressão “o outro” é aqui colocada não em caráter coercitivo e sim como forma de deixar claro que os indivíduos de Tijuaçu possuem diferenças de ideias e maneiras próprias de se relacionar em sociedade. Longe de fragmentar o grupo, essa situação é responsável pela sua elevação e mobilização social na posição de agentes que mantêm trocas interativas com outras comunidades tradicionais existentes no seu entorno e com o contexto social que os circunda.

A comunidade quilombola de Tijuaçu tem se mantido coesa em seus objetivos e atenta às diferenças existentes em seu contexto, visto que os grupos étnicos não são estáticos ou impermeáveis e estabelecem relações de ordem política, econômica, social e cultural entre si e com outros grupos. E é através destas relações interativas que constroem e afirmam sua identidade, pois, como sugere Munanga (2006), a identidade é um fenômeno social e se configura como realidade ontológica que permeia as sociedades humanas.

2.4 ORGULHO QUILOMBOLA E REAFIRMAÇÃO DO SENTIMENTO DE PERTENÇA ÉTNICA

Branco é filho de Deus.
O mulato enteado.
Caboclo não tem parente
E negro é filho do diabo
(Versos pertencentes ao Domínio Popular)

Esta quadra de domínio popular, dita entre os dentes ou pronunciada abertamente em tom que revela gracejo, ironia e com o propósito definido de magoar, ferir, humilhar e demonstrar ao sujeito social negro e afrodescendente, que não desejou embranquecer, a direção de que só existe um caminho para ser aceito socialmente e este caminho, como denuncia Fanon (2008), é branco. Durante muito tempo inexistiu qualquer possibilidade ou espaço capaz de promover a visibilização da negritude étnica e cultural que, em grande

número, povoa o sertão da Bahia, região de formação sociocultural mestiça, mas que insiste em não perceber, dialogar, respeitar e vivenciar o demonstrar de suas manifestações cotidianas inscritas no *modus vivendi* de sua população, procurando secularmente sufocá-las, oprimi-las e negá-las.

O reaparecimento das comunidades quilombolas por todo o semiárido baiano tem servido de contributo para modificar estas posições assumidas e cristalizadas, sobretudo por parte das lideranças políticas e econômicas que procuram se desvencilhar de qualquer traço fisionômico ou cultural que projete sua negritude, refugiando-se no ideal de branquitude almejado e defendido, inclusive como forma de manutenção e explicação de seus privilégios capazes de atuar como sustentadores de seu *status quo*. Evidenciam, para esse fim, sua inteligência, serenidade e capacidade de condução social brancas, uma vez que disseminam em uma perspectiva ideológica o conceito de que os indivíduos negros são demasiadamente emocionais, demonstram pouca compreensão dos fatos e não apresentam comportamentos decentes, eivados de teor moral ou senso de justiça, afinal o negro é o negro e, como esclarece Fanon (2008), a sociedade ocidental e branca atribui a estes indivíduos um comportamento patológico e infantilizado de onde será preciso retirá-lo de modo a alicerçar os pilares da construção de sua dignidade humana.

Em Tijuáçu, uma população negra que se reconhece e se define como quilombola, através de seus relatos orais narra a situação discriminatória, opressora e servilista a que estiveram expostos, principalmente no que se refere à relação mantida com os sujeitos não negros, que denominam de “chegantes”, e atuam na comunidade especialmente no comércio local, onde existe um monopólio destes, bem como enfatizam as interações estabelecidas entre esse distrito e a cidade de Senhor do Bonfim, principalmente no período que antecede a sua certificação.

Quando perguntados em relação às mudanças ocorridas no aspecto pessoal e intrínseco, estimuladas pela informação de sua situação de povos tradicionais, os atores sociais ouvidos neste estudo informaram:

Mudou muita coisa. Que aqui as pessoas não respeitavam a gente. E aí agora, todo mundo respeita a gente e, antes, não respeitava e quase todo mundo aqui se considera quilombola. Eu acredito que não respeitava por que antes as pessoas sabiam o nome da gente e não chamava a gente pelo nome, chamava de negro. E isso não é respeitar, não chamar a gente pelo nome, sabendo o nome. E hoje todo mundo fala o nosso nome e respeita. (Entrevista com Ilca dos Santos, 50 anos, em 31/03/12)

As colocações proferidas pela senhora Ilca dos Santos, atualmente tesoureira na Associação Quilombola, é liderança comunitária na rua onde mora e uma das organizadoras e participantes do Samba de Lata, bem como figura como uma das pessoas mais estimadas na comunidade e referência a todos os pesquisadores e pessoas que têm procurado conhecer Tijuáçu e sua história de resistência; a lucidez das palavras de Ilca reportam a um momento em que as pessoas não negras de Tijuáçu, além de externar o desprezo pelos habitantes nascidos no lugar, guardavam ainda a intenção de destituir estes sujeitos de sua individualidade, tratando-os de forma homogênea e desrespeitosa, infundindo-lhes a concepção de que, por serem negros (as), seriam todos iguais, não atentando para o devido respeito as suas singularidades. Este procedimento nos remete também a um comportamento adotado pelos escravagistas e colonizadores que lançaram à África um olhar estreito, restrito e desinformado em relação às diversas etnias que ali habitavam.

Sobre essa questão Munanga (1988, p. 09) afirma:

A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre as duas raças que se confrontavam pela primeira vez, tudo isso mais as necessidades econômicas de exploração predispuseram o espírito do europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais.

Negro torna-se então sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica. E como o ser humano toma sempre o cuidado de justificar sua conduta, a condição social do negro no mundo moderno criará uma literatura descritiva dos seus pretendidos caracteres menores. O espírito de muitas gerações europeias foi progressivamente alterado. A opinião ocidental cristalizara-se e admitia de antemão a verdade revelada negro = humanidade inferior. A colonização apresentada como um dever, invocando a missão civilizadora do ocidente, competia a responsabilidade de elevar o africano ao nível dos outros homens.

Não estou advogando aqui a possibilidade de que existisse entre os fazendeiros e comerciantes não negros de Tijuáçu o conhecimento destas informações do ponto de vista científico, tampouco descarto este fator. Chamo a atenção, porém, para a existência dos resquícios destas ideias entre aqueles que fazem questão de se definir como sujeitos brancos e que habitam a comunidade, visto que, durante o período que antecedeu a certificação deste quilombo contemporâneo, bem como o processo de conscientização dos moradores em relação a sua situação política frente ao Estado-nação, houve, por parte de uma camada minoritária e invasora que ali se instalou e procurou se tornar dirigente, o desejo associado ao trabalho direcionado, de modo a desqualificar em sua dignidade e assegurar pela opressão econômica a sujeição e alienação dos quilombolas.

Outro aspecto que se pode observar no depoimento emitido pela senhora Ilca é a estratégia utilizada na tentativa de destruição da autoestima dos atores sociais negros e afrodescendentes de Tijuacu, uma vez que, como ela mesma explica, não eram tratados por seus nomes próprios no âmbito da comunidade, sendo, portanto, desrespeitados em seu território de origem. Isso revela a capacidade de se tentar retirar de toda uma população o seu direito de exercício da cidadania, vista em caráter local e regional, podendo também este comportamento aqui descrito, ser associado ao que ocorreu com os povos negros no período escravocrata, quando foram obrigados a abdicar de seus nomes de nascimento. Nomes que os referendavam e legitimavam sua importância no contexto em que se encontravam inseridos, para, a partir desse momento, receberem um nome desconhecido e desprovido de significado, porém, capaz de lhes situar na “nova vida” e cultura em que adentravam, necessitando, para este fim, a imposição do esquecimento de toda a sua trajetória anterior com o intuito de conduzi-los a uma situação de anonimato individual e coletivo.

Outro relato significativo foi o pensamento expresso pela senhora Valdelice da Silva, mais conhecida na comunidade como Detinha, devido a sua popularidade como liderança comunitária em sua rua, bem como o trabalho desenvolvido no que se refere à organização e participação no Samba de Lata.

Ah! Mudou muita coisa minha filha! Antigamente, quando nós não sabia o que era quilombola, nós não se achava assim negro, chamava assim. Quando as pessoas falava em negro a gente ficava meia nervosa. Hoje já não fica por que a gente sabe assim o que é a origem negra. Quando havia alguma pesquisa, alguma coisa que o povo perguntava assim a cor da gente, a gente dizia assim que era moreno. A gente não dizia assim que era negro e hoje a gente diz que é negro. Mas por que que a gente dizia que a gente não era negro? Por que era assim muito discriminado. Quando falava no nome tu é negra, a gente já pensava coisas feias, assim que negro era o cão, já botava isso na mente. Mas agora que a gente já se considera quilombola e a gente sabe o que é o quilombo, a gente diz: qual é a sua cor? É negro. Nós não diz mais que é moreninha.

Quando a gente ia pra Bonfim a gente não entrava naquelas lojas chiques, nos shoppings. Quem é que entrava? Que a gente é negro, o pessoal ficava olhando. Na nossa mente achava que aquele povo dizia que a gente ia roubar, não atendia a gente bem. Agora eu entro em qualquer loja, em qualquer shopping com a minha cabeça erguida, converso com qualquer pessoa. (Entrevista com Valdelice da Silva, 54 anos, em 05/04/12)

A narrativa de Detinha evidencia todo o trabalho ideológico desenvolvido pelo entorno social que circunda a comunidade, com o objetivo de associar a palavra negro a uma conotação de ordem pejorativa e também permite perceber como o desconhecimento da

história vivenciada por seus ancestrais é capaz de possibilitar a concretização deste fato. A este respeito Castro Henriques (1997, p. 36) postula:

A superioridade racial do homem branco que é também a do civilizado. Esta superioridade existe de maneira intrínseca, sendo reforçada pela inferioridade absoluta do homem negro. Este não passa de um enselvajado permanente. Se o primeiro detém o progresso, o conhecimento e a razão, tudo isso justificado pelo discurso histórico, é para que o segundo apareça como um oposto absoluto (não se trata de um negativo, na medida em que este contém o outro positivo). De fato, a oposição articula-se em função de uma impossibilidade de conjunção que coloca os homens em posições petrificadas no espaço e no tempo), não apenas feio, mas também enterrado na natureza, quer dizer, passivo e adormecido. A sua extrema selvageria não lhe permite organizar nem religião, nem formas políticas, ainda menos a história. Esta como salientava tão rudemente Hegel, não passa da soma dos incidentes cotidianos, o que é constantemente repetido pelos textos portugueses.

Sendo, dessa forma, os habitantes de Tijuacu, nascidos no lugar, estimulados em função de todo o tratamento desrespeitoso que recebiam por parte dos fazendeiros, comerciantes e como se evidencia no depoimento proferido por Detinha, também por parte da sociedade bonfinense, amparada em seus ideais de embranquecimento, intimada a se reconhecer como sujeitos menores e atribuindo como fundamento para esta inferioridade a sua negritude percebida de forma epidérmica e também cultural. Esse cenário contribui para desenvolver nos tijaquenses o sentimento de desprezo por si mesmos, por sua ancestralidade e também por sua cultura, tudo isso pautado nos construtos de inferioridade e marginalização arquitetados para sua etnia e disseminados na região geográfica onde residem, onde existe, de maneira bem difusa, a compreensão de que a condição de ser branco é vista como tipicamente humana e naturalizada, dispensando qualquer tipo de justificativa.

Todas as qualidades humanas são retiradas do negro uma por uma. Jamais se caracteriza um deles individualmente, isto é de maneira diferencial. Eles são isso, todos os mesmos. Além do afogamento coletivo anônimo, a liberdade, direito vital reconhecido à maioria dos homens, lhes será negada. Colocado à margem da história, da qual nunca é sujeito e sempre objeto, o negro acaba perdendo o hábito de qualquer reação ativa, até o de reclamar. Não desfruta de nacionalidade e cidadania, pois a sua é contestada e sufocada, e o colonizador não estende a sua ao colonizado. Consequentemente, ele perde a esperança de ver seu filho tornar-se um cidadão. (MUNANGA, 1988, p. 23)

Os quilombolas de Tijuacu foram transformados em estrangeiros dentro do seu próprio território e levados a aceitar a ideia de que não tinham capacidade cognitiva de gerenciar sua

existência e de suas famílias, sendo a grande prova disso, como gostam de enfatizar os atores sociais não negros que residem na comunidade, é que perderam, no passado, suas terras para os fazendeiros locais, obrigados que foram a voltar a trabalhar na condição de agregados, ministrando “dias de serviço” em terras que antes eram suas e do pertencimento de seus parentes.

O desprezo sofrido por este grupo étnico enfrentou situações que envolveram tanto a violência que se projeta em escala física quanto simbólica, uma vez que os informantes narram ter vivenciado situações em que foram totalmente humilhados em sua integridade moral, tornando-se um comportamento comum praticado em Tijuáçu, o fato de que, quando um ator social não negro divisava a presença de um sujeito social negro e ainda que este fosse seu vizinho, cuspiam ou escarravam diante desta pessoa de modo a externar o seu grau de desprezo por ela. As mulheres da comunidade eram comumente insultadas com piadas do tipo “nega preta do sovaco fedorento, rala a bunda no cimento pra ganhar mil e quinhentos” - atitudes que ficaram incontestes e sem nenhuma punição, passando somente a não existir ou diminuir de intensidade após o ato de reconhecimento oficial da comunidade como quilombola - a partir daí os indivíduos de Tijuáçu começaram a participar de palestras, cursos, encontros de comunidades quilombolas e portanto, passaram a ter possibilidades de construir sua conscientização e resgatar sua autoestima.

Em conversa com o senhor Valmir dos Santos, foram lembradas suas memórias de infância, onde estão marcadas a discriminação e o desrespeito praticados por parte dos indivíduos não negros e que se definem como brancos instalados na comunidade. Nascido na localidade de Capim/Canafista, muito próxima à Vila-centro de Tijuáçu, onde atualmente mantém residência em companhia de sua família, Valmir relata que, quando criança, sua mãe o enviava para comprar na venda da comunidade algumas provisões domésticas, como: querosene utilizado para acender o candeeiro - na época Tijuáçu não contava com o serviço de energia elétrica - óleo, açúcar, sabão, entre outros produtos necessários a vida diária. Ao chegar à venda para realizar a compra, geralmente o dono do estabelecimento passava a mão na sua cabeça e questionava de forma maliciosa: “isso aqui é cabelo ou bosta de rolinha?” Valmir comenta que isso acontecia principalmente se o estabelecimento estivesse com mais de uma pessoa para que todos pudessem sorrir e debochar dele, a criança que estava ali, fazendo-o sentir-se muito humilhado e sem defesa - era apenas um menino que, naquela época, por conta de toda a desinformação e opressão vivenciadas pelos habitantes negros e

afrodescendentes do lugar, não dispunha de maturidade cronológica e psicológica para rebatê-la de forma devida.

Esse tipo de hostilidade em forma de brincadeira feito pelo comerciante não era exclusividade dele nem somente dirigido ao senhor Valmir - era típico de muitos que se identificam como brancos, atingia a outros moradores da comunidade que, por dependerem economicamente desses indivíduos, que detinham em seu poder os mecanismos de trabalho e ainda possuíam em seu favor a lei quase sempre exercida de acordo com o crivo de suas vontades e executada pela força de suas palavras, não se manifestavam em relação a essas atitudes de modo a exigir qualquer retratação.

Os quilombolas tijuacenses totalmente desprovidos de recursos engoliam tais insultos, pois sabiam que não podiam se rebelar. Entretanto, como assegura o senhor Valmir dos Santos e como é também evidenciado atualmente pelas modificações percebidas nas mentalidades e posturas adotadas pelos atores sociais negros e afrodescendentes desta comunidade tradicional, isto representou apenas uma estratégia de sobrevivência, arquitetada por aqueles que sabem esperar o momento exato para se impor e reivindicar sua dignidade furtada de maneira tão maquiavelicamente elaborada entre fazendeiros e comerciantes que se afirmam como brancos e objetivavam manter todo um grupo étnico-cultural cativo as suas pretensões de invasão, usurpação e dominação de seu território.

Desta forma apresento aqui o relato do senhor Valmir, pontuando as modificações originadas entre os quilombolas, depois que puderam juridicamente se afirmar como categoria de povos tradicionais ressemantizados, entendendo melhor, a cada dia, o que isso, de fato, significa, visto que lhes possibilitou uma atitude de intervenção e não mais a adoção de uma postura de passividade frente a sua realidade.

Paula, (pausa) isso pra gente foi muito importante. Por que foi um reconhecimento a mais entre a gente e aí mudou dentro da gente, trouxe um orgulho muito forte de se engajar cada dia mais na luta pra conquistar aquilo que os nossos ancestrais não tiveram oportunidade no passado. A gente sabe que o sistema racista em nosso país opera até hoje. Não deu oportunidade para o nosso povo conquistar muita coisa que era de direito e com o reconhecimento houve uma abertura muito forte, trouxe força pra gente lutar e aí a gente conhecendo os direitos na Constituição, isso deu força pra gente tá correndo atrás. Agora uma coisa interessante que nos trouxe também foi à responsabilidade pela organização, por que a gente sabe também, pra que a gente possa alcançar algumas coisas, algumas coisas que estejam em secretarias, ministérios, as políticas públicas, é preciso derrubar muitas burocracias, por que a estrutura do governo é tão perversa que parece que foi tudo arquitetado para que a gente não tivesse, não conseguisse, principalmente a população negra e o povo quilombola, para que eles estejam o tempo todo dizendo que a gente não tem capacidade, que a gente não vai chegar lá e que a gente não tem projetos. Eles

estruturaram secretarias de forma tão perversa, a chegar a um ponto de uma associação não dar conta de tanta documentação para acessar aquela política pública, às vezes documento que nem existe, mas tá lá e isso nos causa uma certa dificuldade. Mas o reconhecimento nos chamou a atenção para a organização, por que não bastava só o reconhecimento, era preciso organização para que outras pessoas também soubessem, por que Tijuacu é uma comunidade muito grande e que precisava saber seus direitos de comunidade quilombola. (Entrevista com Valmir dos Santos, 33 anos, em 28/04/12)

O depoimento do senhor Valmir traduz o sentimento de orgulho que os quilombolas precisaram sepultar até o final do ano de 1999, ano que antecedeu o trabalho de campo que deu origem ao laudo de certificação do grupo. Este sentimento adormecido e sufocado se renova constantemente, amparado pelas narrativas orais dos mais velhos, sobretudo pela memória lúcida de dona Anísia Rodrigues que, aos 97 anos de idade e como bisneta da senhora Mariinha Rodrigues, se constitui em referência para todos, sendo impossível entrar ou sair de Tijuacu sem antes pedir a sua bênção, uma vez que ela ocupa um lugar de guardiã, sendo também conhecida como a grande professora da comunidade. Dona Anísia é capaz de proferir suas lembranças e relatos de vida, que solidificam a sua história e a história da comunidade, motivado pelo trabalho de compreensão e conscientização exercidos pelos indivíduos mais jovens que possuem a nítida ideia de que são os responsáveis diretos pela preservação e retransmissão de sua história como grupo étnico e cultural.

Este sentimento, entretanto, não se encontra regido pelo entusiasmo, até porque, conforme argumenta Fanon (2008), o entusiasmo atua como sendo a arma utilizada pelos impotentes, por aqueles indivíduos que esquentam o ferro para malhá-lo imediatamente e este comportamento em nada se relaciona com a trajetória histórica destes sujeitos quilombolas que aprenderam que depois do reconhecimento jurídico seria necessário haver um reconhecimento social, galgado a cada dia e advindo de todo o contexto que os circunda, considerando que, para que isto de fato ocorra, é preciso haver organização, planejamento e responsabilidade exercidas de forma coesa por parte de todos os atores sociais que integram o grupo e se reconhecem como povos tradicionais.

As mudanças ocasionadas não se restringiram apenas ao aspecto pessoal dos atores sociais quilombolas de Tijuacu, embora elas estejam sendo extremamente significativas e exercendo alterações positivas, capazes de despertar a autoestima e o orgulho de um povo antes sufocado, encontrando sentido para sua existência em função do que se é e que a todo tempo lhe é lembrado e cobrado pela sociedade a sua volta, sobretudo porque ser e sentir-se negro no Brasil, sempre representou uma luta política de militância contínua em que se firma

toda uma vida e, se levarmos em consideração que o sertão da Bahia sempre se manteve avesso a este tipo de atitude, não fica difícil imaginar a dignidade que se afirmar quilombola, transformando em valor aspectos que antes foram utilizados para rebaixá-los, trouxe à vida deste grupo étnico, ressignificando-a.

2.5 “TIJUAÇU MINHA FILHA, AGORA É OUTRO”...

As transformações, no plano individual, se concretizam a cada dia mediatizadas também pelas inovações que se sucedem no âmbito da comunidade, desde os serviços de infraestrutura até a geração de projetos em que o grupo demonstra sua capacidade de mobilização, independência, em relação à cidade de Senhor do Bonfim, bem como no que se refere as suas lideranças políticas e ainda evidencia sua autonomia em reivindicar e buscar recursos pensados, de acordo com a própria ótica dos quilombolas e não segundo as benesses das autoridades bonfinenses, até porque, conforme afirmou a senhora Valdelice da Silva “Tijuaçu minha filha, agora é outro”.

Um exemplo interessante da autonomia dos indivíduos de Tijuaçu, bem como de sua insubordinação ao município de Senhor do Bonfim, diz respeito ao recente episódio de presenteamento de uma estátua que foi colocada à entrada da comunidade.

Em 2011, alguns dias após as comemorações da festa realizada em homenagem a São Benedito - no mês de novembro, foi trazida à comunidade uma estátua apresentada como sendo de Zumbi dos Palmares para figurar como uma espécie de vulto histórico capaz de expressar a localidade. Este gesto da prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim desagradou bastante os quilombolas. Eles afirmam que reconhecem a importância de ordem histórica e cultural para sua etnia que representa a figura de Zumbi dos Palmares. Alegam os quilombolas, entretanto, que Zumbi se constitui em um marco de referência, capaz de abranger todo o povo negro e afrodescendente, tendo sua presença espiritual um lugar garantido na reverência de todos os moradores de Tijuaçu, porém, Zumbi (sozinho) não caracteriza os valores da comunidade, razão pela qual os moradores resolveram devolver a prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim a estátua e colocar em seu lugar a escultura de sua matriarca fundadora, visto que já estava decidido, em assembleia, que assim seria feito e a prefeitura, por meio de seus representantes, descumpriu o acordo e usurpou parte das verbas enviadas pelo deputado estadual apoiado pela comunidade e que deveriam ter sido

direcionadas à aquisição da estátua que eles queriam. Até o presente momento (2013) a estátua de Zumbi permanece no local, sendo chamada por alguns moradores de “o boneco da pista”.

Desde o reconhecimento de Tijuacu como comunidade quilombola, muitos benefícios começaram a chegar a este grupo, como as cestas básicas que chegam a cada três meses e são responsáveis por suprir uma necessidade primária de famílias que enfrentavam grandes dificuldades para adquirir alimentos, especialmente devido às poucas possibilidades de obtenção de emprego na região; a água encanada, que chegou até Tijuacu vinda da cidade de Ponto Novo e resolvendo um problema secular enfrentado por seus ancestrais - esta foi uma luta direta empreendida pela Associação Quilombola; energia elétrica às outras comunidades que se encontram constituindo o seu perímetro quilombola; o projeto Balcão de Direitos, que teve duração de dois anos, possibilitando aos moradores da comunidade resolverem sobretudo problemas jurídicos e “capacitando-os” como eles mesmo enfatizam, especialmente as lideranças comunitárias, para atuarem na Vila-centro e nas outras localidades, estimulando a conscientização e contribuindo para a aquisição de informações para o exercício pleno de seus direitos; o Crass Quilombola, solicitado por parte da Associação e que tem prestado assistência às famílias que enfrentam maiores problemas econômicos, embora os próprios tijuacuenses esclareçam que este órgão administrado pela prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim não atua na comunidade, de acordo com os desejos desta; e a obtenção de um veículo para o uso exclusivo da Associação no serviço à comunidade.

Os quilombolas com os quais mantive a oportunidade de conversar durante a realização desta pesquisa, informaram que, entre todos os benefícios conseguidos até o presente momento e outros que estão em curso dos quais ainda esperam resposta por parte dos órgãos autorizados, foi a chegada do “carro da associação” como é normalmente identificado em Tijuacu, responsável pela geração de polêmicas e adversidades entre os atores sociais que se afirmam brancos e os que se reconhecem como remanescentes de quilombo. Segundo estes, a comunidade sempre enfrentou problemas quando da necessidade de deslocamento para a cidade de Senhor do Bonfim. Tal fato se repetia principalmente quando o motivo do deslocamento era assistência à saúde, visto que os comerciantes e fazendeiros, que sempre faziam questão de lembrar que prestavam este serviço em um ato extremo de benevolência, muitas vezes se recusavam a prestar socorro, sobretudo quando o enfermo não era pessoa de sua simpatia, o que, somada à negligência do setor de saúde da cidade de Senhor do Bonfim, já resultou, em morte de muitas pessoas da comunidade. De acordo com os quilombolas,

mesmo em dias atuais, o veículo do Crass Quilombola se abstém em desenvolver este serviço, protelando a viagem até que a família consiga mobilizar o “carro da associação”.

Os atores sociais quilombolas esclarecem que muitas vezes ouviram piadas, provenientes sobretudo dos comerciantes, afirmando que o carro para a associação jamais chegaria à comunidade, mas quando chegou, os indivíduos não negros, em muitas ocasiões, os intimidaram, afirmando que mesmo assim “eles não sairiam do lugar”, pois não sabiam dirigir e que ficariam sempre na dependência destes. Essa expectativa, no entanto, foi contrariada - em muito pouco tempo, três pessoas da comunidade conseguiram passar nos exames de habilitação e o carro começou a funcionar, atendendo às necessidades dos que dele precisassem. O senhor Valmir dos Santos se tornou o motorista oficial e declara que este fato “foi coisa de Deus”, uma vez que, até então, jamais havia sequer tocado em um volante de carro, mas quinze dias depois de habilitado, começou a fazer viagens para Salvador com o objetivo de levar doentes para hospitais e também para cuidar dos interesses sociais do grupo, confirmando que a comunidade estava decretando a sua emancipação frente ao cativoiro simbólico ao qual estivera exposta.

Quando perguntados em relação às mudanças ocorridas na comunidade depois que esta passou a utilizar o título de comunidade quilombola, os sujeitos que colaboraram com esta pesquisa, responderam:

Na comunidade teve 80%. Por que antigamente as pessoas tinha receio de vim aqui pra Tijuacu, os jovens quando tinha festa tinha receio de vim pra cá, por ser uma comunidade negra e eles tinha sempre a visão de que o negro brigava muito. E essa história não fica tão longe por que eu alcancei, as pessoas vinham botava aqui o carro e depois ia embora por que tinha briga, Mas por que tinha essa briga? Era por causa do racismo. Os brancos, é, sempre tinha um negro que era dominado pelos brancos, os brancos mandavam e ele fazia o que os brancos mandava, ele fazia. Só pra haver uma desarticulação em tudo, aí começava a briga. Então assim, os jovens e as pessoas de bem não gostava de vim para Tijuacu. E hoje em dia, de doze anos para cá, a gente tá assim atraindo a atenção das pessoas pra comunidade. Então teve mudança. E teve e vai ter por que esse trabalho da gente não vai ficar em vão, não vai ficar sem retorno. E nós, graças a Deus, estamos tendo um retorno. Antigamente também não tinha professor negro aqui em Tijuacu e hoje já existe. Hoje já existe uma faculdade que a gente nem pensava ter. Hoje já existe as crianças chamando a Dinha e a Detinha, pedindo pra participar do Samba de Lata. Já existe o negro trabalhando não só em casa de família. Então são essas mudanças que aconteceu. (Entrevista com Suzana Fagundes da Silva, 38 anos, em 25/04/12)

A realidade expressa pela senhora Suzana, que é liderança comunitária e exerce suas atividades profissionais como uma das poucas professoras de Tijuacu nascida na comunidade

e na qual mantém uma atuação militante, chama a atenção para o fato de que sempre existiu uma intencionalidade por parte dos atores sociais não negros residentes na comunidade em projetar uma imagem negativa, capaz de envolver e expressar os indivíduos negros de forma individual e também em escala coletiva, de modo a justificar sua necessidade de dominação frente a esses. Utilizavam, para isso, sobretudo a coação, considerando que a maioria dos quilombolas dependiam de fazendeiros e comerciantes tidos como brancos, para lhes oferecer oportunidades de serviço e de crédito, razão pela qual, como descreve a senhora Suzana, sempre existiu um ator social negro que, mediante os favores que prestava e os poucos benefícios que recebia, se dispunha ou não podia se isentar de cumprir ordens emitidas pelos opositores da comunidade, com o intuito de incitar a dissensão interna e a desqualificação externa, contribuindo para rotular o distrito de Tijuacu e também os seus habitantes de pessoas desordeiras, pouco confiáveis e desprovidas de caráter, que não poderiam, portanto, receber visitantes durante os seus festejos sem se indispor com eles.

No depoimento da senhora Suzana podemos destacar também a compreensão que o grupo demonstra atualmente desses acontecimentos e das intenções que os envolvia. Associada a essa compreensão, há também a decisão dos quilombolas de desmistificar estes construtos negativos que a região cristalizou em relação a eles e ainda o desejo firmado coletivamente de se desvencilhar deles, principalmente a partir da fundação da Associação Quilombola, órgão apontado pelo próprio grupo como principal responsável pela conscientização e defesa dos seus interesses.

O despertar da comunidade fica evidente, na medida em que os quilombolas tão perversamente ludibriados no passado, mantêm-se unidos e atentos, sabedores de que qualquer melindre interno pode oferecer uma abertura para o trabalho de pessoas alheias ao grupo, descomprometidas em relação a sua realidade e capazes de reavivar sofrimentos, uma vez que muitas pessoas ligadas às lideranças políticas de Senhor do Bonfim sempre costumam se aproximar deste grupo étnico com o propósito definido de conseguir qualquer tipo de proveito próprio ou de buscar alguma forma de impor qualquer tipo de sujeição - a história de Tijuacu é repleta destes exemplos, tendo como principais representantes os fazendeiros que se afirmam como brancos.

Outra declaração importante e que merece destaque neste estudo, é o pensamento proferido pelo senhor Vanildo dos Santos, irmão de Valmir dos Santos, liderança comunitária e o único homem a integrar o Samba de Lata, sendo também o organizador da dança do Corta Cana e da quadrilha Parentesco, outras atividades culturais praticadas na comunidade.

Tijuaçu antes era o Lagarto e as pessoas chamavam assim com desprezo, com deboche e a gente se sentia muito mal com isso.

Hoje nós somos reconhecidos e valorizados, temos muitas conquistas, eu mesmo deixei de ser aceito em emprego por causa do meu cabelo e da minha roupa, queriam que eu cortasse o cabelo e colocasse um terno no concurso do fórum. No dia da entrevista, eu coloquei uma tiara e soltei o cabelo; vesti uma bata porque eu me sinto desta forma. Nós temos informação e com a informação a gente vai atrás de tudo que precisa e a gente consegue. (Entrevista com Vanildo dos Santos, 28 anos, em 14/04/12)

A postura assumida pelo senhor Vanildo, que já abandonou trabalho em Salvador por considerar que não podia pensar exclusivamente no seu benefício próprio, visto que a sua comunidade também necessitava de cuidado, principalmente no que se refere às crianças e jovens com quem desenvolve um trabalho de inserção nas atividades culturais, denota a atitude de alguém que não se curva mais aos ditames de uma sociedade que se mostre incapaz de conviver com os seus valores ancestrais, valores que os quilombolas não aceitam mais que sejam apenas tolerados e, sim, exigem que sejam respeitados e percebidos como total direito de vivenciarem sua alteridade.

Quando Vanildo relata como se sente, fazendo referência aos seus cabelos e as suas roupas, revela o entendimento de alguém que procura encontrar o seu lugar na sociedade a partir de sua etnia, fato que é extremamente positivo, em se tratando de pessoas que não possuíam um espaço construído em seu contexto justamente por conta de sua origem étnico-cultural.

Esta postura adotada pelo senhor Vanildo, eivada de conscientização e significado de se definir como membro de um grupo tradicional, nos remete ao pensamento elaborado por Carneiro da Cunha (1986, p. 99), quando afirma que:

O que significa que a etnicidade é uma linguagem não simplesmente no sentido de remeter a algo fora dela, mas no de permitir a comunicação. Pois enquanto forma de organização política, ela só existe em um meio mais amplo (daí aliás, seu exacerbamento em situações de contato mais íntimo com outros grupos), e é esse meio mais amplo que fornece os quadros e as categorias dessa linguagem. A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce a outras, enquanto se torna cultura de contraste: este novo princípio que a subtende, a do contraste determina vários processos. A cultura tende ao mesmo tempo a se acentuar, tornando-se mais visível, e a se simplificar e enrijecer, reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacríticos.

E são justamente estes sinais diacríticos, como ficou explicitado no pensamento defendido por Vanildo, que os atores sociais quilombolas de Tijuáçu têm buscado associar com as informações históricas de seus ancestrais locais e diaspóricos para determinar o estilo de vida adotado por seus membros no interior da comunidade e em suas relações externas.

Outro relato importante a respeito das transformações ocorridas no âmbito da comunidade, após a certificação, é fornecido pela senhora Valdelice da Silva:

Mudou depois que passou a nós ser comunidade quilombola, melhorou demais. Melhorou nossa rua, nosso canto. Nossas ruas era tudo esburacada e agora nós já temos nossas ruas algumas calçadas, já temos rede de esgoto em algumas ruas, Nossa! Melhorou 100%. Melhorou mesmo. Recebemos bastantes visitas, já sabemos nossa origem mesmo. O respeito aumentou, agora ninguém fica discriminando a gente como discriminava, mas ainda tem discriminação ainda. Mas agora as pessoas considera a gente quase igual, sabia? Todo mundo quase igual. Antigamente o povo passava, dizia, “Lagarto choveu”? Quando chamava de Lagarto que agora é Tijuáçu, aí o povo dizia aqueles palavrão com o pessoal. Hoje o povo “Lagarto choveu”? E ninguém diz nada. Olhe aquele não é do Lagarto não, que não tá dizendo nada, não responde. Mas ainda por que nós já mudemos nosso jeito de falar, não tem aquela agressão, os jovens era meio mundo de confusão, quando vinha pra aqui e hoje nós já recebe todo mundo bem, não caça mais confusão. Antigamente quando o povo vinha da Filadélfia ou de algum lugar, quando namorava com uma quilombola, minha filha! Nossa! Era uma confusão medonha! Mas agora melhoraram muito, graças a Deus! (Entrevista com Valdelice da Silva, 54 anos, em 05/04/12)

As mudanças apontadas pela senhora Valdelice da Silva, no plano físico, na infraestrutura, acontecem também acompanhadas das modificações simbólicas verificada no aspecto pessoal e coletivo da comunidade, especialmente em relação ao respeito que Valdelice e os demais informantes esclareceram que o próprio grupo e a região têm dedicado aos quilombolas, de maneira interna, por uma questão de aceitação e reencontro com as suas origens e, de forma externa, por uma situação de necessidade, devido ao fato de que, após o reconhecimento de Tijuáçu como comunidade tradicional, difundiu-se a informação em relação às penalidades jurídicas para os crimes de racismo. Daí por que a presença deste grupo étnico na região tem se feito também importante para o auxílio à transformação de mentalidades, acompanhadas de mudanças de atitudes no que se refere à percepção e tratamento dispensado a um sujeito social negro e afrodescendente, independente de o mesmo ser oriundo de comunidade quilombola ou não.

Outro aspecto ressaltado pela informante é o fato de a comunidade receber visitantes, em especial estudantes de escolas da região, acadêmicos e pesquisadores, que podem contribuir para transformar uma situação de anonimato cultural vivenciada no passado em

uma posição de visibilidade e reconhecimento que se verifica entre os indivíduos de Tijuáçu, tanto de forma particular quanto coletiva.

Estes atores sociais, atualmente, seguem de maneira coesa como grupo, porém com o devido respeito às particularidades pessoais expressas, conscientes de que qualquer desavença interna pode representar um princípio de fragmentação e que, certamente, qualquer atitude desta natureza não passará despercebida àqueles que sempre desejaram dominar e conduzir Tijuáçu mediante os ditames do seu bel prazer.

Este é o principal motivo de haver um trabalho direcionado entre os quilombolas para que esse fato jamais venha a ocorrer, partindo do pressuposto de que todos ali são importantes para a comunidade. Em primeiro lugar porque, como já foi mencionado anteriormente, quase todos são parentes, distribuídos em cinco núcleos familiares; em segundo lugar porque são atores sociais que lutam em prol de um objetivo maior capaz de integrá-los, objetivo que foi informado pelos próprios sujeitos ouvidos neste estudo, quando perguntados sobre o que ainda não aconteceu em Tijuáçu e que gostariam que acontecesse. A resposta foi praticamente unânime - quase todos afirmaram que este desejo se relaciona com a regularização fundiária de suas terras reivindicadas. As variações registradas se voltaram à vontade de que houvesse possibilidades de emprego na comunidade, de modo que seus habitantes não necessitassem se deslocar e abandonar, ainda que temporariamente, suas famílias no intuito de lhes oferecer uma melhor qualidade de vida.

CAPÍTULO 3

DIALOGANDO COM AS INSTITUIÇÕES EXISTENTES EM TIJUAÇU

Não basta apenas caminhar, é preciso decidir como fazer isso. A sabedoria sertaneja é clara nesse princípio - quando se está no “mato” é preciso saber caminhar, do contrário é melhor permanecer onde está, pois, assim, se evitará ficar em uma situação pior que aquela na qual o sujeito se encontra. É necessário respeitar a natureza e as leis que ela impõe, é preciso aprender a conviver com os seus princípios sagrados e perceber a melhor maneira de se relacionar com ela.

Utilizo como referência os saberes sertanejos para apresentar o terceiro capítulo desta pesquisa, inicialmente porque, como já relatei anteriormente, a comunidade quilombola de Tijuacu resguarda na organização de seu *modus-vivendi* caracteres sertanejos que também transparecem no seu processo de construção identitária, visto que são valores que congregam, não apenas com sua localização geográfica e, sim, com a maneira como seus ancestrais edificaram suas existências.

Toda a estruturação econômica e social da comunidade se deu a partir da água – elemento até os nossos dias escasso no sertão e utilizado como bandeira política de dirigentes que perpetuaram suas posições de destaque em função da necessidade humana e animal no que diz respeito a este precioso líquido¹⁸ – foi por causa da existência da água que a senhora Mariinha Rodrigues desceu do Alto Bonito para residir em Tijuacu, foi pela ausência da água e por conta da ação das secas que os quilombolas perderam suas terras no passado para fazendeiros -. Enfim, a água ainda constitui um grande divisor de espaços e possibilidades para a população sertaneja, dependendo grandemente de sua presença a qualidade de vida no sertão.

Como negros sertanejos, os tijuacuenses, a partir do momento em que começaram sua trajetória militante como povos quilombolas, tiveram que driblar, não só a invisibilidade que os cerca como grupo étnico-cultural, refutando o pressuposto cristalizado da não existência do negro no sertão e, ainda, o estigma de que as localidades sertanejas não figuram como pólos

¹⁸ Desenvolvo aqui esta argumentação mediante o fato de que muitos políticos adquirem votos sobretudo nas localidades rurais do sertão baiano, devido aos carros pipas que utilizam para abastecer estas regiões no período da estiagem, entre outros “favores” que não cabem ser mencionados neste estudo.

produtores de cultura, bem como de que precisaram desvendar os complexos mecanismos jurídicos que, quando não compreendidos pelos povos tradicionais, funcionam como vetores, impedindo que estes se projetem como categoria política perante o Estado Nacional.

Neste terceiro capítulo dialogo com as principais instituições que existem em Tijuacu, considerando que essas agências influenciam, de maneira positiva e ou negativa no ato de produção identitária destes sujeitos tradicionais. Focalizo o trabalho desenvolvido pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuacu e Adjacências - AAQTA - demonstrando a tarefa mediadora da associação no ato de formação de conceitos e discussão de ideias, estimulando constantemente na comunidade a reflexão a respeito de sua situação de povos ressemantizados, contribuindo para subsidiar cotidianamente a compreensão a respeito de sua trajetória de militância política, direcionando-a. Principalmente no sertão da Bahia, região relegada à ausência de conhecimentos científicos, anonimato cultural e adoção do princípio da não criticidade por parte de seus habitantes, faz-se sumamente importante a presença desbravadora de um órgão como a AAQTA, que vem atuando, desde a fundação como um organismo capaz de oferecer informações e possibilitar a reconstrução da dignidade dos indivíduos de Tijuacu, como sujeitos negros, afrodescendentes e quilombolas que, por meio dessa instituição vem aprendendo, a cada dia, a renunciar o ethos do silêncio que lhes foi imputado para substituí-lo pela atitude crítica e criadora de dizer a sua palavra, procurando libertar-se através dela, pois, como sugere o professor Paulo Freire (1987), os indivíduos dominadores em qualquer situação que lhes permita a opressão das massas, sempre o fazem por meio do domínio da palavra e nestas circunstâncias os dominados precisam aprender a lutar para tomá-la e, posteriormente, para aprender a pronunciar-la, atribuindo-lhe significado.

Destaco também a importância das atividades desenvolvidas por parte das Lideranças Comunitárias, categoria criada na comunidade remanescente de quilombo de Tijuacu alguns meses após a fundação da AAQTA, com o propósito de auxiliar o trabalho da Associação e difundir a circulação das informações no âmbito do grupo, sobretudo devido à extensão do seu perímetro quilombola.

E, por último, trago neste capítulo uma análise da postura exercida pela educação escolar que é oferecida aos discentes desta comunidade quilombola, visto que nas comunidades rurais sertanejas atribui-se grande relevância à presença das escolas, tidas como espaços de construção do saber (saberes?), locais de formação de valores e responsáveis pela elevação pessoal e moral dos indivíduos que as frequentam. Procuro demonstrar como a unidade escolar trata o currículo invisível produzido no quilombo contemporâneo de Tijuacu

e como o trabalho pedagógico ministrado pela escola, como instituição, se posiciona em relação ao processo de construção da identidade destes atores sociais ressurgidos.

3.1 ASSOCIAÇÃO AGROPASTORIL QUILOMBOLA DE TIJUAÇU E ADJACÊNCIAS - AAQTA: ESTÍMULO E REIVINDICAÇÃO À CAUSA QUILOMBOLA

As formas de organização de um grupo étnico-cultural funcionam como determinante de seu *modus-vivendi* tanto de maneira interna, expressando as representações sociais e culturais da coletividade, quanto de forma externa, sendo capazes de permitir e mediatizar o relacionamento estabelecido com a sociedade envolvente. Constituindo-se um dos motivos pelo qual as instituições sociais que se estruturam em uma comunidade quilombola, figuram como possuidoras de uma importância fundamental no processo de articulação identitária desses agentes políticos, principalmente quando elas são fundadas pelos próprios agentes sociais em questão. Isso porque assumem o papel de orientadoras do comportamento dos indivíduos, sugerindo-lhes caminhos a serem trilhados no que se refere a sua conscientização, esclarecimentos de dúvidas, no que diz respeito a sua condição de grupo tradicional e ainda incentivadora das posturas a serem assumidas para o crescimento e desenvolvimento do grupo, no âmbito interno, bem como sendo capaz de auxiliar, de forma construtiva e crítica, as relações que são mantidas com o entorno social, subsidiando a maneira como estes agentes se colocam e se afirmam.

Um dos primeiros critérios utilizados para declarar ao Estado-nação a respeito da existência de uma comunidade quilombola, além do critério de autoatribuição, é a formação de uma associação que esteja disposta a representá-la, visto que passa a ser o órgão que assume o compromisso de organizar, apresentar e negociar os interesses proferidos pelo grupo.

A Associação Agropastoril Quilombola de Tijuaçu e Adjacências - AAQTA - foi fundada oficialmente no dia 02 de abril de 2000. Entretanto, antes do seu estabelecimento, já existia como entidade representante da comunidade, que ainda não havia se afirmado como quilombola, a Associação dos Moradores e a Associação Comunitária. Ambas constituídas por pessoas da comunidade que mantinha, até então, apenas a denominação de comunidade rural, fazendo com que estas duas entidades direcionassem seus trabalhos ao atendimento dos interesses dos agricultores, considerando que a atividade agrícola se constitui na principal forma de trabalho exercida pelos membros da comunidade até os nossos dias.

Desse modo as ações desenvolvidas por estas duas associações que antecederam a fundação da AAQTA se voltavam para atitudes de combate às secas, pois, como já foi

mencionado anteriormente, este fenômeno natural sempre comprometeu negativamente a qualidade de vida dos moradores da comunidade.

As bases para a fundação da AAQTA, segundo o que foi informado pelos agentes que colaboraram com esta pesquisa, foram plantadas durante a participação de lideranças da comunidade no I Encontro de Comunidades Negras Rurais, sediado na cidade do Salvador no ano de 1994.

Através da participação de lideranças femininas de Tijuacu neste encontro, conforme foi descrito neste estudo, por volta do ano de 1999, a senhora Ilca dos Santos, uma das participantes do evento e uma das colaboradoras desta pesquisa, conta que foi procurada, em sua residência em Tijuacu, por duas senhoras das quais não se recorda o sobrenome, mas afirma conhecer os nomes próprios de cada uma, as funções que exerciam, bem como a importância do significado dessa visita, que representou um divisor de águas no curso da história da comunidade, por ser capaz de mediatizar, a partir de então, todo o processo de caminhada que possibilitou seu rito de passagem de uma comunidade negra rural para uma comunidade quilombola.

As informações prestadas por Ilca dão conta de que ela foi procurada pelas senhoras Rose (antropóloga) e Luciana (advogada), que pretendiam influenciá-la, bem como a sua prima Leninha dos Santos, para que se dispusessem a incentivar os membros da comunidade a fundarem uma associação quilombola.

Rememorando estes acontecimentos em nossas conversas informais, a senhora Ilca se emociona, ao afirmar que, inicialmente, os atores sociais da comunidade, em sua maioria, não corresponderam ao convite para a participação das reuniões realizadas, alegando não acreditar que, de fato, seria possível se afirmar perante o Estado-nação como povos tradicionais, demonstrando, inclusive, pouca compreensão em relação às modificações que começavam a se estruturar em seu contexto.

O comportamento inicial dos quilombolas é interpretado por esta pesquisa como uma atitude talvez esperada, tendo em vista o descaso e abandono que os habitantes de Tijuacu enfrentaram de maneira secular na região em que se encontram e principalmente, porque sempre souberam que o principal fator no qual se alicerçava este descaso, servindo de base para sua prática, sobretudo na cidade de Senhor do Bonfim, se vincula a sua negritude; pois mesmo em dias atuais a negritude que caracteriza os descendentes das raízes do “tronco velho” do Lagarto é apenas tolerada no cenário político e social bonfinense, uma vez que esta

sociedade embranquecida não pode mais se utilizar de recursos para sufocá-la, invisibilizá-la, tendo que, pelo menos, aceitar esta convivência.

É necessário cuidado para se perceber esse momento de transição, sobretudo de acordo com a perspectiva dos povos que acionaram e acionam o Decreto nº 68 do ADCT, pois, conforme esclarece Marques (2009), o referido artigo em sua trajetória tem percorrido um caminho inverso, consistindo em se transmutar da realidade vivenciada rumo ao aparato legal que o artigo confere e não como quase sempre acontece, isto é, migrando-se da criação do artigo para a realidade existente.

Partindo desse princípio, é preciso que se reconheçam os esforços empreendidos por estes sujeitos que se fundamentam no Decreto nº 68, em sua tarefa de repensar, compreender e construir paulatinamente suas concepções, no que diz respeito a sua nova situação de grupo étnico diferenciado e que, tomando por base esta diferença antes negligenciada, se projetam na estrutura nacional. Da mesma forma, também se faz preciso que os órgãos oficiais mantenham a sensibilidade de perceber a importância das transformações que se processam no interior destes grupos e todo o esforço efetuado para compreender a estrutura burocrática que se descortina frente a eles, de maneira que todo este arsenal jurídico não venha a se constituir em um entrave na trajetória emancipacionista destes atores ressurgidos.

A Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências - AAQTA – que conta, hoje, com um número equivalente a mil e quinhentos membros associados e dispostos a exercer militância política¹⁹; iniciou suas atividades com a participação de apenas dez pessoas, uma vez que os demais habitantes da comunidade, naquele momento específico, não conseguiram acreditar que seria possível mobilizar esforços coletivos que viriam a funcionar como o pontapé inicial de sua caminhada política rumo à defesa de seus direitos e conquista de objetivos comuns ao grupo.

Entre as pessoas que deram início a esta tarefa de mobilização, busca de informações e militância, registro neste estudo os seguintes nomes: Isaclara dos Santos, Ilca dos Santos, Maria Vítor, Valmir dos Santos, Valdelice da Silva, Marinalva dos Santos Silva, Raílton Juviniiano dos Santos, Valdemir Rodrigues, Rosa Santana e Ivomar Gitâneo, este último embora não residisse na comunidade, havia se aproximado deste grupo étnico-cultural com o objetivo de pesquisá-los.

¹⁹ Este número de sócios refere-se apenas aos 3.500 habitantes que residem na vila-centro de Tijuáçu, visto que todas as comunidades que fazem parte deste perímetro quilombola, foram fundando suas próprias associações. Sendo importante esclarecer que existe uma interação constante entre as mesmas possibilitada pelo trabalho exercido principalmente por meio das lideranças comunitárias e que será melhor evidenciado ao longo desta pesquisa.

As primeiras reuniões para a fundação da associação começaram a acontecer na Igreja Católica local, em virtude da participação dos agentes envolvidos nas atividades religiosas da igreja, bem como devido ao auxílio dessa instituição, possibilitando a participação de lideranças da comunidade no encontro realizado na capital baiana. À medida que o número de participantes que passaram a frequentar estas reuniões foi aumentando, os encontros passaram a ser realizados nas dependências da Escola Municipal de Tijuaçu, que fica localizada ao lado de uma igreja evangélica.

Nos diálogos estabelecidos com a senhora Ilca e com o senhor Valmir dos Santos, que permanecem fazendo parte da mesa-diretora da associação até os dias atuais, eles relataram que várias vezes precisaram conviver com o comportamento desrespeitoso, manifesto pelos membros da igreja evangélica, que costumavam aumentar o volume do som utilizado em seus cultos ou ensaios musicais e isto, sobretudo, quando percebiam que haviam começado as reuniões da associação. Sempre que esse fato acontecia, segundo o relato dos informantes, alguém saía do local da reunião e solicitava que diminuíssem o volume do som, pois não estavam conseguindo realizar as conversações com o grupo. De acordo com o senhor Valmir e a senhora Ilca, nesses momentos o som era diminuído. Quando voltavam a fazer uso da palavra, seus vizinhos voltavam a dar continuidade ao mesmo comportamento, o que atrapalhava ou não possibilitava o andamento das atividades da associação que pretendia ali se formar.

Dribladas estas dificuldades iniciais, bem como o descrédito enfrentado entre os próprios companheiros do grupo, a primeira mesa-diretora da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuaçu e Adjacências – AAQTA – foi constituída, composta pelos seguintes membros: Valmir dos Santos (presidente), Marinalva dos Santos Silva (vice-presidente), Ilca dos Santos (tesoureira), Antônio Marcos Rodrigues (primeiro secretário), Valdelice da Silva (segunda secretária). Enfatizo aqui, com base nas conversas informais travadas no âmbito do grupo, que estas pessoas foram também as primeiras na comunidade a acreditar na causa quilombola e disponibilizar-se ao engajamento na luta por essa conquista, representando, assim, os percussores da trajetória emancipacionista e reivindicatória dos tijuaçuenses.

Além desta primeira formação, descrevo também neste estudo as demais subsequentes por acreditar ser importante trazer esta percepção no que se refere às predominâncias e ausências dos nomes de alguns membros. Fazendo-se necessário informar que este tipo de seleção foi sendo feita utilizando como critério a vontade e disponibilidade daqueles (as) que sempre aparecem explicitados (as) em todas as formações aqui apresentadas bem como seu

desejo expresso de contribuir para o desenvolvimento do grupo propondo-se a representá-lo, procurando, para isso, buscar informações junto aos órgãos competentes e alargar estas compreensões para os habitantes da comunidade.

Ofereço portanto, um panorama dos nomes dos sujeitos que contribuíram para as formações constituídas pela mesa-diretora da AAQTA até o momento atual, para este fim foram verificados os livros de ata presentes na sede da associação mediante o consentimento dos seus dirigentes.

Período	Presidente	Vice-presidente	Tesoureiro	Primeiro Secretário	Segundo Secretário
2000	Valmir dos Santos	Marinalva dos Santos Silva	Ilca dos Santos	Antônio Marcos Rodrigues	Valdelice da Silva
2002	Valmir dos Santos	Valdelice da Silva	Ilca dos Santos	Antônio Marcos Rodrigues	Helena Conceição da Silva
2007	Valmir dos Santos	(não foi ocupada esta função)	Neuracy Vieira	Renivaldo Silva Rodrigues	(não foi ocupada esta função)
2009	Valmir dos Santos	Suzana Fagundes da Silva	Luizete Rodrigues da Silva	Vitoriana dos Santos	Ione Silva
2011	Luizete Rodrigues da Silva	Valmir dos Santos	Ilca dos Santos	Ione Silva	Joílson dos Santos Silva

Tabela 1

Quase treze anos decorridos do início da caminhada a AAQTA dispõe de uma sede própria e construída a partir dos esforços dos membros da comunidade. Entretanto em função do crescimento do número de associados às reuniões que tem acontecido periodicamente duas vezes por mês, geralmente em um dia de domingo, são promovidas em um recinto alugado, cujo espaço permite abrigar sem problemas associados, visitantes e pesquisadores que por vezes também participam destes encontros.

O nome de Ilca dos Santos e Valmir dos Santos aparecem na composição de praticamente todas as mesas-diretoras até então formadas pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuaçu e Adjacências - AAQTA - esta permanência acontece em função do desejo expresso pelos próprios associados, atitude que encontra também respaldo na militância exercida dos dois em favor dos direitos destes povos tradicionais, pois como enfatiza o pensamento expresso por Gomes (2007, p. 22):

Assim para que se consolide o Estado Democrático de Direito, a representação quilombola deve estar organizada em associações, como já ocorre, pois no âmbito organizacional, os quilombolas por meio de suas associações comunitárias, clube de mães, associações de trabalhadores rurais, dentre outras vem se auto-reconhecendo como remanescentes de quilombos e fortalecendo a sua luta pela titulação dos territórios. No âmbito nacional, desde 1995, os movimentos sociais quilombolas também vem se organizando na Conaq – Coordenação Nacional dos Quilombos, a partir das associações locais, nos municípios e nos estados-membros. Porém, se estas associações, antes tinham um certo nível de informalidade, hoje a exigência é que se constituam de maneira formal e jurídica.

Sendo necessário dessa maneira, atentar sobre quem serão as pessoas escolhidas para integrar a mesa-diretora de uma associação quilombola, visto que do discernimento, disposição e compromisso destas pessoas dependerá o bom andamento das reivindicações emitidas por estes grupos.

Nos períodos em que se deu o afastamento do senhor Valmir dos Santos e da senhora Ilca dos Santos da direção da AAQTA, este fato se deu em função de ambos estarem ausentes da comunidade por motivos de saúde.

Na comunidade quilombola de Tijuaçu a eleição para a direção da AAQTA ocorre a cada dois anos, sendo aberta a qualquer pessoa a possibilidade de se candidatar a um dos cargos que compõem a diretoria, porém existe um critério interno entre os associados e membros da comunidade de forma geral para delegar a pessoas específicas, este tipo de autoridade de representação.

Conforme esclareceram os informantes que contribuíram para esta pesquisa, as pessoas escolhidas para representar a comunidade através da Associação necessitam, em primeiro lugar, pertencer a este grupo étnico-cultural e partilhar de seus princípios e valores. Devendo ser uma pessoa que disponha entre os quilombolas de uma conduta idônea e goze do mesmo respeito no que se refere à sociedade envolvente, além disso, faz-se necessário possuir um certo grau de instrução escolar e consciência crítica, no que diz respeito ao entendimento do parâmetro de tradicionalidade que a comunidade possui perante o Estado-nação, para, dessa maneira, garantir mais fácil acesso às políticas públicas direcionadas aos interesses comunitários e estimular o desenvolvimento do respeito em caráter interno e em perspectiva externa.

A compreensão de sua condição de sujeitos tradicionais se constituiu no primeiro desafio a ser superado pelos tijuacenses, uma vez que entender o significado que envolve a categoria “remanescente de quilombo” nunca foi uma tarefa fácil, tendo em vista que, como adverte Marques (2009, p. 348):

A lei exige a auto-proclamação como “remanescente”, entretanto o processo de afirmação étnica historicamente não passa pelo resíduo, pela sobra ou “pelo que se foi e não é mais”, senão pelo que de fato é, pelo que efetivamente é e é vivido como tal. A antiga sematologia (mais preocupada com o que se foi era a balizadora da definição da FCP, que poderia ser resumida na expressão pedra e plástico (...))

Assim para os órgãos governamentais o que prevalecia era a noção historicista, arqueológica e objetificadora de preservação cultural, particularmente no tocante ao patrimônio de característica material (um lugar definido externamente, geograficamente determinado, historicamente construído e talvez documentado, ou um achado arqueológico). Ocorre que essa visão poderia ser aplicada aos quilombolas, eles próprios exemplo de patrimônio tangível e intangível.

Fez-se, então, imprescindível alargar o entendimento e apropriar-se dos construtos legais existentes, não sem alguma dificuldade para poder, a partir daí, dialogar com eles. Buscar e estabelecer parcerias com a finalidade de incorporar o novo - a categoria remanescente de quilombo - objetivando respaldar a vivência interna do grupo e a aceitação por parte da sociedade envolvente. E é importante alegar aqui que, se para juristas e antropólogos adequar sua tarefa profissional à novidade trazida com a criação do Artigo nº 68 - ADCT - foi uma atividade exaustiva que implicou estudos, debates, seminários e conferências; para os indivíduos quilombolas a compreensão deste artigo representou principalmente a capacidade desafiadora de ir além do universo simbólico da oralidade que

sempre legitimou toda a história cultural desses grupos étnicos, para a negociação com os saberes escritos e jurídicos, fazendo-se, então, necessário que a liderança desses povos ressurgidos fosse exercida por indivíduos que apresentassem um mínimo de escolarização e capacidade de abstrair conceitos que versam sobre a história das comunidades, motivo por que o requisito escolaridade tornou-se uma característica priorizada pelos quilombolas de Tijuáçu com vistas a solidificar a cada dia sua militância.

A simpatia e o bom relacionamento pessoal com os membros do grupo também são critérios importantes para que faculte aos componentes da mesa diretora da Associação transitar sem dificuldades nas ruas da comunidade, nas casas dos associados e ainda agregar em torno da AAQTA, os interesses referentes às outras catorze comunidades que se organizam em torno da Vila-centro.

Satisfeitas as qualificações exigidas para exercer a liderança do grupo, a mesa-diretora votada e eleita em assembleia geral, dá continuidade às atividades de compreensão dos instrumentos políticos vigentes bem como ao gerenciamento das políticas públicas que se voltam para o beneficiamento destes agentes.

Se o trabalho realizado pela direção da Associação for considerado satisfatório pelos quilombolas associados e passar pelo crivo de aceitação da comunidade, a direção permanece na formação que estiver em exercício, caso contrário, são substituídos os nomes das pessoas que se considera não estarem aptas a desempenhar uma função tão importante junto à comunidade. Motivos de ordem particular podem levar um componente da direção a se afastar temporariamente ou até se desligar após cumprir o seu mandato.

A descrição desse cenário torna mais fácil explicar a permanência de algumas pessoas na mesa-diretora da associação desde a fundação até os dias atuais - a realização das atividades programadas e a postura assumida sempre em consonância com as prioridades dos quilombolas e a capacidade de propiciar a harmonia interna de acordo com o trabalho realizado.

Aos serem indagados a respeito de como acontece o trabalho realizado pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências, os atuais integrantes da direção da entidade evidenciaram:

O trabalho da Associação Quilombola, o objetivo dela é fortalecer a organização social, trabalhar a auto-estima dos moradores da comunidade, agir de forma consciente por que, por mais que nós entendemos que no passado houve muita discriminação com o povo negro na comunidade, a gente não age dessa forma. A gente procura trabalhar de acordo com a lei, pois a gente sabe que hoje de acordo

com as leis que tem ninguém pode discriminar ninguém, da mesma forma que um negro pode entrar com uma ação, o branco também pode, a gente procura orientar o nosso povo dessa forma. Acessar as políticas públicas do governo federal, do governo estadual pra que venham realmente chegar na comunidade e beneficiar o nosso povo e temos grandes preocupações em relação a saúde do nosso povo, a saúde da mulher, em relação a educação que é uma preocupação assim que me deixa inquieto. A questão da educação na comunidade por que a gente ver muita coisa que não está andando como deveria. O município recebe recursos, mas não investe como deveria. Ter as equipes capacitadas para desenvolver o trabalho, por exemplo, os PSFs, ter uma equipe capacitada para desenvolver o trabalho, ter uma equipe com a consciência de que está desenvolvendo seu trabalho em uma comunidade quilombola, sabendo que existe muitos problemas de saúde que são característicos da população negra, sabendo que a população negra tem uma grande incidência de casos oriundos dos nossos antepassados como a anemia falciforme, diabetes, hipertensão e outros, para que estas equipes conheçam como estão trabalhando e a forma que deveriam trabalhar. A maioria dos médicos que a gente recebe nos PSFs são estagiários, pessoas que estão se formando agora, pessoas que não entendem nada de comunidades quilombolas e muitas vezes não entendem nem a linguagem do nosso povo. Chamam o nosso povo de mal educados, diz que as pessoas não sabe se expressar; assim coisas absurdas que a gente vê que a culpa não está na comunidade, a culpa está em pessoas despreparadas que vieram para a comunidade. E a gente sabe hoje que todas as pessoas que vierem trabalhar em comunidades como essas, elas tem que se adequar a realidade delas, isso a gente tem que levar como consciência pra qualquer comunidade, fazendo uma capacitação na comunidade, então a gente como associação procura se preparar e preparar a comunidade. (Entrevista realizada com Valmir dos Santos, 33 anos, em 28/04/12)

Nas afirmações de Valmir dos Santos, primeiro presidente da AAQTA e que até hoje faz parte da mesa-diretora, como vice-presidente, devido ao fato de se predispor a buscar informações que possibilitassem ao grupo refletir sobre sua condição de sujeitos tradicionais, fato que faz de sua pessoa uma referência para a comunidade.

De acordo com o senhor Valmir, a primeira questão a ser considerada no trabalho específico desenvolvido pela Associação corresponde aos cuidados com a organização interna do grupo, devendo se estender desde as atividades de esclarecimento desses agentes, no que se refere a sua situação de sujeitos políticos, até a contribuição para a existência do sentimento de solidariedade étnica e unidade entre eles, tornando-os fortalecidos em perspectiva interna e subsidiando, assim, sua projeção perante a sociedade envolvente. Cabe, inclusive, preparar o grupo para ser alvo por parte da sociedade de todo tipo de especulação que tem sido direcionada em relação a sua posição de atores sociais ressemantizados no contexto atual, procurando não se perturbar com o bombardeio que lhe é direcionado e sim responder cautelosamente e de forma segura, contribuindo para assegurar seu espaço na estrutura social.

Um fator importante expresso nos depoimentos do informante, percebido como fundamental para o desenvolvimento progressivo do grupo, é a capacidade que a AAQTA tem demonstrado para atuar como agente estimulador da conscientização dos quilombolas. Os membros da direção da Associação apresentam uma pré-disposição, no que se refere a buscar conhecimentos que lhes permitam analisar sua situação de povos tradicionais, retransmitindo esses conteúdos à comunidade e possibilitando os esclarecimentos para que se projetem em face do Estado-nação sejam apropriados por todos.

A atitude mediadora adotada pelos membros que compõem a mesa-diretora da AAQTA tem sido importante para edificar entre estes sujeitos ressurgidos aquilo que Paulo Freire (1987), denominou de prática da liberdade²⁰, fato que somente acontece a partir do processo de libertação das consciências envolvidas, configurando-se na contínua recriação de um universo que, da mesma forma que obstaculiza, serve de estímulo fomentador para o esforço que consiste na superação libertadora das consciências humanas que passam a adotar, então, uma atitude de criticidade em toda a sua interação com a sociedade.

Mas ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo. Se cada consciência tivesse o seu mundo, as consciências se desencontrariam em mundos diferentes e separados – seriam mônadas, incomunicáveis. As consciências não se encontram no vazio de si mesmas, pois a consciência é sempre radicalmente, consciência do mundo. Seu lugar de encontro necessário é o mundo, que, se não for originariamente comum, não permitirá mais a comunicação. Cada um terá seus próprios caminhos de entrada nesse mundo comum, mas a convergência das intenções, que o significam, é a condição de possibilidade das divergências dos que nele se comunicam. A não ser assim os caminhos seriam paralelos e intransponíveis. As consciências não são comunicantes por que se comunicam; mas comunicam-se por que são comunicantes. A intersubjetivação das consciências é tão originária quanto sua mundanidade ou sua subjetividade. Radicalizando, poderíamos dizer, em linguagem não mais fenomenológica, que a subjetivação das consciências é a progressiva conscientização, no homem, do “parentesco ontológico” dos seres no ser. (FREIRE, 1987, p. 16)

O pensamento de um educador é aqui tomado como referência para analisar o trabalho institucional e pedagógico desempenhado pela mesa-diretora da AAQTA, pois se considera que toda a vivência dos indivíduos que residem no interior de uma comunidade quilombola se fundamenta em uma atitude contínua de educação, capaz de nortear a permanência dos valores expressos por esses grupos, sua produção e ressignificação cultural, mantendo o que

²⁰ Construto teórico presente na maioria das obras deste autor, principalmente em *Pedagogia do Oprimido e Educação como prática da Liberdade*. Livros que o autor escreveu sobretudo tomando como referência suas experiências educacionais na África durante o seu exílio político.

lhes alicerça de forma social e também recriando mediante as necessidades geradas pelo contexto interno e externo, visto que a vida desses atores se desenvolve de forma dialética, estabelecendo relações e interagindo os saberes tradicionais àqueles que são postos pela pós-modernidade.

Nortear as mobilizações internas de um grupo étnico-cultural significa, como demonstra o senhor Valmir dos Santos em seu pensamento aqui expresso, agir de forma consciente e conscientizadora, adotando atitudes saudáveis, do ponto de vista psicológico e social, evitando a possibilidade de retribuir a hostilidade que lhes foi imputada pelos indivíduos que se definem como brancos no interior da comunidade, buscando agir inversamente, de modo a procurar transformar valores como respeito, dignidade e cidadania, em fatores comuns a todos os sujeitos sociais de Tijuçu, independente que estes se declarem quilombolas ou estejam entre os parentes de comerciantes e ou fazendeiros.

Como exemplo desse tipo de atitude alteritária, destaco nesta pesquisa a aceitação que existe por parte dos indivíduos que são membros da Associação Quilombola em relação à presença das mulheres dos comerciantes de Tijuçu, na condição de associadas, mesmo sabendo, conforme é explicado pelo senhor Valmir, que elas estão ali participando das reuniões mais pelo desejo velado de espionar e estarem cientes de todos os passos dados pelos quilombolas, repassando estas informações ao seus maridos e não pelo desejo de comungar com os interesses do grupo.

O senhor Valmir relatou, em uma de nossas conversas informais, que a participação das mulheres dos comerciantes na Associação consiste em uma estratégia desses para se informar a respeito dos caminhos trilhados pela luta quilombola. Ressaltou também que a presença destas mulheres atualmente nas reuniões, ao invés de constrangê-los ou intimidá-los, tem servido de pressuposto para a construção do princípio do diálogo e da possibilidade de perceber e demonstrar a maturidade alcançada por estes atores em caráter interno.

Outra característica relevante trazida pelo informante, no que se refere ao trabalho executado pela mesa-diretora da Associação, reside na possibilidade de reflexão social e intervenção, almejando a melhoria da qualidade dos serviços de educação escolar e de saúde oferecidos na comunidade. Procurando discutir esses serviços e adequá-los às necessidades dos quilombolas, uma vez que, como defende Oliveira (2007), o vínculo das comunidades quilombolas com sua historicidade, baseado em resistência e luta, constitui um aspecto fundante do universo simbólico e da consciência coletiva dessas comunidades, necessitando, portanto, serem escutadas e atendidas.

Outra voz significativa ouvida nesta pesquisa, a respeito do trabalho realizado pela AAQTA, é o depoimento facultado pela presidente da entidade, a senhora Luizete Rodrigues, que começou suas atividades de militância na comunidade na qualidade de liderança e que, devido ao respeito conquistado entre os quilombolas, atualmente dirige, pela primeira vez, as atividades da associação, sendo também a primeira vez que uma mulher assume este cargo na comunidade. Fato que possui um sentido histórico para o grupamento, visto que a Vila-centro de Tijuaçu foi fundada por uma mulher e assume, até os dias contemporâneos, caracteres de continuação e valorização desta estrutura de liderança feminina.

O trabalho da Associação aqui dentro de Tijuaçu, a gente trabalha com 50 lideranças. O que é as lideranças? As lideranças todas quando a gente precisa delas pra fazer algum trabalho, tem duas, três por rua e todas fazem um trabalho voluntário e dentro também junto com as lideranças, a gente trabalha com o vice-presidente, a tesoureira, a secretária e o vice-secretário. Então cada um desses tem sua tarefa, então hoje eu me considero uma presidente porque a gente não tem fundos lucrativos igual outra presidente, porque a gente trabalha com este trabalho pra ajudar a comunidade, esperando que um dia Deus mande e reconheça aqui pela comunidade, que ajude as lideranças porque todas que trabalham como lideranças tão desempregadas. E eu me orgulho de ser uma presidente, de ser mulher aqui na comunidade. Por ser uma comunidade representada por mulher, 90% das lideranças da comunidade aqui é tudo mulher. (Entrevista com Luizete Rodrigues, 39 anos, em 30/04/12)

As lideranças às quais a senhora Zete, como é comumente conhecida na comunidade, se refere, estão relacionadas à estrutura organizativa desenvolvida pela direção da Associação, com o propósito declarado de que toda a comunidade tenha acesso às informações. Relatando como acontece o trabalho desenvolvido pelos membros da mesa diretora, a entrevistada esclareceu que, ao todo, chega a cinquenta o número de pessoas que desenvolvem um trabalho de extrema importância, atuando de maneira que, na impossibilidade de uma delas desenvolver as atividades que lhe compete, tenha sempre duas outras disponíveis como se fosse um sistema que abriga membros titulares e suplentes. Esse modo de organização tem funcionado porque Tijuaçu é uma comunidade que possui um número considerável de habitantes e um dos recursos utilizados para fazer as informações circularem entre o grupo é através do intercâmbio realizado entre as pessoas que compõem a direção da AAQTA e as lideranças comunitárias - categoria que será posteriormente melhor descrita neste estudo.

Um fator relevante a ser observado nas afirmações da presidente da AAQTA é a facilidade que a comunidade tem demonstrado, até então, para gerir a descentralização do poder, procurando abdicar de atitudes personalistas, capazes de trazer evidências em âmbito

regional - comportamento que tem sido causador de desarticulações para muitos grupos tradicionais que procuram reivindicar seus direitos junto ao Estado Nacional.

Como foi citado pela senhora Zete, um dos interesses nutridos pela Associação é oferecer igualdade de possibilidades dentro da comunidade, sem priorizar qualquer tipo de autoridade que possa enaltecer uns e menosprezar outros. Existe a preocupação em delegar importância ao trabalho desenvolvido por todos os membros da direção, lideranças comunitárias e em estender esta relevância a todos os associados e pessoas do grupo, fortalecendo a conscientização de que Tijuçu é realmente uma coletividade étnica, devendo assim ser percebida por todos (as). Existe também a preocupação de evidenciar que a grande tarefa da Associação consiste em trabalhar pelos interesses deste grupamento e difusão de sua historicidade, tendo em vista que esta é a função real daqueles (as) que se propõem e ou são escolhidos (as) para exercer atividades de representatividade em comunidades quilombolas, propondo-se, portanto, a desenvolverem conforme salienta Gomes (2007, p.24):

Um papel transformador junto as suas comunidades, atuando politicamente em favor delas e estando engajadas em projetos políticos e culturais. Há uma percepção geral de que é preciso buscar um novo espaço de diálogo como o Estado e de que é essencial fazer algo com mais consistência e consequência política.

Assim o desenvolvimento de todos (as) é priorizado, contribuindo para despertar em sua militância diária, ideais de fraternidade que não se expressam em caráter de utopia, mas que são necessários à convivência harmônica da comunidade que, embora resguarde internamente suas diferenças específicas, entende ser necessário mobilizar-se em esfera coletiva de modo a ser atendida em suas reivindicações.

Merece ser analisado também outro ponto da entrevista da senhora Zete: o orgulho evidenciado ao afirmar-se, como mulher, no exercício da condução das atividades da Associação Quilombola e a referência à força feminina na liderança comunitária em Tijuçu, condição histórica entre estes atores sociais.

É primordial enfatizar nesta pesquisa que nas comunidades quilombolas a figura feminina quase sempre representa um papel de destaque em diversas atividades, seja por expressar a mediação com o sagrado, por intermédio de seu exercício nas atividades religiosas, colocando-se na função de mãe espiritual de uma coletividade étnica, ou atuando na condição de parteiras, ofício que também lhe concede o título de mãe de todos aqueles (as) que através de seu auxílio tiveram acesso à vida e, ainda, quando a mulher atua na função de

remedieiras, cabendo-lhe o cuidado com a saúde do grupo, fato que lhe possibilita, portanto, o transitar tranquilo entre todas as famílias da comunidade, já que seus favores costumam ser estendidos desde os indivíduos de mais tenra idade àqueles mais idosos, considerando que o conhecimento acumulado pela remedieira sobre a utilidade das ervas e infusões se tornam necessários para o bom andamento da saúde de todos (as), pois nem sempre existe nessas comunidades serviço de assistência médica e hospitalar. Enfim, nas comunidades tradicionais, o papel social exercido pela mulher sempre assume uma conotação sagrada, materna e de guardiã dos segredos e saberes de um povo, sobretudo no que diz respeito à condução pessoal de sua família e o desvelo dedicado no cuidado com filhos (as).

Constitui comportamento comum em muitas comunidades rurais, quilombolas ou não, principalmente e para fins deste estudo, aquelas comunidades que se encontram no sertão da Bahia, os pais abandonarem seus lares na busca de uma melhor qualidade de vida nas regiões do sul do Brasil e não mais retornarem as suas casas nem procurarem saber de seus filhos (as), ou ainda transformarem sua presença em casa em uma atitude de ausência afetiva caracterizada pelo desinteresse da figura paterna, no que se refere ao progresso de sua família, ficando, então, ao encargo das mulheres esta atividade sagrada de zelar pelo bem estar dos seus.

No caso específico de Tijuáçu a atuação das mulheres pode ser percebida desde o ato de fundação da comunidade até o exercício da militância política e realização das atividades culturais. Há que se destacar a participação feminina em todos estes aspectos e, em muitos casos, cabendo às mulheres o sustento de suas famílias, o que fazem com muita disposição, exercendo diferentes atividades, entre as principais: agricultoras, empregadas domésticas e vendedoras de acarajé e milho, atuando em toda a microrregião e se fazendo conhecer, dessa forma, como personalidades respeitadas e estimadas.

Na definição de Pinto (apud, Oliveira 2007, p.17), estas mulheres podem ser pensadas como:

Mães, esposas, avós, comadres, que aprenderam com suas antepassadas a desempenhar afazeres tanto no mundo natural, executando as mais diversificadas formas de trabalho, como no plano sobrenatural, benzendo, recitando rezas e invocando encantarias para obter ajuda e curar os males de seu povo.

Reafirmam-se, então, as mulheres como símbolos evocadores de sabedoria, fortaleza e capacidade criadora para organizar suas vidas e orientar a vivência de todos (as) que se agregam em torno delas. Geralmente compete às mulheres quilombolas a liderança interna e a

habilidade de se colocar frente ao contexto externo que as circunda. E este princípio que se torna evidente no depoimento expresso pela senhora Luizete Rodrigues pode ser percebido sem dificuldade na convivência diária entre os quilombolas de Tijuaçu.

Uma terceira opinião relevante para ser analisada neste estudo está no depoimento proferido por Joílson dos Santos Silva, que exerce a função de segundo secretário da mesa-diretora da AAQTA:

Na verdade esse trabalho é um trabalho voluntário. Surgiu-se essa ideia de formar lideranças na comunidade quilombola de Tijuaçu, justamente pelo fato de a gente tá buscando amenizar o sofrimento de nossos parentes aqui na comunidade. Amenizar esse sofrimento de que tipo? Quando a gente precisa fazer alguma manifestação cultural, a associação não tinha fundos pra tá pagando pessoas pra gente tá melhor organizado, então surgiu à ideia de juntar aqueles jovens que realmente gostariam de ver a comunidade crescer, mudar aquela realidade de sofrimento e aí a gente ia fazer aquele trabalho na comunidade sem exigir nada em troca, só a fim, o prazer de ver futuramente, como a gente hoje tamos vendo, a comunidade colhendo frutos.

Hoje em dia aqui na comunidade, a gente tem a nossa carteirinha de associado, a gente vai nas clínicas de Bonfim e a gente tem nosso desconto, quer dizer aquilo pra gente, é como se fosse uma missão cumprida, por que a gente sabe que o nosso trabalho não foi em vão. Hoje em dia esse trabalho que a gente faz na comunidade, cada vez mais a gente tá buscando esclarecer as pessoas da nossa comunidade. (Entrevista com Joílson dos Santos Silva, 27 anos em 19/04/12)

A melhoria da qualidade de vida dos habitantes da comunidade é sempre citada pelos quilombolas como uma “missão do grupo”, em função dos desejos que possuem de ter direito a uma existência cidadã e aos fatores enfrentados no passado por estes agentes e que são narrados pelos indivíduos mais velhos, de modo que possam ser evitados pelas atuais gerações, como é o caso de Joílson e outros indivíduos de sua idade.

Existe uma grande ênfase difundida em caráter interno pelos quilombolas e, em especial, pelos membros diretores da Associação de que é necessário evitar qualquer retrocesso. Compreendem que isso pode significar uma abertura negativa no interior do grupo, capaz de ocasionar um retorno aos sofrimentos do passado, quando foram obrigados a viver no anonimato político, social e cultural, percebendo sua dignidade como membro de um grupo étnico ser ultrajada violentamente, tanto no interior da própria comunidade quanto por parte da sociedade envolvente, uma vez que os quilombolas de Tijuaçu foram obrigados a direcionar suas vidas em escala individual e coletiva, mediante os ditames de fazendeiros e comerciantes que invadiram a comunidade, desrespeitando toda a organização interna

encontrada e impondo novas regras para os indivíduos deste grupamento que, para continuar vivendo em seu território de origem, precisaram se adequar as mesmas, respeitando-as.

O informante Joílson, que é sobrinho do senhor Valmir dos Santos e primo da senhora Ilca dos Santos, sendo conhecido na comunidade de Tijuáçu pelo seu apelido de Júnior, é também membro diretor da Associação da comunidade de Alto Bonito, mediatizando sempre a comunicação entre ambas as comunidades de modo a facultar uma interação constante entre as lideranças das mesmas.

Em nossos encontros, durante o desenvolvimento desta pesquisa, Júnior deixou claro através de narrativas orais, a compreensão e resolução coletiva existente por parte dos indivíduos de sua geração que se dedicam à causa quilombola por decisão própria, à vontade e o compromisso de elevar o nome da comunidade, não permitindo, dessa maneira, que Tijuáçu volte a ser marginalizada no contexto que a circunda. Em muitas de nossas conversas, Júnior revelou o orgulho de poder gozar de um respeito que, no passado, foi negado aos seus familiares, bem como afirmou a vontade de legar este respeito aos seus descendentes, de modo que estes não precisem enfrentar a situação vexatória de alienação e subalternidade imputada aos seus ancestrais.

3.2 O QUE MUDOU NA COMUNIDADE A PARTIR DO TRABALHO DESENVOLVIDO PELA AAQTA?

A importância das atividades realizadas pela Associação Quilombola para o desenvolvimento social e cultural destes sujeitos tradicionais ressurgidos de Tijuáçu, tanto no que diz respeito à organização que se processa de forma interna, como no que se refere ao seu relacionamento com a sociedade envolvente, também ficou clara nas respostas emitidas pelos informantes desta pesquisa, quando responderam à indagação formulada de como a comunidade estaria no momento presente, caso não houvesse o trabalho consciente e conscientizador realizado pela AAQTA, como evidencia, a seguir, o trecho de um depoimento:

Eu não quero nem pensar como é que taria a comunidade hoje, por que aqui antigamente era sofrimento. Ninguém conhecia seus direitos, quem quisesse não respeitar a gente não respeitava. Parecia que a gente por ser do Tijuáçu não era nada e quem fosse mais negro, era que mais sofria. (Entrevista realizada com Ione Carvalho Silva, 27 anos, em 12/04/12)

Nas afirmações proferidas pela senhora Ione, que exerce a função de secretária da Associação e é filha de uma liderança comunitária que desenvolve suas atividades tanto na Vila-centro de Tijuacu como também na comunidade de Barreira, fica evidente que existe uma interação no perímetro quilombola de Tijuacu, tanto subsidiada pelo trabalho conjunto exercido por suas lideranças que, por vezes, acontece em mais de uma comunidade, como também devido às comunicações constantes que essas mantêm entre si, possibilitadas pelos vínculos de parentesco e compadrio existentes.

Nas afirmações da informante transparece a capacidade que o trabalho realizado cotidianamente pela AAQTA tem demonstrado desde 2000, ano de sua fundação até o momento atual, caracterizado pelo propósito de devolver a este grupo étnico a dignidade de viver, como enquanto agente de sua própria história e não mais manipulados por interesses específicos de fazendeiros e comerciantes que invadiram, no passado, as terras da comunidade e que lá permanecem apenas com o objetivo de promover seus interesses específicos e não de contribuir para o progresso desta comunidade quilombola.

É o trabalho ministrado pela direção da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuacu e Adjacências – AAQTA – que tem possibilitado a esses atores sociais alterar o curso de sua história, de modo a deixarem o campo do silenciamento político e cultural que lhes foi imposto até o final da década de 1990, quando figuravam na região geográfica na qual se encontram inseridos apenas como representantes de uma comunidade negra rural para, no momento presente, amparados pelo que rege o Artigo nº 68 ADCT, conquistarem uma postura de altivez e intervenção no seu contexto. Considerando que esta postura é legitimada a cada dia, em função da militância exercida por estes agentes que se projetam como povos quilombolas e herdeiros de uma tradição ancestral, tendo em vista que estão sendo capazes de transformar suas vidas em caráter individual e coletivo, a partir do trabalho que desenvolvem, tomando como referência o fato de se perceberem, assumirem e buscarem reconstruir suas histórias de vida mediante um novo significado, influenciado por sua condição de grupo étnico-cultural.

O depoimento da senhora Ione evidencia o papel de estímulo à tomada de consciência interna que acontece entre estes indivíduos, exercido por parte da Associação, bem como seu grau de importância para esclarecer e informar os quilombolas, uma vez que, como ela mesma enfatiza, antes da existência da AAQTA, os indivíduos do grupo não conheciam seus direitos de povos tradicionais, não possuíam o respeito da sociedade tida como inclusiva e adotavam uma atitude de ingenuidade e impotência frente à realidade.

O fato de residirem em Tijuacu já concedia aos seus moradores uma situação de subalternidade e isto principalmente na sociedade bonfinense que, enquanto lhe foi possível na qualidade de cidade-pólo, manteve a população dos “pretos do Lagarto”, sob sua total tutela, de modo a assegurar sua invisibilidade do ponto de vista epidérmico, simbólico e cultural. A presença dos negros (as) de Tijuacu na região sempre foi responsável por refutar a branquitude ostentada pelo município de Senhor do Bonfim, sendo conveniente informar aqui que só bem recentemente as lideranças políticas desta cidade se mostraram dispostas a dialogar com a diversidade cultural que a constitui, visto que não é mais possível mascarar e ou desconsiderar este princípio.

Uma das grandes relevâncias que permeia o trabalho desenvolvido pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuacu e Adjacências – AAQTA – e que funciona como preocupação constante entre aqueles que exercem a função de membros-diretores, consiste justamente em direcionar suas atividades, de modo a propiciar o despertar da autoestima nos indivíduos negros da comunidade, contribuindo para transformar toda ideia de negatividade, inculcada e atribuída a negritude que há em seus corpos e que traduz seus estilos de vida, em pressuposto para a edificação de parâmetros positivos capazes de caracterizá-los de forma respeitosa no contexto que integram. Esse trabalho auxilia também a comunidade a perceber a beleza que há em sua cor, em seus rostos, desmistificando o estereótipo da “ruindade” de seus cabelos, sempre apontados como motivo de constrangimento no momento de ir a festas e ou participar de reuniões sociais, necessitando, para isso, serem “alisados”, no intuito de estarem de acordo com os convencionalismos que uma sociedade que se deseja branca e se percebe de forma europeizada enfatiza como sendo naturais e corretos.

As atividades promovidas pela Associação, sobretudo no ato de suas reuniões e pequenos encontros de rua têm, contribuído para desconstruir entre os quilombolas de Tijuacu o sentimento de inadequação frente ao contexto social que os envolve no que se refere a sua existência pessoal e coletiva, como membros de um grupo étnico que, em função de sua negritude, foi estigmatizado e divisado como indivíduos menores, inferiorizados e predispostos a sujeição.

Dando continuidade ao pensamento exposto por Ione, uma das participantes mais novas a compor a direção da Associação Quilombola, já que é a primeira vez que assume um cargo na Associação, faz-se sumamente necessário trazer neste estudo o depoimento expresso pelo senhor Valmir dos Santos, no que diz respeito a esta posição mobilizadora, exercida pela

AAQTA, uma vez que este ocupa a função de um dos membros-diretores mais antigos desta instituição e agrega ao redor de si a responsabilidade de orientar este grupo étnico.

É importante ressaltar aqui que esta tarefa atribuída a Valmir é realizada com o consentimento da comunidade, que o reconhece como liderança oficial, devido a toda sua iniciativa de militar em favor dos interesses dos quilombolas, inclusive porque começou esse trabalho que ele mesmo descreve como uma “missão divina”- fato que acontece no momento em que toda a estrutura política e social que os envolvia não se colocava como favoráveis ao reconhecimento dos indivíduos de Tijuacu, como sujeitos políticos e de direitos perante o Estado Nacional.

Era bem pior. Era bem pior do que era antes. Por que na comunidade as pessoas realmente estariam desgarradas, sem saber e sem conhecer os seus direitos. Nós teríamos um povo sem saber dos seus direitos, sem a auto-estima do ser negro, sem a consciência de uma comunidade quilombola. Nós seríamos um povo que dificilmente iria acessar as políticas públicas, nós seríamos um povo que estava esperando decisões apenas das prefeituras, dos vereadores. Nós seríamos um povo que apenas era administrado pelos outros. Um povo administrado, parado, só dizendo amém a quem se apresentasse como o pai da criança.

Então a gente vê, a gente percebe o por que de não ser ajudado pelo município, por que um povo acordado, a gente é uma arma para partir para o embate. Então a gente sabe que quanto mais conhecimento um povo tem, ele não depende de ser manipulado e ele não se deixa ser conduzido. Por exemplo, quando as pessoas saem daqui em busca da aposentadoria no INSS, às vezes são pessoas que não conseguiram concluir, não tiveram oportunidade de estudar, aí chega lá ouvem que eles não tem o direito, as pessoas ouvem duas palavras, não entende, não sabe argumentar e volta pra casa triste e diz: “ah! Eu não tenho direito não”. E aí quando a gente volta pra lá com essa pessoa, a conversa é totalmente diferente e antes do tempo esperado, a pessoa então consegue alcançar sua aposentadoria. E o INSS, por estratégia diz que não pode. Então assim, a gente teria um povo totalmente alheio aos seus direitos. (Entrevista realizada com Valmir dos Santos, 33 anos, em 28/04/12)

Tomando como referência as palavras do senhor Valmir, tanto no ato da entrevista concedida a esta pesquisa bem como em todas as conversas informais, mantidas com ele antes e durante a produção deste estudo, é possível enfatizar que não se constitui nenhum tipo de exagero afirmar que toda a projeção adquirida pela comunidade quilombola de Tijuacu é subsidiada pelo trabalho desenvolvido pela Associação, visto que é por intermédio do trabalho mediador desenvolvido por esta instituição que se torna possível a estes atores sociais refletirem a respeito de sua posição de povos tradicionais, procurando compreender e expandir o significado destas informações, bem como aprender a fazer uso delas em seu favor, na qualidade de categoria étnica e modificando assim o curso de sua história.

Analisando e buscando entender como acontece no interior de sua comunidade este rito de passagem responsável por transformar sua condição política, legitimando-os como sujeitos de direitos que procuram refletir sobre sua situação e abandonar definitivamente a posição de objeto da história, colocando-se na postura de agentes, sabedores de que, para abdicar da situação de povos conduzidos, necessário se torna buscarem informações e fazerem bom uso delas, de modo a deixarem o anonimato político, social e cultural, bem como migrarem de uma situação de opressão e adotarem uma atitude de militância que será responsável por toda a reconstrução de sua trajetória no momento atual.

É a Associação Quilombola que atua na qualidade de organismo facilitador deste processo transformador de mentalidades, mobilizando todos os segmentos da comunidade, desde os indivíduos mais velhos até os mais jovens, possibilitando revesti-los de um discurso por intermédio do qual decretarão a cada dia a sua emancipação do ponto de vista político e cultural, principalmente no que diz respeito à relação de subjugação histórica a que sempre estiveram expostos, em especial, antes de seu reconhecimento junto à Fundação Cultural Palmares, em relação aos fazendeiros e comerciantes, que se percebem como indivíduos brancos e que, no caso dos primeiros, se apossaram, de maneira ilícita, das terras dos indivíduos da comunidade e, no que se refere aos segundos, se aproximaram da Fundação apenas com o objetivo de adquirir benefícios próprios por meio da comercialização de seus produtos, nunca mantendo a preocupação de contribuir para o progresso interno do grupo.

O trabalho desenvolvido pela Associação também tem permitido aos quilombolas conquistarem sua autonomia em relação às autoridades políticas do município de Senhor do Bonfim, que sempre mantiveram a postura de buscar votos na comunidade e depois do período eleitoral não mais se importar com os destinos deles. O entrevistado, por essa razão, menciona, com certa satisfação, o fato de que os sujeitos de Tijuaçu foram abdicando da condição de “povos conduzidos” para se colocarem em uma caminhada de lutas em direção a sua libertação do cativo simbólico que os oprimiu até o final da década de 1990, colocando-os em uma posição de impotência e subalternidade para se disporem a refletir sobre sua condição histórica e tradicional, buscando mecanismos para melhorar suas vidas e reivindicando assim a cidadania que por tanto tempo lhes foi negada.

Estes atores ressemantizados que reaparecem em Tijuaçu, na condição de quilombolas, não ocupam, em seu contexto e ou perante o Estado-nação, uma posição de oportunistas, buscando apenas acionar políticas públicas que venham a beneficiar-lhes. Ao contrário, a situação é bem diferente - trata-se apenas de reivindicar, de maneira justa, o que a

Constituição deste país garante aos seus cidadãos, isto é, igualdade de tratamento e oportunidade. Daí por que enfatizo ser totalmente justo que estes agentes reivindiquem na atualidade o que lhes compete, como grupo étnico, contribuindo para a atitude de publicizar direitos que o país coloca como públicos e exigir que eles, de fato, aconteçam e lhes sejam disponibilizados.

Outro depoimento ilustrativo da atividade emancipacionista e libertadora de consciências²¹ desenvolvida pela Associação Quilombola pode ser percebida na resposta emitida pelo senhor João dos Santos, que cresceu ouvindo de seus parentes mais velhos as reflexões sobre sua condição de sujeitos quilombolas, e acompanhando de perto a caminhada do grupo em busca de seus direitos.

Com os políticos e os fazendeiros fazendo o que quisesse com as pessoas da comunidade, humilhando as pessoas negras aqui da comunidade e a gente calado, oprimido aqui dentro sem poder fazer nada. Por que depois que associação foi criada e começou a atuar, as pessoas brancas da comunidade, as lideranças políticas de Senhor do Bonfim, passaram a olhar a gente diferente por que viram que a gente tava mudando que a gente tava se esclarecendo e que a gente agora poderia buscar nossos direitos. Cada conquista nossa, a gente sabe que isso é uma tristeza pra eles, é uma derrota pra eles. Antes das coisas começarem a acontecer através da associação aqui em Tijuáçu, eles davam risada da cara da gente, falava que a gente não ia conseguir nada e que ia voltar de cabeça baixa pedindo a ajuda deles, quando viram que as coisas tavam começando a mudar, passaram a respeitar a gente, a olhar a gente diferente, sabendo que agora a gente tá informado. Mas é uma coisa que a gente sabe muito bem Paula, é que as pessoas não querem o bem da gente, falam assim e tal, mas só desejam o nosso mal, pra gente ficar cativo a eles, como se fosse assim os escravos. Olhe, quando viram que aqui começaram a se formar lideranças pesadas, essas pessoas começaram a buscar a ter assim um vínculo com a gente, pelo menos amigável. Aí passa pela gente e diz: oi! Oi! Mas a gente sabe que o trabalho não acabou por que quem sabe isso não é até um jogo de cintura deles pra fazer voltar tudo como era antes?

Eu quero lhe falar um pouco sobre a questão do Inca, quando o pessoal do Inca bateram o martelo e disseram que essas terras realmente pertencem a Mariinha Rodrigues, a comunidade é uma comunidade quilombola mesmo e quem tiver aqui dentro que não se aceitar no quilombola vai ter que sair. Só se via uns ameaçando uns aos outros, gente aqui que quer ser fazendeiro, por que tem 20 hectares de terra, querer ser o maior fazendeiro do mundo, só se via gente querer se matar aí. Os comerciantes daqui por que tinha umas terrinhas a mais que os outros, querer se matar, enfim pela aí, a gente percebe que eles tão aqui na comunidade, mas tão tentando atrapalhar, tão tentando atrapalhar o nosso trabalho. (Entrevista com João dos Santos Silva, 27 anos em 19/04/12)

A dignidade reconquistada por este grupamento étnico, através da capacidade de fazer uso da palavra e da habilidade demonstrada em utilizá-la para declarar sua autonomia, atitude

²¹ Construto presente na Pedagogia do Oprimido elaborada pelo educador Paulo Freire.

que buscam desenvolver a cada dia em instância individual e coletiva, por meio do trabalho direcionado pela AAQTA no empenho em procurar erradicar o controle, a força exercida pelo opressor (fazendeiros/comerciantes/políticos) na mentalidade dos indivíduos do grupo, pois a Associação tem se mostrado consciente do poder dessa carga emocional e, o modo como ela foi utilizada no passado para oprimir os quilombolas, motivo pelo qual tem procurado atuar de modo a desarticular esta estrutura de dominação simbólica, adotando atitudes capazes de começar a desmontá-la, almejando por fim ao aprisionamento político e cultural imposto à comunidade.

A força exercida pela Associação Quilombola em Tijuacu reside justamente nesta representatividade e disponibilidade de orientar o grupo, mostrando-se capaz de trabalhar para retomar a possibilidade de ocupar a posição de sujeito dentro de seu território, abandonando a posição de objeto. Isso se registra principalmente no que diz respeito aos sujeitos mais negros da comunidade, visto que estes sempre estiveram entre os indivíduos mais humilhados, discriminados e oprimidos por parte do entorno social que abrange este grupo étnico-cultural.

O trabalho realizado pela AAQTA tem sido responsável por motivar transformações significativas no âmbito da comunidade de Tijuacu e também tem servido para estimular mudanças de postura no relacionamento entre os quilombolas e as autoridades políticas de Senhor do Bonfim, uma vez que estas foram forçadas a perceber as mudanças articuladas pela nação dos pretos do Lagarto, que não mais aceitam qualquer postura de sujeição, sobretudo quando isto se relaciona à usurpação de seus direitos de povos tradicionais, possibilidade de rebaixamento de sua autoestima e impedimento do exercício de sua dignidade humana.

O depoimento de Joílson também é tomado aqui como referência no sentido de demonstrar que os quilombolas representados pelos membros-diretores da Associação, possuem e buscam ampliar a consciência de que é preciso existir um sentimento transformado em atitudes, de modo a prevalecer a ideia de coesão dentro do grupo, como forma de fortalecer suas lutas que para adquirir a devida solidez, necessitam acontecer cotidianamente, com o propósito de evitar que se perca entre estes agentes a missão primordial focalizada pela liderança e definida como desejo comum a todos (as): “reorganizar a comunidade a partir de seus valores quilombolas”. Valores que, durante muito tempo, precisaram ser sufocados e que atualmente, mediante suas reivindicações e movimentações, encontram espaço para serem professados, não de forma moldada, essencializada, rígida e padronizada, mas buscando construir de maneira reflexiva e dialética por meio das disposições cognitivas e culturais que

apresentam, no momento atual, o significado de poder gerir suas vidas a partir daquilo que, de fato, são e que fazem muita questão de ser - um quilombo contemporâneo.

Daí por que defendo neste estudo que os indivíduos quilombolas de Tijuçu tem se mostrado conscientes das particulares que possuem, atribuindo-lhes um sentido de respeito e valorização e tendo o cuidado de, mediatizados pelo trabalho efetuado através da direção da Associação, zelar pela possibilidade de manter sólido o princípio da coesão, no que se refere “a causa quilombola”- expressão habitualmente pronunciada entre os sujeitos da comunidade - seus valores ancestrais e a luta pela necessidade de reaver suas terras, usurpadas de maneira tão leviana das mãos dos seus antepassados. Buscam, com isso, reacender, a cada dia, a perspectiva conjunta de reconstruir sua dignidade como grupamento étnico, caracterizado por um sentimento de pertença e solidariedade interna, associado à resolução de mobilizar esforços que comunguem com a ideia de emancipação nutrida por estes atores sociais.

3.3 A CAPACIDADE ARTICULADORA DA AAQTA PARA REORIENTAR A HISTÓRIA DE UM POVO...

As atividades incessantemente desenvolvidas pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuçu e Adjacências – AAQTA - desde 2000, tem sido responsáveis por alterar positivamente o curso da história dos sujeitos de Tijuçu, visto que puderam a partir de toda conscientização estimulada por esta entidade, migrarem, de fato, da posição de objeto à qual foram reduzidos no interior de sua própria comunidade para se colocarem como sujeitos de sua história, que buscam reescrever cotidianamente, de modo a projetar o bem estar coletivo.

As reuniões funcionaram desde o princípio e mantêm até os dias de hoje a proposição de renovar, fazer despertar o sentimento de comunidade que estava sepultado entre os indivíduos, mobilizando-os para a ideia de participação popular e, de forma gradativa, sendo capaz de alterar as percepções que os quilombolas conservavam de si, como um coletivo étnico, contribuindo para, dessa maneira, construírem conceitos positivos a seu respeito, bem como sobre a história de seus ancestrais locais e diaspóricos, o que subsidiou estes indivíduos a modificar as posturas adotadas em seu posicionamento dentro da comunidade de Tijuçu e estender essas modificações ao relacionamento estabelecido com a sociedade envolvente.

Quando perguntados por esta pesquisa a respeito das mudanças introduzidas na comunidade remanescente de quilombo de Tijuaçu, a partir do trabalho realizado pela Associação Quilombola, os sujeitos ouvidos declararam:

Teve uma grande mudança. Antigamente o povo do Tijuaçu tinha vergonha de dizer que era negro, não se considerava. Hoje em dia não, bate no peito e diz mesmo (risos). É tanto que botaram aquela estátua daquele homem ali, negro e tem muita gente que manga mesmo, já tem outros que diz assim: eu sou o boneco da pista! Por que se considera nele. Mas na realidade eu não sei o que significa aquela estátua, por que era pra se colocar uma mulher, por que na verdade a fundadora de Tijuaçu foi Mariinha Rodrigues. (Entrevista realizada com Ione Carvalho Silva, 27 anos, em 12/04/12)

A primeira coisa a se observar nas declarações da informante é a necessidade que sempre existiu entre estes sujeitos de expressar sua negritude, em função do constrangimento causado a eles, de maneira ontogenética, uma vez que foram forçados a suprimir ou simplesmente não dar a devida importância a algo sagrado na ótica dos sujeitos: seus corpos, seus cabelos, suas expressões fisionômicas, suas formas de perceber a vida e de se relacionar com ela.

Uma das formas mais cruéis de violência direcionada a um indivíduo é o fato de ignorá-lo a partir daquilo que ele realmente é e ou deseja ser. No caso dos atores sociais de Tijuaçu, esse tipo de violência se verificou e ainda se verifica, porém, agora, em menor proporção, na estranheza dispensada a sua negritude por parte da chamada sociedade inclusiva.

A compreensão de sua negritude, de seu significado político, social e cultural é percebida como muito importante entre os indivíduos desta comunidade quilombola. Este princípio vem sendo construído não sem alguma dificuldade, figurando como fundamental nesse sentido o trabalho direto da Associação, visto que este órgão atua no momento presente como o espaço eleito entre estes sujeitos para compreenderem e refletirem sobre sua condição de povos tradicionais, sua herança ancestral e seus projetos futuros.

O trabalho intensivo da AAQTA, nesse sentido, possibilitou à comunidade o direito de se perceber e se colocar como sujeitos negros, combatendo qualquer perspectiva pejorativa que ainda lhes desejem atribuir. Os quilombolas de Tijuaçu refutam qualquer probabilidade de serem divisados como indivíduos morenos, queimados de sol, escuros ou outra denominação capaz de desqualificar sua negritude, pois, conforme expressou a senhora Ione Carvalho, eles (as) são negros (as) e assim desejam ser considerados, de modo a se libertarem da opressão

infundida a sua condição étnica e, até mesmo, contribuírem para estimular a libertação por parte das mentalidades adoecidas que os oprimiram no passado.

Evidencio também nesta pesquisa as palavras da presidente da Associação Quilombola sobre as modificações introduzidas em Tijuacu mediante o trabalho desenvolvido por esta instituição:

Ah! Mudou muita coisa minha filha! A gente faz trabalho com os jovens, trabalho com as lideranças, a gente sai muito pra tomar curso de capacitação. O pessoal de Salvador vem muito aqui capacitar às lideranças. Não é toda pessoa que a gente pega pra fazer um trabalho desses, antes de entrar em uma associação dessas tem que tomar o curso de capacitação pra saber lidar com as pessoas da comunidade, pra gente sempre ter a comunidade, pra gente sempre ter a comunidade acesa, não morrer nunca à chama e a gente também treina o pessoal mais novo pra se hoje eu quiser sair dessa associação que hoje eu acho que eu não saio mais, hoje à gente tem pessoas treinadas pra ficar no lugar. ((Entrevista com Luizete Rodrigues, 39 anos, em 30/04/12)

Para desenvolver um trabalho de ordem política, social e cultural no interior da comunidade, foi necessário como relata a presidente da entidade preparar as pessoas que viveram silenciadas durante séculos, principalmente devido à inculcação do princípio ideológico de que não tinham condições para gerirem suas existências em caráter individual e coletivo, necessitando, para isso, obedecer a terceiros (fazendeiros/comerciantes/políticos) que, por comandarem a economia local, sempre tiveram o cuidado de exercer também uma dominação simbólica.

Para se preservar de toda esta estrutura controladora, até então vivenciada pelos tijuacuenses, e passar a atuar na comunidade de modo a desarticula-la, pondo fim a esse estado de alienação e subserviência que prevaleceu entre os quilombolas até o final da década de 1990, houve, como foi demonstrado pela informante a preocupação de “capacitar” as pessoas que iriam compor a mesa-diretora da Associação.

Esta designação “capacitar” é interpretada aqui como sinônimo de oferecer um mínimo de condições a esses sujeitos para compreender sua situação de povos tradicionais, bem como para se posicionar perante o Estado Nacional, agora subsidiados pela categoria de sujeitos quilombolas, procurando desmistificar o que, de fato, esta posição representa e o que fazer com tais informações, além de poder transformar estas informações em mecanismos que venham a trazer qualquer tipo de beneficiamento ao grupo.

Volto a reafirmar nesta pesquisa que os quilombolas de Tijuacu não se projetam frente ao Estado-nação na qualidade de pessoas oportunistas. O que verdadeiramente acontece é um movimento inverso, pois estes atores sociais se utilizam das informações que passam a

construir, a partir do ato de certificação de sua comunidade, auxiliados por todo o trabalho desbravador exercido pela Associação Quilombola de penetrar em um universo de informações, até então desconhecidos e negados a eles, para reivindicar e acionar o que lhes pertence por direito constituído.

Esse é o motivo pelo qual até os dias atuais, como enfatiza a senhora Zete, este grupo étnico se posiciona de maneira cautelosa em relação às pessoas que irão exercer sua representatividade na direção da Associação, considerando que é grande a responsabilidade que estes indivíduos irão “abraçar” e desenvolver. Deverão, para isso, ser sabedores (as) de que da sua habilidade para gerenciar as atitudes do grupo dependerá em grande parte sua continuidade positiva e isto do ponto de vista interno e externo.

É frequentemente ressaltado pelos quilombolas como muito importantes as comunicações que estabelecem junto aos órgãos que se encontram localizados na cidade do Salvador, tornando-se muito comum perceber em suas falas que essas interações servem também de mecanismos para esclarecer e legitimar sua caminhada, pois estas comunicações, diretas e sem a intervenção da Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim, tornam-se fundamentais no sentido de conceder respaldo ao grupo.

Mediante o que evidenciam os quilombolas, poder acionar uma informação através da Fundação Cultural Palmares possui uma deferência maior que acioná-la através dos órgãos municipais da cidade de Senhor do Bonfim, visto que, no primeiro caso, é uma situação que lhes faculta independência e suscita credibilidade, ao passo que, no segundo caso, funciona como um fator que os expõe à subjugação.

Existe também a percepção entre os quilombolas de que o trabalho ministrado pela AAQTA deve se processar de maneira contínua evidenciando as ações realizadas, as atitudes tomadas e não as pessoas que conduzem estas ações e atitudes. Os atores sociais tijuacenses entendem que toda e qualquer projeção alcançada necessita ocorrer em esfera coletiva, apontando esta direção como a mais segura para a solidificação e emancipação da comunidade.

É notável a preocupação e o cuidado direcionado à juventude que existe na comunidade, considerando que é muito discutida entre eles a ideia de que estas lideranças atuais logo serão substituídas pelas novas gerações e que este é um comportamento que sempre vai se repetir, devendo, portanto, os mais jovens serem “preparados”, como os quilombolas mesmo expressam, para representar a comunidade. Ficando nítida aí a percepção conservada de que

hoje se faz imprescindível trabalhar, não só pela manutenção da realidade atual, mas também pela continuidade futura da orientação do grupo.

Trago também aqui o depoimento oferecido a este estudo pela senhora Ilca dos Santos, que se mantém no cargo de tesoureira da Associação, desde a fundação, afastando-se apenas por duas vezes do exercício devido a motivos relacionados à sua saúde.

Mudou muita coisa. As pessoas não participavam de reunião, hoje as pessoas tão participando, quando fala em reunião as pessoas já estão todas lá. Hoje se tem esse Crass é por causa da associação que nós tentamos junto com a comunidade, botamos em pauta e hoje a gente tem o Crass aí. Mudou também que muitas comunidades aqui nem sabia o que era reunião e hoje todas comunidades de Tijuçu tem a sua associação. (Entrevista realizada com Ilca dos Santos, 50 anos em 31/03/12)

Como é demonstrado nas concepções emitidas pela entrevistada, uma das modificações mais relevantes geradas para os quilombolas, a partir do trabalho realizado pela AAQTA, foi o estímulo ao desenvolvimento do sentimento de coletividade étnica, que se encontrava adormecido, pois justamente este princípio foi fragmentado no passado histórico desses sujeitos e transformado em motivo ideológico por parte da microrregião que os circunda como uma das justificativas para sua depreciação cultural, servindo também de contributo para sua sujeição econômica e política.

O despertar para a atividade de organização também é posto aqui como uma atitude importante, fomentada como forma de pressuposto para a conscientização e busca da autonomia por parte destes agentes e isto não só na Vila-centro como também no âmbito das demais comunidades, tendo em vista que foi desenvolvido um trabalho específico, de modo que cada comunidade do entorno da Vila-centro de Tijuçu, possua sua própria Associação e exerça sua capacidade de mobilização.

Esse trabalho foi iniciado por parte da mesa-diretora da AAQTA que, percebendo não ser possível em suas atividades gerenciar todo o perímetro quilombola que constitui as terras da comunidade, buscou a descentralização das atividades desenvolvidas, deixando claro, através desta atitude que não existe por parte da entidade nenhum desejo de controle e ou dominação. Até porque todo o trabalho até então realizado pela instituição caminha em direção oposta a qualquer tentativa de condução manipuladora, sendo oferecido a todos (as) que desejarem fazer uso das oportunidades de interação exercer, em seu contexto de origem, uma atitude de participação popular e exercício da cidadania, bem como expandi-la no que diz respeito a sua projeção regional e nacional.

É relevante mencionar neste estudo que, a partir de outubro de 2012, após o resultado das eleições municipais nas quais os quilombolas não conseguiram eleger o candidato a prefeito apoiado pelos indivíduos negros da localidade, nem os candidatos a vereadores que postularam este pleito como representantes de Tijuaçu. Após esse resultado a negritude expressa por este grupo étnico voltou a ser alvo de agressão e ofensa verbal no interior da localidade.

Os sujeitos quilombolas declararam que voltaram a ouvir ameaças proferidas por comerciantes não negros que ali exercem suas atividades econômicas, sendo ironicamente alegado. Com ironia e em tom de provocação, essas pessoas diziam que, com o final do governo exercido pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em Senhor do Bonfim, do qual os quilombolas em sua maioria se colocam como simpatizantes, “finalmente agora os negros (as) do Lagarto vão voltar a conhecer seu lugar”. Algumas ameaças se estendem também à estátua que foi colocada na entrada da comunidade quilombola de Tijuaçu - já citada nesta pesquisa - comerciantes dizem abertamente que a estátua será removida do lugar onde se encontra para ser colocada outra, mas que seja branca.

Provocações dessa natureza são interpretadas aqui como um demonstrativo do incômodo político e cultural que os quilombolas, organizados e representados através da direção da AAQTA, simbolizam, de maneira interna, frente aos sujeitos não negros com os quais convivem na comunidade, na cidade de Senhor do Bonfim, com a qual mantém relações diretas e, principalmente, chama a atenção para a importância que possui o trabalho da Associação, no intuito de oferecer proteção e esclarecer este grupo sobre qualquer tipo de alienação que lhe queiram imputar.

Constituindo uma das razões pela qual todas as pessoas que compõem a mesa-diretora da Associação Quilombola, conscientes da eficácia de sua atuação na militância cotidiana em favor dos interesses coletivos deste grupamento, declararam a esta pesquisa que o princípio que elegem, de maneira a figurar como o fator mais importante no trabalho desenvolvido pela AAQTA, é a organização que existe nas atividades desenvolvidas, pela associação, considerando que deste critério depende a permanência do crescimento positivo que se processa na comunidade.

Existe também uniformidade de opinião entre os membros-diretores da Associação Quilombola, no que diz respeito a maior conquista almejada por este grupo étnico-cultural, quando declararam a esta pesquisa que o seu maior interesse, como representantes que possuem o dever de dedicar-se integralmente à causa quilombola, visto que sua liderança é

legitimada pela confiabilidade construída dentro do grupo tradicional que representam. Os indivíduos que ocupam cargo na direção da AAQTA declararam que, no momento atual, o princípio que os congrega e que representa a maior conquista a ser alcançada, no âmbito do trabalho que desenvolvem, é a legalização fundiária das terras, explicando que esta atitude por parte do INCRA, embora tardia, promoverá uma transformação na qualidade de vida dos quilombolas e isto tanto considerando o aspecto econômico quanto a dignificação e a satisfação de ordem pessoal e coletiva.

A responsabilidade da direção da Associação Quilombola é grande neste aspecto, uma vez que se coloca como agente subsidiador e estimulador constante deste sentimento de coesão, procurando mobilizar argumentos e esforços que venham a conscientizar os sujeitos de Tijuaçu a direcionar seus propósitos inicialmente para os interesses que possuem na condição de uma coletividade e somente depois focalizar suas atenções nos interesses individuais. Este posicionamento se faz necessário devido ao fato que estes agentes precisam ser criteriosos em relação às atitudes que adotam diante do Estado-nação, pois, muitas vezes, ficam aprisionados diante do arcabouço legal e ideológico que o entorno regional e nacional estabelece para os grupos tradicionais.

Por essa razão, considero fundamental neste estudo discutir a relevância que possuí, em âmbito interno bem como nas relações estabelecidas com a sociedade envolvente, o trabalho consciente realizado pela AAQTA, pois este órgão, desde o ato de sua criação até os dias atuais, tem servido e se colocado como reorientador da história deste grupo étnico, demonstrando capacidade para transformar positivamente a vivência destes atores sociais ressurgidos.

Afirmo que, a partir do trabalho gradativo ministrado por esta instituição, tem sido, de fato, possibilitada a estes agentes a oportunidade de se colocar como autores de sua história, buscando preservar suas memórias bem como ressignificar constantemente suas formas de organização social e cultural, deixando, para isso, o terreno da marginalização e ocupando o espaço da projeção que lhes compete na qualidade de indivíduos possuidores de direito político e que realmente desejam exercer estes direitos, ocupando a posição de sujeitos e não mais figurar como objetos manipulados da história.

Descrevo aqui as representações mentais que os membros-diretores da AAQTA possuem de sua comunidade, uma vez que acredito que estas visões explicitadas por eles mesmos têm servido de estímulo para impulsionar a determinação percebida no trabalho que desenvolvem.

Quando interpelados por esta pesquisa a respeito da possibilidade de definir a comunidade de Tijuacu em uma frase, assim se expressaram:

Uma frase? Tijuacu é uma comunidade dez. Eu amo minha comunidade, eu não saio daqui pra nada. Então Tijuacu sempre vai ser Tijuacu, Tijuacu remanescente de quilombo, essa é a nossa terra da Bahia. (Entrevista realizada com Luizete Rodrigues da Silva, presidente da Associação, 39 anos, em 30/04/12)

Eu poderia dizer que Tijuacu é uma comunidade corajosa com um povo que mesmo enfrentando dificuldades, segue lutando por seus objetivos. (Entrevista realizada com Valmir dos Santos, vice-presidente da Associação, 33 anos, em 28/04/12)

Tijuacu é uma comunidade quilombola muito bonita e muito importante. (Entrevista realizada com Ilca dos Santos, tesoureira da Associação, 50 anos em 31/03/12)

Eu digo que Tijuacu é uma terra mãe, uma terra onde eu cresci e uma terra onde eu aprendi tudo o que eu sei, com muito sofrimento, mas sempre dando a volta por cima. (Entrevista realizada com Joilson dos Santos, primeiro-secretário da Associação, 27 anos, em 19/04/12)

Que eu amo Tijuacu, que eu tenho orgulho de ter nascido aqui, que eu nunca vou sair daqui. Tanto é que eu fui morar em Salvador e voltei, eu só passei três meses em Salvador, larguei tudo, larguei o marido e vim embora. (Entrevista realizada com Ione Carvalho da Silva, segunda secretária da Associação, 27 anos em 12/04/12)

No destaque das falas dos entrevistados (as), fica visível o sentimento de amor e pertença dedicado (as) à comunidade onde residem. Este sentimento aqui evidenciado tem servido para nortear suas vivências e mobilizar o desejo de “lutar”, como eles mesmos costumam mencionar em nossas conversas informais, mantidas constantemente em função da relação de vizinhança e militância que a pesquisadora mantém junto à comunidade.

O vocábulo “lutar”, tão arraigado no imaginário dos quilombolas, o desejo nutrido de zelar pelo bem estar econômico, político, social e cultural de seu contexto, encontra-se relacionado também à possibilidade de contribuir para não se fazer mais necessário abandonar a comunidade e migrar para terras “estranhas”, como eles (as) enfatizam, contribuindo para garantir seu próprio sustento e de suas famílias.

Fazendo-se notável nas concepções desenvolvidas por eles que esta atitude forçada de mudar-se da comunidade não só fragmentaria o grupo como o próprio indivíduo que o deixa, considerando que adotar esta atitude significa abdicar de valores construídos em escala coletiva e que têm influenciado significativamente suas individualidades.

É perceptível também a conotação que possui entre eles (as) a palavra “coragem”, bem como o significado simbólico que atribuem a ela, visto que é esta coragem que tem mobilizado estes indivíduos a driblar as dificuldades da falta de informação, silenciamento e abandono a que foram relegados, predispondo-os a reconstruir uma outra trajetória.

Desse modo, mediante tudo o que foi acima enfatizado, reafirmo nesta pesquisa a importância que possui o trabalho exercido pela AAQTA, como uma entidade conscientizadora e capaz de mediatizar entre estes sujeitos ressemantizados, a possibilidade de refletir sobre sua condição de povos tradicionais. Estimulando-os a analisar sua história passada, caracterizada pela alienação de sua condição política diante do Estado Nacional, desrespeito, opressão e marginalização a eles dispensados por parte da sociedade envolvente, contribuindo para estimulá-los à percepção de como estes fatores negativos e excludentes enfrentados pelo grupo no passado, podem ser utilizados no momento atual para alterar, de maneira positiva, o curso de sua história, onde se propõe a reaparecer reivindicando, a cada instante, através das atitudes tomadas por esses indivíduos, uma participação cidadã que lhe foi vetada em outros momentos, demonstrando a percepção de que esta participação apenas será eficaz se for capaz de dignificar sua ancestralidade.

Apresento a seguir o trabalho desenvolvido pelas Lideranças Comunitárias, como forma de demonstrar, de maneira mais específica, como acontece no interior do quilombo contemporâneo de Tijuacu, a organização das tarefas desenvolvidas pela AAQTA, como também a maneira como esta instituição busca descentralizar atividades, compartilhando responsabilidades e representatividade por todo o seu perímetro quilombola.

3.4 O TRABALHO DAS LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS

A necessidade de organização foi um princípio que se fez presente na comunidade quilombola de Tijuacu, funcionando como pressuposto para o desenvolvimento das atividades mobilizadas por este grupo étnico-cultural, a partir do momento em que passaram a se

perceber como povos quilombolas e encaminhar suas reivindicações colocando-se perante o Estado-Nação, na qualidade de categoria específica.

Mantenho o cuidado de esclarecer que, ao utilizar a expressão “perceber-se como quilombola” não é feita referência a um tipo de identidade forjada, mas apenas diz respeito a um processo de compreensão, ainda que tardia, de sua condição tradicional e que o desconhecimento desta condição durante a maior parte de sua história, encontra-se vinculado à presença de mecanismos ideológicos que sempre foram estruturados, de modo a conter a informação e subsidiar a alienação dos atores sociais negros e afrodescendentes, garantindo, assim, a sua submissão.

A historiografia destes povos encontra-se repleta desses exemplos e, nos diversos interiores deste país, a situação opressiva de negação de informações necessárias para fomentar a capacidade de reflexão destes agentes negros (as) sejam eles (as) quilombolas ou não, ainda funciona como um mecanismo garantidor de sua subordinação em esfera política, já que, desprovidos da informação de sua situação étnica e herdeira de uma história ancestral eivada de lutas, sofrimentos e militâncias, é facilitada a sua condução por parte de quem deseja ou necessita oprimir para continuar garantindo sua posição privilegiada.

Em Tijuacu as inovações assimiladas e produzidas por estes agentes, durante o processo de compreensão que marcou a transição do estado de comunidade negra rural para uma comunidade quilombola, tiveram início no interior deste grupo étnico, inicialmente, de maneira coletiva, principalmente após a produção do Laudo de Certificação da comunidade junto à Fundação Cultural Palmares, pois, a partir daí, estes sujeitos ressurgidos já passaram a se perceber como um grupo tradicional, buscando, posteriormente, e a cada dia, alargar este entendimento.

Os atores sociais de Tijuacu, conforme já foi argumentado por esta pesquisa, sempre se perceberam e foram percebidos como “os povos negros do Lagarto”, mantinham entre si a ideia nebulosa de que possuíam descendência entre os africanos escravizados no Brasil, mas até serem certificados como quilombolas, tudo isso parecia uma história que, apesar de ser narrada pela memória oral dos anciãos da comunidade, não possuía consistência real, tampouco se encontrava revestida de credibilidade na região geográfica onde se concentram.

As transformações ocasionadas a partir das informações que começaram a chegar à comunidade desde 1994, através da participação de lideranças femininas no Primeiro Encontro de Comunidades Negras Rurais da Bahia, as visitas que passaram a receber por parte de pessoas ligadas ao Movimento Negro e principalmente o momento específico de

produção do Laudo Etnográfico que possibilitou sua certificação, estimularam entre os indivíduos da comunidade de Tijuacu o vivenciar de um período caracterizado pelo ato de despertar do estado de dormência em relação a sua condição política, visto que tiveram a possibilidade de perceber que todo o anseio nutrido até então, desde as antigas até as atuais gerações do “tronco velho do Lagarto” de verem sua condição étnica e cultural ser divisada com respeito e reverenciada no entorno regional que os circunda, princípio sempre idealizado entre os quilombolas, começar, então, a se tornar realidade.

Os quilombolas também perceberam que o período de transformações que começaram a experimentar não aconteceria marcado pelo imediatismo nem por facilidades, frutos de uma trajetória que, para acontecer de forma desejada, precisaria ser direcionada através da militância constante, fazendo-se necessário também construir dentro do grupo, cotidianamente, o significado simbólico e prático desta militância, já que, até então, não estavam acostumados a vivenciar, em seu contexto de origem, este tipo de atitude e praticamente desconheciam como desenvolver qualquer atividade de representatividade.

A mediação para a transformação destas compreensões sobre o que significa ser uma comunidade quilombola ou um quilombo contemporâneo, bem como a maneira a partir da qual precisariam exercer diariamente suas vidas, agora caracterizadas pela militância cotidiana, esta tarefa da qual depende até os nossos dias o crescimento progressivo do grupo foi totalmente sistematizada e assumida por intermédio dos membros que compõem a mesa-diretora da Associação Quilombola. Entretanto, tendo em vista que a comunidade quilombola de Tijuacu possui um perímetro abrangente e um número considerável de membros, houve a necessidade de descentralizar as atividades que começavam a ser desenvolvidas por parte da direção da AAQTA e democratizar ainda mais as tarefas, criando outra categoria dentro do grupo.

Esta categoria, para ser eficaz em suas atividades, necessitava engendrar um número maior de membros, de modo a expandir suas atividades, facilitando as comunicações que precisavam ser mantidas entre estes agentes que começavam a transformar sua história de silêncio na possibilidade de fazer uso da palavra para recontar sua história e reorientá-la, por meio da construção de novos comportamentos. Vale citar, entre esses o princípio da representatividade e intervenção social, pois estes precisavam ser exercidos pelos quilombolas de maneira responsável, uma vez que qualquer tropeço, principalmente no início de suas atividades, poderia se constituir em um retrocesso capaz de anulá-las e restaurar o princípio da opressão do qual procuravam abdicar.

Com este intuito, ainda no ano 2000, alguns meses após a fundação e início dos trabalhos desenvolvidos pela AAQTA, segundo informações prestadas pelos sujeitos que colaboraram com esta pesquisa, foram criadas as Lideranças Comunitárias; categoria que exerce habilmente sua função como forma de dar prosseguimento às atividades e atitudes que são tomadas pela direção da AAQTA no ato das assembleias e com a aprovação dos membros associados.

As Lideranças Comunitárias atuam na qualidade de multiplicadores das informações que são colocadas pela mesa-diretora da Associação durante as reuniões, procurando esclarecer dúvidas e minimizar distorções.

Existem hoje na Vila-centro de Tijuacu cerca de cinquenta Lideranças Comunitárias que exercem seu trabalho de forma não remunerada, desenvolvendo suas tarefas em cada rua da comunidade. Geralmente em cada rua atuam três ou quatro lideranças, mantendo entre si uma articulação que garanta a fidelidade às ideias professadas pelo grupo, e união nas atitudes tomadas por estes agentes visando ao bem estar pessoal e coletivo.

As Lideranças possuem uma rotina de maior atuação entre os quilombolas, uma vez que são moradoras das ruas que representam, possuindo, por isso, conhecimento com todos os indivíduos que são também moradores - sabem o nome de todos os moradores, o número de membros de cada família, conhecem os problemas econômicos e os desejos de reestruturar melhor e, a cada dia, suas histórias de vida e dos seus vizinhos. Esta proximidade das lideranças junto às ruas onde exercem representatividade, fornecem à direção da AAQTA a tranquilidade de que todas as atitudes mobilizadas poderão contar com o conhecimento dos indivíduos que compõem este grupo étnico.

A necessidade de existir de três a quatro Lideranças em cada rua que compõe a Vila-centro de Tijuacu, conforme foi esclarecido por estes agentes, acontece devido ao fato de se manter o cuidado de que, na ausência de uma ou outra liderança, o trabalho de: informar, visitar as famílias – ação que realizam uma vez por semana com o propósito de saber de seu bem estar e mover esforços para auxiliá-las caso estejam atravessando alguma dificuldade - recolher a taxa de mensalidade, bem como arrecadar, quando preciso, entre os associados o dinheiro utilizado para pagar o frete do caminhão que traz, quatro vezes ao ano, as cestas básicas distribuídas na comunidade.

Existe também por parte dos quilombolas a conscientização de que o desenvolvimento deste trabalho deve envolver todos os moradores daquela rua específica e que, se em algum momento, as lideranças oficiais, votadas em assembleia, não puderem desenvolvê-lo, deve

aparecer alguém que voluntariamente se proponha a fazer isto, visto que destas atividades constantes depende a união, solidariedade e independência da comunidade, fato que é sempre enfatizado durante as reuniões da Associação Quilombola.

Da mesma forma que os integrantes que compõem a mesa-diretora da AAQTA, as Lideranças Comunitárias são votadas em assembleia para um mandato de dois anos prorrogáveis por mais dois, se houver disponibilidade para isso. Razão por que a maior parte das pessoas que fazem parte desta categoria exercem suas funções desde que esta foi criada, existindo em cada uma a preocupação e o cuidado de estar preparando alguém para ocupar “seu lugar” quando desejar deixar a função.

Os critérios utilizados para se escolher uma Liderança Comunitária em Tijuacu, baseiam-se em princípios, como: comprometimento com a causa quilombola, fato que geralmente é demonstrado pelo comportamento que evidenciam nas reuniões promovidas pela Associação; responsabilidade na condução da vida pessoal, de modo a poder estendê-la a militância coletiva a ser exercida no âmbito do grupo; simpatia, constituindo este um dos requisitos fundamentais entre os quilombolas, visto que as lideranças possuem livre acesso às residências das ruas que representam, precisando, portanto, ser bem acolhidas nessas casas; e capacidade de dialogar com as famílias visando ao esclarecimento de dúvidas, assim como para orientação em referência a problemas que demandem esse tipo de intervenção.

De maneira recente, segundo foi citado pelos próprios indivíduos ouvidos por esta pesquisa, os associados têm despertado para um fator considerado importante no exercício das atividades a serem executadas, tanto por parte das Lideranças Comunitárias quanto pelos membros-diretores da Associação Quilombola, o requisito: escolarização. Fazendo-se importante informar aqui que as Lideranças antigas não estão deixando de exercer suas atividades junto ao grupo devido ao não preenchimento deste critério - estão sendo estimuladas a estudar, como forma de melhor compreenderem sua situação de povos tradicionais e se relacionarem com a sociedade envolvente.

Chamo a atenção neste estudo para o fato de que é atribuída uma importância muito grande a instrução escolar em Tijuacu, muitos quilombolas hoje têm procurado voltar a estudar e os que já estudam têm tido a preocupação de dar prosseguimento, inclusive, cursando universidade, pois percebem o conhecimento científico como um objeto relevante, a partir do qual pode ser anulada ou elevada a contribuição histórica dos povos.

Esta pesquisa teve o cuidado de consultar as Lideranças Comunitárias de Tijuacu a respeito de como são desenvolvidas suas atividades. Entre as lideranças ouvidas estão,

sobretudo, aquelas apontadas pela própria comunidade como sendo as que desenvolvem um trabalho mais atuante de estímulo à conscientização e realização de tarefas:

Olhe nosso trabalho é assim, depois da Associação Quilombola a gente teve curso de capacitação de liderança quilombola e o nosso trabalho é abrir a mente de cada um morador aqui de dentro, a gente tenta fazer as pessoas entender cada vez mais o que é uma comunidade quilombola, o que é ser um quilombola, por que Tijuacu sempre foi um lugar assim onde o pessoal tem muito a mente fechada, é muito raro assim a gente conseguir abrir a mente de uma pessoa. Então a gente como liderança, a gente tem todo gosto de chegar numa casa e conversar com um morador, dizer o que é que vai acontecer, como é que vai acontecer, explicar o que vai acontecer na comunidade, dizer pra ir pra uma reunião, falar o que vai acontecer lá, a gente tem obrigação de dar explicação pra cada um morador, é justamente por isso que somos 50 lideranças, por que cada rua tem duas e aí aquelas liderança se prontifica de fazer o trabalho na comunidade e convidar o povo pras reuniões, precisou de alguma conversa, a gente vai conversar, se tiver alguma pessoa com algum problema sério de doença a gente tem a obrigação de ir pro hospital levar, se a gente vai pra Bonfim, comprar os remédios, se tiver algum remédio na farmácia, à gente vai lá buscar, então eu acho bom o trabalho de liderança quilombola. (Entrevista realizada com Orelita Damasceno de Santana, 38 anos, em 25/04/12)

Nos esclarecimentos emitidos pela senhora Orelita, mais conhecida em Tijuacu pelo apelido de Jóia, que exerce suas atividades de Liderança Comunitária desde que esta função foi criada na comunidade, sendo também participante do Samba de Lata. É uma das pessoas mais estimadas entre os quilombolas, devido a sua disposição em trabalhar como vendedora de acarajé e milho em cidades da microrregião para sustentar dignamente sua família e, ainda assim, se mostrar com total interesse pelo exercício da militância em favor dos direitos deste grupo étnico.

No depoimento de Jóia fica evidenciada a postura presente e consciente que precisa manter uma liderança. Depende, em parte, da atuação das lideranças a compreensão dos outros indivíduos do grupo em referência à situação específica que estejam vivenciando no momento, bem como sobre a melhor atitude a ser adotada em termos coletivo, almejando beneficiar um grupamento social que viveu a maior parte da sua história relegado ao abandono por parte das autoridades políticas e privados em suas necessidades primárias e secundárias. Por esse motivo, é bastante nítida entre os quilombolas a ideia de que compete a eles zelar pela sua integridade pessoal e coletiva, devendo, inclusive, procurar anular no momento presente, a participação de algumas lideranças políticas, em especial as lideranças políticas bonfinenses, que buscam se aproximar destes sujeitos visando ao proveito particular.

A postura mediadora junto à comunidade também transparece no depoimento expresso pela entrevistada, ficando evidente a importância da atuação das lideranças, inclusive para a atitude de construção identitária do grupo, não no intuito de delegar caminhos únicos e homogêneos a serem trilhados por todos, de forma indistinta, até por que este comportamento não é possível do ponto de vista real, e sim, possibilitando aos indivíduos de Tijuacu uma compreensão mais alargada de sua negritude e herança ancestral africana. Essa diferença verificada e manifesta por este grupo étnico-cultural deve ser utilizada para dignificá-los e não mais para inferiorizá-los. Deve ser também motivo para reflexão crítica sobre o que significa ser quilombola, ter nascido e viver hoje em uma comunidade remanescente de quilombo, buscando interpretar estes valores, uma vez que eles mapeiam suas existências preenchendo-as de significado.

Almejando analisar a forma como são vistos pelo Estado-nação, conhecer as políticas públicas direcionadas a sua etnicidade transformada em categoria para aprenderem a se relacionar com ela, pois por vezes o Estado Nacional, nos construtos simbólicos, ideológicos e jurídicos que direcionam a estes agentes, contribuem para padronizá-los, desconsiderando as singularidades individuais que toda comunidade quilombola abriga e que se traduz em forma de vivência diária.

As Lideranças Comunitárias procuram esclarecer constantemente entre os indivíduos que são moradores de suas ruas, fatores cuja compreensão é relevante para nortear a caminhada de luta e militância destes agentes. Buscam, como foi mencionado pela própria informante, tornar claro diariamente o que significa ser e morar em uma comunidade quilombola, não com o propósito de maquiagem e ou manipular uma identidade a ser seguida por estes atores sociais ressurgidos e sim com a iniciativa de lançar luz a fatores que, por serem pouco compreendidos no passado, contribuíram para conduzi-los a uma situação de usurpação de seu território por fazendeiros, exploração e marginalização política, social e cultural.

Constituem tarefas abraçadas pelas lideranças: a capacidade de estimular a conscientização como medida preventiva para abdicar de qualquer situação opressiva que possa se apresentar ao grupo, e uma forma segura de dar prosseguimento a sua existência coletiva e reivindicatória.

O depoimento de Suzana Fagundes da Silva é muito importante para este estudo. Há doze anos ela exerce, atividades militantes na comunidade quilombola de Tijuacu na qualidade de liderança e também faz parte da Associação da comunidade de Quebra Facão, contribuindo, desse modo com o seu trabalho voluntário para promover um diálogo com os

representantes das localidades. Situação comum a outras lideranças comunitárias, devido ao fato de possuírem parentes nas outras localidades que compõem o perímetro quilombola de Tijuáçu, ou por possuírem residência fixa no interior destas comunidades e desenvolverem algumas atividades econômicas na Vila-centro, como é o caso específico de Suzana e, ainda, devido ao fato de serem conhecidas em razão do trabalho que desenvolvem como liderança comunitária, possibilitando serem convidadas para auxiliar nas atividades reivindicatórias exercidas pelas outras associações fundadas nas catorze comunidades que integram o perímetro quilombola de Tijuáçu.

O trabalho de uma liderança comunitária é um trabalho muito pesado, eu diria. Por que você tem que estar na comunidade e você tem que assistir reuniões, fazer reuniões, informar à comunidade o que tá se passando. Pedir opiniões, tentar mudar, eu falo tentar por que quando a pessoa não quer a gente não muda, a gente tenta esclarecer dúvidas e questões que passa na cabeça de alguns moradores da comunidade e ali a gente tem que demonstrar amor, carinho, impor ordem quando é necessário, por que as comunidades quilombolas elas são muito visadas politicamente. E a gente tenta passa pra comunidade o seguinte: que ela receba a visita, mas assim primeiramente a gente tem que saber o por que dessa visita, qual é a intenção dessa visita. O por que de fulano tá na comunidade? O que ele pode ajudar a gente? O que ele pode atrapalhar? Por isso acontece vinte e quatro horas por dia. E eu falo sempre não assine nada sem ler, não fale nada sem saber o que está falando e primeiramente conhecer as pessoas que chegam na comunidade, por que é muito difícil e chega muitas pessoas pra atrapalhar a comunidade. (Entrevista realizada com Suzana Fagundes da Silva, 38 anos, em 25/04/12)

O sentido de peso que a senhora Suzana atribui ao trabalho desenvolvido por uma liderança comunitária é interpretado por esta pesquisa, sobretudo levando-se em consideração as conversas informais que periodicamente mantenho com estes agentes, como sinônimo de responsabilidade por estar encabeçando uma causa que congrega todos os sujeitos de Tijuáçu que se reconhecem como quilombolas e que em torno desta atribuição tem orientado suas vivências desde 2000, ressignificando valores, padrões de comportamento e mantendo a consciência de que qualquer atitude tomada nunca será analisada de forma particular. Nesses casos, as atenções serão voltadas para o sujeito que a praticou e o grau de importância das quais se revestem estas atitudes sempre recairá sobre todo este grupo étnico-cultural.

Um aspecto apontado na fala da senhora Suzana e do qual deve se revestir o comportamento adotado por parte de uma liderança comunitária em Tijuáçu é o princípio da vigilância, visto que, desde que foi certificada junto à Fundação Cultural Palmares, a comunidade tornou-se o centro das atenções da cidade de Senhor do Bonfim, figurando, atualmente, como o distrito principal e isto em função de alguns benefícios acessados pelos

quilombolas, capazes de diminuir, no âmbito deste grupo étnico, a força de atuação das autoridades políticas bonfinenses.

Tem sido comum algumas autoridades exercerem um assédio constante junto aos quilombolas com o propósito de aparecerem na comunidade como autores dos benefícios direcionados aos povos tradicionais. Nas conversas informais desenvolvidas com estes sujeitos, eles esboçaram claramente que não se impressionam diante das pressões de alguns vereadores ou representantes do poder executivo de Senhor do Bonfim, que chegam até a comunidade, desejando ocupar a posição de “pai da criança” - expressão utilizada pelos próprios quilombolas, diante das aparições indesejadas de alguns políticos em situações que não lhes compete aparecer ou estar.

Benefícios, que é importante que se mencione aqui, não representam favores e sim direitos legítimos dos quilombolas, por conta da dívida histórica que este país possui em relação aos povos negros (as) e afrodescendentes. Mesmo assim, em pleno século XXI, ainda existem indivíduos entre autoridades políticas, latifundiários, intelectuais, comunicadores e, até artistas, capazes de enfatizá-los, ressaltando sua primazia em forma de benfeitoria, quando, na verdade, o que se descortina aos nossos olhos são medidas tardias e pouco eficientes de reparação.

Outra característica básica para um sujeito que exerça a atividade de liderança comunitária é o cuidado, a reserva em relação às pessoas que se aproximam do grupo, sejam pesquisadores, políticos, empresários, fazendeiros ou simplesmente curiosos. Devem, procurar se precaver em relação às intenções que podem haver por trás de visitas, elogios e perguntas dirigidas aos quilombolas.

Os atores sociais de Tijuaçu têm se revelado atentos aos comportamentos demonstrados pelos indivíduos que aparecem ou têm buscado uma aproximação com esta comunidade quilombola. Reservam-se da presença de gravadores e máquinas digitais, quando portados e utilizados por pessoas das quais desconhecem o caráter e a “procedência”, como eles mesmos expressam, pois aprenderam, de maneira dolorosa, que abrir seu território a estranhos poderia lhes causar constrangimentos e perdas, como aconteceu, no passado, em relação à invasão de suas terras pelos fazendeiros.

Mais uma definição a respeito da maneira como é desenvolvido o trabalho consciente e crítico de uma liderança comunitária é fornecida pelo depoimento da senhora Ana Páscoa Fagundes da Silva, que mantém militância política na comunidade desde o ato de sua certificação e há doze anos atua como liderança em sua rua, auxiliando, inclusive, na

preparação de outras pessoas que sempre são convidadas a participar do exercício desta tarefa que se caracteriza em função da importância para a articulação das ideias e valores professados pelos quilombolas de Tijuáçu.

A liderança comunitária tem como papel fazer a cobrança todos os meses de pagamento da associação naquela rua ou comunidade e também quando tem reunião, as lideranças participa da reunião com as lideranças e depois passa a avisar e informar os sócios e é um trabalho muito bom que requer esforço, força de vontade, requer responsabilidade. (Entrevista realizada com Ana Páscoa, 30 anos, em 19/04/12)

O elemento novo trazido pela entrevistada a esta pesquisa, em relação às vozes anteriores aqui explicitadas, é o fato de que, além das reuniões de que participam durante as assembleias gerais promovidas pela direção da AAQTA, os indivíduos que atuam na função de liderança comunitária realizam reuniões específicas entre si, envolvendo as lideranças que ministram suas atividades na Vila-centro e também mantêm encontros periódicos entre estas e as lideranças que se espalham pelo perímetro quilombola de Tijuáçu, estas, em menor número. O objetivo que mobiliza este comportamento, de acordo com as explicações fornecidas pelas lideranças ouvidas neste estudo, é organizar, em conjunto, o trabalho realizado por elas, de modo a promover uma unidade nas atitudes a serem tomadas e tarefas desenvolvidas.

O princípio que se verifica por trás desta preocupação é o cuidado de que uma liderança comunitária não exerça um trabalho diferenciado em uma determinada rua, principalmente quando esta diferença for capaz de ocasionar prejuízos ao grupo. Havendo também a preocupação manifesta entre os quilombolas de que não aconteça promoção de uma liderança dentro do grupo, o que seria capaz de provocar contendas e desestruturar um trabalho que sempre deve apresentar como parâmetro norteador os interesses que expressem a coletividade.

Assim, é perceptível a estrutura de articulação desenvolvida pelos atores sociais de Tijuáçu, como forma de assegurar o entendimento, a comunicação, a interação e o gerenciamento de atitudes capazes de mediatizar o seu desenvolvimento político e cultural,

Vale enfatizar a consistência que existe no trabalho prestado diariamente por estas duas categorias analisadas neste estudo: a Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências – AAQTA e as Lideranças Comunitárias por serem capazes de atuar diretamente no processo de construção da identidade deste grupo étnico-cultural que sempre se percebeu como uma comunidade negra e que passou a refletir desde 2000, a respeito de sua condição de comunidade quilombola, aprendendo a “lidar”, com as transformações que esta mudança

acarretou e apropriar-se do que lhe pertence por direito constituído – sua condição de povos tradicionais -.

3.5 INOVAÇÕES OCASIONADAS A PARTIR DO TRABALHO DAS LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS

Encontrar-se aberto a mudanças não é uma tarefa de natureza fácil, principalmente quando estas são propostas que levam em consideração a vida coletiva, o que exige um cuidado maior, que se manifesta por meio da organização e negociação das atividades sugeridas ou planejadas, como forma de assegurar a continuidade progressiva dos objetivos que se deseja alcançar.

Em Tijuacu a mobilização em torno das intervenções efetuadas pelas Lideranças Comunitárias se relaciona, em grande parte, como uma necessidade de suprir os anseios deste grupo étnico-cultural. Por essa razão, o trabalho realizado por esses agentes contam com a aprovação e auxílio dos membros da comunidade quilombola, principalmente por parte daqueles que militam nesta causa e a têm elegido como parâmetro norteador de sua existência em caráter individual e coletivo.

Já foram mencionadas as inovações produzidas na comunidade de Tijuacu, depois da tomada de consciência de sua situação de povos tradicionais, as mudanças registradas por meio do trabalho ministrado pela AAQTA e agora, traduzo, de acordo com a perspectiva das Lideranças Comunitárias consultadas, as principais contribuições geradas pelo trabalho diário que desenvolvem na comunidade.

Colocar-se na função de Liderança Comunitária, de acordo com o relato das Lideranças, significa, em grande parte, abdicar da própria vida pessoal para se dedicar às atividades e expectativas da comunidade, razão pela qual é muito comum ouvir das pessoas que atuam nesta atividade a seguinte expressão “é preciso ter amor à causa”.

A partir da perspectiva de que necessário se torna vivenciar a causa, por que não se inventa uma comunidade quilombola no imaginário de ninguém, principalmente no universo simbólico dos atores que residem naquele contexto específico, mas se ressignificam conceitos, valores, comportamentos que sempre existiram, sempre estiveram lá e que, por motivos diversos, que dizem respeito principalmente a represálias de ordem externa, são impedidos de se manifestar.

Acredito ser prudente focalizar aqui que a realização das tarefas por parte das Lideranças Comunitárias, em consonância com os princípios estabelecidos cotidianamente pela AAQTA, funcionam como elementos indispensáveis e que devem ser considerados, a partir da importância que se revestem para a construção identitária deste grupo étnico-cultural, visto que estas entidades funcionam, não como fornecedoras de diretrizes, mas como mediadoras das compreensões e posturas tomadas por estes atores ressurgidos.

Esclareço que as Lideranças Comunitárias associadas ao trabalho da AAQTA não atuam como entidades reguladoras e sim como agentes que se propõem a construir, de maneira dialética, uma trajetória digna e respeitosa, capaz de envolver os quilombolas, possibilitando-lhes um mínimo de condições para refletir sobre sua existência política, não mais aceitando os ditames que lhes possam ser colocados pelo entorno regional e nacional.

Não havendo a pretensão por parte da categoria das Lideranças Comunitárias, tampouco por parte da AAQTA - cito aqui ambas as categorias, por considerar nesta pesquisa que elas desenvolvem um trabalho em conjunto – não de “ensinar” os indivíduos de Tijuáçu a tornarem-se quilombolas, considerando que não se propõem a desenvolver tarefas capazes de fazer suscitar no interior deste grupo étnico princípios de hipocrisia. Não se “ensina”, não se forja uma identidade quilombola, ao contrário herda-se esta condição ancestral e aprende-se a dialogar e refletir sobre ela. Nesse sentido, fica evidenciada a importância do trabalho de estímulo à conscientização e militância que as Lideranças Comunitárias, ao lado a Associação Quilombola promovem entre estes sujeitos ressemantizados.

Sobre as percepções que possuem a respeito das transformações ocorridas na comunidade depois do trabalho desenvolvido diariamente pelas Lideranças Comunitárias, os representantes desta categoria responderam:

Aqui melhorou muito a organização das atividades da nossa rua e assim o entendimento das pessoas nos assuntos da comunidade. (Entrevista realizada com Ivonete Carvalho da Silva, 50 anos em 30/04/12)

As colocações feitas pela senhora Ivonete, que não é nascida em Tijuáçu - veio para morar na comunidade ainda criança e cresceu professando os valores deste grupo - vem reafirmar tudo o que foi citado a respeito da importância dos trabalhos realizados pelas Lideranças Comunitárias, no sentido de favorecer a compreensão e reflexão dos indivíduos de Tijuáçu no que se refere a sua tradicionalidade.

Uma segunda percepção importante foi trazida pela senhora Emília Rodrigues, muito respeitada na comunidade em função de sua conduta pessoal e, ainda, devido ao fato de ser filha de dona Anísia Rodrigues, que é bisneta de Mariinha Rodrigues e narradora oficial das memórias do grupo. Dona Emília exerce as atividades de liderança comunitária desde 2000, cresceu ouvindo as histórias contadas por sua mãe, sempre buscando e desejando encontrar uma explicação para o fato de, como ela mesma expressa “o branco achar que o negro não é gente”.

Em nossas conversas informais dona Emília, mais de uma vez, relatou que o orgulho em ser quilombola está relacionado ao fato de esta condição específica, possibilitar entendimento às pessoas de que “o negro é gente também e precisa ser considerado”. É importante esclarecer que estas pessoas a quem dona Emília faz referência, encontram-se tanto entre os sujeitos que se declaram brancos e ocupam a posição de “chegantes” na comunidade, como entre os indivíduos da microrregião que nunca apresentaram predisposição em respeitar a ancestralidade verificada neste grupamento.

Transcrevo a seguir o trecho da entrevista em que dona Emília enfatiza a positividade das mudanças facultadas pelo trabalho realizado por parte das lideranças comunitárias:

Eu achei que mudou um bando como eu já lhe falei, por que a gente não tinha acesso a nada, a gente vivia escondido e hoje em dia a gente vive no meio das pessoas que entende, tem acesso a escola que eu mesmo estudei até a terceira série, estudo de criança e agora depois de viúva, eu cheguei a estudar até o primeiro grau. (Entrevista realizada com Emília Rodrigues, 69 anos, em 19/04/12)

Deixar o terreno da marginalidade e do medo que quase sempre é sustentado a partir da falta de informação capaz de garantir a subalternidade daquele (a) que o ocupa. Esta constitui uma das grandes contribuições que o trabalho desenvolvido de maneira cotidiana por parte das Lideranças Comunitárias tem possibilitado aos atores ressurgidos de Tijuáçu.

Subsidiando-os a construir visibilidade no contexto demográfico que ocupam na qualidade de negros (as) e quilombolas que reaparecem reivindicando como pressuposto para edificar sua cidadania a valorização de sua ancestralidade. Procurando abdicar da imposição de viver “escondido” como relata dona Emília para se colocar e se relacionar com a sua comunidade bem como com a dita sociedade inclusiva.

Mudou muito, por que antes era aquele tumulto, era tudo tumultuado, se fosse uma fila era aquele empurra, empurra, agora não. Depois da liderança a gente conversa com o povo, a gente vai lá nas casas das pessoas e diz, olhe vamos fazer assim,

vamos procurar coisa X pra botar em tal lugar, é uma organização total. Por isso não tem como ser tumultuada as coisas, ser discriminada, falar vai fulano primeiro, não tem mais isso, é tudo muito bem organizado e muito bem planejado. (Entrevista realizada com Eucássia Maria dos Santos, 54 anos, em 26/04/12)

Pode ser percebida nas concepções da informante a preocupação que há por parte das Lideranças Comunitárias em desenvolver um trabalho capaz de envolver todos os segmentos da comunidade quilombola de Tijuacu. Procuram investir na organização das tarefas, como forma de subsidiar o entendimento entre todos os indivíduos do grupo que se percebiam como quilombolas e desejem militar por esta causa, transformando-a, inclusive, em princípio capaz de nortear toda a sua existência em caráter individual e em instância coletiva.

É imprescindível, por essa razão, o trabalho prestado todos os dias pelos membros que compõem a mesa-diretora da AAQTA, em parceria com as atividades desenvolvidas pelas Lideranças Comunitárias, tendo em vista que são tarefas que se complementam e se expandem no interior deste grupo étnico. Sendo capazes de projetar a trajetória desses, de maneira consciente, vislumbrando o bem estar coletivo e sem nenhum propósito de privilégio individual.

Ressignificando cotidianamente o princípio de se viver em uma comunidade, bem como alargando a compreensão de se vivenciar, de forma individual e coletiva, em uma comunidade quilombola, revestindo de sentido esta vivência e traduzindo-a, de modo a ser caracterizada pela conscientização e intervenção crítica. As atividades desenvolvidas por estas duas categorias podem ser divisadas como influenciadoras diretas no processo de construção identitária destes agentes principalmente tendo em vista a capacidade de mediação que exercem frente a esses e em relação à maneira como direcionam suas vidas.

Depois de evidenciar a percepção da importância do trabalho desenvolvido pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuacu e Adjacências – AAQTA – na qualidade de instituição e agência mediadora da conscientização e militância em torno dos valores tradicionais e direitos dos atores sociais ressemantizados de Tijuacu, bem como o trabalho de complementação e expansão das tarefas desta instituição, através da atuação das Lideranças Comunitárias, trago nesta pesquisa as relações estabelecidas entre a instituição escolar e o *modus vivendi* destes quilombolas sertanejos.

3.6 O CURRÍCULO INVISÍVEL PRODUZIDO PELOS QUILOMBOLAS ENCONTRA ESPAÇO NAS ESCOLAS DA COMUNIDADE?

Nos quilombos remanescentes, é preciso rezar e empenhar-se para assegurar as raízes. O aprendizado recupera a origem negra e propõe a perene identidade positiva. Professores mestiços dos brasis longínquos hão de conquistar a escola que valorizará todos os povos. (MOURA, 2012, p. 166)

A educação escolar de um povo tem sido utilizada historicamente como um dos aparelhos ideológicos disponibilizados pelo Estado-nação, com a finalidade de direcionar seus interesses a partir de uma perspectiva que sugere a redenção, reprodução e ou transformação social. Mantendo, então, relações intrínsecas com substratos de ordem política e econômica, vindo a despertar somente bem recentemente, subsidiada pelos objetivos e valores contidos nas metas de desenvolvimento projetadas no milênio, para a importância de se considerar, em seus pressupostos teóricos e metodológicos, a vertente cultural, bem como seu grau de relevância na orientação do processo de construção do conhecimento e formação da cidadania dos educandos (as) aos quais direciona seu trabalho pedagógico.

Torna-se possível também a educação escolar assumir o caráter de ferramenta, a partir da qual é construída a narrativa da memória nacional, vista como comunidade imaginada, conforme propõe Anderson (1989), e ou percebida em perspectiva real, sendo bastante eficaz, no que se refere ao ato de excluir desta narrativa aqueles atores sociais que não são bem vistos desfilando no cenário nacional. Entre esses atores, menciono aqui: negros (as), afrodescendentes, quilombolas, indígenas, ciganos (as), homossexuais, sujeitos portadores de necessidades especiais de qualquer natureza, indivíduos que se encontram na terceira idade e tantos outros (as), cujas vozes silenciadas, através dos séculos caracterizados pelo processo de colonização, exploração e opressão das camadas populares, começam a fazer uso da possibilidade de despertar, se colocar e narrar suas histórias focalizadas em esfera individual e coletiva. Considerando, para tanto, conforme salienta o psicólogo russo Vygotsky (1984), o sujeito humano, necessita ser percebido como agente de sua ontogênese e de sua filogênese, para, a partir daí, se permitir buscar prover de sentido sua existência histórica e social.

Nas comunidades quilombolas, interesse primordial deste estudo, a educação oferecida pela escola precisa se colocar e atuar, como esclarece Munanga (2005), de modo a contribuir para descolonizar o pensamento eurocêntrico e de conotação ocidental, há muito tempo arraigado e solidificado pela rigidez expressa em seus currículos. Essa afirmação se impõe

principalmente no que se refere ao currículo oculto que toda instituição educativa mantém em seu interior e que é utilizado para nortear suas propostas pedagógicas, quase sempre incapazes ou pouco dispostas a dialogar com os saberes orais, tradições e valores; enfim, com o currículo invisível produzido cotidianamente por estes sujeitos e, de forma particular, com as peculiaridades evidenciadas em cada comunidade tradicional.

A escola regular negligencia, no exercício de sua tarefa educativa, não apenas a bagagem cultural trazida pelos discentes oriundos das diversas comunidades remanescentes de quilombo, como também atribui pouco significado aos princípios que impregnam de sentido e norteiam suas existências como grupo.

Antes de chegar à unidade escolar na condição de aluno (a), o educando (a) precisa ser percebido como agente promotor e contribuidor de seu contexto, alguém que participa da vida cultural de seu grupamento, onde desempenha tarefas e se reveste de autoridade fundamentada na importância que sua existência possui para a continuidade e progresso da comunidade, não podendo estes fatores serem desconsiderados pela escola.

A instituição educativa deve funcionar como uma agência aberta à interação, estudo e continuidade dos anseios, interesses e necessidades expressas pela diversidade que abriga em sua clientela discente, no intuito de atribuir significado à aprendizagem desses; não podendo certamente restringir seu trabalho pedagógico ao cuidado de atender a estes fatores, visto que adotar este comportamento lhe atribuiria um caráter reducionista e minimizaria a eficácia de suas atitudes. Porém, desconsiderar os desejos nutridos pelos estudantes que povoam as instituições escolares representa o princípio do não cumprimento de sua missão pedagógica, uma vez que contribui para sepultar a motivação e o desejo de conhecer dos educandos, a partir de suas próprias perspectivas. Desse modo, a escola, furta-se à possibilidade de permutar por outros espaços que não sejam simplesmente aqueles tornados oficiais e isto, sobretudo, precisa ser refletido em um país que apresenta como característica uma multiplicidade de povos, culturas e, portanto, também de saberes.

Uma educação escolar que se apoia nos pilares do aprender a ser, a conhecer, a conviver e a fazer, elegendo-os como os patamares alicerçadores dos ideais educativos vislumbrados para este século, necessita se permitir promover em suas tarefas pedagógicas a integração do indivíduo consigo próprio e com o entorno social que o circunda em conexão planetária.

Levando-se em consideração que o aprendente deve ser visto e tratado como um ser multirreferencial, isto é: físico-motor, na ótica descrita por Wallon (1998), cognitivo, de acordo com os estudos de Piaget (1982), da linguagem, mediante o pensamento de Lacan

(1998), afetivo, através da percepção esboçada por Freud (1969), Sampaio (2004) e Alves Fortes (2010) e ainda de forma histórico-social, conforme é proposto nas concepções vygotskianas (1984). Tal percepção por parte da instituição educativa se faz sentir de maneira mais urgente e necessária, quando esta desenvolve suas atividades pedagógicas em uma comunidade quilombola, figurando como um dos poucos espaços legitimados para a apropriação do conhecimento científico valorizado pela História Oficial, devendo atuar como palco de discussão da diversidade de saberes produzidos por estes atores sociais ressurgidos.

Ressalto que esses saberes, até o presente momento, não têm encontrado respaldo satisfatório entre os ditames canonizados pelas teorias educacionais valorizadas e adotadas pela escola regular.

Constitui-se desejo manifesto dos sujeitos ouvidos por esta pesquisa de que as instituições escolares que atendem ao Ensino Fundamental I e II e também o Ensino Médio na comunidade quilombola de Tijuaçu venham a se posicionar de maneira favorável, colocando-se como parceira na reconstrução das memórias orais, atentando para sua contribuição no que diz respeito à ressignificação dos valores professados por este grupo étnico-cultural, propondo-se auxiliá-los a se posicionar, de forma crítica e atuante, no interior da própria comunidade e renegociando suas propostas com a sociedade envolvente. A escola deverá adotar, então, a atitude de contribuir favoravelmente para o alargamento e desenvolvimento da militância política exercida pelos quilombolas, que acontece de maneira direcionada desde o ano 2000, devido ao trabalho mediador executado pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuaçu e Adjacências – AAQTA - bem como através do trabalho desenvolvido pelas Lideranças Comunitárias e que mediante o que é mencionado pelos próprios quilombolas informantes desta pesquisa, poderiam encontrar na unidade escolar uma parceira capaz de se colocar na postura de uma instituição acolhedora dos seus projetos.

Os atores sociais quilombolas oriundos das comunidades negras rurais carregam consigo o desafio de reaparecer, projetando-se em cenário nacional, como sujeitos políticos e de direitos constituídos. Para alcançar essa meta, constroem, a cada dia, o sentido prático do “ser quilombola”, por intermédio do currículo invisível, que é tecido cotidianamente na organização do *modus-vivendi* da comunidade. Fato que não acontece de maneira forjada como gostam de afirmar aqueles indivíduos que não se propõem a respeitar e compreender a causa reivindicatória proposta por estes agentes, tampouco se predispõem a aceitar a existência cidadã destes grupos tradicionais.

Contrariando estas ideias arraigadas e estreitas, construídas e mantidas apenas por aqueles (as) que se dispõem a defender um modelo de sociedade estruturado a partir de padrões eurocêntricos e que resguardam resquícios preconceituosos de princípios homogêneos, percebendo a contragosto a presença da alteridade; contrariando esta estrutura excludente, existe a produção cotidiana de um currículo invisível no interior das comunidades quilombolas.

Este currículo, além de se voltar para a organização natural de seu viver político, econômico, social e cultural, atualmente estimulado pelos valores multiculturalistas, também tem se dedicado à busca pela reflexão diária do que realmente significa ter como ascendentes indivíduos que viveram em quilombos, procurando entender por que se deu historicamente este estilo de vida e compreender que este tipo de organização social iniciada nos antigos quilombos representou a primeira forma de questionamento e contraposição do regime organizativo do país naquele momento histórico.

Procurar compreender tudo isso no âmbito do grupo, apropriando-se destas reflexões, permite a estes povos ressemantizados transformá-las em atitudes que dão continuidade às lutas de suas comunidades, no momento presente, uma vez que procuram dispor para isto de todos os instrumentos jurídicos, científicos e tecnológicos que lhes são colocados e ou arduamente buscados.

Defendo nesta pesquisa que se constitui compromisso da tarefa educacional de instituições que mantenham em seus currículos ocultos a preocupação associada à responsabilidade com o cumprimento da justiça social, adotar uma postura de se colocar como esclarecedora e acolhedora dos interesses destes povos tradicionais. Para isso, deverão posicionar-se, de maneira favorável, as suas lutas históricas e formas de expressão, no que se refere às diversas maneiras de se relacionar com o entorno social que os circunda. Deverão também, perceber essa atitude, não como valor de concessão ou em caráter benemérito e sim, como um dever moral diante do Estado-nação, assumindo, portanto, uma posição favorável na reconstrução da história coletiva destes agentes, visto que isto se configura um fator necessário, tratando-se de um país que assistiu à destruição da dignidade humana dos povos negros e afrodescendentes, contribuindo para que isso acontecesse.

Não se trata, neste contexto, de projetar a instituição educativa de forma democrática, como o fazem os discursos pomposos que versam a respeito da educação escolar. Ao contrário, trata-se de lhe cobrar uma atitude decente, que consiste em sugerir uma metodologia que lhe faculte um trabalho pedagógico que atue de modo a desmistificar os

preconceitos e estereótipos solidificados em relação aos negros e afrodescendentes e que, por vezes, encontram nos livros didáticos e paradidáticos infantis e juvenis parceiros ideais e reprodutores destes construtos.

Faz-se necessário que a unidade escolar atue como desmistificadora destes construtos, evidenciando-os, discutindo-os, contribuindo para que sejam compreendidos de forma crítica pelos educandos quilombolas que ressurgem em cada recanto, antes relegado ao obscurecimento, neste país. A partir daí, cabe mediatizar inicialmente a compreensão dos conceitos negativos disseminados em relação à etnia, possibilitando a desconstrução dos mesmos de modo a oportunizar a formulação de outros mais reais e capazes de expressá-los de maneira respeitosa, valorizando-os e fornecendo uma conotação que se aproxime de uma perspectiva verídica, abandonando a diretriz nebulosa do desconhecimento ou do conhecimento romantizado que também tem sido tecido e traduzido sem nenhum tipo de reflexividade nas escolas.

Visibilizar a alteridade presente nos estudantes quilombolas possibilita à instituição educativa assegurar maior eficiência em seu trabalho pedagógico, pois viabiliza a expressão de seus valores étnico-culturais e possibilita aos demais educandos a oportunidade de conhecer e conviver de forma saudável com a existência da multiplicidade. Isso contribui para transformar olhares e perspectivas diferentes em pressupostos capazes de nortear a busca por melhores condições de existência na estrutura social, amparados no respeito que deve envolver a diferença e o direito constituído de expressá-la, vivenciá-la, visto que, como enfatiza Munanga (2005), a educação escolar ainda se desenvolve em caráter valorativo da ótica ocidental e carregando em seu interior os resquícios do mito da democracia racial, através do qual as diferenças étnicas e culturais são ofuscadas e suprimidas, almejando evitar a hostilização social ou o confronto declarado, abdicando da atitude saudável de evidenciar a presença da heterogeneidade discente, estimulando o diálogo crítico e transformador capaz de anular do seu interior de forma simbólica e posteriormente de maneira real, a existência do “ser mais” e do “ser menos”²², conceitos desenvolvidos pelo educador Paulo Freire e que ainda povoam a estrutura escolar e social brasileiras.

Constitui-se tarefa da escola estimular seus educandos a fazer uso da palavra, a renegociar conceitos por intermédio da palavra, com o objetivo de libertar suas consciências; culminando também no processo de libertação de seus opressores, em uma atitude dialética e

²² A este respeito ver *A Pedagogia da Autonomia*, último título produzido pelo autor e publicado pela editora Paz e Terra (1996).

construcionista, visto que cada interação social estabelecida promove o desenvolvimento dos discentes envolvidos neste processo dialético.

Nas comunidades tradicionais os sentimentos de respeito direcionados ao Sagrado, aos indivíduos mais velhos, às festas religiosas ou não, são importantes para a harmonia e continuidade do grupo, possuindo forte influência na educação informal e diária das crianças e jovens. Esses princípios tidos e definidos como imprescindíveis para a vivência e convivência dos quilombolas não encontram grande aceitação, nem espaço para serem celebrados e acolhidos na escola regular, pois, como argumenta Moura (apud Munanga, 2005), por vezes, tem passado despercebido por parte da instituição educativa no ato da construção progressiva de seu currículo oculto aquilo que Apple denominou de currículo invisível, ou seja, a contribuição para a produção e recriação dos princípios e valores professados por estas comunidades.

A unidade escolar, para ser eficaz em sua tarefa de educar para a cidadania, almejando o progresso da multiplicidade que a compõe, necessita adotar uma postura que se proponha lançar luz sobre conceitos pouco trabalhados ou mesmo pronunciados abertamente no interior de suas salas de aula, a exemplo da negritude de seus alunos e a invenção da escravidão negra pelo Ocidente. Explicando a quem realmente serviu este fenômeno, procurando não minimizar seus impactos para aqueles que a sofreram, bem como descortinando os postulados teóricos utilizados para legitimá-la até os nossos dias.

Discutir o tratamento dispensado à população negra e afrodescendente na sociedade brasileira, a relação da escravidão com a situação social dos indivíduos negros (as) e afrodescendente na atualidade, a percepção da mulher negra na sociedade brasileira, a quase inexistência de atores sociais negros e afrodescendentes, no cenário político e nos meios de comunicação, entre outros fatores, considerando que a quebra do princípio desta atitude de silenciamento pode perfeitamente ter início na vida de crianças e jovens por intermédio da escola que frequentam.

Este comportamento se faz apreciável e digno de respeito em qualquer instituição educativa, principalmente após a promulgação da Lei nº 10.639/03 que, sete anos depois, vem suprir uma lacuna deixada pelo texto inicial da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9394/96. Entretanto, ele se faz mais urgente e honroso quando se verifica no interior de escolas localizadas nas diversas comunidades quilombolas que abdicam do ethos do silêncio e solicitam fazer uso da palavra para reescrever sua história no contexto atual. De maneira particular, situo a necessidade desse comportamento nas duas escolas municipais de

Tijuaçu – uma referente ao Ensino Fundamental I, a Escola Municipal Antônio José de Souza e a outra voltada para a manutenção do Ensino Fundamental II e Médio, a Escola Municipal de Tijuaçu, encontrando-se ambas situadas na própria comunidade e, portanto, abrigando entre seus discentes sujeitos quilombolas.

Os informantes que colaboraram com esta pesquisa declararam que não se sentem valorizados pelas unidades escolares que desenvolvem seu trabalho pedagógico em Tijuaçu, uma vez que estas não se propõem a dialogar com a ancestralidade africana de seus aprendentes tampouco oferecem no interior de seus muros qualquer espaço capaz de proporcionar visibilidade a sua tradicionalidade.

Segundo os entrevistados, as escolas municipais de Tijuaçu parecem não perceber que se encontram em uma comunidade quilombola, pois se abstêm de desenvolver um trabalho pedagógico capaz oferecer qualquer tipo de contribuição no que se refere à reflexão destes atores sociais, a respeito de sua situação de sujeitos políticos ressurgidos.

Os entrevistados enfatizaram que nutrem o desejo de ter a escola como instituição atuando como parceira em sua trajetória, auxiliando, através do estímulo à conscientização dos estudantes quanto a sua condição de povos tradicionais perante o Estado Nacional. Também, teorizando, através de seus conteúdos, discutindo no momento das aulas sobre o que significa ser uma comunidade quilombola e possibilitando aos estudantes desenvolver uma compreensão crítica neste sentido.

Na perspectiva dos quilombolas entrevistados por esta pesquisa, ao passo que a Associação Agropastoril Quilombola de Tijuaçu e Adjacências – AAQTA – atua como pioneira na tarefa de mediação em auxiliá-los a refletir, como comunidade tradicional, sobre sua condição, a escola desenvolve um trabalho voltado à alienação dessas informações, procurando não se envolver com tais questões.

Quando perguntados sobre a importância que atribuem à existência da escola, na qualidade de instituição educativa, no âmbito da comunidade, todos os informantes enfatizaram a relevância de sua presença, porém externaram o seu desagrado em relação a não participação desta na vivência diária da comunidade, evidenciando o seu não comprometimento com os valores do grupo:

Paula é o seguinte, a escola tem os seus trabalhos que é assim falando coisas do tipo do descobrimento do Brasil com Pedro Álvares Cabral, mas aquilo e aquilo outro. Então ela não fala da história da nossa comunidade, se as crianças quer saber da história da comunidade, elas vem até a gente, ao Valmir, a Ilca e a eu mesmo. Uma coisa que é defasada e é muito ruim pra comunidade, é que a escola não se

importa com a história da comunidade, falta isso na escola. Capacitaram os professores naquele Brasil Quilombola, mas isso não veio na prática não. (Entrevista com Vanildo dos Santos, 28 anos de idade, em 12/04/12)

As concepções trazidas pelo senhor Vanildo, como contributo a esta pesquisa, demonstram que existe por parte dos quilombolas o desejo de que a escola venha a desenvolver um trabalho pedagógico que se proponha a dialogar com seus valores, conhecendo melhor a história da comunidade de Tijuáçu e desmistificando muitos fatores que envolvem a história de seus ancestrais africanos.

Conforme é argumentado por Vanildo dos Santos, o trabalho desenvolvido pela instituição educativa violenta os ideais professados por esse grupo étnico-cultural, quando os deslegitima, não lhes facultando visibilidade e preferindo, ao invés disso, continuar trabalhando em seu currículo somente a história factual dos vultos brasileiros estabelecidos como é exemplificado pelo informante através de seu depoimento.

A escola continua valorizando apenas a participação de Pedro Álvares Cabral, quando poderia estar se propondo a desenvolver um trabalho mais específico, ressaltando por exemplo, as personalidades locais, como a história da matriarca fundadora do grupo: a senhora Mariinha Rodrigues. Poderia ainda resgatar as participações das parteiras, rezadeiras e de homens e mulheres que, de fato, possuem uma contribuição significativa na história da comunidade de Tijuáçu. Convém lembrar que esta é uma atitude necessária por parte de qualquer instituição educacional, mas, em uma comunidade quilombola, constitui-se em uma atitude que se faz sentir de maneira mais urgente, pois, como salienta Andrade (apud MUNANGA, 2005, p.120), também compete à escola “tentar refazer a história individual na história coletiva, então desprovida, na maioria das vezes, de referências encobertas na memória”.

O refazimento positivo das memórias das personalidades e feitos de agentes locais deverão ser percebidos como parte integrante da tarefa educativa. Esses feitos, cujas participações sempre foram fundamentais para o crescimento deste grupo tradicional e que a escola, em sua proposição de informar tem negligenciado e ou atribuído pouca importância, não dando oportunidade aos seus educandos quilombolas para sentirem-se representados e acolhidos no trabalho pedagógico desenvolvido no interior da mesma.

Tendo em vista que, se uma das propostas da educação escolar projetadas para o milênio se solidifica em educar o discente para a vida e por meio da vida, é importante que se diga que este princípio não tem acontecido no âmbito da comunidade quilombola de Tijuáçu, visto que a instituição educativa não tem reconhecido o sentido que norteia a vivência

cotidiana de seus discentes. Isto é, o fato de serem quilombolas e de como esta compreensão se faz relevante para suas existências de maneira individual e coletiva.

Na realidade percebe-se que as escolas municipais de Tijuáçu não demonstram estar interessadas em dialogar com esta comunidade quilombola e exercem um trabalho pedagógico apenas pautado no que rege o currículo oficial, negligenciando ou dedicando pouca importância tanto às disposições contidas na Lei nº 10.639/03, quanto ao que é proposto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, publicadas pelo Ministério da Educação – MEC em 2004. Teço aqui esta afirmação, tomando como pressuposto o fato de que, no que faz referência à educação escolar a ser oferecida em uma comunidade remanescente de quilombo, as Diretrizes asseguram:

Oferta de Educação Fundamental em áreas de remanescentes de quilombos, contando as escolas com professores e pessoal administrativo que se disponham a conhecer física e culturalmente, a comunidade e a forma-se para trabalhar com suas especificidades. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA, 2004, p. 25)

Este princípio acima disposto tem sido totalmente desconsiderado pelas escolas municipais de Tijuáçu, sendo isto verificado não apenas neste estudo específico, mas também discutido anteriormente em duas monografias realizadas no período de 2000 e 2004 a, primeira referente à conclusão do curso de Pedagogia e a segunda, trabalho de conclusão do curso de especialização na área de Psicopedagogia Escolar. Considerando que, em ambos os trabalhos e sob as perspectivas destes dois campos que compõem a Educação, foram analisadas as relações estabelecidas entre o quilombo contemporâneo de Tijuáçu e a escola na qualidade de instituição.

A partir dos estudos realizados para esse trabalho, enfatizo que, até os dias atuais, constitui-se voz corrente entre os sujeitos quilombolas de Tijuáçu, a insatisfação em referência aos serviços prestados pelas unidades educativas localizadas na comunidade, percebendo-se que evidenciam, através de suas posturas a preocupação em realizar os ditames colocados mediante a ótica da Secretaria Municipal de Educação de Senhor do Bonfim, furtando-se à possibilidade de conhecer e procurar preencher os desejos expressos pelos habitantes da comunidade.

Este fato também ser percebido na declaração do informante:

A escola ela é fundamental e ela deve existir e funcionar em uma comunidade quilombola como parceira da comunidade. Procurando conhecer a história daquele povo para retransmiti-la aos seus alunos. Ela deve respeitar os valores, os modos de viver destas pessoas, reconhecendo os mais velhos e respeitando, dando o valor que eles de fato merecem. A escola deve estudar a cultura daquela comunidade, já que a escola também se torna uma parte dela e aqui em Tijuáçu, o problema maior é que a escola não faz nada disso. A escola não quer tratar a comunidade como uma comunidade quilombola merece ser tratada. (Entrevista realizada com Valmir dos Santos, 33 anos, em 28/04/12)

A perspectiva trazida pelo senhor Valmir, que foi aluno da Escola Municipal de Tijuáçu e dá seguimento aos seus estudos, cursando universidade na própria comunidade, como acadêmico do curso de Pedagogia, figura aqui como um demonstrativo de que a comunidade reconhece a relevância dos serviços prestados pela unidade escolar como necessária ao desenvolvimento dos educandos. Entretanto, a comunidade sente-se frustrada diante da não solicitude destas instituições em demonstrar a sensibilidade de perceber que o seu trabalho pedagógico é oferecido em uma comunidade tradicional. Sendo necessário, portanto, que as a escola busque conhecer os saberes ancestrais deste povo, sua trajetória de militância e seu desejo expresso de refletir sobre sua negritude e condição de sujeitos políticos ressemantizados.

Existe uma grande contrariedade, principalmente por parte das lideranças do grupo, em relação ao desprezo que a escola dispensa à comunidade, não a reconhecendo como um grupo étnico. Conforme foi alegado pelo informante, isso se registra pelo menosprezo a seus valores, pela redução de espaço para a apresentação de suas manifestações culturais e até utilização de violência simbólica em relação aos hábitos de seus discentes. Um exemplo é o comportamento comum de algumas professoras oriundas de Senhor do Bonfim, que vêm ministrar aulas na comunidade, ridicularizarem o costume que os estudantes de Tijuáçu possuem de andar descalços e falar alto em classe, rotulando estas manifestações espontâneas de “coisas de gente que não tem educação”. Recusam-se a perceber que o fato de andar descalço é uma atitude com parâmetro de normalidade em comunidades rurais e que obrigar um discente que possui um timbre vocal agudo diminuir o som da sua voz, significa violentá-lo em sua natureza humana bem com em sua singularidade.

As escolas municipais de Tijuáçu têm atuado como instituições que, ao invés de beneficiar a comunidade onde disponibiliza seus serviços pedagógicos com o propósito de auxiliar o crescimento de sua clientela, realizam uma trajetória inversa, visto que

descaracterizam os princípios e valores trazidos por seus alunos quilombolas e lhes impõem outros que caminham de encontro aos seus ideais e minimizam suas expectativas individuais e coletivas.

Dessa forma, colocam-se como agências inibidoras da construção identitária deste grupo étnico-cultural, considerando que reprimem seus saberes, princípios e valores ancestrais, desconhecem sua militância política e expressam uma atitude de menosprezo em relação ao seu *modus-vivendi*. Comportamento que é interpretado nesta pesquisa como um fato extremamente negativo, uma vez que, como enfatiza Munanga (2005, p. 71) “(...) sabe-se da importância da formação das identidades no processo de ensino-aprendizagem, sabendo-se também, por outro lado, que isto raramente ocorre na escola tradicional”. E isto justamente por que esta preocupação não condiz com os parâmetros homogeneizadores estabelecidos pela educação escolar que camufla, no momento presente, uma ideia de inclusão em seus currículos e metodologias quando, na verdade, o que acontece é uma tolerância forçada e disfarçada de aceitação no que se refere às diferenças.

Outra impressão a respeito da escola, na qualidade de instituição, foi oferecida a esta pesquisa pela senhora Suzana Fagundes da Silva que, apesar de ser professora e estar cursando Pedagogia, não exerce suas atividades docentes na Escola Municipal de Tijuacu. Seu trabalho apenas é valorizado no que se refere à Educação Infantil, que é oferecida na comunidade em um espaço alugado e que não possui nenhum tipo de denominação que a identifique como creche ou escola. Utilizo aqui esta situação para argumentar que não existe por parte da Secretaria Municipal de Educação de Senhor do Bonfim a preocupação de que os educandos (as) que frequentam a Escola Municipal de Tijuacu e que cursam o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, se reconheçam através do corpo docente que atua nesta unidade, visto que é verificada a ausência de professores oriundos da comunidade.

Em destaque, um trecho do depoimento da senhora Suzana:

Paula, em 2009 chegou uma cartilha, um kit onde tem negros que fez história no Brasil e eu te digo Paula, o professor não pega esse livro pra ensinar e eu lhe digo a data se um ou dois pegar é dia 20 de novembro, pra tirar xerox e fazer cartazes. (Entrevista realizada com Suzana Fagundes da Silva, 38 anos, em 25/04/12)

A partir da afirmação da entrevistada pode-se perceber o desprezo da instituição escolar em relação à negritude e tradicionalidade local, uma vez que, mesmo quando subsidiados por instrumentos que lhe permitam desenvolver um trabalho pedagógico direcionado às

comunidades quilombolas, a escola permanece adotando atitudes tradicionais, caracterizadas pelo fato de trabalhar datas esporádicas do calendário pedagógico, negligenciando assim, os anseios do contexto onde se encontra inserida.

As expectativas e necessidades deste grupo étnico se acham frustradas pela única instituição da comunidade divisada como responsável direta pelo incentivo à construção do pensamento reflexivo e crítico daqueles (as) que a frequentam: a escola.

Nas comunidades quilombolas rurais são poucas as instituições sociais existentes e algumas delas, a exemplo de escolas e Postos de Saúde da Família – PSFs - acabam se revestindo de uma grande importância para a comunidade, justamente devido à dificuldade que a maioria dos indivíduos residentes nessas comunidades tradicionais possuem em se deslocar para outros espaços objetivando a satisfação de suas necessidades.

Este é o motivo principal pelo qual abordo nesta pesquisa as relações que a escola, tida como unidade educativa oficial, mantém com a comunidade, considerando que estes sujeitos ressurgidos têm procurado cotidianamente refletir sobre sua tradicionalidade e buscado espaços que sejam capazes de promover e alargar as compreensões que possuem. Esta perspectiva é negligenciada pelas instituições educativas da comunidade, que, ao adotar esse tipo de atitude, parecem não perceber os prejuízos que causam a estes agentes, pois se colocam na qualidade de reprodutoras da estrutura excludente que existe neste país em relação aos indivíduos negros, afrodescendentes e quilombolas.

A escola prefere assumir a posição de entidade vetora e não de instituição colaboradora e parceira no processo de produção identitária destes sujeitos quilombolas, visto que permanece desenvolvendo um trabalho pedagógico homogêneo, que desconsidera a multiplicidade verificada entre os seus discentes e direcionando suas propostas didáticas ao cumprimento do que estabelece os ditames do currículo oficial. Razão pela qual a negritude dos discentes de Tijuáçu, suas expectativas de verem ser valorizados na escola os valores de seu povo, a possibilidade de discutir sua tradicionalidade e posição de atores sociais ressurgidos perante o Estado Nacional, tudo isso é desconsiderado pela unidade escolar.

As escolas municipais que existem em Tijuáçu, no que se refere à realização de suas propostas pedagógicas e metodologias adotadas pelos discentes que neste contexto exercem suas atividades, funcionam como agências inibidoras do currículo invisível produzido na comunidade, bem como não se disponibilizam a dialogar com a identidade ali existente e que é constantemente construída pelos sujeitos quilombolas tijuáçuenses.

Questiono mesmo nesta pesquisa, se este tipo de proposição tem interessado às duas escolas municipais de Tijuacu? Se estas entidades possuem a preocupação em verificar se existe identidade no interior deste grupo étnico ou, ainda, se guardam a premissa que todo grupamento possui identidade (es)? Se percebem que essa identidade deve ser respeitada e expandida de acordo com as necessidades geracionais do próprio grupo que as produz?

Ver a identidade e a diferença como uma questão de produção significa tratar as relações entre as diferentes culturas não como uma questão de consenso, de diálogo ou de comunicação, mas como uma questão que envolve, fundamentalmente relações de poder. A identidade e a diferença não são entidades preexistentes, que estão aí desde sempre ou que passaram a estar aí a partir de algum momento fundador, elas, não são elementos passivos da cultura, mas tem que ser constantemente criadas e recriadas. A identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição. (SILVA, 2009, p. 96)

Não é interessante que as duas escolas que desenvolvem seu trabalho pedagógico em Tijuacu estimulem a visibilização da diferença verificada em seus discentes e, em especial, quando esta diferença se relaciona a sua ancestralidade africana e aos valores quilombolas professados por estes agentes. Não se poderia esperar uma atitude diferenciada por parte de instituições que possuem seus trabalhos atrelados aos interesses diretos da Secretaria Municipal de Educação e, portanto, da Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim, órgão que, forçosamente, no momento atual, tolera a existência da comunidade quilombola de Tijuacu, na qualidade de comunidade tradicional, visto que não pode se abster de deixar transparecer um comportamento também inovador (se isto é, de fato, possível) e que vá ao encontro das ideias multiculturalistas, adotados pelo Estado-nação.

Entretanto, no âmbito da metodologia adotada pelas duas escolas, não existe, até o momento presente, a preocupação real associada a iniciativas que permitam qualquer tipo de diálogo com os saberes tradicionais desta comunidade, tampouco qualquer acolhimento, no que diz respeito ao fato de estas instituições se encontrarem desenvolvendo seus trabalhos em uma comunidade quilombola.

Desse modo, fundamentada nas conversas informais e referendando-me em vivências mantidas no âmbito deste grupo étnico-cultural e ainda utilizando como pressuposto os trabalhos científicos anteriores produzidos sobre a temática, enfatizo que, até hoje, as duas instituições educativas que desenvolvem seu trabalho pedagógico em Tijuacu não têm

demonstrado interesse em perceber e visibilizar a identidade produzida por estes sujeitos, ao contrário, se recusam a dialogar com ela, colocando-se como repressoras.

Afirmo que o processo de construção identitária destes agentes, percebido no currículo invisível produzido cotidianamente por eles e subsidiado fortemente pelo trabalho militante da AAQTA, é totalmente desconsiderado pela escola. Por isso, julgo ser prudente colocar nesta pesquisa que também se propõe a discutir a importância das instituições existentes no interior deste quilombo contemporâneo e como essas entidades têm servido de contributo e ou mecanismos de repressão à identidade construída por estes atores, o papel adotado pelas instituições escolares que se localizam nesta comunidade.

Argumento que as escolas municipais que atuam em Tijuçu ocasionam sérios prejuízos a esta comunidade quilombola, tendo em vista que, como enfatiza Munanga (2004), a escola necessita atender à sociabilidade negra e afrodescendente que a diáspora construiu, repensando, para isso, o seu papel pedagógico, percebendo-se e colocando-se como acolhedora da diversidade que integra seu contexto. Ressalto ainda o fato de que, mediante o que é afirmado por Moura (apud Munanga, 2005), o trabalho pedagógico ministrado nas escolas localizadas nas diversas comunidades quilombolas do país ou que recebem estes sujeitos oriundos de comunidades tradicionais em seus quadros discentes, necessita despertar para o fato de assumir uma postura formadora e recriadora da identidade étnica e cultural destes agentes.

Registro a necessidade de analisar a disparidade dos ideais professados por duas instituições importantes para os quilombolas de Tijuçu: a AAQTA e a Escola, em função do trabalho que ambas desenvolvem junto à comunidade, no que se refere à construção do pensamento simbólico, bem como devido à ambiguidade de comportamentos demonstrados por estas entidades. A primeira se propõe ao estímulo à conscientização dos quilombolas e ao despertar de suas consciências críticas, ao passo que a segunda, até o momento, direciona seu trabalho, de modo a promover a alienação, fato que compromete negativamente o desenvolvimento deste grupo étnico-cultural e, principalmente, o seu processo de construção identitária.

Levando-se em consideração a extensão deste capítulo, gostaria de rememorar alguns princípios. Inicialmente mantive a preocupação de analisar e procurar compreender a importância do trabalho contínuo exercido pela Associação Quilombola, que acontece de maneira incessante desde o ano 2000, quando foi criada. Assim procedi, visto que diviso esta instituição como a principal agência promotora do rito de passagem que proporcionou e

proporciona diariamente aos sujeitos quilombolas de Tijuacu alargarem suas compreensões a respeito de sua origem ancestral, possibilitando-lhes, cada vez mais, a perceberem-se como atores sociais remanescentes de quilombo que, para desta forma se projetar, desmistificam a cada passo dado, o arcabouço burocrático que o Estado-Nação constituiu para sua categoria de povos ressurgidos.

O trabalho constante da AAQTA propiciou o dignificar das memórias orais do grupo e também ofereceu significado as suas lutas e labutas seculares, como sujeitos provenientes do tronco velho dos Pretos do Lagarto, que sempre tiveram sua negritude como o fator principal, a partir do qual se estruturou suas vivências, Isto tanto em instância negativa, quando, no passado, necessitaram mantê-la adormecida, com o propósito de continuar existindo, quanto de maneira positiva, considerando que, no momento, é mais uma vez a negritude manifesta destes povos o principal instrumento a partir do qual podem alicerçar suas histórias de vida, possibilitando-lhes perceber-se como indivíduos negros, afrodescendentes e quilombolas, sobretudo tendo uma visão esclarecida do que isto, de fato, significa.

Procurei analisar também a importância do trabalho realizado pelas Lideranças Comunitárias, categoria criada no quilombo contemporâneo de Tijuacu, com o objetivo claro de expandir o trabalho desenvolvido pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuacu e adjacências – AAQTA - descentralizando as tarefas e possibilitando, cada vez mais, o compartilhamento das atividades promovidas no âmbito do grupo.

E, por último, mantive o cuidado de trazer a percepção do trabalho pedagógico desenvolvido pela educação escolar que oferece seus serviços pedagógicos na comunidade quilombola de Tijuacu. Tive como finalidade tornar claro que, se as instituições anteriores mantêm o compromisso de desenvolver um trabalho motivado pela preocupação com o crescimento individual e coletivo dos membros do grupo, a escola, como instituição, não se apresenta como parceira desta tarefa, cabendo à primeira incentivar a libertação das consciências dos sujeitos envolvidos, o despertar de sua criticidade e a intervenção consciente em relação à causa que militam e em torno da qual estruturam suas vivências. A segunda instituição aqui mencionada, no caso a Escola, exerce um trabalho que é percebido como uma entidade que mantém implícita em sua filosofia mecanismos reprodutores e disseminadores de uma estrutura de dominação e exclusão dirigida aos agentes que a frequentam.

As instituições focalizadas e discutidas neste estudo mantêm também o propósito de desenvolver uma análise própria de como as posturas que assumem são capazes de contribuir, de forma positiva e ou negativa, para a construção identitária deste grupo étnico e como a

produção da identidade está sempre sujeita ao “jogo da différence”, como esclarece Stuart Hall (2008).

Procurei demonstrar as diferenças existentes nos trabalhos realizados pelas principais instituições presentes na comunidade quilombola de Tijuáçu e como elas contribuem para a construção da identidade destes atores sociais ressemantizados.

CAPÍTULO 4

O BATUCAR DAS LATAS E A FORÇA QUE VEM DA FÉ: CONVERSAS COM A IDENTIDADE DE UM POVO ...

As diferentes maneiras de organização de um povo são capazes de traduzir as perspectivas embutidas em seus sistemas econômicos, políticos, sociais, culturais e religiosos. As relações que os indivíduos estabelecem com o entorno que os circunda, por vezes, atuam como responsáveis por lhes proporcionar o entendimento em referência à forma como são divisados em função dessa organização, revelando as lentes da sociedade inclusiva, no que se refere as suas formas de existir e, por vezes, infundindo-lhes novos caracteres em função das interações mantidas. Interações que os conduzem a eleger alguns símbolos e estes, por sua vez, passam a figurar como sinais diacríticos e distintivos de um determinado grupamento cultural.

Neste quarto capítulo detenho-me a analisar o Samba de Lata, principal atividade cultural produzida na comunidade quilombola de Tijuáçu e a devoção que estes quilombolas sertanejos dedicam a São Benedito, padroeiro da Vila-centro.

Procedo dessa forma por considerar que as duas atividades praticadas, de maneira ancestral por estes agentes, atuam como elementos a partir dos quais sua identidade é paulatinamente construída, tanto no que se refere a sua organização em caráter interno, quanto ao que diz respeito às relações mantidas com a sociedade envolvente.

O Samba de Lata, para estes quilombolas sertanejos, além de se constituir uma das muitas formas a partir da qual expressam sua cultura, corresponde a um mecanismo de resistência construído por seus ancestrais para conviver de forma mais positiva com a seca e o abandono político ao qual se encontravam expostos no momento específico em que essa manifestação cultural foi criada. Com sua prática ressignificada pelos sujeitos que, no momento presente, figuram como os herdeiros diretos das raízes “do tronco velho do Lagarto” e que, ao encenar sua manifestação cultural nos encontros de comunidades quilombolas, em encontros de cultura e outros eventos para os quais são convidados, o fazem de modo a promover um reencontro com sua ancestralidade africana, demonstrar o orgulho étnico que possuem e dialogar com a sociedade inclusiva.

A devoção ao “senhor São Benedito”, forma de expressão como estes quilombolas respeitosamente se referem ao seu padroeiro, invocando sua proteção e intercessão, constitui o pilar no qual amparam sua fé e congrega os atores sociais desta comunidade, além de representar também o elemento diferenciador de sua religiosidade em relação ao contexto que os circunda, oportunizando a comunidade religiosa com a qual interagem - a Paróquia de Senhor do Bonfim - compreender não só a maneira como expressam sua fé na condição de povos ressurgidos, bem como favorece, a partir do intercâmbio mantido através dos encontros religiosos, uma melhor compreensão de sua tradicionalidade e militância em favor dos direitos quilombolas.

4.1 SAMBA DE LATA: UM FILHO NASCIDO NA SECA DE 1932

O modo de festejar dos povos quilombolas funciona como tradutor da história da vida coletiva da comunidade. Os sons dos tambores sagrados celebram a vida e ou se solidarizam com a morte, seja ela real ou simbólica. O retumbar dos batuques demonstram a força dos braços que “batem” ou “tocam”. Cada comunidade remanescente possui sua expressão singular, sua nomenclatura própria, trazendo a fortaleza daqueles que ao “bater” ou “tocar” agradecem a Deus, a vida, aos invisíveis, aos seres sagrados que a comunidade reverencia, quase sempre envolvidos em um misto que contempla a religiosidade católica e as religiões de matrizes africanas.

Ao tocar na terra com a força dos pés sentindo a vibração que daí emana e se mistura à energia daqueles que dançam e cantam, os atores sociais quilombolas, no compasso cadente de seus corpos, além de realizar um ritual de agradecimento, já que estas atividades quase sempre adotam uma conotação sagrada, atuam de maneira a construir um legado cultural que assume o papel de alma da comunidade.

As manifestações culturais desenvolvidas nas comunidades negras rurais revelam o poder de resistência destes povos ressurgidos em preservar suas memórias ancestrais e ainda dialogar com as inovações trazidas pela Pós-modernidade, considerando que a tradição conforme enfatiza Hobsbawm (1987), necessita sempre renovar-se e não permanecer estática, residindo talvez neste princípio a sua permanência por sucessivas gerações.

Os rearranjos culturais fazem-se necessários para solidificar uma tradição, impedindo que esta seja fragmentada ou esquecida, possibilitando o renovar e a participação dos sujeitos mais novos, que constituem a renovação biológica da própria comunidade e que, portanto, repercutem na sua renovação cultural.

No encenar da cultura, na sua reinterpretação também reside o orgulho dos membros da comunidade que contribuem para sua ressignificação mediante suas visões de mundo e necessidades geracionais.

Este comportamento é que se faz responsável pelo vivificar da história, semeando entre as novas gerações os fatores que as raízes velhas que sustentam um determinado grupo cultural já conhecem e que, de maneira ancestral desenvolvem o trabalho de mediar a reapropriação por parte das crianças e jovens da comunidade que, influenciados pelos comportamentos que observam nas atitudes dos sujeitos mais velhos, futuramente também cumprirão seu papel e exercerão seus compromissos no âmbito do grupo.

Motivo pelo qual menciono nesta pesquisa que a vida em uma comunidade quilombola acontece como um processo de educação em caráter social que envolve observação, escuta e intervenção, preocupando-se com a continuidade do grupo, visto que as rupturas quase sempre desencadeiam retrocessos e abrem espaços para o aparecimento de atitudes e posturas que não colaboram com o crescimento positivo da comunidade.

O vivenciar diário destes povos, embora dialogue com as inovações existentes no contexto presente, inclusive aquelas oriundas das vertentes tecnológicas, alicerça-se na evocação da sabedoria ancestral daqueles (as) que os precederam e inscreveram a história que os legitima e isto evidencia a tradicionalidade que carregam em seus corpos, em suas memórias simbólicas e no realizar de suas manifestações culturais, cuja origem quase sempre se relaciona com suas capacidades de desenvolver atitudes positivas frente aos martírios e opressões a que foram expostos em épocas passadas.

As manifestações culturais encenadas e ressignificadas por parte dos indivíduos quilombolas são responsáveis por expressar suas alegrias, formas de festejar e interferir, contribuindo de forma cultural com a comunidade envolvente. Entretanto, a origem dessas manifestações quase sempre encontra-se alicerçada em histórias de dor, discriminação e sujeição àqueles que buscaram lhes impor uma dominação histórica.

Essa é a razão porque narrar à história de um quilombo contemporâneo e a capacidade de seus indivíduos em construir sua identidade envolve também o discorrer a respeito de suas festas e manifestações culturais, uma vez que por meio delas as diversas memórias destes povos se descortinam e suas formas de organizar e reorganizar seus modos de vida se revelam, se traduzem e se expressam com a fidedignidade nutrida e evidenciada através dos comportamentos adotados por parte daqueles que constroem diariamente a vivência da comunidade.

De acordo com Moura (apud Munanga, 2005, p. 67):

Festa sintetiza o comunitário, o cotidiano, é lente pela qual se vê a micro-sociedade: parentesco, meio ambiente, calendário agrícola, respeito a mais velhos, história de ancestrais, liderança feminina, conhecimento de plantas. Revela comportamentos, afetividades, valores humanos, símbolos, costumes, gestos herdados e aponta para negociações simbólicas entre comunidades negras e grupos que interagem.

A festa representa também a sintetização da história da comunidade nos diversos modos de festejar e encenar suas manifestações culturais, encontrando-se inscrita aí toda a memória simbólica destes grupamentos e as interações mantidas com a sociedade envolvente. A forma

como organizaram, através dos séculos, seus modos de vida, o modo como reverenciam suas entidades religiosas, a maneira como se relacionam com a natureza, quase sempre denunciando um universo místico de respeito que envolve os seres invisíveis que povoam as matas.

É muito comum, antes do iniciar das apresentações destas manifestações, que, além de expressar a cultura destes sujeitos quilombolas, também resguardam uma ligação com sua religiosidade, acontecer um ritual privativo de agradecimento por parte dos brincantes em relação ao padroeiro que protege a comunidade ou aos santos de devoção dos líderes da manifestação. Mesmo que esta atmosfera que envolve religiosidade e festa não se faça presente em todos os membros que encenam uma determinada manifestação cultural nas diversas comunidades negras rurais, ela circunda quase sempre os líderes já que estes herdaram de seus ancestrais, não apenas a responsabilidade de continuar a tradição cultural, como também as funções religiosas que as envolve.

Nas comunidades quilombolas sertanejas o ato de festejar geralmente é precedido pelo hábito de rezar, de render culto a Deus e aos santos nos quais se acredita, sejam eles de tradição católica ou africana. Ainda por vezes se verifica um sincretismo que não é rompido nem mesmo com as reprimendas dos padres que atuam com párocos destas comunidades, uma vez que a maioria dos quilombolas do sertão, assumem-se como indivíduos católicos, mesmo aqueles (as) que atuam como líderes espirituais das diversas “Casas de curador” que povoam as localidades rurais do sertão.

Cultura no sertão também se traduz como reza e esta reza se transforma em festa, em celebração, seja motivada por fatores antigos relacionados a sofrimentos na maioria das vezes ligados à seca e ou ainda a situações do momento presente, do cotidiano atual, no qual estas manifestações culturais são encenadas pelos mais velhos e aprendidas pelos mais jovens, como forma de representar a comunidade, expandir seus valores e reafirmar sua valorização por parte da sociedade inclusiva.

Estas manifestações funcionam como o seu fator diferencial, seu sinal diacrítico que, na maioria das vezes, acaba tendo o respaldo maior, no que se refere a sua tradicionalidade étnica-cultural, tanto para o entendimento do próprio grupo no qual ela se origina e, principalmente, caracteriza a forma como são percebidos pelo entorno social que circunda estas comunidades.

Como argumenta Geertz (1978), a identidade também perpassa pela cultura e isto, sobretudo na diáspora, devido ao fato de que as identidades dos grupos ali reunidos serviram

de aporte para influenciar suas relações econômicas e sociais, bem como suas formas de estar e atuar no mundo e com o mundo.

No momento presente as manifestações culturais possuem o poder de dignificar a história ancestral das comunidades quilombolas, servindo também para legitimá-las perante a sociedade envolvente que, por vezes, assistindo ao encenar de suas manifestações tem a oportunidade de conhecer suas histórias e procurar entender sua situação de povos tradicionais.

Se para os sujeitos quilombolas as práticas de suas manifestações culturais são capazes de reacender o orgulho étnico que, em algum dado momento de sua história, a comunidade necessitou sepultar para continuar existindo, no que se refere à sociedade inclusiva, estas manifestações podem funcionar como sendo o canal a partir do qual será construído o respeito e a aceitação positiva dos mesmos.

Em um momento histórico no qual a pluralidade, segundo Arendt (apud Chauí, 2007), passa a ser divisada como a lei da terra, a cultura pode ser percebida como o viés construtor das relações de entendimento, respeito e acolhimento entre os povos, fazendo-se aqui questão de esclarecer que inexistente qualquer conotação de utopia nesta afirmação.

As mãos que se reúnem com o objetivo de “bater” e “tocar” durante as apresentações culturais quase sempre também são oriundas dos mesmos sujeitos cuja memória oral é capaz de narrar a história da comunidade que representa e onde exerce um papel fundamental para a organização dos modos de vida.

Por esse motivo, ao tratar do processo de construção da identidade na comunidade quilombola de Tijuáçu, senti a necessidade de observar, escutar, conversar e procurar respeitosamente aqui traduzir as percepções dos integrantes do Samba de Lata. Considero que esta atividade cultural constitui um dos elementos a partir do qual esta comunidade reflete sobre sua condição de povos tradicionais, buscando expandir, a cada dia, as compreensões sobre sua ancestralidade, bem como racionalizar por intermédio dos encontros de comunidades quilombolas que frequentam através de sua participação no Samba de Lata e em outros encontros culturais nos quais são convidados a se apresentar e, portanto, passam a ter a oportunidade de participar das discussões a respeito da subjugação histórica atribuída a sua etnia e sobre a condição na qual se pautam atualmente diante do Estado-nação, aprendendo a interagir e se posicionar frente ao mesmo.

O Samba de Lata praticado no quilombo contemporâneo de Tijuáçu tem também funcionado de maneira a informar a sociedade inclusiva e dialogar com outras comunidades

quilombolas a respeito da história de fundação desta comunidade. Isto porque durante a apresentação do samba, existe um momento em que seus integrantes narram a história, a origem da comunidade, explicam como esta atividade cultural, que atualmente promove festa e alegria, nasceu em um contexto no qual, conforme explica o senhor Valmir dos Santos. “houve a transformação de uma necessidade em cultura”.

Daí por que não se constitui exagero mencionar aqui a respeito da função informativa e educativa do Samba de Lata, tanto no que se refere à ampliação da compreensão da tradicionalidade de seus brincantes por parte desses, considerando que, ao se apresentar e narrar sua história, além de se reapropriar cada vez mais, elas também expandem para si e para aqueles que os assistem seu universo cultural e simbólico.

As apresentações do Samba de Lata, além de promover o diálogo entre os quilombolas de Tijuacu e a sociedade inclusiva, tem funcionado de modo a demonstrar aos olhares curiosos e, por vezes, embranquecidos do ponto de vista cultural esboçados por parte daqueles (as) que os assistem, a alteridade que há nos modos de vida dos sujeitos quilombolas, sua capacidade de resistência e de organização social, pautados conforme os valores ancestrais que até os dias contemporâneos tem referendado suas histórias de vida, não sem alguma alteração, considerando que a própria capacidade de resistir de um povo não se fundamenta no ato de adotar posturas estáticas de cunho essencialista e sim de modo a desenvolver a plasticidade necessária para continuar existindo e atribuindo significado positivo a suas existências de maneira individual e coletiva.

O Samba de Lata atua como um instrumento de compreensão para os indivíduos quilombolas de Tijuacu e uma forma de se reafirmar perante a sociedade envolvente. Representa um reencontro com suas raízes, capaz de promover um diálogo coletivo da história do povo negro e sua dispersão pela diáspora.

A força contida que há na mão que bate a lata parece evocar a sabedoria ancestral daqueles (as) que os precederam, de modo a subsidiar, no momento presente, a reflexão destes sujeitos herdeiros de uma tradição africana que os dignifica e vivifica, proporcionando interações junto ao entorno social - interações que os modificam e modificam também o entorno de maneira dialética.

Quando se afirma que, nas comunidades quilombolas, as manifestações culturais praticadas por estes agentes figuram como sinônimo de resistência, não se menciona este fator apenas no intuito de fortalecer construtos teóricos produzidos e sim porque, de fato, é isto que acontece. Geralmente as manifestações nascidas nestas comunidades, especialmente nas

comunidades negras rurais e sertanejas, para fins deste estudo, possuem sua origem associada à capacidade de resistir principalmente a fatores relacionados à seca, ao cumprimento de uma promessa em função da cura de uma enfermidade física ou ao salvamento da produção agrícola que normalmente funciona como a principal fonte de sustento econômico de famílias inteiras.

No quilombo contemporâneo de Tijuaçu, as atividades culturais denotam semelhanças com outras atividades produzidas em muitas comunidades quilombolas sertanejas, pois seus moradores as construíram de maneira ancestral, mediante suas necessidades e sempre as recriam atualmente, motivados pelas colaborações provenientes dos olhares e entendimentos trazidos pelas novas gerações que ocuparão, a seu tempo, a direção e condução destas atividades. São citadas aqui nesta pesquisa apenas as principais atividades culturais produzidas em Tijuaçu, assim eleitas pela própria comunidade por serem aquelas que são recriadas através de sucessivas gerações, não perdendo seu sentido, ao contrário, tendo seu significado sempre ampliado no contexto do grupo.

As principais atividades culturais produzidas pela nação dos “ Pretos do Lagarto ” e que são cotidianamente ressignificadas por aqueles (as) que atuam como seus herdeiros (as) diretos (as), isto é os filhos (as) e netos (as) destes mocambeiros que guardam a missão de difundir-las, não permitindo que se percam, mas sim colaborando para a sua manutenção e recriação, inscrevendo também por meio de suas participações suas histórias de vida na comunidade e na sociedade inclusiva, sendo, portanto, aqui mencionadas: a Roda do Arco-Íris e a Quadrilha Parentesco.

A Roda do Arco-Íris recebe este nome em função das roupas coloridas com as quais seus componentes se apresentam, contribuindo, assim, para conservar o hábito de cantar roda na roça, nas casas de farinha e em frente aos terreiros das casas de família, de modo a promover a integração entre os vizinhos que nestas comunidades quilombolas sertanejas quase sempre são todos parentes, visto que mantêm o costume de se desposarem uns aos outros.

A Quadrilha Parentesco é uma atividade encenada em todo o mês de junho, revivendo, assim, o costume comum de brincar quadrilha nas Festas de São João. Esta quadrilha é assim denominada porque todos os componentes são parentes de primeiro e segundo graus.

Embora bastante reverenciadas entre os quilombolas tijuauenses, a Roda do Arco-Íris e a Quadrilha Parentesco não costumam sair da comunidade para representá-la, na qualidade de manifestação cultural, nos encontros estabelecidos com outras comunidades quilombolas ou nos eventos de cultura, sejam eles realizados em perspectiva local, regional e ou nacional. Também não são encenadas entre estes indivíduos ressemantizados com a mesma frequência do Samba de Lata, que sempre agrega em torno de suas apresentações, sujeitos idosos, homens, mulheres, jovens e crianças que o saúdam como o hálito sagrado de sua comunidade e a manifestação cultural de maior significado, de acordo com a ótica expressa pelos próprios tijuauenses, tendo seu grau de importância legitimado em função da história de seu nascimento.

Analisarei, de forma particular, esta atividade cultural, em função do respeito que os próprios atores sociais de Tijuau lhe atribuem e a deferência que lhe conferem e, ainda, devido ao fato de que o Samba de Lata constitui um dos principais elementos, através do qual perpassa o processo de construção identitária destes agentes que o recriam, assistem e o utilizam também como canal de comunicação com a sociedade envolvente.

4.2 “TRANSFORMAÇÃO DE UMA NECESSIDADE EM CULTURA” ...

É a valorização da cultura ancestral africana que os negros guardam, sem isolar-se da sociedade inclusiva nem da vida moderna, cujos instrumentos são capazes de manipular na defesa de seus interesses. Os quilombos contemporâneos mantêm a cultura baseada na experiência dos antepassados, com modificações substanciais em função das exigências de tempo e espaço de sua manutenção. (MOURA, 2012, p. 107)

Toda estrutura econômica, política, social e cultural dos sertanejos resguarda relações intrínsecas com os fatores climáticos, sobretudo com o chamado fenômeno da seca. A maioria das histórias narradas nas comunidades negras sertanejas pelos sujeitos mais velhos do grupo apresenta a seca como um princípio divisor de famílias, expropriador de bens simbólicos e materiais, aglutinador de sofrimentos e rompimento de laços afetivos que envolvem homens, animais e terras.

Na comunidade quilombola de Tijuau, conforme já foi citado por esta pesquisa, a seca foi capaz de inaugurar para a posteridade histórias de lutas, sofrimentos e dor. Entretanto, a resistência demonstrada pela sabedoria e fortaleza dos homens e mulheres que constituíram as

raízes do tronco velho do Lagarto demonstraram possuir a mesma capacidade de resistência deste pequeno réptil que, devido a grande quantidade existente na região e pela utilidade para apaziguar a fome dos tijuacenses, acabou sendo homenageado por eles que, durante muito tempo, adotaram como hábito nomear sua comunidade de Lagarto. Fato que se perpetua até os nossos dias por parte de alguns anciãos, mas que já foi substituído pelas lideranças do grupo que preferem que a sua comunidade seja conhecida pelo que consideram seu nome real.

Da mesma forma que o lagarto demonstra sua capacidade de se adequar aos diversos lugares onde se encontra, com o objetivo de preservar sua existência, os atores sociais de Tijuacu, durante a seca de 1932 - conhecida até os dias atuais como a estiagem que quase dizimou o sertão - desenvolveram uma estratégia para preservar sua autoestima e garantir sua sobrevivência econômica em um período em que não podiam plantar por falta de chuvas e, portanto, não tinham como conseguir alimentos. Também não podiam contar com a lavoura de subsistência ou com a venda de qualquer excedente para adquirir outras provisões domésticas, como é costume acontecer nas comunidades negras rurais.

Diante da ausência da água que sempre se constituiu um recurso escasso em Tijuacu, sendo que esta situação sempre se dificulta durante os longos períodos de estiagem inclusive este que a comunidade atravessa no momento presente (2013), passando também ser identificado entre os indivíduos sertanejos sejam eles quilombolas ou não, como uma das piores secas dos últimos setenta anos.

No ano de 1932, com os recursos hídricos totalmente esgotados na Vila-centro de Tijuacu, para continuar garantindo água para beber, banhar-se e cozinhar, as mulheres quilombolas começaram a empreender “caminhadas” em busca de novas fontes de água potável, que somente era encontrada em maior quantidade e qualidade, de acordo com os colaboradores deste estudo, nas comunidades de Laginha e Recoxo. Essas localidades são detentoras de fontes mais perenes e podiam abastecer, por algum tempo, as necessidades da população da Vila do Lagarto.

Como esta tarefa da busca pela água se iniciava muito cedo, por volta das três ou quatro horas da madrugada, muitas mulheres passaram a ser acompanhadas por seus maridos, que temiam por sua segurança, já que o retorno para casa somente se dava a partir das duas ou três horas da tarde do mesmo dia, levando estes indivíduos à verdadeira exaustão física pelo fato de estarem também mal alimentados, o que era comum a todos estes sujeitos que peregrinavam na tentativa de continuar sobrevivendo em seu lugar de origem.

Os relatos das memórias trazidas pelos indivíduos de idade mais avançada dão conta de que esse foi o período mais crítico vivenciado entre os indivíduos da comunidade, caracterizado pela mortalidade infantil, migração de famílias e, como já foi relatado por esta pesquisa, a expropriação das terras dos quilombolas.

Nesse contexto marcado pela tragédia climática, abandono político e social nasceu o Samba de Lata, símbolo diacrítico deste grupo étnico-cultural, capaz de carregar o orgulho proveniente de sua resistência e alteridade diante das dificuldades enfrentadas no intuito de preservar suas vidas.

Geralmente durante as caminhadas em que levavam latas, potes e cabaças vazios, os quilombolas costumavam parar embaixo de um pé de umbuzeiro para descansar na longa jornada. Os informantes relatam que em um desses momentos, para espantar a tristeza trazida pelas dificuldades da falta de água e escassez de alimentos, surgiu a ideia de fazer um samba com os versos que conheciam e acompanhado pelo som tirado das latas e cabaças. Esse comportamento espontâneo transformou-se em um rito executado todos os dias enquanto durou a estiagem de 1932, como forma de atenuar as necessidades enfrentadas para a obtenção da água.

Esta “festa dos quilombolas” em muito pouco tempo começou a chamar a atenção de alguns motoristas que, ao passarem pela estrada, viam e, por vezes, até paravam para apreciar o “espetáculo das latas”. Muitos costumavam premiar os brincantes com algumas moedas, o que serviu para incentivar ainda mais o grupo a continuar a brincadeira.

A partir daí o chamado Samba de Lata passou a reaparecer entre os tijuacuenses em qualquer ocasião festiva ou que reunisse uma boa quantidade de famílias para festejar um batizado, aniversário ou casamento na comunidade.

Os quilombolas que colaboraram como informantes desta pesquisa, ao falarem a respeito dos iniciadores do Samba de Lata, mencionam que se trata de uma criação das senhoras Maria Genoveva, Dionila e Deblande e que, nessa época, a única pessoa que batia a lata de modo a produzir um som adequado era o senhor João Faraó. Entretanto, há quem afirme que este samba já existe em Tijuacu desde a época da Senhora Mariinha Rodrigues e que foi iniciado em Alto Bonito. É possível argumentar aqui a respeito da renovação da tradição, de modo a perpetuar valores e estabelecer continuidades dentro de um determinado grupo, pois conforme estabelece Hobsbawm (1987), é por meio da invenção da tradição que sempre se torna possível estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado e quase sempre utilizado para referendar comportamentos expressos no presente.

O Samba de Lata, no momento atual, é dividido na comunidade quilombola de Tijuáçu como sendo também um mecanismo de entendimento de sua cultura, de reencontro com os valores e histórias de seus ancestrais, tanto daqueles (as) que os precederam na edificação e organização política e social da comunidade, quanto em relação aos africanos que vieram ao Brasil na condição de escravizados.

O encenar do Samba de Lata também significa para os tijuacuenses um momento em que a alegria trazida pelos brincantes desta atividade cultural, estimula a reflexão a respeito de sua tradicionalidade negra e quilombola, conduzindo a atitude de pensar sobre a capacidade de resistência do grupo, da importância das posturas adotadas no passado pela fundadora da comunidade, pelos originadores do Samba e por tantos outros (as) que contribuíram para que o quilombo contemporâneo de Tijuáçu pudesse reaparecer no contexto presente, de maneira a também contribuir para desmistificar a falácia da não existência do negro no sertão, refutando qualquer princípio de passividade por parte destes agentes, uma vez que a própria história do Samba de Lata é capaz de traduzir a capacidade desbravadora destes quilombolas sertanejos em lutar para continuar existindo em seu território de origem.

As apresentações do Samba, principalmente quando acontecem na própria comunidade, agregam todos os atores sociais comprometidos com a causa quilombola. O cadenciar dos corpos que dançam, pisando forte no chão, “pisando miudinho” como eles mesmos destacam, acompanhando a batida da Lata. Traduzem também as memórias de sua própria história que não deseja mais permanecer silenciada, precisando ser divulgada aos mais jovens e explicada àqueles que convivem na comunidade na condição de fazendeiros e comerciantes, mas que não se percebem como parte desta ou, pelo menos, não partilham dos interesses e valores expressos pelos quilombolas.

Quando o Samba se apresenta, atrai os olhares e atenções de todos (as), visto que é o orgulho da comunidade que está ali representado. É a força dos seus ancestrais que está sendo exaltada e revivida, é uma saudação, um chamamento que é prontamente atendido mesmo por aqueles que não sabem ou não conseguem mais sambar, mas se posicionam ali, reverenciando, acompanhando com palmas, participando dos cantos e reafirmando suas histórias.

Mais que o encenar de uma atividade cultural, o que acontece é um alargamento da compreensão dos fatores que diferenciam este grupo étnico dos princípios e valores cultivados pela dita sociedade inclusiva, pois ocorre uma reflexão nos presentes em relação a quem verdadeiramente são e ou desejam ser, como são percebidos pelo entorno social que os

circunda e que, por vezes, os recebem para assisti-los. Estes encontros trazem, portanto, a oportunidade de compreender por quais fatores os tijuacenses se colocam como povos quilombolas.

Menciono isto aqui para esclarecer que ainda existe pouca compreensão a respeito da tradicionalidade destes sujeitos ressurgidos na região em que se encontra inserido o seu perímetro, considerando que existe uma grande quantidade de pessoas distribuídas pelas cidades da microrregião: Senhor do Bonfim, Filadélfia, Ponto Novo, Pindobaçu, Jaguarari, entre outras, que não são aqui focalizadas por guardarem uma menor proximidade demográfica com o quilombo contemporâneo de Tijuacu e que, de fato, desconhecem o que significa ser uma comunidade quilombola ou nunca ouviu falar da existência de quilombos. Entretanto, vale ressaltar que não há nesta região uma confusão ou troca entre os vocábulos “quilombo” e “quilômetro”.

Para traduzir, com maior exatidão, a história que referenda o Samba de Lata, conversei com os indivíduos mais velhos da comunidade, parentes das senhoras Maria Genoveva, Dionila e Deblande, que são mencionadas como fundadoras desta tradição cultural e entrevistei, de maneira direta, cinco componentes do Samba de Lata. Utilizo aqui a expressão “de maneira direta” com o propósito de esclarecer que dos dezessete informantes, nove, além de lideranças comunitárias e integrantes da direção da AAQTA, são também participantes do Samba de Lata e uma delas abandonou recentemente a sua participação nas atividades do grupo por ter se tornado evangélica.

É importante relatar que, em Tijuacu, quando uma pessoa militante na comunidade adere a uma religião evangélica, continua exercendo suas colaborações para o crescimento do grupo, isentando-se apenas de sua participação no Samba de Lata.

Os participantes do Samba de Lata ouvidos declararam ter iniciado suas atividades no Samba ainda crianças, acompanhando e observando suas mães e avós, pois a participação dos homens nessa atividade sempre aconteceu de maneira mais tímida, mesmo no momento atual, quando, dos dezoito componentes oficiais do Samba de Lata, apenas dois são homens. A liderança desta atividade cultural cabe às mulheres do grupo - inclusive o ato de bater a lata, que é exercido pela senhora Marinalva dos Santos Silva, sobrinha do senhor João Faraó e herdeira da tradição de seu tio, visto que todos (as) na comunidade afirmam que ninguém até hoje consegue bater a lata e produzir o som com a mesma propriedade revelada pela senhora Marinalva ou Dinha, como é normalmente conhecida em Tijuacu.

Durante as apresentações do Samba de Lata, os versos rimados são entoados pelas senhoras Maria Alice da Silva e Valdelice da Silva, ambas são irmãs e dividem, com responsabilidade e orgulho, a função de cantoras do grupo.

A lata que, em tempos passados, era do tipo usada para colocar querosene, hoje em dia, é uma lata comum, que já tenha servido para colocar tinta. Independente de como seja a estrutura física da lata, o que a faz ganhar qualquer tipo de originalidade é a habilidade demonstrada pelas mãos da senhora Marinalva dos Santos Silva, a mulher capaz de transformar este vasilhame singelo em um instrumento do qual é possível produzir um tipo específico de som.

As outras treze mulheres, quase todas parentes e comadres, são as sambadeiras, aquelas que fazem jus à tradição pautada no som da lata que, ao ser tocada ou batida, como enfatiza a senhora Dinha, mostra a força da comunidade, que pode ser percebida na pisada do pé, no rodar dos corpos e na poesia dos versos.

Os dois homens que também participam do grupo são os senhores Valmir dos Santos e Vanildo dos Santos, irmãos e agentes militantes na comunidade. Nem sempre eles podem acompanhar o Samba de Lata em todas as suas apresentações, entretanto contribuem para a divulgação e interação desta atividade cultural junto a outras comunidades quilombolas e eventos que se propõem a ressaltar a cultura negra.

Quando o Samba de Lata realiza suas apresentações, geralmente todos os participantes aparecem usando roupas brancas que lembram as indumentárias utilizadas nas religiões de matrizes africanas. Os quilombolas que colaboraram com este estudo mencionaram que, no princípio, quando o Samba de Lata começou a participar de alguns encontros de comunidades quilombolas e outros eventos culturais, em muitos momentos não houve a preocupação com a padronização das vestimentas, inclusive, devido a fatores de ordem econômica. Relembrem que, quando aconteceu a participação em um evento cultural realizado na capital baiana, um dos organizadores do evento chamou as mulheres e as incentivou a utilizar vestimentas brancas no ato das apresentações do Samba de Lata, conselho que foi acatado e é seguido pelo grupo até os dias atuais.

Os versos pronunciados no momento das apresentações do Samba de Lata funcionam como porta-vozes da história da nação dos pretos do Lagarto. Quase todos os versos narram a história da comunidade, os acontecimentos trágicos por ela enfrentados, em um passado não muito distante, e testificam de sua militância atual. São versos rimados que chegam contando a história destes quilombolas sertanejos, ultrapassando a fronteira da curiosidade e do

preconceito, sobretudo na região geográfica onde a comunidade encontra-se situada, driblando as discriminações veladas e ou explícitas daqueles que os observam e, por vezes, até os aplaudem.

Apresento a seguir, alguns destes versos entoados pelos participantes do Samba de Lata:

Eu vim do Tijuacu
Fazer o Samba de Lata
Juntar o povo daqui
Com a rapaziada.
Ô juá, balança juá
Ô juá, balança juá
É nossa cultura bonita
Que viemos mostrar.

Eu vou dizer
De todo meu coração.
É a força da mulher
Está na palma da mão.

A mulher luta daqui
A mulher luta dacolá.
Não tem dia nem tem hora
Pra mulher não trabalhar.

Eu vim do Tijuacu
Eu vim aqui pra sambar.
Viva nossas mulher
E o povo desse lugar.

Aê mulher
Nós vamos pro olho d'água
Nós vamos pro olho d'água mulher
Nós vamos pro olho d'água.

Ô numa ladeira grande Maria
Pegou fogo Maria
Ô numa ladeira grande Maria
Pegou fogo Maria

Eu pedi permissão
E Iaiá me deu
Eu pedi permissão

E Iaiá me deu

Olha a cobra que mordeu Caetano

Jararaca.

Olha a cobra que mordeu Caetano

Jararaca.

Eu vinha de lá de cima

Montada numa preá

Bichinha pequenininha

Danada pra esquipá

Aruê tatá!

Aruê tatá!

Aruê tatá!

Aruê tatá!

Samba nêgo

Branco não vem cá.

Se vier pau há de levar!

Eu disse adeus Dalila

Que eu já vou embora

Eu disse adeus Dalila

Que eu já vou embora

Que eu não daqui

Nós somos é quilombola.

(Versos de autoria das senhoras Valdelice da Silva e Maria Alice da Silva)

Antes das apresentações do Samba de Lata, os participantes costumam rezar e pedir a Deus que abençoe a cabeça e a boca de quem vai “dizer” os versos, a mão que vai bater a lata e o pé de quem vai tocar a terra, um ritual interno realizado apenas pelos participantes do grupo.

As mulheres tijucaenses integrantes do Samba, com quem tive a oportunidade de conversar e entrevistar, relatam, com prazer, a rotina do dia em que se dá a apresentação dessa atividade cultural. Todas afirmaram ser um dia voltado para os cuidados com a beleza do

corpo e a tranquilidade da alma. Em meio a sorrisos expressaram ser um dia importante por que o reservam também para cuidar das unhas e cabelos, que costumam aparecer trançados ou alisados, denunciando o gosto de cada uma, bem como a maneira de evidenciar sua feminilidade.

Partindo do pressuposto de que o Samba de Lata produzido em Tijuacu atua como um dos elementos através do qual estes agentes quilombolas refletem a respeito de sua condição de povos ressemantizados no cenário regional, estadual e nacional e que constitui também um dos elementos a partir do qual se dá a construção de sua identidade, no ato da entrevista com os participantes do Samba de Lata, questionei a estes sujeitos “Você se sente valorizado pela comunidade como participante do Samba de Lata? Por quê?” Apresento as respostas concedidas pelos colabores da pesquisa:

Me sinto valorizada. Sobre o respeito que tem aqui mesmo que agora todo mundo tá valorizando o samba, seja branco, seja negro. Agora mesmo, vamos fazer um filme, o Samba de Lata vai participar do Nêgo d’água, tem um ator famoso da Globo que vai participar eu esqueço o nome dele, dessa novela que terminou agora. (Entrevista realizada com Valdelice da Silva, 54 anos em 04/04/12)

A senhora Valdelice da Silva, ao lado da Senhora Ilca dos Santos, além de comadres são as organizadoras oficiais desta atividade cultural, responsáveis, inclusive, pela agenda de apresentações do grupo.

Estas apresentações, por vezes, recebem algum cachê, mas na grande maioria das situações o grupo se apresenta com o objetivo de representar a comunidade de Tijuacu nos encontros de comunidades quilombolas, em algum evento cultural produzido na região ou, ainda, para atender a convites realizados por pessoas que os participantes consideram amigos (as) e que não podem contribuir monetariamente com a apresentação.

Principalmente depois da certificação de Tijuacu como comunidade quilombola, o Samba de Lata passou a receber anualmente o convite para integrar as apresentações culturais do São João bonfinense, atraindo a atenção de muitos pesquisadores e turistas, comportamento que veio também influenciar, de maneira positiva, a recepção que o Samba de Lata possui atualmente nesta cidade. Considerando que, antes da certificação da comunidade, em muitos momentos, quando o Samba de Lata era anunciado nos festejos juninos de Senhor do Bonfim, muitos bonfinenses saíam das proximidades do palco, outros ridicularizavam por meios de sorrisos e protestos, havendo também quem os chamasse de “macumbeiros”,

“negros do Lagarto” e outras denominações pejorativas com o propósito de denegrir a apresentação do grupo.

Como foi informado pela senhora Valdelice, no momento atual, o Samba de Lata foi convidado a fazer uma participação nas filmagens do filme *Nêgo d’água*, fato que enche seus integrantes de orgulho e encontra reflexo na visão positiva que desenvolvem a respeito de sua etnia e cultura, possibilitando também a tantos (as) outros (as) a alargarem suas visões a respeito do valor cultural que possui esta atividade produzida de maneira ancestral por estes indivíduos quilombolas.

Outra concepção fornecida a este estudo, no que diz respeito ao olhar que os participantes do Samba de Lata lançam sobre si próprios e a leitura que realizam das visões que o contexto que os circunda lhes atribui, foi oferecida pela Senhora Maria Alice:

Me sinto muito. As pessoas sempre me dizem dona Maria Alice o samba tava bonito e a senhora tava bem, então assim eu me sinto muito feliz. (Entrevista realizada com Maria Alice da Silva, 58 anos em 26/04/12)

Encontrar um sentido para sua existência, a partir do que se é e, ao mesmo tempo, possibilitar aos outros (as) o entendimento a respeito dos caracteres que diferenciam as comunidades quilombolas do entorno que as circunda, esta é também uma tarefa educativa que habilmente tem sido posta em prática durante as apresentações realizadas pelo Samba de Lata.

Ao assistirem as apresentações dos brincantes desta atividade cultural, muitos indivíduos oriundos de cidades da microrregião na qual Tijuacu se encontra situada e que não são quilombolas, tampouco mantêm qualquer tipo de envolvimento com esta causa, recebem a oportunidade de procurar compreender conceitos que talvez nunca tenham povoado seu imaginário. Cito aqui, como exemplo desta premissa, a própria existência das comunidades quilombolas, que têm reaparecido em muitos rincões do sertão, locais que muito poucas vezes foram percebidos como regiões em que também se deu a concentração dos povos africanos escravizados.

O Samba de Lata, através da vertente cultural, pode ser percebido como um agente promotor de discussões para sujeitos que possivelmente nunca tenham se questionado sobre a escravidão negra, a dispersão desses povos pela diáspora, ou como estimular a transformação de mentalidades que ainda continuam percebendo o ator social negro de forma negativa e lhe atribuindo caracteres menores, principalmente pela impunidade que sempre incentivou

comportamentos racistas nas regiões da Bahia, que se distanciam demograficamente da capital do estado.

O pensamento esboçado pela senhora Maria Alice enfatiza a transformação positiva que o Samba de Lata possibilitou à comunidade de Tijuáçu, de maneira individual e em escala coletiva, uma vez que esta atividade cultural, durante suas apresentações, tem se mostrado capaz de dignificar a existência de seus participantes.

Este princípio fica mais nítido no depoimento fornecido a este estudo pela senhora Euzenira dos Santos:

Muito. Por que hoje eu sou a Nira do Samba de Lata, eu saio pra outros lugares, eu participo de uma coisa que todo mundo que ver admira e respeita. (Entrevista realizada com Euzenira dos Santos Costa, 43 anos, em 11/04/12)

O discurso da informante vai ao encontro do pensamento de Silva (2009), quando o autor enfatiza que os sistemas de representação associados à cultura contribuem para a formação da identidade do sujeito. E isto principalmente pode ser pensado no contexto das comunidades quilombolas, considerando que o encenar de uma manifestação cultural quase sempre está relacionado à história de fundação e resistência do grupo, sendo capaz de traduzir outras histórias que variam do sofrimento enfrentado por um povo à superação das dificuldades apresentadas na vivência dos seus ancestrais.

Daí por que nesta pesquisa atribuo ao Samba de Lata a importância de se constituir um dos principais elementos a partir do qual é construída e reconstruída a identidade destes quilombolas sertanejos de Tijuáçu, visto que, no encenar de sua manifestação cultural, refletem sobre sua ancestralidade africana, sobre sua situação de povos tradicionais, a respeito da organização de sua comunidade, que tem toda a sua edificação, principalmente na Vila-centro, amparada na importância da água e nas dificuldades que a obtenção deste líquido precioso sempre causou a estes indivíduos que, no momento presente, ressurgem como sujeitos tradicionais e que possuem sua tradicionalidade africana também caracterizada pelos flagelos do sertão.

Esse é o motivo pelo qual também enfatizo neste estudo que os atores sociais de Tijuáçu, além de se redescobrirem como povos quilombolas, reaparecem como quilombolas sertanejos e contribuem para o desmistificar da ausência do negro no sertão.

Além de construírem cotidianamente sua identidade os tijuaguenses colaboram no contexto onde residem, ao estimularem reflexões a respeito da existência do quilombo contemporâneo de Tijuacu na sociedade bonfinense e na região que os envolve.

De acordo com a pesquisadora Gloria Moura:

Entre os rurais negros, os signos do colonizador e do colonizado, do senhor e do escravo, mesclados, formam identidade coletiva e deixam entrever a comunicação entre os quilombos contemporâneos e a ampla sociedade em que se inserem. Não há projetos separatistas nem guetificação entre eles, mas desejo de integrarem-se sem perder as características tradicionais de uma cultura permanentemente reconstruída, por que salvaguardar suas terras e sua cultura não significa não assimilar o instrumental dessa era. (MOURA, 2012, p. 116)

Ao contrário, significa mesmo contribuir com esta era pós-moderna, em alguns sentidos, equilibrando-a e, em outros, desequilibrando-a sem procurar enfatizar apenas o desejo de fazer a tradição sobreviver à modernidade e sim despertar a atenção para o fato de que a tradição convive com a modernidade, influenciando-a e sofrendo a influência desta. Talvez resida aí a sua importância para os povos que a constroem e a ressignificam, promovendo, como sugere Hall (apud Silva, 2009, p. 109), “não o assim chamado retorno as raízes mas uma negociação com nossas rotas”.

4.3 SAMBA DE LATA: CANAL DE COMUNICAÇÃO COM A SOCIEDADE BONFINENSE?

A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares. (WOODWARD, APUD SILVA, 2009. p. 11)

É importante perceber, quando se busca compreender o processo de construção identitária de um determinado grupamento, não apenas as relações que os atores sociais mantêm entre si, mas principalmente as formas de relacionamentos estabelecidos com o entorno social que os envolve. Até porque, por vezes, é nesses momentos que acontece o acionamento do que determinados grupos estabelecem como os sinais diacríticos de sua identidade.

No caso específico dos sujeitos quilombolas de Tijuacu, sua etnicidade apenas recebeu visibilidade de maneira positiva na sociedade bonfinense, após o ato de certificação da

comunidade, através da Fundação Cultural Palmares - FCP - tendo em vista que, a partir deste momento, não foi mais possível abdicar de reconhecer a presença da etnicidade destes agentes no que se refere à cor de suas epidermes e também no que diz respeito a sua organização social e cultural.

Nesse contexto, o Samba de Lata encenado e reverenciado pela comunidade passou a ser percebido e recebido na cidade de Senhor do Bonfim, sob uma óptica diferenciada por parte de seus munícipes. Atualmente o Samba de Lata, quando se apresenta no São João bonfinense, não é mais divulgado sob a nomenclatura de “o Samba de Lata do distrito de Tijuaçu” - passou a ser anunciado ao público como “o Samba de Lata da comunidade quilombola de Tijuaçu”.

Essa mudança de titulação oferecida ao público que receberá a atividade cultural tijuaçuense tem sido importante, não apenas no sentido de se vislumbrar a manifestação cultural trazida pelos brincantes, mas também tem sido capaz de oportunizar a alteração de compreensões do ponto de vista simbólico, considerando que é proporcionada aos indivíduos que assistem ao momento da apresentação do Samba de Lata, a probabilidade de procurar compreender a ancestralidade destes sujeitos quilombolas, o valor da etnicidade que carregam nos seus corpos no encenar de sua cultura, no ato de narrar a história de fundação da comunidade e suas atitudes de resistência. Em quase todas as apresentações realizadas pelo Samba de Lata, através dos versos rimados pronunciados pelas senhoras Maria Alice e Valdelice, é descortinada a história de Tijuaçu e as lutas destes quilombolas para continuar residindo em seu território de origem.

Desse modo é possível argumentar aqui que o Samba de Lata tem funcionado como um agente transmissor da história do grupo, veículo narrador de suas memórias e com possibilidade de estimular a alteração de conceitos negativos a respeito da tradicionalidade da qual são herdeiros estes quilombolas, visto que é capaz de fornecer aos indivíduos que assistem às suas apresentações a possibilidade de aprofundar suas reflexões e ou, ainda, suas formas de perceber a existência das comunidades quilombolas que reaparecem no momento presente.

Afirmo que não faço nenhum tipo de referência a questões que envolvem a “atitude salvacionista que alguns atribuem à cultura” e, assim, esclareço que não trago nesta pesquisa esta discussão.

O que menciono neste estudo é que a etnicidade evidenciada por estes quilombolas, no momento de encenar sua atividade cultural, tem se mostrado importante e também funcionado

como linguagem para dialogar com a sociedade inclusiva a respeito de suas diferenças, seus sistemas de crenças, valores e suas formas de organização.

Concordando com Carneiro da Cunha (1986, p. 89), quando explicita:

O que significa que a etnicidade é linguagem não simplesmente no sentido de remeter a algo fora dela, mas no de permitir a comunicação. Pois enquanto forma de organização política, ela só existe em meio mais amplo (daí aliás, seu exarcebamento em situações de contato mais íntimo com outros grupos), e é esse meio mais amplo que fornece os quadros e as categorias dessa linguagem. (...)

É interessante mencionar aqui que, quando estas apresentações acontecem em comunidades acadêmicas ou exclusivamente em encontros de comunidades quilombolas e outros encontros culturais, os participantes do Samba de Lata fazem questão de intercalar a estas apresentações também o diálogo, contando, a partir de suas perspectivas próprias a história de sua comunidade, uma vez que quase sempre, nestes momentos específicos, encontram-se diante de uma “plateia” com predisposição e interesse à escuta.

Quando questionados a respeito de como a cidade de Senhor do Bonfim trata o Samba de Lata, seus participantes expressaram as seguintes concepções:

Hoje trata muito bem a gente, chama a gente pra ir para todo lugar. (Entrevista com Marinalva dos Santos Silva, 56 anos em 26/04/12)

A resposta emitida pela senhora Marinalva, muito conhecida na comunidade como Dinha, e respeitada em função de sua personalidade, pois é uma das representantes dessas mulheres do sertão que conduzem sua família a partir da força de sua fé e firmeza de seu caráter. Dinha vive entre a Vila-centro, onde possui um box de bebidas e a sua residência em Quebra Facão, localidade pertencente ao perímetro quilombola de Tijuaçu.

No Samba de Lata a senhora Marinalva dos Santos possui um papel de destaque e todos (as) afirmam em Tijuaçu que “sem a presença da Dinha o samba não acontece”. A razão disto reside no fato de que Dinha é a mulher que bate a lata, herdou esta função de seu tio, o senhor João Faraó. Apesar de já estar preparando uma sucessora, quando não pode se fazer presente, como dizem os quilombolas, “o samba não sai”.

A resposta concedida a esta pesquisa pela senhora Marinalva denota que houve uma modificação no tratamento que a cidade de Senhor do Bonfim oferece à manifestação cultural mais antiga praticada pelos tijuaçuenses e esta modificação acontece desde o tratamento que

as autoridades políticas concedem atualmente à comunidade até a recepção que o público que os recebe no São João, na noite da apresentação do Samba de Lata, revela, visto que o nome do samba consta, inclusive, em alguns cartazes do evento distribuídos por parte da Secretaria Municipal de Cultura.

As modificações positivas da cidade de Senhor do Bonfim, em relação ao Samba de Lata ficam mais evidentes nas colocações oferecidas a esta pesquisa pela senhora Maria Alice:

Ave-Maria! O Samba de Lata em Senhor do Bonfim tá muito valorizado que antigamente não era. O pessoal fala que gostou muito, hoje recebe muito bem, hoje em dia graças a Deus em Bonfim com a gente não tem preconceito não. (Entrevista com Maria Alice da Silva, 58 anos, em 26/04/12)

Nas falas da senhora Maria Alice transparece, com maior nitidez, o fato de que o Samba de Lata necessitou driblar o preconceito enfrentado pelo olhar embranquecido da sociedade bonfinense que, em muitos momentos, vaiou as apresentações desta atividade cultural, como forma de represália a sua participação em uma das ocasiões mais festivas do município.

Nas conversas informais com os participantes do Samba de Lata, estes agentes mencionaram que, por vezes, quando subiam ao palco ouviam por parte das pessoas que se concentravam no local a seguinte frase: “a gente não veio aqui vê esses nêgo não” e contam que muitos saíam do ambiente, recusando-se a prestigiá-los.

Essa é a razão por que externam com satisfação a mudança de comportamento por parte da sociedade inclusiva que atualmente os “recebe”- como eles próprios gostam de enfatizar com respeito. Atitude que os quilombolas de Tijuacu conquistam por parte do entorno, de maneira cotidiana, sendo possível aqui salientar que a principal diferença que existe, no momento presente, em relação às ofensas que enfrentam daquelas enfrentadas no passado, é que os descendentes da nação dos Pretos do Lagarto construíram, como juízo de valor e legado às futuras gerações que sua diferença epidérmica e cultural deve ser divisada por parte do entorno com respeito e não como forma de discriminação e dominação.

Outro depoimento importante que trago neste estudo foi emitido por um dos poucos homens que integram o Samba de Lata:

Hoje trata muito bem. Por que a cultura de Senhor do Bonfim, tudo os turistas que vem procura o Samba de Lata e a gente estamos ali preparados, prontos para dar a nossa entrevista. A cidade de Bonfim hoje tem um reconhecimento muito bom. Quando fala em cultura é a cultura do Samba de Lata de Tijuacu. Então a cidade tá

aceitando a gente aqui de uma forma muito boa, agora, antigamente não.
(Entrevista realizada com Vanildo dos Santos, 28 anos, em 12/04/12)

A perspectiva trazida pelo senhor Vanildo demonstra que os integrantes do Samba de Lata possuem a compreensão do valor simbólico contido no encenar de sua manifestação cultural, bem como o respaldo que esta atividade tem trazido à Secretaria Municipal de Cultura de Senhor do Bonfim e o diferencial que suas apresentações tem legado ao São João bonfinense. Há casos de, após as apresentações do Samba, existir alguns pesquisadores e ou curiosos considerados ilustres - em função de virem de outras regiões do Brasil para participar dos festejos juninos - esperando para entrevistar formalmente os brincantes e ou apenas conversar com eles (as).

Atualmente, a Secretaria Municipal de Cultura tem tido a iniciativa de convidar os participantes do Samba de Lata para representar não só a comunidade, mas a própria cidade nos eventos de cultura da região, possibilitando que a tomada de consciência de Tijuáçu na qualidade de quilombo contemporâneo também se expanda durante estes eventos.

Esse é o motivo por que venho enfatizando nesta pesquisa que o Samba de Lata, principal atividade cultural desenvolvida pelos quilombolas de Tijuáçu, se constitui um dos elementos através do qual acontece o processo de construção de sua identidade, uma vez que mediatiza a reflexão destes agentes em relação à história de sua comunidade, as histórias de vida daqueles que os antecederam, suas próprias histórias de vida, as lutas e resistências como grupo étnico. Mediatiza também o valor histórico-cultural que possui sua etnicidade e o fato de serem povos tradicionais ressurgidos perante o Estado Nacional e, talvez, perante suas próprias lentes, considerando que a identidade acontece enquanto construção contínua, conforme afirma Bauman (2005, p. 35), como um processo de produção, uma relação e um ato performativo.

Além de todas as reflexões que o Samba de Lata é capaz de despertar, no contexto interno da comunidade quilombola de Tijuáçu, por meio de seus agentes, ainda pode ser percebido e atuar como sendo um mecanismo de linguagem entre este quilombo contemporâneo e o seu entorno, divisando aí, de maneira particular, a cidade de Senhor do Bonfim que, na atualidade, confere a esta atividade cultural caracteres de respeito e incentivo as suas apresentações.

Por intermédio das apresentações do Samba de Lata, a sociedade que se denomina inclusiva pode conhecer melhor as formas de organização política e social destes quilombolas

sertanejos, os valores que preservam e as crenças que cultivam no interior de sua comunidade de origem.

Trago as percepções que os brincantes dessa manifestação cultural fazem desta atividade, de modo também a compreender até que ponto são influenciados por essa prática:

Que essa cultura nunca é de se acabar. Que nós vamos fazendo tudo pra passar pra essas meninas pequenas que quando a gente for envelhecendo mais, continuar sempre essa cultura que não tem em outro lugar, a não ser em Tijuáçu. (Entrevista realizada com Valdelice da Silva, 54 anos, em 04/04/12)

O Samba de Lata é dez. (Entrevista realizada com Maria Alice da Silva, 58 anos, em 26/04/12)

Paz, muita paz mesmo, por que quando é tempo de samba, a gente sente uma paz. (Entrevista realizada com Euzenira dos Santos Costa, 43 anos, em 11/04/12)

Uma cultura que ganhou o seu espaço no Brasil. (Entrevista realizada com Vanildo dos Santos, 28 anos, em 12/04/12)

Que o Samba de Lata é o nosso orgulho. (Entrevista realizada com Marinalva dos Santos Silva, 56 anos, em 26/04/12)

Em todas as representações aqui evidenciadas pelos participantes do Samba de Lata de Tijuáçu podem ser percebidos construtos que remetem aos seguintes princípios: orgulho étnico, sentimento de pertença e desejo de interação com a sociedade envolvente. Valores que atualmente norteiam a caminhada deste grupo étnico-cultural e atuam também como articuladores das comunicações e intervenções destes quilombolas com o contexto que os circunda, demonstrando, como enfatiza Carneiro da Cunha (1986), que a cultura deve ser vista como o produto de um determinado grupo étnico, podendo, portanto, ser utilizada com a finalidade de percebê-lo e não como sendo o seu pressuposto.

A seguir trago nesta pesquisa algumas considerações sobre a importância da fé que os sujeitos tijuacuenses têm em São Benedito, santo protetor desse grupo tradicional e a influência desta religiosidade na organização da vida da comunidade.

4.4 VALEI-ME MEU SÃO BENEDITO!

Se existe algum tipo de unidade capaz de congregar o povo do sertão é a capacidade de ter fé em Deus, respeitar a vida e utilizar a força de sua crença religiosa para abrir os caminhos, lutar por seus objetivos e conquistar um espaço próprio na sociedade.

Seis horas da tarde, para muitos sertanejos, é considerada hora sagrada. Nessa hora, devem-se acender as luzes da casa, pois acreditam que Nossa Senhora passará por ali, abençoando aquela família. É também o momento de dizer “bença pai” “bença mãe” e rezar uma Ave-Maria, invocando a proteção da Virgem Imaculada.

A presença de uma igreja desperta o costume de fazer o sinal da cruz, hábito que é também repetido diante dos cemitérios em respeito aos que ali dormem e não desejam ser incomodados.

Ir pro “mato” é tido como uma atividade que envolve sabedoria e preceito. Não se sai de “corpo aberto”, visto que é sabido pelo povo do sertão que ali residem os seres invisíveis que não gostam de se sentirem invadidos em seu habitat. É preciso pedir licença para entrar no mato e, por vezes, oferecer um presente ao seu dono (a).

É muito comum ouvir histórias daqueles que se perderam no mato porque não respeitaram os encantados. Os mais velhos sempre esclarecem estes fatores aos mais jovens e garantem que os seres da mata não fazem mal a ninguém, apenas gostam de ser respeitados e ensinam lições a quem não gosta de ter obediência às leis da vida.

Nas casas dos moradores das comunidades negras rurais sertanejas, sempre são encontrados altares erigidos a Deus e aos santos de devoção, desde aqueles que protegem a família até aqueles que protegem a comunidade.

Nas casas onde não se vêem os altares, sempre se encontra uma Bíblia na estante ou em algum local de destaque da sala, denunciando a presença de uma família evangélica ou de pessoas evangélicas.

Católicos, evangélicos, espíritas, frequentadores de casas de curador e ou de terreiro, benzedores, enfim, toda esta diversidade se encontra amparada, não sem evidenciar as características de culto que lhe são próprias, na fé que é direcionada a Deus, reconhecido entre estes agentes como sendo o autor da vida.

A comunidade quilombola de Tijuacu abriga uma multiplicidade religiosa, sendo possível verificar entre seus atores sociais católicos, assembleanos, adventistas, cristãos do Brasil e uns poucos que afirmam frequentar terreiros de Candomblé, inclusive se deslocando

para a cidade de Cansanção, que dista 106 km da cidade de Senhor do Bonfim no intuito de cumprir suas atividades religiosas.

Em meio a toda esta heterogeneidade de cunho religioso, a nação dos Pretos do Lagarto, reverencia como padroeiro da comunidade e protetor espiritual dos mesmos “o senhor São Benedito”. E esta devoção é tão forte em Tijuacu que mesmo alguns indivíduos evangélicos abrem as portas de suas casas para verem a procissão passar. Não acompanham o andor, não cantam os benditos, não batem palmas, porém reconhecem que o santo protege a comunidade e, como já foram devotos, antes de aderirem a outras religiões, conservam o respeito, pois garantem o “senhor São Benedito é poderoso”.

São Benedito chegou a esta comunidade quilombola, através de seus ancestrais, sendo este princípio afirmado pelos indivíduos mais velhos do grupo. Esclarecem que a primeira imagem foi trazida por um dos filhos da senhora Mariinha Rodrigues e que, antes de ser conduzido à Vila-centro, São Benedito, da mesma forma que a matriarca fundadora desta comunidade, fez morada na comunidade de Alto Bonito.

São Benedito é na perspectiva dos quilombolas tijuacuenses, o guardião da comunidade, tendo o seu dia comemorado em primeiro de novembro. O padroeiro possui um lugar de destaque na igreja católica da Vila-centro, que se encontra em reforma desde 2011 e um espaço reservado no coração de seus fiéis, que garantem terem suas histórias de vida em muitos momentos modificadas para melhor mediante a intercessão do santo junto a Deus. A presença de São Benedito é uma referência para pedidos e agradecimentos, agregando em torno desta fé homens, mulheres, jovens, idosos e até crianças que crescem escutando a respeito da proteção que o santo tem dado à comunidade de Tijuacu.

Existe uma identificação por parte dos devotos entre a história de vida do santo e a história de vida dos quilombolas, caracterizada pelo sofrimento e capacidade de resistir à luta por seus ideais. A negritude de São Benedito proporciona esta proximidade que vai ao encontro da fé destes quilombolas sertanejos que se autoprojetam na aura luminosa de seu protetor, confiando à interferência dele as mais difíceis tarefas que vão desde a proteção em caráter individual até aos cuidados coletivos com a comunidade.

Os quilombolas de Tijuacu declaram que São Benedito conhece seus sofrimentos, pois enfrentou a discriminação e o racismo, saindo vencedor de todas as provações, conservando, mesmo assim características como a bondade e a humildade. Muitos, ao olharem para o santo, conseguem ver refletida a própria militância diária e as lutas pela vivência em caráter

econômico, político, social e cultural, encontrando mais um motivo para impulsionar suas jornadas pessoais e coletivas.

A fé dos tijuacuenses em São Benedito é grande, havendo por parte dos quilombolas uma identificação muito forte com seu padroeiro e a certeza de que ele também se sente feliz em protegê-los, pois este sempre foi um comportamento que o santo adotou em vida em relação aos irmãos negros que se dispôs a ajudar.

Não trago neste estudo a história de vida de São Benedito, por considerar que esta não é o objeto de estudo. Trago, porém, as identificações e representações que os quilombolas fazem de seu protetor, porque, a partir delas, muitos sujeitos da comunidade direcionam suas histórias de vida. Motivo pelo qual considero que a devoção dirigida ao “Senhor São Benedito” - assim é conhecido no quilombo contemporâneo de Tijuacu - funciona também como um dos elementos por intermédio do qual este grupo étnico tem construído continuamente sua identidade.

Por meio da fé e da devoção dedicada a Deus e a São Benedito, os quilombolas têm acrescentado a sua luta a certeza de que sempre sairão vitoriosos em seus projetos. Os atores sociais com quem tive oportunidade de conversar durante esta pesquisa garantem que São Benedito está intercedendo para que aconteça a titulação das terras da comunidade – crêem que ele, o santo, sabe que essas terras pertencem aos quilombolas bem como conhece as batalhas enfrentadas por eles.

Em Tijuacu os devotos erguem os olhos para o céu e os homens retiram seus chapéus e ou bonés, quando vão mencionar o nome de seu padroeiro, pois afirmam que é preciso ter respeito com o que é sagrado e que São Benedito merece todo o seu carinho por que o santo é como eles.

A fé é uma expressão que caracteriza a vivência destes quilombolas sertanejos que confiando à intercessão do santo seus projetos, sejam eles de emprego, aquisição de moradia, casamento e de maneira coletiva, entregam “nas mãos de Deus e do senhor São Benedito” o processo de titulação de suas terras.

De acordo com a concepção destacada pela pesquisadora Glória Moura em seu livro *Festas dos Quilombos*, ao relatar a respeito do universo religioso das comunidades quilombolas de Santa Rosa dos Pretos (MA), Mato do Tição (MG) e Aguapé (RS), a autora menciona:

Chama atenção a fé que marca os entrevistados, o apelo ao Ser Superior responsável por sua sobrevivência, que os livra do mal. Pais e avós, escravos ou não, andam sobre brasas (MG), participam do maçambique (RS); e

cachorros comem com crianças ou se toca e se dança noite inteira um terecô.
(MOURA, 2012, p. 144)

Em Tijuacu, a exemplo do que acontece em outros quilombos contemporâneos, a fé constitui uma característica notável, denotando sua ligação com o Sagrado, o pilar sustentador da força de seus moradores; e perpetuando entre os indivíduos negros e afrodescendentes desta comunidade um comportamento verificado nos antigos quilombos brasileiros, cuja fé agregava seus habitantes e testificava de sua diversidade.

Clóvis Moura (1987) esclarece a este respeito:

Para a maioria dos estudiosos de Palmares a religião aí existente era formada por um sincretismo no qual entram o catolicismo popular e as crenças africanas, principalmente bantos. Acrescentamos agora, a influência de religiões indígenas, que tão bem se fundiram às religiões bantos, dando, inclusive, na Bahia o “candomblé de Caboclo”. (MOURA, 1987, p. 59)

Em Tijuacu os valores religiosos professados por seus moradores podem ser percebidos em suas rotinas diárias. Nas casas dos moradores católicos é muito comum pela manhã, todos (as) acompanharem pela televisão a missa transmitida ao vivo da Basílica de Aparecida.

Existem grupos de homens e mulheres que rezam o terço semanalmente e, nas segundas, quartas-feiras e sábados os quilombolas se reúnem para rezar o Ofício de Nossa Senhora. Até mesmo em suas formas de vestir os quilombolas são influenciados por sua religiosidade, as mulheres estão sempre portando terços, crucifixos e medalhas.

Em todas as residências dos moradores católicos com os quais tive oportunidade de conversar durante este estudo pode ser percebida a presença de altares, onde são encontrados com muita frequência as imagens de Jesus Cristo, da Virgem Maria, Nossa Senhora Aparecida e Iemanjá - a presença destas imagens evidencia o sincretismo que estrutura as concepções de fé destes atores sociais.

Entre os indivíduos evangélicos, que constituem minoria na comunidade, a prática dos cultos acontece nas igrejas que frequentam e em algumas visitas que fazem nas casas de outros moradores, que podem ser famílias evangélicas ou não.

Os frequentadores das casas de curador também frequentam a igreja católica, se definem como católicos, mas reconhecem que é em suas raízes africanas que encontram a força que impulsiona suas existências.

Quando um morador de Tijuacu adere a uma religião evangélica, não costuma se distanciar da militância quilombola. Acontece apenas um afastamento da participação ou

incentivo às atividades do Samba de Lata e um rompimento de sua devoção a São Benedito. É importante mencionar que mesmo entre os habitantes que se definem como evangélicos, o respeito dedicado ao santo permanece - deixa de existir a veneração e ou a devoção, entretanto não se ousa desacreditar dos poderes e, principalmente do amor que o santo dedica à comunidade e aos negros (as).

O respeito ao santo é o motivo de atualmente existirem duas imagens de São Benedito na igreja Católica da Vila-centro. A primeira é a imagem que os quilombolas afirmam ser aquela que sempre os protegeu, sobretudo nos momentos de maior dificuldade. Os indivíduos mais velhos de Tijuáçu contam, inclusive, que, no passado, (a data não é identificada pelos anciãos que contam e recontam estas histórias) era comum por parte destes quilombolas sertanejos, raspar a barriga de São Benedito e levar a raspa, que era misturada a água para curar dores de dente, de ouvido e para auxiliar nos partos difíceis de algumas mulheres da comunidade – com o tempo, foi preciso haver a interferência do padre para coibir estas práticas.

A segunda imagem foi doação para a Igreja feita por uma senhora que, ao se converter a uma religião evangélica, não quis se desfazer do santo.

Esta atitude gerou uma intervenção na tradição religiosa das raízes do tronco velho do Lagarto, pois, no dia primeiro de novembro, data consagrada a São Benedito em Tijuáçu, são confeccionados dois andores. O primeiro com a imagem antiga, aquela a quem os quilombolas se referem como a imagem da comunidade e o segundo andor para a imagem de São Benedito que foi doada à Igreja.

Na procissão em homenagem ao Santo, a imagem conduzida no andor é a imagem doada à comunidade, ficando na igreja a imagem antiga, como forma de respeito, pois os quilombolas não desejam que São Benedito saia do seu altar.

O andor é sempre levado pelos homens da comunidade, que vão se revezando durante o percurso, uma vez que todos querem “carregar a imagem de São Benedito”, como expressão de sua fé e ou cumprimento de alguma promessa.

Muitas promessas ao santo são cumpridas neste dia, sendo comum também muitas mulheres quilombolas acompanharem a procissão descalças. Este comportamento é um fato comum nas comunidades sertanejas, quilombolas ou não, como forma de reverência ao santo padroeiro e agradecimento a sua intercessão em suas vidas pessoais e comunitárias. Este hábito também é repetido pelos sertanejos para entrar nas casas de curador e ou de terreiro, como sinônimo de respeito ao território sagrado onde seus pés estão tocando.

A procissão de São Benedito sempre acontece a partir das dezessete horas, havendo algumas variações ano após ano, entretanto os fiéis nunca saem antes deste horário, pois a procissão é luminosa.

Todos os devotos (as) levam velas e pedidos. Se a vela que carregam apagar, sempre existe a solidariedade de quem está perto para ajudar a reascender, pois, no final da procissão a vela ainda deve estar acesa para ser depositada no cruzeiro que se encontra na frente da Igreja Católica e para o devoto é neste momento que acontece a consolidação do pedido feito.

Durante a procissão há parada em alguns espaços da comunidade, como o cemitério, local onde os devotos param e rezam um Pai-nosso e uma Ave-Maria em respeito aos seus entes queridos ali sepultados.

Quase sempre, no dia da procissão, existe a participação do pároco da comunidade e do bispo da Paróquia de Senhor do Bonfim. Os devotos das outras comunidades do perímetro quilombola de Tijuacu também se fazem presentes e, por vezes, costumam aparecer visitantes, políticos e pesquisadores.

A procissão, desde a saída até o retorno para a igreja Católica, conta com o estourar dos fogos, palmas dos fiéis e vivas ao senhor São Benedito que, ao passar pelas ruas da Vila-centro, encontra abertas as portas das residências daqueles (as) que, por motivos diversos, não estão participando da procissão, mas desejam ser abençoados pelo padroeiro da comunidade.

Os benditos, como os destacados a seguir, são entoados durante todo o trajeto da caminhada luminosa:

Meu São Benedito sua manga cheira é cravo, é a rosa, é à flor da laranjeira.
Que santo é aquele que vem no andor? É o senhor São Benedito enfeitado de flor.
Meu São Benedito com Jesus Menino, é o santo de todos, do amor divino.
Meu São Benedito é um santo Preto que fala na boca e responde no peito.
(Benditos entoados durante a procissão)

Estes benditos são sempre entoados pelas mulheres da Igreja, entretanto durante todo o roteiro da procissão, os devotos costumam responder o seguinte refrão:

Rogai por nós.
Rogai por nós.
Rogai por nós, São Benedito!
Rogai por nós! (Canto entoado durante a procissão)

Em 2012, além dos benditos entoados a São Benedito, o segundo bendito cantado durante a procissão foi o bendito oferecido a São José, para rogar ao santo a intercessão pelas chuvas, nesse ano muito escassa na região. Transcrevo aqui o trecho cantado pelos quilombolas:

Meu Divino São José
Aqui estou em Vossos pés,
Dai-nos chuvas com abundância
Meu Jesus de Nazaré. (Trecho do Bendito de São José, entoado pelos devotos na procissão de São Benedito no ano de 2012)

Após a procissão os fiéis depositam no pé do Cruzeiro a vela que levaram durante o trajeto e realizam aí seus pedidos, retornando para o interior da igreja onde acontecerá a celebração e os batizados, encerrando aí toda a programação de ordem religiosa da festa de São Benedito, que se inicia com as novenas nas casas das famílias devotas e finaliza no dia primeiro de novembro, com a procissão e a missa que, por vezes, acontece na modalidade campal.

Durante a missa, o padre e o bispo, que são sempre muito bem recebidos pelos quilombolas, enfatizam os valores que caracterizaram a vida de São Benedito, como a capacidade de se importar e servir aos seus semelhantes e, principalmente, a humildade que o elevou à condição de dirigente de um convento, mesmo não possuindo uma formação adequada para o exercício dessa função.

Nesse momento acontece, muitas vezes, o aflorar de uma forte emoção entre os devotos que divisam a correspondência existente entre a história de vida de São Benedito e a própria vida que levam em Tijuacu. Algumas pessoas choram, outras se ajoelham e ninguém deixa o espaço físico da igreja, que permanece lotado, com os lugares de destaque reservados aos idosos e ou algum (a) visitante.

No ano de 2011, a missa foi campal e, nos momentos finais, quando os fiéis rezavam o Pai-Nosso, preparando-se para se despedir do santo e retornarem as suas casas, aconteceu um fato que despertou a atenção dos devotos: os dois pés de barriguda, considerados árvores tradicionais em Tijuacu, por serem as únicas que se encontram presentes na comunidade desde a chegada da senhora Mariinha Rodrigues, começaram a soltar suas lãs que caíam sobre os fiéis como pétalas de rosa.

Para muitos quilombolas esse acontecimento representou a confirmação da presença espiritual de São Benedito entre eles e a certeza de que o santo continuaria protegendo a comunidade, amparando suas lutas diárias e, principalmente, sua militância na causa quilombola.

Em 2012, durante a procissão luminosa, os devotos rezaram pedindo chuva e, à medida que a procissão caminhava pelas ruas de Tijuacu, começaram a ser visto no céu alguns relâmpagos que trouxeram a chuva ainda na noite do dia primeiro de novembro, no dia dois e seguindo-se pelos dias três e quatro de novembro. Em algumas comunidades do perímetro quilombola de Tijuacu, foi armazenado nos tanques uma quantidade de água que dava para os moradores resistirem por mais dois meses de estiagem.

Os quilombolas garantem que “senhor São Benedito” olha por eles, gosta deles e os protege nas dificuldades. Por isso, é preciso ter fé e respeito, sendo que qualquer situação adversa ocorrida em Tijuacu é motivo para ouvir destes atores sociais a seguinte expressão: “valei-me meu São Benedito”!

Quando questionados por esta pesquisa a respeito da maneira como vêem São Benedito, os quilombolas ouvidos responderam:

Eu vejo São Benedito com um irmão de luz. Como companheiro e amigo de cada um de nós que somos religiosos, que somos católicos. Por que através da história de São Benedito, muitas coisas retrata aqui Tijuacu, por que nós somos de lá de dentro da igreja, a gente ver a história de São Benedito e a maioria da história de São Benedito é toda retratada aqui a maioria como em Tijuacu. Foi sofredor, foi guerreiro, foi lutador. Então a mesma coisa das pessoas que passaram aqui a mesma coisa das pessoas que passaram aqui a mesma coisa, a gente, nós que somos católicos, a gente tem um respeito muito grande por Senhor São Benedito, a gente tem aquele amor, aquele carinho de chegar lá se pegar com ele eu mesmo sou vítima, mas eu tive muita fé e me peguei com ele também por que teve nove meses que meu marido tava desempregado e eu só pedindo coragem a ele pra eu trabalhar e não ver faltar as coisas na minha casa, então eu tenho fé, eu tenho certeza que tudo que eu peço, eu consigo. (Entrevista com Orelita Damasceno de Santana, 38 anos, em 25/04/12)

As afirmações feitas pela senhora Orelita traduzem a identificação, a fé e a confiança que os quilombolas de Tijuacu devotam a São Benedito. Acreditando na proteção do santo em assuntos referentes às suas lidas diárias, a sua militância na comunidade e sua interferência em favor do povo de Tijuacu dentro e fora de seu território de origem.

A fé é um dos principais elementos que gerencia a vida do povo sertanejo, concedendo-lhe a esperança para não se curvar diante das adversidades de natureza econômica, política e social.

A prática da devoção constitui a maneira como o homem do sertão consegue expressar sua fé, sendo que o santo de devoção do homem sertanejo sempre faz referência a algum tipo de identificação que o devoto possui em relação ao seu protetor.

Nas comunidades negras rurais sertanejas a maior parte dos moradores direciona sua fé a São Benedito, a Nossa Senhora Aparecida e a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, inicialmente por se identificarem com as histórias de vida dos santos e, posteriormente, pelos sentimentos de fé, amor e confiança que os une. Sentimentos construídos de maneira familiar e comunitária, pois o hábito de realizar novenas e rezar o terço une as comunidades em torno dos princípios sagrados que acreditam.

Outro depoimento interessante foi concedido a este estudo pela senhora Terleide Fagundes, liderança comunitária na Vila-centro:

Olha São Benedito, eu não sei se você conhece a história de São Benedito por que São Benedito ele roubava para dar aos outros, então o que é que acontece? São Benedito é como nós do Tijuacu, por que qualquer pessoa que chegue, por intermédio de outra pessoa a gente acolhe, a gente dar, tira do prato de comida, mesmo a gente não reconhecendo e com a história dele a gente aprendeu a fazer isso. Nós abraçamos, nós beijamos todo mundo, então a gente ver São Benedito aqui é mesmo como um santo pra gente, um padroeiro aqui que começou tudo, esse negro pra nós é tudo. (Entrevista realizada com Terleide Fagundes dos Santos Rodrigues, 32 anos, em 19/04/12)

É interessante perceber quando Terleide afirma que os quilombolas de Tijuacu aprenderam com São Benedito, com seus exemplos de vida, visto que as palavras da informante contribuem para ampliar o grau de compreensão a respeito da interferência que a fé professada no santo é capaz de influenciar a organização e a interação que estes agentes mantêm entre si e com o entorno que os circunda.

A festa em homenagem a São Benedito, o respeito que estes quilombolas atribuem ao seu padroeiro desperta a atenção da comunidade religiosa à qual se encontram vinculados, isto é a paróquia de Senhor do Bonfim, e apresenta-se também como uma maneira de demonstrar aos indivíduos da sociedade inclusiva com os quais estão relacionados, em função da fé católica que professam, a negritude que há na comunidade, a militância em torno da causa quilombola que congrega estes agentes e ainda suas maneiras próprias de organização política, social e cultural.

A fé e a devoção a São Benedito na comunidade quilombola de Tijuacu, além de todos os valores sagrados de que se reveste, constitui também um sinal diacrítico por meio do qual

os quilombolas acionam sua interação com a sociedade dita inclusiva e o fazem, como propõe Manuela Carneiro da Cunha (1986), utilizando símbolos inteligíveis e disponíveis que não são acionados por outros indivíduos da região, visto que na região onde se encontram localizados, somente neste quilombo contemporâneo, São Benedito é festejado como padroeiro.

Outra visão importante a respeito de como São Benedito é percebido entre os quilombolas e que demonstra o quanto a fé no padroeiro influencia a maneira como a comunidade se organiza e constrói sua identidade foi fornecido a este estudo pela senhora Ana Páscoa:

São Benedito, a gente vê assim como um símbolo, um símbolo da comunidade por ser um santo negro e aí como a comunidade é uma comunidade negra, a gente vê São Benedito como um símbolo da comunidade. (Entrevista com Ana Páscoa Fagundes da Silva, 30 anos em 19/04/12)

Um símbolo que concede significado às vivências dos quilombolas, capaz de dignificá-los no contexto social onde se encontram, direcionar suas trajetórias de vida e amparar a trajetória comunitária destes agentes.

O santo, além de protegê-los é importante por possuir a capacidade de lhes conferir respeito frente à sociedade inclusiva - em muitos momentos, são os exemplos extraídos da história de vida de seu protetor que os quilombolas utilizam como estímulo para auxiliá-los a enfrentar e se posicionar frente ao racismo, a discriminação e todas as adversidades que lhes possam ser colocadas por parte do contexto social que envolve a comunidade. Pois, como esclarece Moura (2012):

Rituais e fé são sua afirmação na sociedade hospedeira, sinal diacrítico claro. Quilombos remanescentes enfrentam dificuldades numa macrossociedade de olhar exclusivamente materialista. Preferem atualmente, ver e julgar, cantando hinos e rezando antes, para decidir como enfrentar as situações, mas admitem as condições da sociedade nacional, desde que possam aproximar-se dela e influenciá-la. (MOURA, 2012, p. 144)

Não apenas influenciá-la, como também encontrar o canal de comunicação com ela sem que necessitem abdicar de seus princípios e valores. Ao contrário, este intercâmbio serve de motivo para cultivá-los, pois são eles que concedem sentido à vivência do grupo.

A seguir, enumero alguns milagres de São Benedito concedidos aos seus devotos de modo que se torne mais claro o sentimento que norteia a fé e a vida destes sujeitos quilombolas.

4.5 MILAGRES DE SÃO BENEDITO EM TIJUAÇU ...

Falar a respeito de São Benedito e sua influência na comunidade de Tijuacu desperta a emoção destes quilombolas sertanejos que revelam em suas narrativas toda a pureza de que se encontra revestida sua fé e como esta tem representado o sustentáculo de suas caminhadas individuais e coletivas.

De acordo com os sujeitos colaboradores desta pesquisa, o dia consagrado a São Benedito acontece envolvido em uma atmosfera que os remete ao desenvolvimento de sentimentos de paz e comunhão espiritual junto a Deus e, de maneira secundária, ao seu protetor, a quem os quilombolas denominam respeitosamente de “irmão de luz”, “guerreiro”, “lutador”, “servo de Deus”, fazendo questão de enfatizar que São Benedito é “aquele que roga a Deus pela comunidade”. Esclareço que, devido à proteção concedida pelo santo e as orações que realizam frequentemente na igreja matriz da Vila-centro onde o altar de São Benedito está situado, houve uma diminuição de doenças, brigas, acidentes e outros atos de violência.

Os quilombolas de Tijuacu afirmam que São Benedito reconhece suas lutas por que é um santo negro que já foi escravo e sempre quis ajudar seus irmãos de cor, dedicando sua vida aos negros (as) e que festejá-lo no seu dia representa a concretização da devoção que existe na comunidade.

A festa de São Benedito já foi comemorada na comunidade de Tijuacu no mês de agosto mas, por interferência de autoridades políticas bonfinenses e o consentimento das autoridades religiosas locais, passou a ser comemorada no mês de novembro. Houve o desmembramento dos festejos religiosos com os festejos profanos, o que também constitui um espaço para o reencontro dos parentes que estão residindo nas demais catorze comunidades que se agregam à Vila-centro, bem como de familiares que residem em cidades como: São Paulo, Salvador e Juazeiro, que fazem questão de regressar à comunidade nesse período, em função da fé que dedicam ao seu protetor e ao cumprimento de promessas por graças alcançadas.

São muitos os milagres de São Benedito narrados por estes quilombolas sertanejos, alguns ouvidos de seus pais e avós, outros experimentados pelos próprios atores sociais que colaboraram com este estudo.

Apresento as narrativas emocionadas concedidas pelos (as) informantes. Cada situação revelada traduz as necessidades que motivam a vivência diária desses sujeitos, encontrando-se aí explicitadas situações que envolvem saúde, aquisição de bens materiais e até o anseio de

titulação das terras, fator que congrega os interesses de todos (as) aqueles (as) que militam em função dos direitos quilombolas em Tijuauçu:

Já bastante. Teve uma época em que a gente teve uma seca grande e a gente pediu mesmo com fé, os missionários veio de fora e quando terminou a novena minha irmã a chuva caiu, foi uma coisa assim extraordinária aqui pra comunidade. Parou todo mundo. Encheu tudo na época, nossa maior dificuldade aqui é a seca e encheu tudo. Eu era novo na época, mas eu lembro como aconteceu. (Entrevista realizada com Vanildo dos Santos, 28 anos, em 12/04/12)

Uma das maiores necessidades da comunidade até os dias de hoje é a presença da água, uma vez que da existência da água depende toda a vivência humana, animal e vegetal bem como a sobrevivência econômica de toda uma população. Razão pela qual um dos pedidos frequentemente endereçados a São Benedito em Tijuauçu diz respeito a sua intercessão junto a Deus para que aconteçam as chuvas, recebidas entre os sertanejos como dádivas divinas.

Durante as entrevistas, dois informantes narraram este mesmo acontecimento como sendo um milagre de São Benedito. Pedidos como esses se renovam continuamente no âmbito deste grupo cultural. No ano de 2012, logo após a procissão em homenagem ao santo, os quilombolas foram agraciados com a presença da chuva. Acontecimentos como este transformam São Benedito em uma referência, fazendo-se respeitar por católicos e praticantes de outras denominações religiosas.

Além dos pedidos em relação às chuvas, existe também muita devoção por parte dos quilombolas no ato de lavrar a terra e colher os favores dos seus frutos, atividade que aumenta sua relação com o Sagrado, visto que os quilombolas entendem que existe em todo este processo uma ação maior que a força dos seus braços e que possibilita a terra lhes devolver o exercício do seu trabalho garantindo, assim, sua sobrevivência material que, na ótica destes povos, é totalmente influenciada por uma força espiritual que os abençoa e os protege.

Outro depoimento significativo foi concedido por Suzana Fagundes, liderança comunitária, professora e estudante do curso de Pedagogia:

Milagre é aquele que é comprovado através de doenças e de bens materiais e eu tive. Eu sempre tive o sonho de ter uma casa, sempre tive. Moro até hoje na casa de meus pais, mas eu sempre tive, então eu pedir: meu São Benedito me ajude, me dê uma casa minha mesmo! Então eu falei, se São Benedito me ajudar que em novembro, isso foi em 2007, eu falei, São Benedito até roupa eu vou deixar de comprar, mas se São Benedito me ajudar que eu faça minha casa que em novembro eu consiga tirar minha roupa dentro de minha casa; eu lhe dou toalha e dou as cortinas. Querida, eu não lhe digo não, em novembro eu estava com a casa pronta.

Dei toalha e dei cortina a São Benedito, estou pra pagar outra agora por que era pra mim ter dado agora em novembro, mas só que como tá mudando a igreja as meninas disse, não Sú, não faça isso não, deixe pra dar agora na igreja nova e eu vou lhe dizer o dinheirinho tá guardado.

Outra vez foi meu irmão ele tava doente, ele tinha assim uma gastrite muito forte, ninguém dava nada por ele. E eu falei assim: meu São Benedito se o senhor, se São Benedito fizer com que meu irmão resista, eu vou na Lapa, me peguei também com a Mãe da Soledade, ele vai na Lapa todo de branco e além de dar novas cortinas, na procissão de São Benedito eu dou fogos e tem uma pessoa ali em baixo que eu dei dez caixas de fogos. E tem uma mulher ali em baixo que ela soltou e tá viva e sã pra dizer, então eu não posso dizer mais nada né? É graça! É milagre! Ele, quem pede por ele, ele ajuda. Então você tenha fé em Deus e peça a São Benedito que ele ajuda. (Entrevista realizada com Suzana Fagundes dos Santos Rodrigues, 38 anos, em 25/0412)

A crença na medicina tradicional ainda constitui atitude pouco consolidada entre os habitantes das comunidades negras rurais sertanejas e em relação à perspectiva evidenciada pelos indivíduos da nação dos Pretos do Lagarto esta concepção não é diferente. Busca-se a intervenção que pode ser oferecida por um médico, mas, antes disso, recorre-se à ajuda divina, pois estes agentes sabem que existe uma força maior que movimenta a vida e decide pela permanência dela. Esse é o motivo por que, mesmo procurando o auxílio da medicina científica, toda a fé que dirige a vivência dos povos tradicionais de Tijuacu inicialmente é dedicada a Deus, a São Benedito, à terapêutica das ervas que os mais velhos conhecem e manipulam e ao poder da oração das benzedadeiras que existem na comunidade e que tem propiciado de maneira ancestral o auxílio nas enfermidades do corpo e da alma.

Mais um relato significativo e que versa a respeito dos cuidados solicitados a São Benedito durante o processo de legalização fundiária foi expresso na entrevista concedida a esta pesquisa por Valmir dos Santos, que tem em Tijuacu sua autoridade legitimada como líder desta comunidade quilombola.

Olha, assim, já eu pedi e já consegui. Então vou falar da minha pessoa né? E eu não revelei, deveria ter revelado, mas já estou revelando. A maioria das coisas que eu tenho realmente alcançado, eu tenho pedido realmente essa força a São Benedito. Uma delas justamente quando a gente deu início a esse trabalho de regularização fundiária por que é um processo muito complicado, muito perigoso. As pessoas vê a gente como diferente e eu pedi a São Benedito que a gente pudesse alcançar em menos tempo possível, né? Que essas pessoas não nos enxergasse, onde a gente estivesse e isso realmente aconteceu.

O território de Tijuacu pelo número de famílias, às vezes dura seis anos, sete anos pra o Incra concluir e a gente fez isso em média em um ano e meio, dois anos, vieram publicar depois, por que o Incra tem toda essa burocracia, mas essa parte a gente conseguiu em menos de dois anos.

Outra coisa também foi quando a gente conseguiu esse carro, esse também foi uma solicitação que eu pedi a São Benedito e aí com seis meses a gente teve essa relação e aí graças a Deus como sempre vejo a luta de São Benedito parecido com a minha luta, né? Eu tenho realmente me reportado a ele como santo guerreiro. (Entrevista realizada por Valmir dos Santos, 33 anos, em 28/04/12)

A legalização fundiária representa hoje o desejo coletivo de toda esta comunidade, não apenas pelos benefícios materiais que este fato lhes propiciará, mas, sobretudo, pelo valor simbólico que se encontra contido nestas terras. É a luta dos seus ancestrais, a memória daqueles que os antecederam e o respeito individual e coletivo que a posse destas terras ocasionará aos brotos novos e herdeiros das raízes do tronco velho do Lagarto em seu território de origem e na sociedade dita inclusiva.

Significa uma vitória capaz de atribuir importância a todos os atores sociais quilombolas de Tijuacu, visto que lhes permitirá abandonar a condição de serem divisados como aqueles que perderam suas terras no passado por que não souberam gerenciá-la. Essa informação que é muito difundida por parte do entorno que os circunda e possibilita a este grupamento étnico migrar para a condição daqueles povos que, apesar de não terem tido ressarcidos os prejuízos físicos, psicológicos e econômicos ocasionados pelas ações daqueles que levemente invadiram sua comunidade no passado, conseguiram a vitória desejada mediante a militância exercida diariamente, conquistando o respeito por parte da sociedade que os envolve e a motivação para continuar militando em busca dos seus ideais.

E por isso estes quilombolas sertanejos sabem que não podem apenas contar com os mecanismos jurídicos que acionam, sem antes invocar a proteção de Deus e do “senhor São Benedito”, que lhes valerá nesta e em todas as outras lutas que surgirem em sua trajetória de povos ressurgidos, pois, a partir da fé que possuem também organizam e reorganizam suas caminhadas e sua construção identitária, atribuindo significados as suas vivências em caráter individual e coletivo, considerando que, como foi externado a esta pesquisa pela senhora Valdelice da Silva, devota de São Benedito e participante ativa das atividades da igreja Católica: “São Benedito é um santo guerreiro. É um santo que protege mesmo o seu povo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontrar uma resposta final para uma dissertação não é uma tarefa fácil, sobretudo por ser um trabalho que, de fato, não se finaliza, sendo retomado em momentos posteriores nos quais talvez conheça um novo direcionamento caracterizado por uma maior maturidade de acordo com as lentes do pesquisador (a).

As comunidades quilombolas, embora tenham ganhado visibilidade a partir da Constituição Federal de 1988, através do que reza o Artigo nº 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT - tenham adquirido um novo impulso mediante a existência do Decreto nº 4.887/03, ainda permanecem em alguns espaços do Estado-nação mergulhadas em um universo que mescla o desconhecido e a invisibilidade, perpetuando assim, a permanência do ethos do silêncio.

Este fato pode ser considerado verdade em todas as partes do país. Acredito, porém, que, no Nordeste, em especial, no sertão da Bahia, para fins específicos desta pesquisa, este princípio consegue ser mais forte, levando-se em consideração as poucas informações que os atores sociais residentes nesta região geográfica detêm a este respeito, principalmente devido à ausência e ou acesso a conhecimentos científicos. Também pela influência de políticas assistencialistas que objetivam direcionar estes sujeitos aos caminhos da alienação, ao invés da busca pela conscientização, abdicando de conceder as suas existências um olhar crítico e atitudes positivas de intervenção em seu contexto, que sejam capazes de alterar de maneira progressiva o curso de suas histórias tanto em caráter individual quanto coletivo.

Quando iniciei esta pesquisa, necessitei deixar minha zona de conforto no que diz respeito à apropriação e produção do conhecimento científico e migrar para uma área de fronteira entre a Antropologia e a História. Talvez por isso tenha sentido na própria pele as dificuldades enfrentadas pelos atores políticos ressurgidos - os quilombolas - para compreenderem sua situação de povos tradicionais, desbravando o universo ideológico e jurídico articulado para sua categoria, sem a mínima preocupação diante das facilidades e dificuldades de entendimento que precisam ser dribladas por estes agentes. Isto ainda pode ser colocado desta forma em pleno século XXI e sob a luz dos princípios multiculturalistas.

Ao tomar contato com o pensamento de Walter Benjamin (1987) “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja em um momento de perigo”, percebi que começava a

encontrar o possível caminho para analisar o processo de construção identitária na comunidade quilombola de Tijuáçu, passados treze anos de sua certificação junto à Fundação Cultural Palmares - FCP - o que me possibilitaria perceber este processo desde o momento inicial de compreensão de sua situação de povos ressemantizados até a condução desta informação em contemporâneos dias, tendo em vista que é esta atitude que tem subsidiado cotidianamente a existência destes quilombolas sertanejos e direcionado a produção de sua identidade.

Então, gostaria de apresentar, de maneira didática, como se deu a análise e esta perspectiva evidenciada nesta pesquisa. O primeiro critério que levei em consideração para compreender a produção identitária destes agentes foi, de fato, a localização geográfica da comunidade que nunca lhe facultou afirmar positivamente a negritude presente em seus corpos, na construção de seu pensamento simbólico bem como na organização de seu *modus vivendi*.

Procurei compreender de onde provinha esta capacidade de perceber como valor o que o contexto que os circunda postula como degenerescência, esclareço que este fato sempre despertou a minha atenção e o meu respeito em relação à referida comunidade.

Senti a necessidade de revisitar alguns conceitos a respeito da compreensão positiva “do ser negro” e do “desejar sê-lo”, fui buscar esses conceitos em Fanon (2008), autor que somente conheci quando era aluna-especial do Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO, mas que não foi difícil compreender seu pensamento, visto que o referido autor havia influenciado as ideias de um velho conhecido desde a graduação em Pedagogia: o professor Paulo Freire. Além de Fanon, continuei buscando este apoio nas obras do professor Kabengelê Munanga, em especial, em sua obra *Negritude: usos e sentidos*, que sempre foi divisada como fundamental no momento de afirmar compreensões e das quais transcrevo aqui a seguinte concepção:

Aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psiquicamente. Ele se reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiúra como qualquer ser humano “normal”
O negro foi reduzido, humilhado e desumanizado, desde o início, em todos os cantos onde houve confronto de culturas, numa relação de forças (escravidão x colonização), no continente africano e nas Américas, nos campos e nas cidades, nas plantações e nas metrópoles. Essa redução visava a sua alienação, a fim de dominá-lo e explorá-lo com maior eficácia. (MUNANGA, 1988, p. 33)

Certamente esta informação, do ponto de vista científico, tal como é teorizada pelo professor Munanga (1988), não estava presente no imaginário dos atores sociais de Tijuacu. Entretanto, a ideia de dominação e subjugação sempre esteve bem nítida em suas compreensões, daí por que este grupo étnico sempre tenha permanecido desejando ser negro (a), constituindo a “nação dos Pretos do Lagarto” em um contexto social que refutava a sua presença em função de sua negritude.

Cientes de sua posição de comunidade tradicional, a primeira atitude que tiveram foi transformar em valor positivo esta situação, divisando a negritude inscrita em seus corpos e na configuração do grupo como um princípio que os legitima e encontra significado para uma existência cidadã - iniciando por esse viés, a sua construção identitária - pois, como afirma Hall (apud SILVA, 2009, p. 108-109):

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas tem a haver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos mas daquilo no qual nos tornamos.

A questão agora está centrada em valorar sua alteridade, encontrando motivos significativos para revestir de respeito sua etnia; crescer seu grau de identificação com essa alteridade, de forma particular e coletiva, já que as modificações neste sentido são perceptíveis no âmbito do grupo que sempre se percebeu como diferenciado, principalmente em função do racismo que historicamente lhes foi imputado; encontrar possibilidades de identificar os motivos ideológicos nos quais se pautavam estas atitudes discriminatórias bem como um significado sólido para aprofundar sua diferença.

Este fato possibilitou um segundo, a aceitação e a apropriação do sentido do “ser quilombola”, acolhendo-se como categoria específica e, portanto, fazendo, de maneira consciente o seu rito de passagem de comunidade negra rural, de terra de preto, para reconhecer-se como uma comunidade remanescente de quilombo. Fator que alterou progressivamente a trajetória deste grupo étnico-cultural, uma vez que, a partir daí, puderam modificar as percepções nutridas a seu respeito, em especial, as negativas, e assumir uma postura diferente no que se refere à sociedade envolvente, inclusive, acionando sinais diacríticos para relacionar-se com ela, construindo sua singularidade totalmente amparada pelos valores coletivos em uma relação de natureza dialética e, ainda, auxiliando seu entorno social, no sentido de subsidiar o entendimento no que se refere a perceber e respeitar sua

diversidade, caminhando por este viés qualquer princípio de igualdade, proporcionando mesmo ao conceito de igualdade outra concepção amparada por exemplo, em valores como negociação de poder e autoridade, uma igualdade que dialoga e não mais impõe, sobretudo quando aquilo que é imposto se relaciona justamente ao que não é desejado.

Acredito fazer-se importante evidenciar que a descoberta do “ser quilombola” em Tijuçu não aconteceu de maneira essencializada, divisando como valor para a configuração do grupo e seu desenvolvimento apenas a etnicidade, visto que o “ser quilombola” nesta comunidade reveste seus atores de certo grau de conscientização em relação aos seus direitos políticos, no que se refere ao Estado Nacional. Entretanto não os aliena em relação as suas particularidades como sujeitos. Ao invés disso, o que acontece é uma maior compreensão de sua tradicionalidade, o que não os impede de conviver com a originalidade própria que produzem no interior de seu território, até porque seu território não é um espaço fechado e estático e sim um local que cresce e se modifica sofrendo as influências da Pós-modernidade.

Acontece também, dessa forma, o seu processo de construção identitária, caracterizado pelo dinamismo de que se revestem as vivências de seus agentes que buscam ressurgir diariamente, abdicando de ser vistos como indivíduos produtores de uma cultura subalterna e, portanto, destinados a trilharem uma vivência subalterna, mas procurando construir, de maneira racionalizada, os seus espaços na sociedade desde que sejam caracterizados pelos princípios de cidadania e autonomia, no que se refere as suas militâncias, concebidas do ponto de vista humano e político, construindo a cada dia suas vivências.

Construir - esta é a palavra que melhor identifica a caminhada desses agentes. Construir um novo sentido para sua história, eivado pelo respeito que procede das memórias orais que são recuperadas junto aos anciãos do grupo, recontadas pelos mais jovens que delas se reapropriam cotidianamente, com o intuito definido de legitimação e reafirmação do sentimento de pertença como sujeitos quilombolas e que, além deste papel social herdado e reconstruído, podem exercer quaisquer outros que se amparem na decência e na integridade que este Estado-nação diz propor aos seus habitantes.

De maneira construcionista e em uma perspectiva não-essencializada, é assim que percebo o processo de construção da identidade na comunidade quilombola de Tijuçu, onde os saberes ancestrais e os rituais são reatualizados para que o princípio inteligível que os outorga não se perca. O que se torna possível mediante a plasticidade presente nas atitudes destes sujeitos ressurgidos que ressignificam diariamente seu universo simbólico sem desvincular-se da tradição tampouco de adentrar na perspectiva trazida pela Pós-modernidade.

Manter uma postura de comunhão no mundo e com o mundo, reivindicar para si os papéis de protagonistas de suas histórias e a autoria no ato de narrá-las, refutando o terreno da marginalidade para inserir-se cada vez mais em sua realidade, de maneira autônoma, consciente e criativa, com o propósito definido de que a nação dos Pretos do Lagarto pode conduzir dignamente a existência de seus sujeitos. E que estes sujeitos não desejam voltar a ocupar o lugar de objeto ao qual foram relegados no passado, reaparecendo de lugares nos quais sempre estiveram para desbravar outros espaços revestidos de uma perspectiva diferenciada em caráter positivo.

Projetando-se como quilombolas sertanejos e garantindo, assim, seus lugares na dita sociedade inclusiva, aprimorando, a cada dia, seu universo simbólico, conscientes do valor de sua etnia, de suas lutas e resistências em instância individual e que encontram maior solidez dignificadas pela perspectiva coletiva.

Construir o respeito para sua comunidade e renegociar com o entorno social que os circunda, celebrando a vida por intermédio de suas lutas e rezando para relacionar-se com ela, visto que, conforme argumenta Moura (2012), pesquisar quilombos contemporâneos é aprender outra dimensão humana, aquela que afirma que é preciso muito pouco materialmente para se manter uma vida espiritual tão rica e abundante, talvez por que resida aí o sentido norteador de suas vivências e resistências.

Desse modo, chego ao final deste estudo sentindo-me agraciada pela oportunidade de também poder me emancipar intelectualmente e contribuir, de alguma forma, para valorar as lutas e construções da nação dos Pretos do Lagarto. Entretanto, sinalizo que este é um comportamento provisório, pois, conforme menciona Manuela Carneiro da Cunha (1986), “nos redutos tinha mistério” e ainda existe muito para ser dito a respeito dos quilombolas sertanejos de Tijuçu.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner. **Terras Tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais.** Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v 06, nº 1, maio de 2004.

_____. **Os quilombos e as novas etnias: é necessário que nos libertemos da definição arqueológica.** In: LEITÃO, Sérgio (org). Direitos Territoriais das Comunidades Negras Rurais. Documento do Isa, n. 5, 1999, pp. 43-79.

_____. **Terras de Preto, Terras de santo, Terras de índio – uso comum e conflito.** In Habette Castro (org.) **Na Trilha dos grandes Projetos.** Belém: NAEA/UFPA, 1999.

ARRUTÍ, José Maurício. **Mocambo: Antropologia e História do processo de formação quilombola.** São Paulo: Edusc, 2006.

_____. **O Quilombo Conceitual: para uma Sociologia do “artigo 68”.** Rio de Janeiro: Mímeo, 2003.

_____. **A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas.** Mana. Rio de Janeiro, V 03, nº 2, 1997.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional.** São Paulo: Ática, 1989.

ANDERSON, Robert. **O Mito de Zumbi: implicações culturais para o Brasil e para a Diáspora Africana.** In: Afro-Ásia nº 17. Salvador: EDUFA, 1996.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Terras Negras: invisibilidade expropriadora.** Textos e debates. Florianópolis: NUER/UFSC, ano I, nº 2, 1991.

BARRETO, Paula Cristina Silva. **Múltiplas Vozes: racismo e anti-racismo na perspectiva dos universitários de São Paulo**. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. Ações afirmativas na Educação. **In: Educação e Relações étnico-raciais – Módulo nº 4**. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais, 2010.

BARROS, Zelinda dos Santos. População Negra e Educação. **In: Educação e Relações étnico-raciais – Módulo nº 4**. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais, 2010.

_____. Por um currículo Plural. **In: Educação e Relações étnico-raciais – Módulo nº 4**. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais, 2010.

BARTH, Frederik. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Unesp, 1997.

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. **As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político**. Mana (online) 2006, vol. 12, n. 1, pp. 39-68.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Artigos 68; 215; 216. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Rede de Desenvolvimento Humano. Quilombos: espaço de resistência de homens e mulheres negros. Rio de Janeiro: MEC/REDEH, 2005.

BRASIL, Presidência da República. **Decreto nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em http://www.planalto.gov.br/civil_03/Ato_2007-20/10/2007/Decreto/D6040.htm. Acesso em 20 de outubro de 2010.

BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Pluralidade Cultural/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. **Dimensões da Inclusão no Ensino Médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola.** Brasília: MEC/SEPPPIR, 2006.

BRASIL, SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília: MEC/SEPPPIR, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **O Mal-estar da Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Cidadania em Preto e Branco: discutindo relações raciais.** São Paulo: Ática, 2000.

BERND, Zilé. **O que é Negritude?** São Paulo: Brasiliense, 1988.

CASTRO HENRIQUES, Isabel. **Percursos da Modernidade em Angola.** Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1997.

CHAGAS, Míriam de Fátima. **A Política de Reconhecimento dos remanescentes das comunidades dos quilombos.** Horizontes Antropológicos, V 07 n° 15, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia.** Salvador: Secretaria de Cultura, 2007.

CUNHA, Manuela Carneiro. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

FANON, Frantz. **Pele Negra: máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Paulo Fernando. **Enquanto isso, do outro lado do mar... os Arókin e a identidade iorubá**. In: Afro-Ásia nº 17. Salvador: EDUFA, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Graal, Rio de Janeiro, 1979.

FUNES, Eurípedes. **Nasci nas matas, nunca tive senhor: história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas**. In: REIS, João e GOMES, Flávio. Liberdade por um Fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. 34ª ed. São Paulo: Cultura, 2001.

GOMES, Flávio dos Santos. **Uma tradição rebelde: notas sobre os quilombos na capitania do Rio de Janeiro (1625-1818)**. In: Afro-Ásia nº 17. Salvador: EDUFA, 1996.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. 2ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

KRAAY, Hendrik. **O abrigo da farda: o Exército Brasileiro e os escravos fugidos, 1800-1888**. In: Afro-Ásia nº 17. Salvador: EDUFA, 1996.

MANDELA, Nelson. **A Luta é minha vida**. 3ª ed.. São Paulo: Globo, 1988.

MARTINEZ, Paulo. **África e Brasil: uma ponte sobre o Atlântico**. São Paulo: Moderna, 1992.

MARQUES, Carlos Eduardo. **De Quilombos a quilombolas: notas sobre um processo histórico-etnográfico**. Revista de Antropologia. São Paulo, v. 52, nº 1, pp. 340-374, 2009.

MIRANDA, Carmélia Aparecida. **Vestígios Recuperados: Experiências da Comunidade negra rural de Tijuacu**. São Paulo: Annablume, 2009.

MOURA, Glória. **Festas dos Quilombos**. Brasília: Unb, 2012.

MOURA, Clóvis. **Os Quilombos e a Rebelião Negra**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas**. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

MUNANGA, Kabengelê, GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2006.

MUNANGA, Kabengelê (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2ª ed. Brasília: 2005.

_____. **Redescutindo a mestiçagem no Brasil**. São Paulo: Autêntica, 2004.

_____. **Negritude: usos e sentidos**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

ODILON, Paula Santos. **Educação e Cultura Negra**. Senhor do Bonfim, 2001 (Monografia de Graduação) Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

_____. **Educação e Cultura Negra: O caso da comunidade quilombola de Tijuacu**. Senhor do Bonfim, 2004. (Monografia de Especialização em Psicopedagogia Escolar) Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

O'DWYER, Eliane Catarino (org). **Terras de Quilombo**. Rio de Janeiro: ABA/UFRJ, 1995.

OLIVEIRA, Eliana. **Mulher Negra Professora Universitária: trajetória, conflitos e identidade**. Brasília: Líber, 2006.

REIS, João José, GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RELATÓRIO TÉCNICO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO TERRITÓRIO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE TIJUAÇU. Salvador, 2010.

RELATÓRIO PARCIAL DE IDENTIFICAÇÃO DA COMUNIDADE NEGRA DE TIJUAÇU. Fundação Cultural Palmares, 2000.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem Etnicidade: o local e global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007.

SILVA, Jônatas Conceição. **Vozes Quilombolas: uma poética brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2006.

SILVA, Valdélcio Santos. **Uma Etnografia no Quilombo de Frechal**. In: Afro-Ásia n° 38. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. Rio das Rãs à luz da noção de Quilombo. In: Afro-Ásia n° 23. Salvador: EDUFBA, 2000.

SILVA, Paula Cristina. **Negros à luz dos fornos: representações do trabalho e da cor entre metalúrgicos baianos**. São Paulo: Dynamis, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ANEXOS

ANEXO 1 - ROTEIRO DA ENTREVISTA DOS MEMBROS DA DIREÇÃO DA ASSOCIAÇÃO AGROPASTORIL QUILOMBOLA DE TIJUAÇU E ADJACÊNCIAS – AAQTA

- O sentido de ser quilombola -

1. Você se considera quilombola?
2. Como ficou sabendo que Tijuáçu é uma comunidade remanescente de quilombo?
3. O que mudou em você depois desta informação?
4. Como era a vida aqui em Tijuáçu, antes da comunidade ser considerada quilombola?
5. Para você, o que é mais importante na comunidade?
6. Na sua opinião, houve mudança na comunidade, depois que ela passou a utilizar o título de comunidade quilombola?
7. O que ainda não aconteceu aqui na comunidade e que você gostaria que acontecesse?
8. Como você acha que a região, principalmente a cidade de Senhor do Bonfim, trata a comunidade de Tijuáçu?

- O trabalho da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências –

1. Como é o trabalho realizado pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências?
2. Como são escolhidos os membros da direção da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências?
3. Quanto tempo dura o mandato dos membros da direção?
4. Há quanto tempo você participa da direção da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências?
5. Se não existisse a Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências, na sua opinião, como a comunidade estaria?
6. O que mudou na comunidade a partir do trabalho realizado pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências?
7. Para você, o que é mais importante no trabalho da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências?
8. Quais as principais conquistas alcançadas até agora pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências?
9. O que a Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências ainda não conseguiu fazer e que você gostaria de ver realizado?
10. Se você fosse definir a comunidade de Tijuáçu em uma frase, o que diria?

11. Na sua opinião, o poder político que existe em senhor do Bonfim, colabora com o trabalho realizado pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuaçu e Adjacências? Por quê?

- A Festa de São Benedito -

1. Como você vê São Benedito?
2. Como começou a festa de São Benedito na comunidade?
3. Quem trouxe a primeira imagem de São Benedito para Tijuaçu?
4. O que você sente no dia da festa de São Benedito?
5. Você acredita que São Benedito protege a comunidade? Por quê?
6. Você já ouviu falar de algum milagre de São Benedito aqui na comunidade? Qual?
7. Como você se sentiria se em algum ano, a festa de São Benedito não acontecesse?

- Sobre as Atividades Culturais da Comunidade –

1. Como você vê o Samba de Lata aqui na comunidade?
2. Quando o Samba de Lata está se apresentando, como é este momento para você?
3. Como você percebe a participação das crianças no Samba de Lata?
4. Se o Samba de Lata fosse ficando esquecido na comunidade, o que você sentiria?

- Sobre as instituições que existem na comunidade -

1. Como você vê a igreja Católica aqui em Tijuaçu?
2. Como você vê a igreja Adventista do Sétimo Dia na comunidade?
3. E a igreja Cristã do Brasil, como ela age aqui em Tijuaçu?
4. Você acredita que as igrejas que existem em Tijuaçu, valorizam a negritude presente na comunidade? Por quê?
5. Como você vê as atividades do terreiro de Candomblé que existe na comunidade de Quebra Facão?
6. Para você, qual a importância da escola aqui em Tijuaçu?
7. Você concorda com o tratamento que a Escola Municipal de Tijuaçu, dá a comunidade?
8. Esse tratamento sempre foi assim?
9. O que você gostaria de ver a Escola Municipal de Tijuaçu, fazer pela comunidade?
10. Se você pudesse mudar alguma coisa no trabalho da Escola Municipal de Tijuaçu, o que mudaria?

ANEXO 2 - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM AS LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS -

- O sentido de ser quilombola –

1. Você se considera quilombola?
2. Como ficou sabendo que Tijuaçu é uma comunidade remanescente de quilombo?
3. O que mudou em você depois desta informação?
4. Como era a vida aqui em Tijuaçu, antes da comunidade ser considerada quilombola?
5. Para você, o que é mais importante na comunidade?
6. Na sua opinião, houve mudança na comunidade, depois que ela passou a utilizar o título de comunidade quilombola?
7. O que ainda não aconteceu aqui na comunidade e que você gostaria que acontecesse?
8. Como você acha que a região, principalmente a cidade de Senhor do Bonfim, trata a comunidade de Tijuaçu?

- O trabalho da Liderança Comunitária –

1. Como é o trabalho realizado por uma liderança comunitária?
2. Como é escolhida uma liderança comunitária?
3. Quanto tempo dura o mandato exercido por uma liderança comunitária?
4. Há quanto tempo você exerce o cargo de liderança comunitária?
5. O que você acha que mudou na comunidade, depois do trabalho realizado pelas lideranças?
6. Se não existissem as lideranças, na sua opinião, como a comunidade estaria?
7. Para você o que é mais importante no trabalho desempenhado por uma liderança comunitária?
8. O que você ainda não conseguiu realizar enquanto liderança comunitária e que gostaria de ver realizado?
9. Se você fosse definir Tijuaçu em uma frase, o que diria?

- A Festa de São Benedito -

1. Como você vê São Benedito?
2. Como começou a festa de São Benedito na comunidade?
3. Quem trouxe a primeira imagem de São Benedito para Tijuaçu?

4. O que você sente no dia da festa de São Benedito?
5. Você acredita que São Benedito protege a comunidade? Por quê?
6. Você já ouviu falar de algum milagre de São Benedito aqui na comunidade? Qual?
7. Como você se sentiria se em algum ano, a festa de São Benedito não acontecesse?

- Sobre as Atividades Culturais da Comunidade –

1. Como você vê o Samba de Lata aqui na comunidade?
2. Quando o Samba de Lata está se apresentando, como é este momento para você?
3. Como você percebe a participação das crianças no Samba de Lata?
4. Se o Samba de Lata fosse ficando esquecido na comunidade, o que você sentiria?

- Sobre as instituições que existem na comunidade –

1. Como você vê o trabalho realizado pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências?
2. Se não existisse a Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências, na sua opinião, como a comunidade estaria?
3. Como você vê a igreja Católica aqui em Tijuáçu?
4. Como você vê a igreja Adventista do Sétimo Dia na comunidade?
5. E a Igreja Cristã do Brasil, como ela age aqui em Tijuáçu?
6. Você acredita que as igrejas que existem em Tijuáçu, valorizam a negritude presente na comunidade? Por quê?
7. Como você vê as atividades do terreiro de Candomblé que existe na comunidade de Quebra Facão?
8. Para você, qual a importância da escola aqui em Tijuáçu?
9. Você concorda com o tratamento que a Escola Municipal de Tijuáçu, dá a comunidade?
10. Esse tratamento sempre foi assim?
11. O que você gostaria de ver a Escola Municipal de Tijuáçu, fazer pela comunidade?
12. Se você pudesse mudar alguma coisa no trabalho da Escola Municipal de Tijuáçu, o que mudaria?

ANEXO 3 - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS PARTICIPANTES DO SAMBA DE LATA -

- O sentido de ser quilombola -

1. Você se considera quilombola?
2. Como ficou sabendo que Tijuáçu é uma comunidade remanescente de quilombo?
3. O que mudou em você depois desta informação?
4. Como era a vida aqui em Tijuáçu, antes da comunidade ser considerada quilombola?
5. Para você, o que é mais importante na comunidade?
6. Na sua opinião, houve mudança na comunidade, depois que ela passou a utilizar o título de comunidade quilombola?
7. O que ainda não aconteceu aqui na comunidade e que você gostaria que acontecesse?
8. Como você acha que a região, principalmente a cidade de Senhor do Bonfim, trata a comunidade de Tijuáçu?

- A importância do Samba de Lata -

1. Como o Samba de Lata começou?
2. Quando iniciou suas atividades no Samba de Lata?
3. Como isso aconteceu?
4. Como as pessoas são escolhidas para participar do Samba de Lata?
5. Você já se afastou do grupo alguma vez?
6. Em caso afirmativo, como se sentiu neste período?
7. O que você sente quando está se apresentando?
8. Qual a sua função no Samba?
9. Quem lhe ensinou?
10. Como o grupo se mantém?
11. Você acredita que existe alguma diferença de quando o Samba começou, para o que se encontra hoje?
12. Quando o Samba de Lata vai se apresentar, como é esse dia para você?
13. Tem alguma coisa no Samba que você gostaria de mudar?
14. O que você gostaria de ver acontecer para melhorar as atividades do Samba de Lata?
15. Você se sente valorizado pela comunidade como participante do Samba de Lata? Por quê?

16. Como a cidade de Senhor do Bonfim trata o Samba de Lata?
17. Este tratamento sempre foi assim?
18. Se você fosse definir o Samba de Lata em uma palavra, o que diria?

- A Festa de São Benedito -

1. Como você vê São Benedito?
2. Como começou a festa de São Benedito na comunidade?
3. Quem trouxe a primeira imagem de São Benedito para Tijuáçu?
4. O que você sente no dia da festa de São Benedito?
5. Você acredita que São Benedito protege a comunidade? Por quê?
6. Você já ouviu falar de algum milagre de São Benedito aqui na comunidade? Qual?
7. Como você se sentiria se em algum ano, a festa de São Benedito não acontecesse?

- Sobre as instituições que existem na comunidade –

1. Como você vê o trabalho realizado pela Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências?
2. Se não existisse a Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências, na sua opinião, como a comunidade estaria?
3. Como você vê a igreja Católica aqui em Tijuáçu?
4. Como você vê a Igreja Adventista do Sétimo Dia na comunidade?
5. E a igreja Cristã do Brasil, como ela age aqui em Tijuáçu?
6. Você acredita que as igrejas que existem em Tijuáçu, valorizam a negritude presente na comunidade? Por quê?
7. Como você vê as atividades do terreiro de Candomblé que existe na comunidade de Quebra Facão?
8. Para você qual a importância da escola aqui em Tijuáçu?
9. Você concorda com o tratamento que a Escola Municipal de Tijuáçu, dá a comunidade?
10. Esse tratamento sempre foi assim?
11. O que você gostaria de ver a Escola Municipal de Tijuáçu, fazer pela comunidade?
12. Se você pudesse mudar alguma coisa no trabalho da Escola Municipal de Tijuáçu, o que mudaria?

ANEXO 4 - RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS –

Membros da Direção da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuacu e Adjacências:

Luizete Rodrigues da Silva – Presidente

Valmir dos Santos – Vice-presidente

Ilca dos Santos – Tesoureira

Joílson dos Santos Silva – Primeiro Secretário

Ione Carvalho da Silva – Segunda Secretária

Lideranças Comunitárias:

Ana Páscoa Fagundes da Silva.

Emília Rodrigues

Eucássia Maria dos Santos

Ivonete Carvalho da Silva

Orelita Damasceno de Santana

Suzana Fagundes da Silva

Terleide Fagundes dos Santos Rodrigues

Participantes do Samba de Lata:

Elzenira dos Santos Costa

Maria Alice da Silva

Marinalva dos Santos Silva

Valdelice da Silva

Vanildo dos Santos

ANEXO 5 - PERFIS INDIVIDUAIS DOS SUJEITOS DA PESQUISA -

Membros da Direção da Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências - AAQTA –

Luizete Rodrigues da Silva

É presidente da Associação Quilombola, participante da entidade desde o ato de sua fundação. Nasceu em Tijuáçu, neta da senhora Anísia Rodrigues, que é bisneta da fundadora da comunidade. Tem 39 anos de idade, casada, lavradora, estudou até a conclusão do Ensino Médio, deseja cursar faculdade de Administração.

Valmir dos Santos

Reconhecido e legitimado na comunidade como o líder maior e representante oficial, devido a sua trajetória de luta e busca pelos direitos do grupo. Exerce a vice-presidência da Associação Quilombola, sendo um dos seus fundadores e atua também como coordenador regional das comunidades quilombolas. Nascido em Tijuáçu, tem 33 anos de idade, casado, é acadêmico do terceiro semestre do curso de Pedagogia.

Ilca dos Santos

É tesoureira da Associação Quilombola e uma de suas fundadoras. Nascida em Tijuáçu, prima de Valmir dos Santos, exerce também as atividades de liderança comunitária na rua em que reside, é também organizadora e participante do Samba de Lata. Solteira, 50 anos de idade, concluiu o Ensino Médio, trabalha como lavradora, vendedora de acarajé na comunidade de Cariacá e auxiliar de serviços gerais na Escola Municipal de Tijuáçu.

Joílson dos Santos Silva

Primeiro secretário da Associação Quilombola, na qualidade de sócio desde a sua maioridade. Exerce a função de liderança comunitária na comunidade de Alto do Bonito, participante da dança do Corta Cana e da Quadrilha Parentesco. Nascido em Tijuáçu, sobrinho de Valmir dos

Santos, tem 27 anos de idade, casado, estudou até a conclusão do Ensino Médio, deseja ingressar na Universidade e trabalha como lavrador.

Ione Carvalho da Silva

É a segunda secretária da Associação Quilombola e participante da mesma na qualidade de sócia desde a sua maioridade. Liderança comunitária da rua em que reside, nasceu em Tijuacu, tem 27 anos de idade, solteira, concluiu o Ensino Médio e exerce a profissão de artesã.

Lideranças Comunitárias

Ana Páscoa Fagundes da Silva

É liderança comunitária na rua em que mantém sua residência desde 2000. Nascida em Tijuacu, 30 anos de idade, solteira, concluiu o curso de Magistério e atua como professora.

Emília Rodrigues

Exerce a função de liderança comunitária na rua em que reside desde o ano 2000, sendo uma pessoa muito respeitada na comunidade devido a sua conduta pessoal e pelo fato de ser filha de dona Anísia Rodrigues. Nasceu em Tijuacu, tem 69 anos de idade, viúva, concluiu o Ensino Fundamental e atua como lavradora.

Eucássia Maria dos Santos

É liderança comunitária em sua rua desde 2000, já tendo sido participante do Samba de Lata do qual se afastou devido a sua mudança de religião. Nasceu em Tijuacu, 54 anos de idade, é separada, concluiu o curso de Magistério, cursa o terceiro semestre do curso de Pedagogia e atua como professora.

Ivonete Carvalho da Silva

Exerce a atividade de liderança comunitária na vila-centro de Tijuacu desde 2000 e também na comunidade de Barreira. Nasceu no distrito de Pedras Altas, vindo para Tijuacu ainda

pequena, em companhia de sua família, motivados pela lavoura do Sisal que também já existiu na comunidade. Tem 50 anos de idade, é casada, concluiu o Ensino Fundamental I e é também mãe de Ione Carvalho Silva que ocupa o cargo de secretária na Associação Agropastoril Quilombola de Tijuáçu e Adjacências.

Orelita Damasceno de Santana

É mais conhecida na comunidade como Jóia, atua como liderança comunitária em sua rua desde 2000 e também é uma das participantes do Samba de Lata. Nasceu em Tijuáçu, tem 38 anos, casada, estudou até a conclusão do segundo grau e exerce suas atividades como lavradora e vendedora de milho e acarajé.

Suzana Fagundes da silva

Liderança comunitária e pessoa muito respeitada na comunidade devido a sua atuação e conscientização como agente deste grupo cultural. Nasceu em Tijuáçu, 38 anos de idade, concluiu o curso de Magistério e cursa o terceiro semestre do curso de Pedagogia, desenvolvendo suas atividades profissionais como professora.

Terleide Fagundes dos Santos Rodrigues

Iniciou suas atividades de liderança comunitária em 2000, é sobrinha de Ilca dos Santos. Nascida em Tijuáçu, tem 32 anos de idade, solteira, concluiu o Ensino Médio e exerce a profissão de lavradora.

Participantes do Samba de Lata

Euzenira dos Santos Costa

É participante do Samba de Lata e liderança comunitária na rua em que reside. Nasceu em Tijuáçu, tem 43 anos, casada, concluiu o Ensino Fundamental II e trabalha como lavradora.

Maria Alice da Silva

Uma das cantoras do Samba de Lata, ao lado de sua irmã Detinha, exerce a atividade de liderança comunitária em sua rua. Nasceu em Tijuáçu, tem 58 anos, casada, concluiu o Ensino Fundamental I, está aposentada, mas continua trabalhando como lavradora.

Marinalva dos Santos Silva

Conhecida na comunidade pelo apelido de Dinha, é a única mulher que bate a lata durante as apresentações do Samba de Lata, atua também na atividade de liderança comunitária. Nasceu em Tijuáçu, tem 56 anos, casada, reside na comunidade de Quebra Facão, estuda no Curso de Aceleração II, na modalidade que envolve a Educação de Jovens e Adultos e exerce a profissão de lavradora.

Valdelice da Silva

É também conhecida na comunidade como Detinha, atua como organizadora e participante do Samba de Lata, também é liderança comunitária na rua em que reside. Nasceu em Tijuáçu, solteira, 54 anos, possui o Ensino Fundamental completo e exerce a profissão de lavradora.

Vanildo dos Santos

Popularmente conhecido em Tijuáçu como “negão da cultura”, devido ao seu envolvimento nas atividades culturais da comunidade e militância ao lado do irmão Valmir dos Santos pelos direitos do grupo. É o único homem a participar do Samba de Lata e organizador da Dança do Corta Cana e da Quadrilha Parentesco. Nascido na comunidade, 28 anos de idade, casado, concluiu o Ensino Médio e recebeu uma bolsa de estudos para estudar em Cuba, no momento presente, atua como lavrador e servidor municipal.

ANEXO 6 - ATORES SOCIAIS COM OS QUAIS MANTIVE ATIVAMENTE CONVERSAS INFORMAIS DURANTE O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA:

Agripina dos Santos (90 anos, viúva, aposentada e moradora da comunidade de Quebra Facão).

Anísia Rodrigues (97 anos, viúva, bisneta da Senhora Mariinha Rodrigues, moradora da Vila-centro de Tijuaçu e considerada pelos quilombolas como a guardiã oficial das memórias do grupo).

Angélica Pedrina Lima Santana (65 anos, casada, aposentada e moradora da comunidade de Macaco I).

Aucirlene da Conceição Rodrigues (26 anos, solteira, estudante do curso de Pedagogia e liderança comunitária na comunidade de Barreira).

Dalva Odilon (73 anos, casada, aposentada e moradora da comunidade de Alto Bonito).

Denise Santana da Silva (43 anos, casada, agricultora e liderança comunitária na comunidade de Macaco II).

Derenice Rodrigues da Silva (64 anos, casada, aposentada e moradora da comunidade de Olaria).

Elba dos Santos (25 anos, solteira, liderança comunitária, estudante do curso de Pedagogia e moradora da Vila-centro de Tijuaçu),

Juliana Rodrigues (32 anos, solteira, professora, estudante do curso de Pedagogia, neta de dona Anísia Rodrigues e residente na Vila-centro de Tijuaçu).

Leandra Lima de Azevedo (23 anos, casada e liderança comunitária da comunidade de Macaco I) .

Nilma Rodrigues da Silva (42 anos, agricultora, vendedora de milho e liderança comunitária na comunidade de Olaria).

Oséias Pedro Barbosa (73 anos, casado, aposentado e morador da comunidade de Conceição).

Ozenir Rodrigues Bispo (39 anos, casada, professora e liderança comunitária na comunidade de Lajinha),

Valdemir Rodrigues (66 anos, casado, agricultor e morador da Vila-centro de Tijuáçu e da comunidade de Queimada Grande).

Valdete Matilde do Nascimento (65 anos, viúva, agricultora, moradora da comunidade de Quebra Facão).

Valdomiro Jesus dos Santos (48 anos, casado, agricultor e liderança comunitária na comunidade de Anacleto).

ANEXO 7 – FOTOS DO PERÍMETRO QUILOMBOLA DE TIJUAÇU



Foto 1: Estrada dos Indígenas.
Fonte: Acervo de Campo



Foto 2: Árvores que existem na comunidade desde a chegada da senhora Mariinha Rodrigues
Fonte: Acervo de Campo



Foto 3: Antigo chafariz (motivo de desentendimento na comunidade por causa de água).
Fonte: Acervo de Campo



Foto 4: Morro do Lagarto
Fonte: Acervo de Campo



Foto 5: Entrada da comunidade
Fonte: Acervo de Campo



Foto 6: Quiosque situado à entrada da comunidade
Fonte: Acervo de Campo



Foto 7: Entrada da comunidade
Fonte: Acervo de Campo



Foto 8: Estátua presenteada pela Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim
Fonte: Acervo de Campo



Foto 9: Igreja Católica
Fonte: Acervo de Campo



Foto 10: Sede da Associação Quilombola
Fonte: Acervo de Campo



Foto 11: Centro Cultural da Comunidade
Fonte: Acervo de Campo



Foto 12: Box do Samba de Lata.
Fonte: Acervo de Campo



Foto 13: Antigo Projeto Balcão de Direito
Fonte: Acervo de Campo



Foto 14: Estabelecimento Comercial
Fonte: Acervo de Campo



Foto 15: Cemitério da Comunidade - Denominado cemitério velho -
Fonte: Acervo de Campo



Foto 16: Cemitério da Comunidade - Denominado Cemitério Novo -
Fonte: Acervo de Campo



Foto 17: São Benedito – Padroeiro da Comunidade
Fonte: Acervo de Campo



Foto 18: Altar da missa campal da Festa de São Benedito 2011.
Fonte: Acervo de Campo



Foto 19: Andor de São Benedito – Festa de 2011
Fonte: Acervo de Campo



Foto 20: Procissão de São Benedito em 2011
Fonte: Acervo de Campo



Foto 21: Altar da Festa de São Benedito em 2012
Fonte: Acervo de Campo



Foto 22: Missa de São Benedito em 2012
Fonte: Acervo de Campo



Foto 23: Andor de São Benedito - Festa de 2012
Fonte: Acervo de Campo



Foto 24: Procissão luminosa de São Benedito em 2012
Fonte: Acervo de Campo



Foto 25: Imagem de São Benedito trazida à comunidade de Tijuacu pelos ancestrais da senhora Mariinha Rodrigues
Fonte: Acervo de Campo



Foto 26: Imagem de São Benedito doada à comunidade de Tijuacu
Fonte: Acervo de Campo



Foto 27: Salão de Reuniões da AAQTA
Fonte: Acervo de Campo

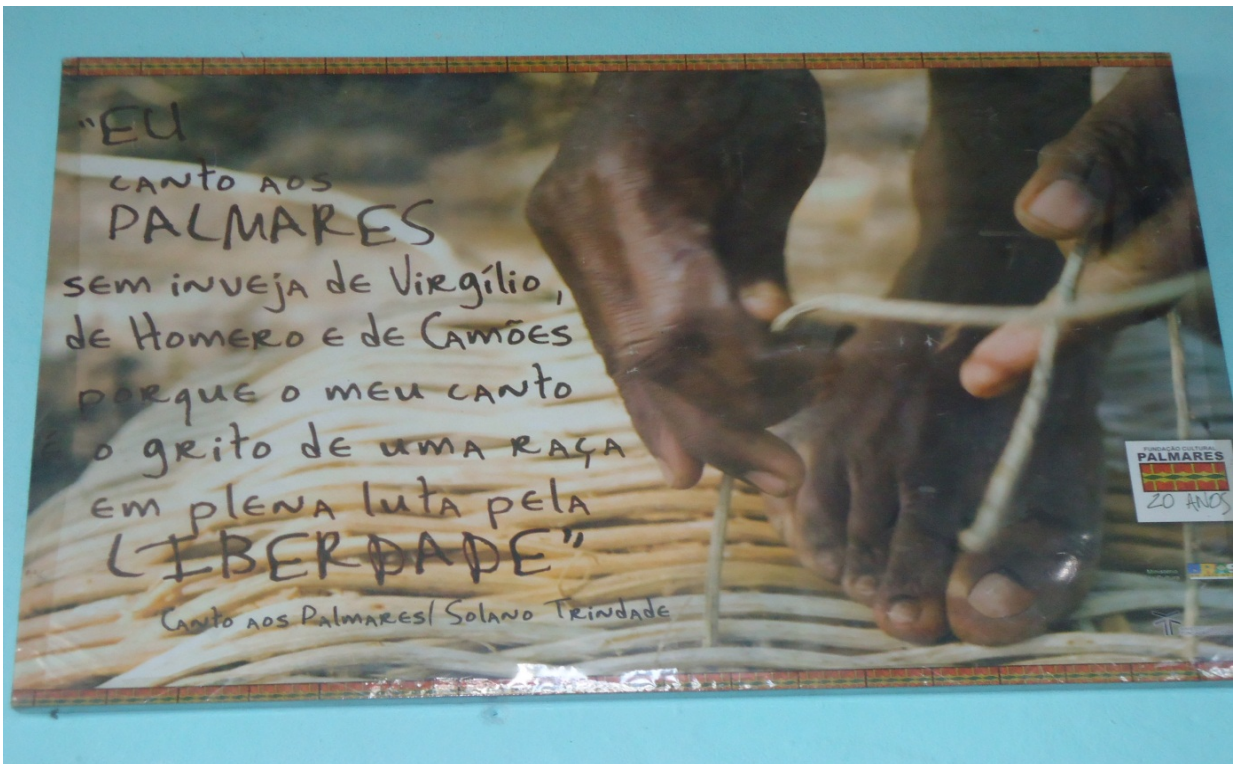


Foto 28: Cartaz existente na decoração da sede da AAQTA
Fonte: Acervo de Campo



Foto 29: Cartaz existente na decoração da sede da AAQTA
Fonte: Acervo de Campo

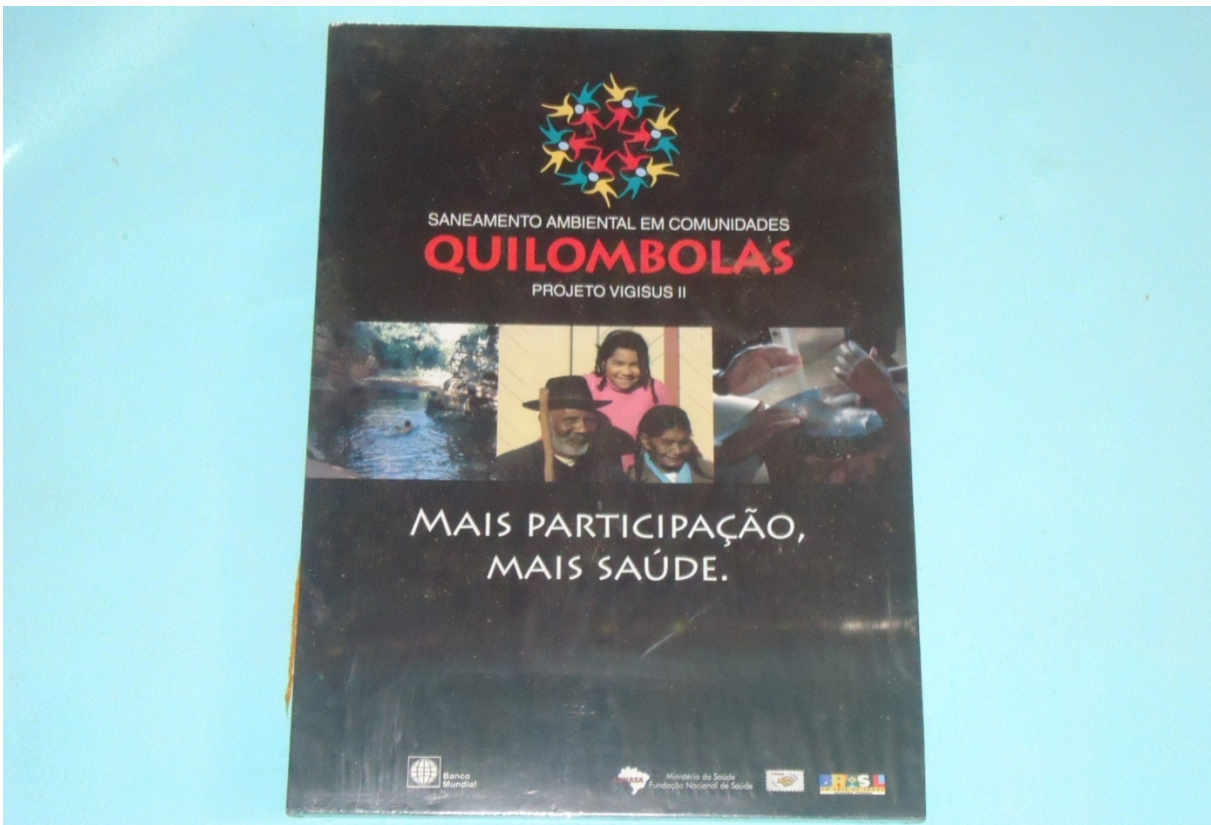


Foto 30: Cartaz existente na decoração da sede da AAQTA
Fonte: Acervo de Campo



Foto 31: Escola Municipal da comunidade de Alto Bonito
Fonte: Acervo de Campo



Foto 32: Açude da comunidade de Lajinha
Fonte: Acervo de Campo



Foto 33: Lajedo existente na comunidade de Lajinha
Fonte: Acervo de Campo

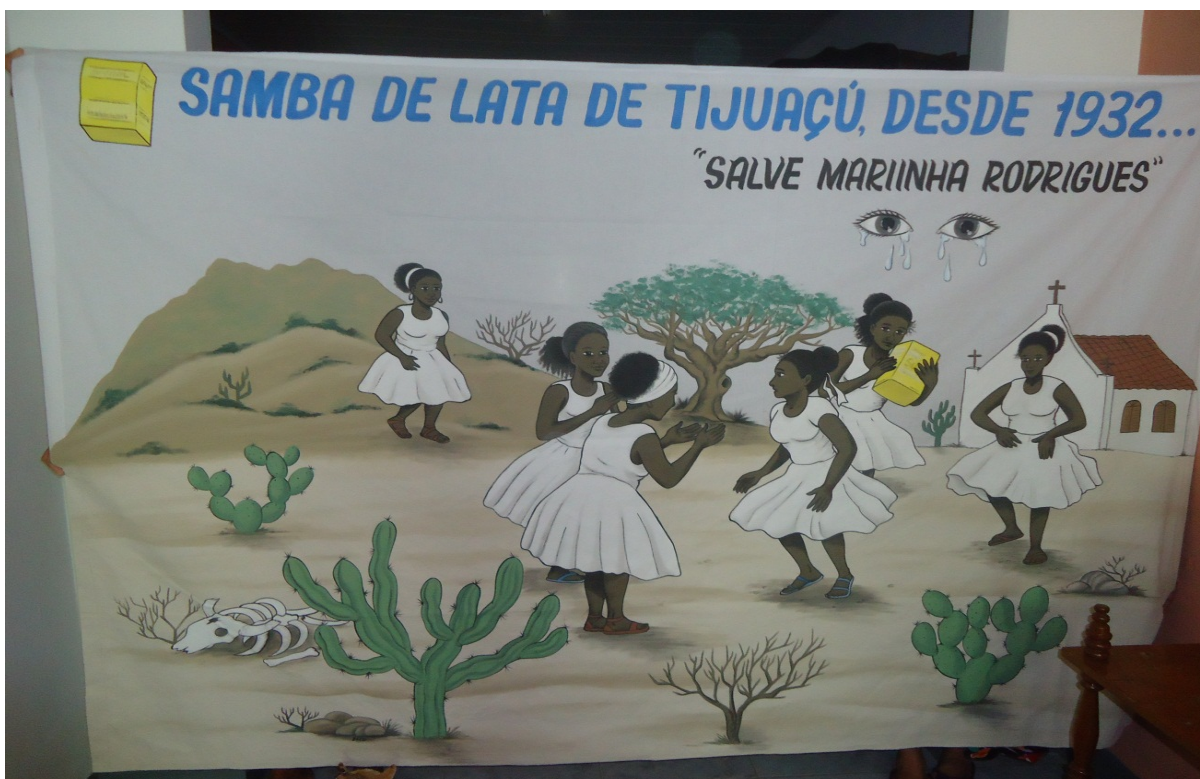
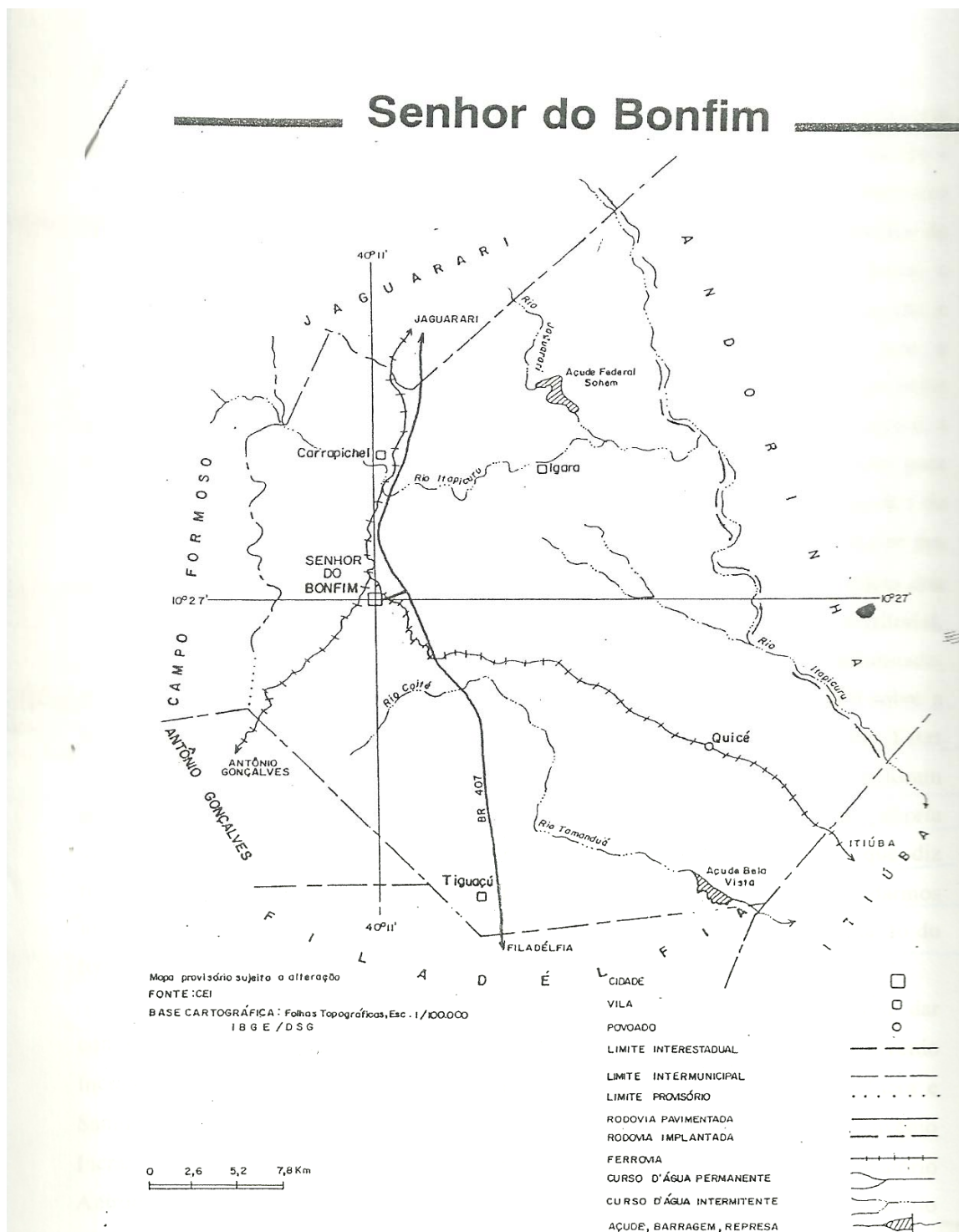


Foto 34: Bandeira do Samba de Lata
Fonte: Acervo de Campo

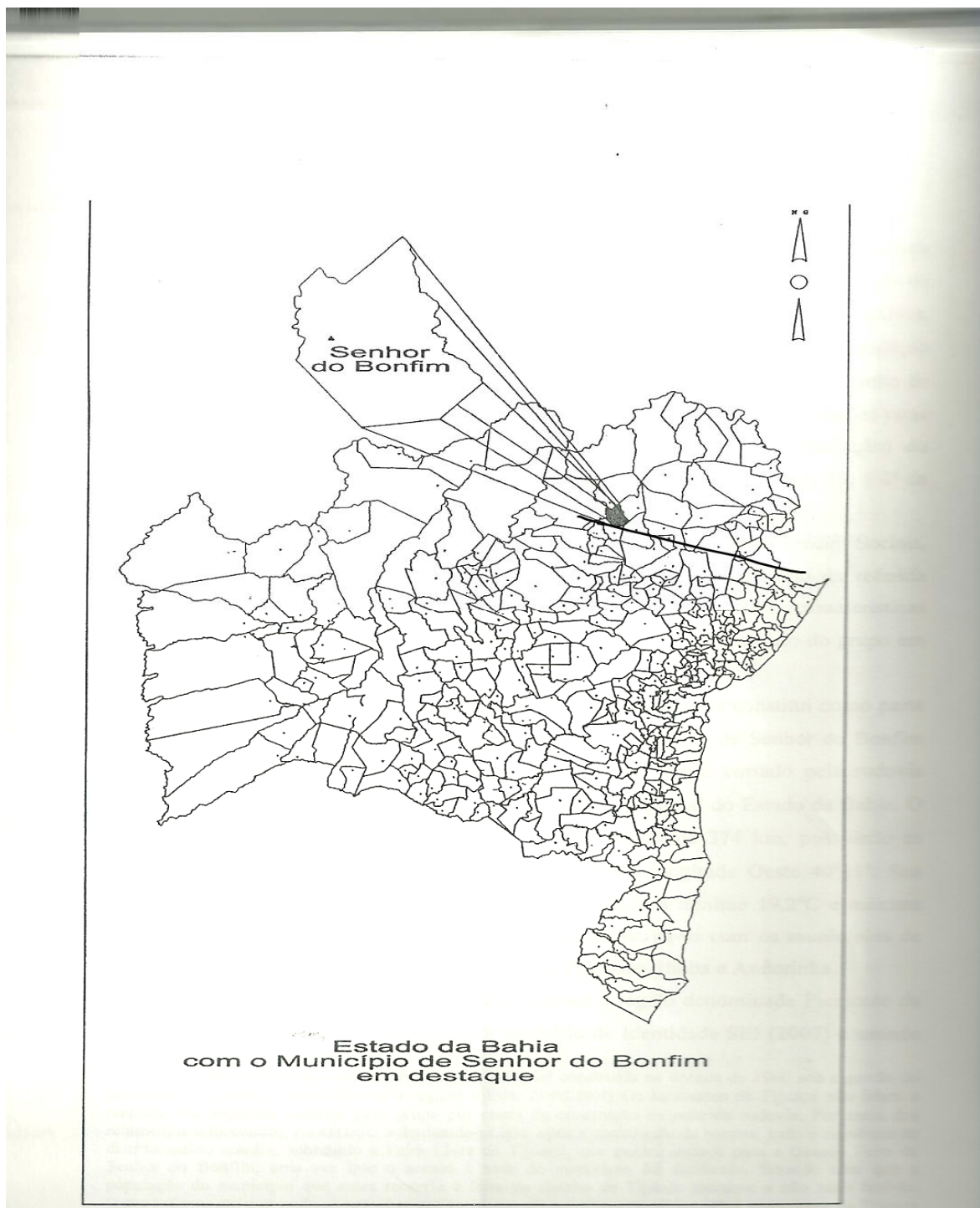
APÊNDICES

APÊNDIC E 1 – MAPA DOS MUNICÍPIOS QUE FAZEM DIVISA COM A CIDADE DE SENHOR DO BONFIM NO QUAL APARECE DESTACADA A COMUNIDADE DE TIJUAÇU



Mapa 1: Municípios que se limitam com a cidade de Senhor do Bonfim
 Fonte: Material fornecido pela Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim.

APÊNDICE 2 - MAPA DO ESTADO DA BAHIA COM DESTAQUE PARA O MUNICÍPIO DE SENHOR DO BONFIM –



Mapa 2: Estado da Bahia com destaque para o município de Senhor do Bonfim

Fonte: Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Quilombola de Tijuacu – RTID